



PJ PEREIRA

DEUSES DE DOIS
MUNDOS

O LIVRO DA MORTE

Da
Boa
Prosa

Você tem três chances de conhecer Deuses de dois mundos: *O livro do silêncio*, *O livro da traição* ou este, *O livro da morte*. Eles podem ser lidos de forma independente, mas eles ganham muito em ação, em mistério, em aventura e mesmo em história, se você mergulhar na narrativa toda. A beleza e riqueza da mitologia Iorubá explodiu e explode nessas páginas. Os mitos são apresentados em duelo, os orixás festejam, se enamoram, mas também guerreiam, em jogo o poder do destino, o equilíbrio entre o masculino e o feminino.

Se você já foi apresentado ao New, a Pilar e a todos os que vivem em São Paulo e no nosso mundo, numa disputa por poder e dinheiro, em ações pouco escrupulosas e nos meandros de uma seita religiosa, vai retomar o que aconteceu dez anos depois e descobrir o que o futuro reservou para o ambicioso jornalista que agora já é um poderoso empresário do setor das Comunicações mas ainda continua atormentado, principalmente com os pedidos de seu interlocutor cibernético, que não desiste em tê-lo em suas missões e não gostou muito do que ele andou fazendo. E as missões vão ficando cada vez mais intrigantes. Mas se aqui no DDDM, os nomes entregam um tanto do que acontece, sua tarefa será entender as razões e o entrelaçamento entre os dois mundos.

Este terceiro livro amadureceu com o autor, se beneficiou dos mais de 15 anos de pesquisas e buscas na mitologia. Se beneficiou também de PJ Pereira tornar-se um dos principais *storytellers* da publicidade mundial. Mas apesar de toda a repercussão que ele atinge lá, é aqui, na literatura, que ele pode exercer livremente sua força criativa. Ele foi quase um mestre ao respeitar as tradições da religião sem descanso em pesquisas e conversas sobre histórias originadas de mitos e lendas e sem temer apresentá-las de uma forma original, como se a forma do novo encaixe já existisse num outro tempo, PJ Pereira criou um universo, ele resgata uma parte linda do Brasil e a reapresenta a todos nós, dos mais

diferentes credos, e está sendo exportada, vai ser um cartão postal da nossa diversidade e riqueza. *Deuses de dois mundos* vai mostrar aos vários cantos do planeta Terra que histórias tão boas quanto *O senhor dos anéis*, *A guerra dos tronos*, e tantas outras, também surgem por aqui.

O livro da morte anuncia no título o que vai acontecer, mas mantém o leitor pregado em todas páginas, até um pouco além, deixa um gostinho na boca, um desafio e um chamado para o autor.



PJPEREIRA é um dos principais publicitários do mundo, mas já começa a ser mais conhecido como escritor. *O livro da morte* é o final de sua trilogia de estreia, *Deuses de dois mundos*.

“Eu sei é que a saga do DDDM reverbera para outras dimensões e espero que, em breve, se materialize em séries para web, TV e se transforme em filme. Que siga os passos de outras trilogias que se perpetuaram na admiração e no culto de milhões de fãs, como: *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis*, *Indiana Jones*, *O Tempo e o Vento*, *Matrix*, *O Poderoso Chefão*, *Alien*, *De volta para o Futuro*. Contudo, por ter nos levado literalmente a um estado alterado de consciência e nos conectado a uma frequência de altíssimo discernimento, nosso DDDM já está entre eles.”

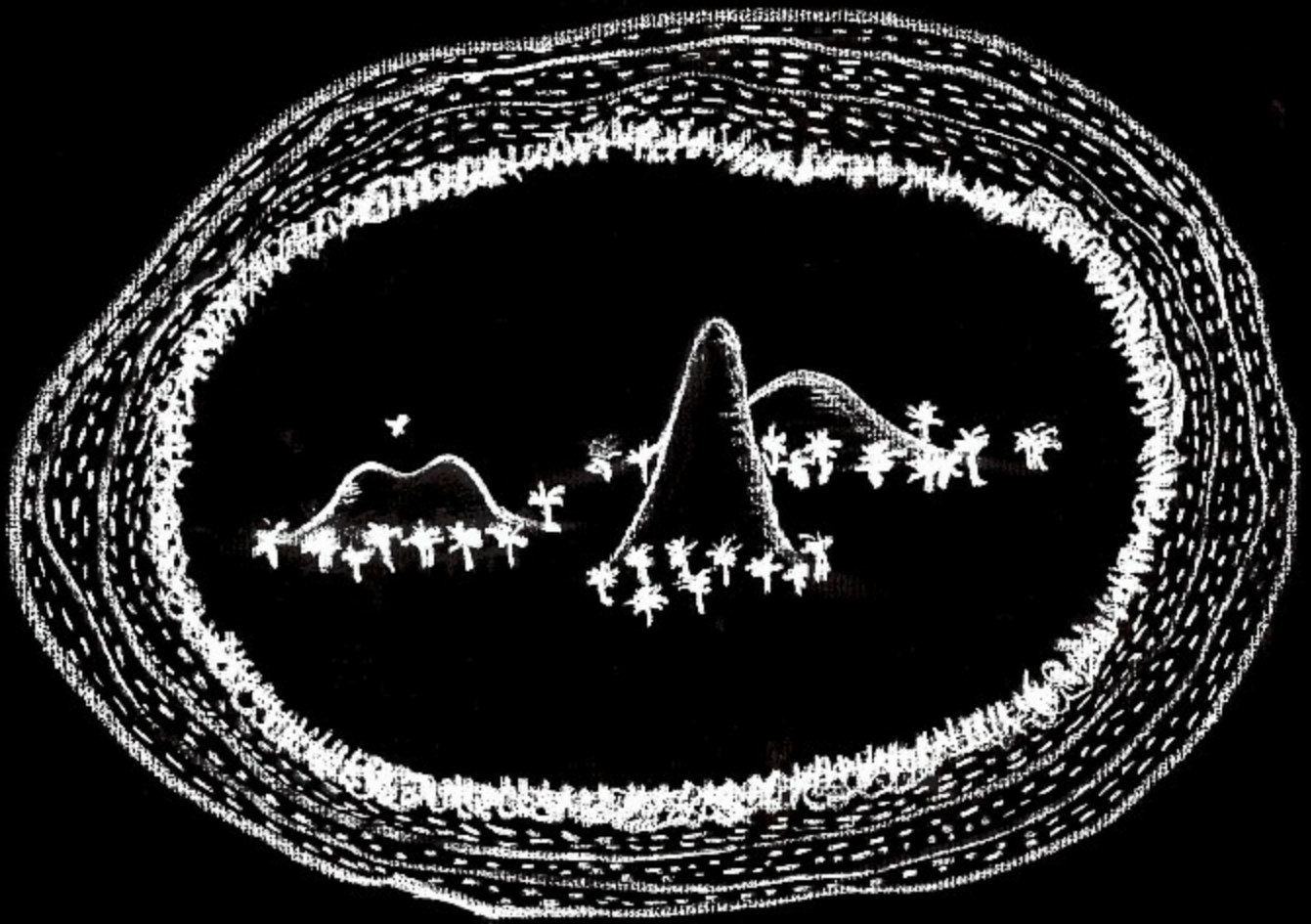
ARTHUR VERÍSSIMO

“Diante do preconceito que tinha das religiões africanas, PJ Pereira se jogou num mergulho de 15 anos de pesquisa da história do povo Iorubá, um dos maiores grupos étnicos-linguísticos do Continente Negro. Descobriu não um, mas dois mundos. Daí o título da vigorosa trilogia, Deuses de Dois Mundos, DDDM para os íntimos. Uma terra sem tempo, onde a história anda em círculos, habitada por deuses chamados orixás em luta permanente por controle, equilíbrio e harmonia.”

MARCELO T. AS



#DDDM



DEUSES DE DOIS MUNDOS
O LIVRO DA MORTE

PJ PEREIRA



Copyright © 2015 PJ Pereira
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Livros de Safra.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Preparação: Nina Basilio

Revisão: Katia Halbe

Capa: Paulo Coelho, Rafael Gil e Douglas Alves

Foto do autor: Léo Neves

Ilustrações: Moses Kelani

Diagramação: Nikolas Lorencini

Conversão para eBook: Kathya Nakamura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, PJ
Deuses de dois mundos: o livro da morte /
PJ Pereira. – São Paulo : Editora Da Boa Prosa, 2015.

1. Ficção brasileira I. Título.

15-03150

CDD 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869 93

Algun
outros a

um selo de
livros de
Safra

Livros de Safra
tel 55 11 3094-2511
www.livrosdesafra.com.br
Rua Simão Álvares, 663
cep 05417-030 São Paulo - SP

Ao meu pai, que a morte levou antes da hora.

Exu matou um pássaro ontem,
com uma pedra que somente hoje atirou.

Ditado Iorubá

PREFÁCIO

O preconceito é o combustível da violência contemporânea. A ignorância é a faísca que detona barbáries como o 11 de Setembro e o ataque aos cartunistas do Charlie Hebdo. No DNA da violência bruta, o medo. Sim, o preconceito nasce do medo do desconhecido e invade os terrenos férteis da insanidade como plantas vorazes espalhando o pólen da intolerância e do fundamentalismo.

O livro que você tem em mãos nasceu do preconceito. O próprio autor é quem diz. Diante do preconceito que tinha das religiões africanas, PJ Pereira se jogou num mergulho de 15 anos de pesquisa da história do povo Iorubá, um dos maiores grupos étnicos-linguísticos do Continente Negro. Descobriu não um, mas dois mundos. Daí o título da vigorosa trilogia, *Deuses de Dois Mundos*, DDDM para os íntimos. Uma terra sem tempo, onde a história anda em círculos, habitada por deuses chamados orixás em luta permanente por controle, equilíbrio e harmonia.

Para a travessia, PJ enfrentou o fantasma do medo com a palavra coragem que, ao contrário da contração fundamentalista, significa abrir o coração. Que cada um de nós se inspire no PJ para transformar preconceito em *storytelling*. Que coisa mais linda, parir um livro como resposta ao preconceito. Eis a saída para o fundamentalismo galopante dos nossos dias e a porta de entrada para a nova civilização que tanto queremos.

Axé!!!

MARCELO T_{AS}

ANTES DE COMEÇAR

A trilogia *Deuses de Dois Mundos* foi construída com base na versão brasileira da mitologia do povo Iorubá. Eles acreditam que a história anda em círculos e que “no meio do mundo” existe um lugar chamado Orum, onde habitam os deuses que chamamos de orixás. Nessa terra sem tempo, as forças da natureza estão sempre lutando entre si, em busca do equilíbrio, harmonia e controle. Dentre essas lutas, nenhuma delas é mais intensa do que a eterna batalha entre as entidades masculinas e femininas pelo controle do poder do destino. Os primeiros livros da série *Deuses de Dois Mundos* (ou DDDM, para os íntimos) mostraram a perspectiva masculina desta luta. Um ano e meio depois, chegou finalmente a hora de mostrar o outro lado.

Para lembrar, ou para quem começa por esse volume (tudo bem, ele foi escrito para que seja possível iniciar por aqui): nossa história teve partida quando um jovem chamado Newton Fernandes foi convocado para ajudar o adivinho Orunmilá e um grupo de guerreiros de outros tempos a trazer de volta o destino para as mãos dos homens. O poder de prever o que aconteceria na vida de quem mora entre os vivos havia sido roubado num plano audacioso e complexo, arquitetado pelas misteriosas feiticeiras Iá Mi Oxorongá, que sequestraram os 16 odus, os príncipes do destino, que falam conosco através do jogo de búzios.

Em seus sonhos, Newton conheceu o general Ogum, o príncipe Xangô, o caçador Oxóssi, as guerreiras Obá e Iansã, a princesa Oxum (filha de Orunmilá) e o mensageiro Exu. Newton, no entanto, traiu os guerreiros desse outro tempo e também os orixás. Por isso, e apesar dessa traição ter sido prevista pelos donos do destino, ele foi punido da pior forma que os deuses puderam imaginar. New, como era chamado por seus amigos, foi separado de Duda, seu grande amor, e convencido de que ela estava morta. Como consequência dessa traição, os guerreiros dessa outra época foram engolidos pela terra, e um por um, se tornaram orixás. Terão agora que aprender a viver como deuses, assumir suas responsabilidades na natureza, viajar através do tempo, atender aos pedidos dos homens desse lugar que vivemos, que eles chamam de Aiê, e, claro, continuar lutando pelo poder do destino.

Como nos primeiros volumes da trilogia *Deuses de Dois Mundos*, os capítulos também se alternam entre a história dos deuses africanos e a de Newton Fernandes, que acontece cerca de dez anos depois do fim do livro anterior. Como sempre, New se comunica com Exu, que ele chama de Laroîê, através dos meios digitais. Dessa vez, contudo, essa conversa não acontece através de e-mails. Ela toma a forma de um blog, e como tal, será lido de trás para frente, (ou de cima pra baixo), os posts no início da leitura sendo os últimos que foram escritos. Como leitor, você será apresentado de imediato à conclusão, e a jornada a partir daí será para entender progressivamente não as consequências, mas as razões de cada acontecimento. Dentro de cada capítulo, porém, os relatos de Newton e suas conversas com Laroîê acontecerão na ordem convencional de sua própria narrativa. Essa escolha não acontece por exibicionismo literário, prometo. A estrutura tem razões tanto na história dos orixás quanto na de New.

A inversão da linha do tempo, porém, acontece apenas do lado moderno da história. Os capítulos, passados no Orum, continuam na ordem cronológica, com ligeiros saltos para outros tempos toda vez que os orixás estiverem lidando com os pedidos de gente de épocas e lugares tão diferentes quanto o Haiti da revolução dos escravos, o Brasil Colonial, e a Nigéria dos dias atuais. Espero que esse

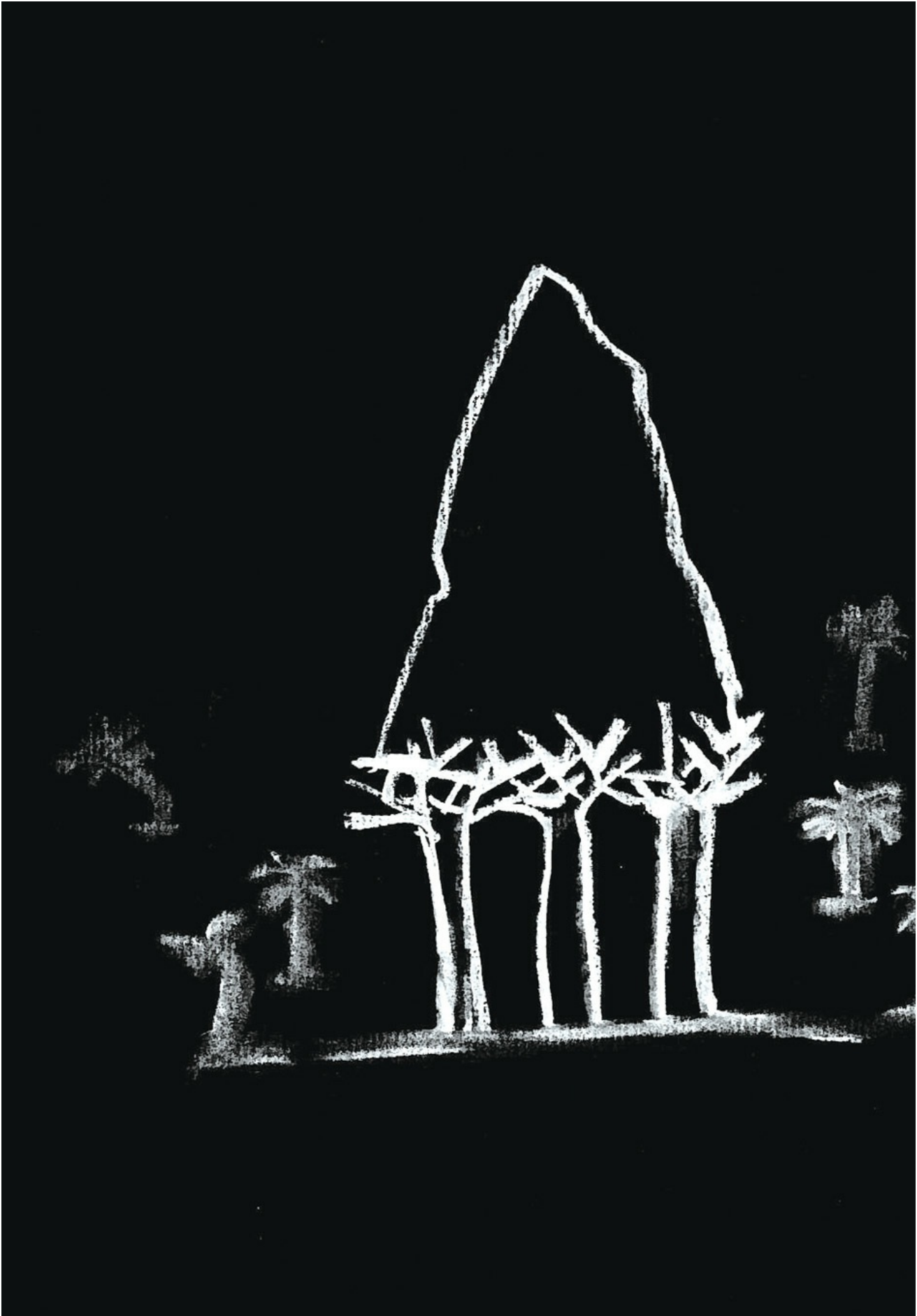
desafio de saltos e inversões não lhe perturbe demais a leitura.

Nesse último volume, atendendo a pedidos, incluí também a bibliografia que utilizei nesses quase 15 anos de pesquisa. Alguns títulos são em inglês, outros em espanhol, mas a maioria está em português mesmo. Da mesma forma, alguns deles são livros de história das regiões e períodos retratados nos “saltos” mencionados acima, outros são fontes das orações e cânticos usados no culto de Pilar (no enredo, ela roubou as orações de outras fontes, então eu fiz o mesmo, mas estou dando a origem). Porém o fundamental é o registro das lendas, rituais, perspectivas antropológicas e religiosas sobre os orixás e suas lendas.

Sobre o glossário, dessa vez tentei simplificar um pouco e incluir o significado de qualquer termo importante dentro do própriotexto. Pelo menos na primeira vez que aparece. Se não estiver explicado, não se aflija, isso significa que o termo é mais para ambientação do que para dar andamento a história.

É isso. Quinze anos depois, a vida literária dos meus personagens chega ao fim. Bem-vindos ao *Livro da morte*. Espero que gostem.

PJ Pereira
San Francisco



Sob olhares de nojo, ele deixou o despacho numa esquina do bairro da Vila Madalena. Galinha, farofa, cachaça, velas. “Caguei pro que vocês estão achando” – murmurou o rapaz. A música gritava em seus ouvidos, como se todos pudessem ouvir. *I must be losing my mind, are you blind/ I’ve seen it all a million times* – ele sabia que não.

Era uma missão. A comida, a bebida, o endereço. O comentário deixado no seu último post havia sido claro. Havia chegado a hora. E, daquela vez, apesar das distorções químicas que ainda nublavam sua visão, audição e julgamento, faria tudo certo. Haviam se passado cerca de 13 anos desde que perdera a oportunidade de conhecer Exu, mas, se então a ideia parecia absurda, hoje era sua salvação. O tempo estava acabando, e ele precisava resolver tudo de uma vez. Tic... tac...

Depois de qualquer outro jogo da seleção, àquela hora as ruas estariam bem movimentadas. Porém, com a derrota humilhante contra a Alemanha (de que ele havia ouvido falar no rádio a caminho de lá), o Brasil sofria sozinho, cada um em sua casa, deixando o terreno livre para o trabalho a ser realizado. Como se a encomenda tivesse sido feita sabendo do resultado antes mesmo de o jogo começar.

Mais duas pessoas se aproximaram, um casal. Faziam caretas e cobriam o nariz. O frango, que ele mesmo preparara, cheirava mais que bem, ele sabia. Foi assim que o rapaz, até então concentrado em sua própria tarefa, notou o odor podre à sua volta. Aquele mesmo cheiro de morte que havia sentido semanas antes.

Sua mão tremeu um pouco. Terminou de ajustar o prato no chão e tirou da sacola um estranho objeto que, não fosse a baixa claridade, causaria problemas instantâneos. Mesmo assim, tomou o cuidado de proteger a cena com o próprio corpo. Pousou então, ao lado do prato, um crânio humano. Envelhecido, raspado e entalhado com pequenas marcas na testa, dentes e abaixo dos olhos. No alto, um buraco de onde se veria, houvesse mais luz, um punhado de terra fresca de onde brotava uma flor amarela.

Esperou que não houvesse ninguém passando para levantar e se afastou devagar, caminhando com desconforto, tentando esconder o volume entre suas pernas, que ainda parecia tentar explodir para fora de sua calça. Não que se importasse muito, mas não precisava de mais motivos para chamar a atenção dos passantes. Tentou não olhar para trás, mas uma fredda brusca, vinda da direção do despacho, o obrigou a mudar de ideia.

Uma BMW preta, vidros escuros, havia parado em frente à sua oferenda a Exu. Contra a luz dos faróis, ele acompanhou a sombra de um homem alto, vestindo um terno bem cortado, sair do banco de trás, pegar a garrafa de cachaça do chão e virar um longo gole direto do gargalo. Como se fosse água. “Ei!” gritou em protesto “Faltando dinheiro pra comprar cachaça, camarada?”

A sombra não se incomodou. Com a garrafa na mão, deu um passo na direção da luz, revelando uma versão alinhada do rapazote que, anos atrás, havia assistido em seus sonhos com os orixás. Apesar das roupas contemporâneas e um andar mais elegante, no entanto, Exu parecia o mesmo menino inocente: gigante, travesso e guloso. E, ao mesmo tempo, não havia nada de menino, tampouco de inocente, naquela figura. O que era ainda mais aterrorizante. *Take me down to the paradise city/ Where the grass is green and the girls are pretty.* Sua cabeça ainda não havia voltado totalmente ao normal, precisava manter o foco. *Oh, won’t you, please, take me home?* Apertou os

olhos e se concentrou na presença do mestre. “Ainda bem que a cachaça era boa.”

Exu o olhou nos olhos. Depois entre as pernas, como se caçoasse da ereção inconveniente. Com o queixo, apontou para a esquina oposta, de onde vinha o vento frio que congelava a cabeça recém-raspada do rapaz que lhe havia preparado a oferenda. Um vulto, também familiar, se aproximava em contra-luz. O homem franzino era fácil de reconhecer, mesmo sem enxergar detalhes do rosto. Em seu andar com uma perna dura, o sujeito veio devagar, sem dizer uma palavra, se esforçando para não trazer nenhuma ameaça. O cheiro podre aumentava. “O momento chegou.”

Entre o mestre e o manco, ele não se moveu. Esperou, resignado. So far away, so faar away... “Foco!”, disse alto, para si mesmo. Houvesse mais algum ser ali fora os três, provavelmente ficaria surpreso com o que aconteceu depois. O rapaz das oferendas, não. A dez metros, o manco interrompeu seu passo de ponto e vírgula. “Como vai, seu filho da puta?”, disse Carlos, no tom gelado de quem não espera uma resposta.

Desde sua iniciação espiritual, aquele jovem assessor de imprensa passara a ver o que poucos enxergavam. E, nesse momento, o que ninguém mais veria era o que mais importava: um espectro de cerca de três metros de altura, pairando suave atrás do sujeito que se esforçava para não assustar. Carlos, seu antigo amigo de faculdade, não parecia saber o que trazia às costas. Ou talvez aquilo fosse parte das alucinações?

Definitivamente, não.

O espírito flutuava, roto e maltrapilho, espelhando os movimentos do homem à sua frente, como se ligados por cordas a cada articulação. À primeira vista, parecia que Carlos puxava o fantasma. Não de perto: era o espectro que dirigia o homem, como se o empurrasse, manipulasse. Daquela distância, o rapaz conseguia enxergar os detalhes da pele negra desbotada, apodrecida, e os pedaços de carne que lhe caíam enquanto andava.

Quando o espectro levantou sua espada, o homem a sua frente, como uma marionete sem voz, tirou um facão da cintura. O jovem olhou para trás, procurando por Exu, e não viu mais nada.

Oh, won't you, please, take me home?



“Assassinato brutal na Vila Madalena deixa vizinhança em pânico”, dizia a manchete do *Jornal de São Paulo*. “Jovem empresário, recentemente envolvido em escândalo com a prefeitura de São Paulo, foi brutalmente assassinado essa noite, na capital paulista. Moradores assustados pedem mais policiamento no bairro.”

Jornais sensacionalistas da cidade e blogs sem escrúpulos a essa hora já publicavam as fotos macabras de sua cabeça, careca e sem corpo, sobre um prato de farofa e cercada de velas. Ao lado, um crânio ainda não identificado. *O Jornal*, que, apesar da crise financeira, ainda insistia na elegância jornalística, preferiu postar em seu website apenas o nome e a idade do dono da maior assessoria de imprensa do Brasil.

“Newton Fernandes Brandão, 37 anos”.

Até mesmo os deuses têm que descansar. Inclusive (e especialmente) no meio de uma guerra tão longa. Soubessem eles que o fim estava tão próximo, talvez até tivessem adiado o passeio. Talvez, apenas. Porque as diferenças entre os lados jamais haviam sido motivo para perder a civilidade. Estavam ali para aproveitar a caminhada, e assim seria. Vagarosa e digna, com os braços dados, um passinho depois do outro, pés descalços, areia fofa. No privilégio exclusivo dos deuses, escolheram um dia e um lugar perfeitos, com céu azul, mar calmo e uma brisa fria que escondia a mordida do sol que suas peles negras absorviam tão bem. Ele imaculado de branco, apoiado no seu cajado de prata. Ela toda formosa com sua bengala de fibras. Conversavam como se falassem de amenidades. E, de certa forma, era isso mesmo. Qualquer assunto, por mais importante que fosse, era secundário à companhia. Afinal, não havia ninguém mais por ali, tanto no mundo dos encantados, que chamavam de Orum, quanto no dos vivos, que chamavam de Aiê, que tivesse passado por tudo que passaram os dois velhos orixás. Oxalá e Nanã, embora em lados opostos naquela guerra sem fim, eram mais um do outro do que dos seus.

Eles jogarão seus poderes contra o outro. Usarão sua força, sua esperteza, sua paciência e valentia, para roubar e anular o lado oposto, e, por isso mesmo, e somente assim, o equilíbrio se sustentará. De tempos em tempos, se encontrarão novamente naquela mesma praia. E caminharão, como merecem caminhar. A guerra, no fim das contas, já era tão antiga que não era mais pessoal. Não havia começado ontem, nem terminaria amanhã. Assim queria Olodumare, o criador de tudo. Um equilíbrio nervoso e constante, fruto de uma guerra sem fim. Que assim fosse, então.

- Depois de tanto tempo, você ainda consegue me surpreender. Impressionante – dizia Oxalá.
- Deixe disso, meu velho. Não sou mais mocinha para cair nesse tipo de conversa.
- Impressionante, e implicante.
- Se fosse implicante, estava falando era da chegada da sua menina predileta.
- Viu só? Implicante sem cura. Aquilo foi um erro, e eu já me arrependi.
- Seu arrependimento não vale nada. Quero ver agora que ela chegou, o que você vai fazer.
- Esse era seu plano, então? Aquele fuzuê de sequestrar os odus foi só para distrair enquanto você trazia ela para cá?
- Você que está dizendo. – provocou Nanã.
- Não foi isso que combinamos. Mas tenho que admitir que me enganou direitinho.
- Você acha mesmo que vai me fazer contar o que estou planejando?
- Então existe um plano?
- Não digo.
- Tudo bem, eu preparei tudo para ela não lembrar de nada.



Na pequena clareira, jogada ao lado do rio que a havia cuspido, Euá não mexia um centímetro de seu corpo esguio. Ao seu redor, porém, algo espetacular e misterioso acontecia. Flores amarelas e vermelhas cresciam, perdiam suas pétalas e secavam até desaparecerem junto à terra. Nasciam e morriam às centenas, todas ao mesmo tempo e tão rápido, como se meses se passassem em instantes.

O ciclo continuou muito tempo, antes que Euá abrisse os olhos.

No início, ela não reconheceu o lugar. Não tinha ideia de onde aquilo fosse ou de como havia ido parar ali. Tinha a impressão de que as cores brilhavam mais do que se lembrava, uma luz azulada, e que o ar lhe parecia mais leve. Não notou que não respirava.

Com dificuldade, pôs-se de pé e caminhou entre as árvores, sempre seguindo o curso do rio. Sentia uma dor que começava de dentro, depois se espalhava pelo corpo inteiro, como se tivesse sido amarrada e arrastada por dias, puxada por um animal selvagem muito maior do que ela. Seria isso uma impressão ou uma memória?

O preto da sua pele refletia o sol que cortava a copa das árvores com mais brilho que antes, e cada som da floresta lhe era claro. Conseguia ouvir cada canto de pássaro e contar quantas folhas secas partia com os pés enquanto caminhava. E foi assim que, entre seus passos, ouviu um que não era seu. Parou de repente. Tão de repente quanto o nevoeiro espesso que se formou ao seu redor.

– Pode ficar tranquila. Não estou aqui pra te machucar. Seu corpo deve estar inteiro doendo, aliás... – disse aquela voz do meio do nada.

– Como sabe que meu corpo dói? – retribuiu Euá.

– Dói pra todos que chegam, minha cara.

Aquela voz, o nevoeiro... fragmentos de memória tentavam lhe dizer algo. Lembrava de um homem mais velho, fugindo, na beira de um rio... A jovem esticou as mãos até encontrar uma árvore e se abaixou com medo. O dono da voz haveria de se cansar de esperar.

– Deixe que eu lhe ajudo. Você deve estar meio confusa – insistia ele.

Até que um outro barulho, um grunhido, acompanhado de passos apressados, começou a se aproximar, rápido. Euá levantou num salto. Sabia de onde vinha o som, mas no meio do nevoeiro não sabia para onde correr para se proteger. O animal continuava se aproximando. Grunhia mais ainda toda vez que se arranhava em arbustos, mas jamais perdia o rumo em sua direção. Fosse o que fosse aquele animal, ela era sua caça, e o grunhido agora estava perto demais.

Euá sentiu um zunido rápido e um vento passou pela sua orelha, seguido imediatamente de um som seco e um grito. Um grito de porco-do-mato, que calou de repente. A névoa ainda marcava o trajeto da flecha.

– Esse é barulhento, eu acerto mesmo sem ver. E se o bicho fosse quieto? – gritou de longe uma voz de rapaz.

Euá não confiava em homens novos. Mas estava cansada demais para sustentar o nevoeiro por tanto tempo. Acabou cedendo. Num instante, o ar estava limpo de novo, e um jovem e esbelto caçador se aproximou – mãos para cima e peito para baixo, andando devagar para não amedrontá-la ainda mais. Apontou para o lugar onde um porco-do-mato se mexia, em silêncio e agonia, como se não conseguisse morrer. O rapaz então passou pela moça, seguiu em direção ao animal, sussurrou algo no seu ouvido e retirou a flecha de uma só vez.

Não havia sangue. O animal se contorcia como se estivesse com muita dor. Não pela flecha, porém. Havia algo estranho em seu corpo. Suas juntas pareciam meio fora do lugar, os ossos desencaixados. O caçador explicou:

– Às vezes o povo mata esses bichos mas não faz as oferendas certas, e eles vêm parar aqui, todos esquisitos, sem saber para onde ir.

Euá notou uma luz ao redor do porco. Como se um espectro dele mesmo, mais correto, mais forte e vibrante, às vezes lhe saísse do corpo. O caçador pegou o bicho e colocou-o nos braços da forasteira. E o bicho, que grunhia em agonia, num só momento, se acalmou. Foi parando de gritar. Respirando mais compassado. Já não se chacoalhava tanto. Euá lhe acariciou de leve e, no que

arrumava seu pelo, era como se lhe arrumasse os ossos. O bicho então adormeceu, tranquilo, nos braços da menina, mas antes lhe lambeu três vezes a mão e, ao fazer isso, foi como se o espectro que lhe tentava fugir ao corpo adentrasse pelas pontas dos dedos de Euá.

– Você é jeitosa mesmo. Bem que ele me disse.

– Ele quem?

– Você não está entendendo nada, não é? Nem lembra quem eu sou? Meu nome é Oxóssi, irmão de...

– Ogum – completou Euá, sem conseguir fazer completo sentido de todos os fragmentos de memória que lhe voltavam.

Oxóssi sabia como aquele momento era confuso. Então não a pressionou, não explicou ou tentou que ela lembrasse mais. Vez ou outra, ela perguntava algo, como se juntasse os cacos de um prato quebrado. Na maior parte do tempo, seguia calada e misteriosa.

Por três dias, andaram muito e conversaram pouco, e cada vez menos, sempre margeando o rio de águas mais claras que Euá já havia visto. Ela dormia mal à noite, tinha pesadelos que faziam-na acordar suada e suja de terra. A sua volta, flores em profusão. Sempre.

De início, Oxóssi se entreteve com a mágica involuntária da forasteira. Na última noite, no entanto, ele parecia tenso demais para usufruir do espetáculo. Olhava ao redor sem parar. Farejava o ar. Parecia em estado de alerta. Continuaram andando, até que a luz lhes banhou tão forte que, por um instante, ficaram cegos, os dois.

Estavam numa clareira enorme, como se a floresta se interrompesse para que eles pudessem apreciar a vista.

– Você conhece esse lugar – disse ele.

A paisagem era familiar, ela pensou, mas faltava algo. Ela se concentrou. E, de repente, enxergou. Vultos, como feitos de luz, semitransparentes. Tinham cores diferentes, tamanhos diferentes. Alguns andavam solitários, perdidos. Pareciam menos densos, sem ideia alguma de onde estavam, como Orunmilá estivera, quando ela o levava até ali para se encontrar com Oxóssi, muito tempo atrás. Outros, um pouco mais densos, andavam em grupos, eram agressivos e rápidos. Atacavam os que estavam em volta como hienas famintas. Eventualmente, como se vindos do nada, ela avistava um ou outro gigante entre os demais. Esses pareciam sólidos como pedra e se materializavam sem avisar, alguns causando lutas violentas, outros fazendo com que os vultos se prostrassem ao chão.

Os mais estranhos, no entanto, eram os que caminhavam em pares. Sempre um menor (do tamanho de todos os outros, menos dos gigantes) e outro maior (porém não tão grandes quanto os gigantes). Essas duplas estavam sempre ligadas por um estranho cordão que saía do alto da cabeça de um e terminava no umbigo do outro. Alguns deles transitavam em paz, outros eram atacados pelas hordas que vagavam causando confusão e tinham que lutar para proteger sua conexão.

– Bem-vinda à entrada do reino dos encantados – interrompeu Oxóssi. – Não parece com o que você lembrava, não é?

– Um pouco. A paisagem é parecida. Mas não lembrava de ser tudo tão...

– Claro?

– Violento.

Euá gostava mais das imagens pacíficas que tinha antes. Sabia que se os homens e mulheres que ela havia levado até ali tinham suas memórias embaralhadas quando acordavam, as suas próprias também deveriam ter sido. “O equilíbrio entre tantas forças opostas tem um preço” – tentou explicar o caçador. Ela o olhou em desafio e ele apenas sorriu. Era assim que queria Olodumare, o deus supremo que comandava até mesmo os orixás, então não havia o que fazer. Ele não conseguiria

convencê-la de que aquilo era uma solução a ser apreciada, contudo. Não bastasse as disputas do homem, agora a natureza havia de se atacar também?

– E quem é toda aquela gente? – perguntou Euá.

Os perdidos, que pareciam não estar entendendo onde estavam, eram gente do Aiê que veio parar aqui em sonho, como você mesma costumava vir. Os outros são diferentes tipos de Irunmalés, como chamamos os seres aqui do Orum. – Explicou Oxóssi. – Cada um deles tem poderes e ideias diferentes. Os mais agressivos, que andam em bando são eguns, grupos de ancestrais, que estão sempre brigando para proteger os seus – estejam eles vivos ou mortos. Os gigantes, são os orixás. Não é sempre que eles aparecem, mas às vezes vêm por aqui, atendendo a chamado de gente que lhes chamou com o devido respeito, o que não é tão comum como você imagina.

– Como assim? – perguntou Euá.

– Infelizmente, poucos são os que vêm para visitar, servir ou prestar homenagem, como você costumava vir. A maioria vem só para pedir mesmo. Esses normalmente ficam vagando sozinhos porque os orixás não costumam gostar muito dos que acham que podem dizer o que querem de nós...

– E por que tanta violência?

– Veja bem, o que quer que alguém peça, – explicou Oxóssi – seja uma casa, um marido, mais água... para alguém ter o que quer que seja, alguma outra pessoa ficará sem aquilo. E se todos pedem ao mesmo tempo no Aiê, dá briga no Orum.

“Fazia sentido”, pensou Euá, ligeiramente envergonhada de questionar a ordem das coisas. Ainda assim, incomodada. Toda aquela violência havia mexido com ela mais do que poderia imaginar. Então se calou por um tempo e caminhou de volta para dentro da floresta fechada, perdida em seus próprios pensamentos.

De longe, o caçador tentava imaginar o que se passava naquela cabeça misteriosa, mas a mulher era mais difícil de ler que a floresta inteira. Quieta, ela olhava, como se procurasse por algo que tivesse acabado de perder, e abriu um sorriso enorme quando encontrou umas pequenas frutas vermelhas penduradas num pequeno arbusto. Oxóssi interveio.

– Está com fome? Eu arranjo alguma coisa pra você comer, mas essas frutas são venenosas. Não vão te matar, mas você vai preferir que tivessem.

Ela prosseguiu como se não tivesse ouvido a recomendação. Colocou as frutas sobre um pedaço de casca de árvore e usou uma pedra para macerá-las até que virassem uma pasta. Pegou um punhado de terra e misturou a parte da pasta, vendo-a escurecer até chegar a uma cor de sangue velho. Satisfeita, caminhou até uma pedra lisa e passou o dedo na pasta vermelha, depois na pedra. Correu o indicador para baixo, para o lado, passou-o novamente na pasta vermelha e de novo na pedra. Continuou o processo por algum tempo e quando julgou terminado, finalmente olhou para seu guia e perguntou:

– E que diacho era isso?

Na parede lisa da pedra, Euá havia desenhado, num traço grosso e escuro, o corpo de dois homens, um maior e outro menor. Ligando os dois, um fio feito com a tinta mais clara. Da cabeça de um ao umbigo do outro. Oxóssi ficou impressionado com a habilidade da novata, que fez aquilo sem nenhuma magia. Ao menos nenhuma que ele conhecesse. Apreciou a pintura mais um pouco e depois respondeu:

– Um iniciado e seu orixá, ora. Eles sempre andam juntos. Ninguém nunca lhe explicou o que acontece quando alguém dedica a cabeça a um orixá?

Ela já havia ouvido inúmeras explicações. Umas mais simples, outras mais complicadas, mas nenhuma delas envolvia um cordão umbilical ligado a cabeça de outro sujeito.

- Pelo modo que lutavam, aquele menor deveria ser um iniciado para meu irmão Ogum.
- Você está dizendo que seu irmão está amarrado naquele sujeito para sempre? – perguntou Euá.
- Você está louca? Há muito mais iniciados que orixás...
- Estou confusa.

Oxóssi pediu que ela desenhasse outro corpo, ainda maior que os dois primeiros, na mesma parede de pedra. Quando ela terminou, Oxóssi apontou para o novo desenho e explicou:

- Imagine que esse é o meu irmão.

Apontou para o menor dos três, cobriu com uma folha o do meio, e continuou:

– E esse é um sujeito que se iniciou para ele. Aqui no Orum, meu irmão assumiu grandes responsabilidades. Pela guerra, pelas invenções, pelo ferro... ele cresceu e se tornou um gigante. Se ele pousasse na cabeça desse pequeno indivíduo... ele explodiria! Bam!

Euá enfim riu. Oxóssi, realizado, continuou:

– Como ele fez? Ogum retirou um pedaço dele mesmo, uma semente, um pequeno Ogum como dizemos aqui, e mandou para a cabeça do rapaz. Esse pequeno orixá se alimenta do axé da cabeça do iniciado, e vice-versa. Uma ligação tão forte, que só acaba com a morte do sujeito. Você viu que os eguns não conseguiam quebrar a ligação que os dois tinham?

– Vi. – Euá pensou um pouco... – E nessas lutas, nessas guerras... se alguém ficar tão forte qa ponto de vencer todos os outros? Digo, de verdade? Se alguém acabar virando soberano...

– Nunca aconteceu.

– Mas pode acontecer?

– Acho pouco provável...

– Mas pode?

– Talvez.

– E você? De que lado está? Luta por alguém?

– Não tenho paciência para essas brigas. Prefiro caçar sozinho. Essa gente é muito complicada.

Euá também gostava de caçar. Não pela presa em si, mas pelo tempo sozinha, para pensar coisas que só ela entendia. Era bom saber que era possível fugir dessas lutas sem sentido.

– Da maioria dessas brigas, é possível escapar. Uma delas, entretanto, vai sempre arrastar todos nós para dentro dela. – continuou Oxóssi, como se tivesse lido seu pensamento

– Que guerra é essa?

– Eles chamam de “a grande guerra dos orixás”. Os homens contra as mulheres. Elas não admitem que nós tenhamos direito exclusivo sobre vários poderes, especialmente o do destino, e nos acusam de excesso de truculência para manter uma regra arbitrária. O que não é de todo absurdo. Nós dizemos que elas querem nos roubar os poderes e as acusamos de bruxaria. Um argumento também razoável. E assim, a guerra segue, sem ninguém conquistar nenhum espaço, sem ninguém concordar, em nada.

– Então já temos um trabalho para fazer. Acabar com essa guerra, que tal?

A ingenuidade da novata era mesmo encantadora.

– Quem sabe, um dia? Mas hoje, a pergunta mais importante você ainda não fez – disse ele: – Onde moram os orixás? – e apontou o dedo na direção de um espaço entre duas árvores, logo às costas de Euá, onde estavam antes assistindo as lutas entre humanos, eguns e orixás. “Como podia estar diante de algo tão grande sem ter notado?” – pensou Euá.

Ela varreu com os olhos o gigantesco monolito escuro que subia alto, arranhado em linha reta do chão aos céus por tantos riscos em milhares de tons de carvão, como se tivesse subido de uma só vez de dentro do chão. No topo, nada. Não parecia ter cume nem vida, como se lá, na parte de dentro, a

montanha engolisse a si mesma. Já a base era rica e vistosa, de onde vinham árvores frondosas, verdes, grossas. Do alto da grande parede de pedra parecia escorrer vida. De um dos lados, uma fina linha branca derramava cume abaixo. Uma cachoeira. E, dessa cachoeira, corria um rio até bem longe. A emoção era tão grande que ela se esqueceu de perguntar como o rio parecia subir a cachoeira.

– Igbadu? – perguntou ela, já sabendo a resposta.

Igbadu era o nome das lendárias montanhas da vida. No alto, diziam as histórias que o povo contava, moravam os orixás e outros encantados. Um lugar onde jamais nenhum mortal conseguiu chegar. E, se aquela pedra côncava estava ali, a outra haveria de estar logo... lá estava ela! Pontuda, como se quisesse furar o tecido do céu.

A segunda montanha tinha a base mais fina, mas era muito mais alta. Dessa, sim, podia se ver vida brotando no alto. Em vários pontos, sempre que um platô se formava, uma pequena floresta o cobria de verde.

Dali de perto, elas eram muito maiores do que ela imaginava.

– Eu morri? – perguntou Euá.

– Devagar com as conclusões – disse uma outra voz às suas costas.

– Acredito que não preciso lhe apresentar a Exu? – perguntou o caçador.

A memória de Euá ainda estava confusa: sabia que havia conhecido Exu e Oxóssi muitos anos atrás, mas eles não pareciam haver envelhecido um dia sequer. Por precaução, ela deu um passo para trás de Oxóssi quando Exu se aproximou. O caçador mesmo a acalmou. Caminharam juntos na direção das árvores ao redor das montanhas.

– Não precisa ter medo. Ele é amigo. Foi ele que me pediu para ir lhe receber.

– Eu teria demorado dias para lhe encontrar – disse Exu. – Oxóssi conhece melhor esse mato. Fome?

Exu apontou para uma fogueira onde assava uma galinha. Euá se chacoalhou toda de nojo:

– Odeio galinha! – disse, sem lembrar por quê.

Teria sido uma boa notícia para Exu, que não teria que dividi-la com ninguém. Mas o caçador segurou seu braço antes que ele pudesse chegar até o fogo. Farejou o ar algumas vezes como se procurasse a direção de um cheiro qualquer, depois olhou para Exu e para o lado oeste da floresta. Exu percebeu o cheiro também. Estava aumentando. Enquanto Oxóssi jogava terra sobre o fogo, Exu pegou o galho com a galinha assada e jogou num saco para comer mais tarde. Mesmo ele, com todo aquele apetite, não conseguia comer com aquele odor que crescia sem parar. Aumentou tanto que até Euá passou a perceber. Flores... rosas e... carne podre!

Num clarão, tudo mudou. Era noite, neblina, ela se sentia triste... Iku a olhava de longe. Suas roupas roxas e pretas, rasgadas. A espada coberta com tantas camadas de sangue seco, pousada na cintura. E, nas mãos, Iku trazia alguma coisa... rosas?

Euá sentiu gosto de terra. Frio. Depois, silêncio e escuridão.

O corpo de Euá se retorceu e ela caiu no chão, em espasmos. Sem vacilar, Exu jogou o saco de comida sobre um ombro e a jovem no outro. Melhor chegar às montanhas antes que anoitecesse.



O sol já se punha novamente, uma hora que Nanã, a mais velha entre as orixás, adora desde bem jovem. Ela conduziu Oxalá até uma rocha e o sentou de frente para o mar.

– Para os outros talvez ainda haja surpresa nas suas tramoias, minha querida. Para mim, você

sempre será previsível. Talvez me engane aqui ou ali mas no fim eu sempre sei seu próximo passo.

– Agora você está sendo rude... Senta aí, meu velho. Vou dançar para você.

Nanã já não se movia com o mesmo vigor de quando era moça, tanto tempo atrás. Compensava o peso dos anos, todavia, com sua delicadeza e elegância. Rodopiava devagar, e mexia os braços como se operasse um pilão.

– E você sabe que tem tanta culpa quanto eu – disse o velho orixá, sem muita convicção.

Nanã se manteve calada, a dançar. Jogava as mãos para um lado e para o outro como se saudasse os cantos do mundo.

– Digo, foi você que colocou essas ideias na minha cabeça – disse ele.

Nanã batia palmas como se avisasse que estava chegando. Depois rodava e rodava.

Não que não apreciasse o espetáculo, mas Oxalá tentava em vão que ela respondesse:

– Seria muito deselegante se você mesma contasse, você sabe bem, não sabe? Uma vingança pequena, que não cai bem a uma senhora da sua estirpe. Sei que você não gosta de fazer papel ridículo... pois contar os segredos dos outros é um tanto ridículo e deselegante, não acha?

A dança ficou mais vigorosa. Oxalá prosseguiu:

– Assim como não cai bem essa mania de querer roubar o poder dos outros. Vocês já são tão poderosas nas suas bruxarias, não precisam tirar o que é nosso.

A frágil senhora apontava um olho, depois o outro. Uma narina, depois a outra. Apontava o mundo todo. – Tudo isso que eu vi, tudo isso que eu cheirei, tudo isso que está em nossa volta – ela dizia com o bailado, e batia com o pé no chão. O mundo era todo dos dois. Não só dele, dos dois.

A dança era tanto um agrado quanto uma ameaça.

Laroiê, meu pai,

Hoje, mais cedo, quando a Duda entrou só de calcinha cozinha adentro, a vida parecia tão boa... A música tocava alto. *She's got a smile that it seems to me/ Reminds me of childhood memories...* Eu lembrava da primeira vez que ouvimos aquele som... *Where everything was as fresh/ As the bright blue sky...* Não lembrava quem havia colocado o volume tão alto. Cedo ou tarde algum vizinho viria reclamar. Eles sempre vinham. Uma das nossas diversões era atender a porta nus, eu ou ela. E deixar o sujeito tão desconfortável que iria embora sem fazer muito caso. Claro, o porteiro em seguida interfonaria para pedir que abaixássemos a música. Até lá, a música já teria terminado. Eu ainda consigo ouvir daqui, como se tocasse para o bairro todo. *Now and then when I see her face/ She takes me away to that special place/ And if I stared too long/ I'd probably break down and cry.*

Ela me abraçou por trás e me acariciou o peito, como se tentasse me acordar novamente, e roubou a cerveja que eu acabara de abrir. Virei-me em sua direção, fingindo um protesto, e senti aqueles peitos, grandes, firmes, apertados contra meu estômago. Estranho. Duda não tinha peitos tão grandes. De onde havia vindo aquilo tudo? E a tatuagem entre eles? Aquelas asas negras que se abriam do *cleavage* em direção ao ombro, de onde vinham? Confuso, dei um passo pra trás, quase caindo. “Ficou com medo de mim, bebê?” – disse ela, que agora já não tinha nada de Duda além da altura e o cabelo preto e curto.

Corri até a sala daquele apartamento estranho, como se soubesse o caminho. Outras duas meninas, também nuas e tatuadas, me esperavam com um sorriso tão amistoso quanto safado. O solo de guitarra, que entrava pelos meus ouvidos como se rompesse meus tímpanos, parecia não as incomodar. Sentei, confuso, no chão gelado, me apoiando em qualquer coisa que tivesse em volta para não cair. Elas apenas riram e vieram acudir, como se minha confusão não fosse surpresa alguma.

É irônico agora olhar esse blog, daqui de onde parei. Ler minha própria história de trás para frente, repassar meus posts de cima para baixo, como se andasse para trás no tempo, confuso com o que eu mesmo escrevi. Sei que vou morrer, e logo. E, como minha lembrança é frágil, me contento com a releitura desses relatos, tentando viver o que me resta cada vez mais devagar. Como uma sobremesa incrível, digamos aquela mousse de chocolate absolutamente perfeita, que no início você come com entusiasmo, colheres imorais e transbordantes... até que se revela o fundo da taça. Quando você quase para, de tão vagaroso, para que aquela mousse não acabe. Nunca.

Minha sobremesa está acabando, meu pai. Sabemos os dois, você melhor que eu. Se tenho que me acostumar com a ideia (minto, ninguém se acostuma com a própria morte, chorei sozinho na cama essa noite), ao menos tenho sua promessa para me segurar. Sua promessa, meus remédios e a memória eletrônica desse blog registrando que, dessa vez, estou cumprindo tudo que me pediu. Mesmo que parte dessa promessa inclua esses flashbacks violentos e minha grotesca cabeça raspada, significando que, nos dias finais da minha vida, eu esteja tão feio que não consiga comer ninguém. De graça, pelo menos.

Graças a Deus existem as putas!

E agora que a memória começa a voltar lhe digo: só puta quer trepar com um sujeito com a careca

que você me obrigou a usar. Esse é o tamanho da minha devoção. Eu sei, eu sei... você vai dizer que não é verdade e que a Lisandra achou lindo. Ela estava mentindo. Eu tô feio mesmo. Hoje, no entanto, durante o jogo do Brasil, mesmo que eu estivesse errado não conseguiria companhia. Não no meio das semifinais. Mesmo que a seleção não seja mais tão favorita quanto antes por causa dos desfalques, o país todo continua vidrado na TV. Eu mal assisti ao jogo contra a Colômbia da semana passada e esse contra a Alemanha, resolvi nem tentar. Meu fim eminente reduz a zero o interesse por um bando de homens correndo atrás de uma bola.

Melhor me divertir com minhas tatuadas. Disse a elas que queria gozar no meio dos fogos de artifício quando o Brasil fizesse um gol. Tínhamos ainda muitas horas até o início da partida. Ou pelo menos eu achava, porque não havia santo que me fizesse lembrar a que horas o jogo iria começar e acho que até agora não ouvi estouro nenhum. Ou ouvi e esqueci? Minha memória, seja pelo efeito da ketamina recente ou resultado de tanto dela nos últimos anos, não é de se confiar, você sabe. Que o diga o Axl Rose, que eu inadvertidamente ensinei a gritar dentro da minha cabeça toda vez que tomo umas gotinhas!

Éramos quatro, afinal. Eu e três garotas de programa, daquelas que os agentes chamam de especiais. Dois mil reais a hora, cada uma, em dia normal. Caro, eu sei, mas além de cobrarem um extra por eu ter escolhido as que investiram em transformar sua pele em obras de arte, essas meninas são também daquelas preparadas desde o berçário com muito leite de lllama, pompoarismo, Freud e yoga. Dia de jogo do Brasil, ainda cobram o dobro. A essa altura o que mais vou fazer com esse dinheiro, me diga? Morri numa grana, não importa. Paguei feliz.

Depois que elas me acudiram do ataque de pânico, me acalmaram e me levaram de volta para o sofá. Voltamos a nos divertir. O bom de trepar com essas gotinhas na cabeça é que, goze ou não, a diversão é incrível. Você se sente bonito, poderoso, *sexy*. Mesmo com essa cabeça raspada. Mesmo sem a Duda. Tudo vira uma brincadeira, um jogo cheio de calafrios e mudanças de gravidade... e as visões das tatuagens se movendo! Aqui nessa terra não há prazer maior do que ser comido por três gostosas enquanto os dragões, sereias e pássaros voam e nadam entre seus corpos e o meu, se tocando, provocando e também se matando e acariciando de volta... Enquanto as flores e as caveiras e os barcos transitam entre nós. E o apetite? Se ninguém para sob o efeito da ketamina, para-se menos ainda quando se mistura com Viagra. (Hoje não teria nem subido sem ele, aliás).

Eu já havia perdido a conta de quantas vezes havíamos transado (perda da noção de tempo é outro dos melhores efeitos colaterais) quando uma delas me perguntou por que eu não queria assistir ao jogo. Garota de programa não pode fazer perguntas, deveria fazer parte do código de ética. Sob protestos da minha própria anatomia, que ainda queria muito mais, paguei e mandei todas elas embora, sem gorjeta.

Na verdade, foi quase isso.

Mandei as meninas embora quando uma delas começou a fuxicar o resto da sala. Esse apartamento é minúsculo, você sabe. Praticamente um armário. Montado para temporadas pequenas, algo que não chamasse atenção. Eu conhecia o proprietário, ele me salvou a pele em pelo menos duas ocasiões quando precisei esconder meus clientes. Irônico que, na minha própria fuga do pessoal do trabalho, seja exatamente com ele que eu venha me esconder, não? Além disso, prefiro gastar o resto do dinheiro da NFB com escorts de alto nível, sabe. Voltando às putas: Natasha, Michelli e Fernandinha, segundo o site. A tal Fernandinha, ruiva alta, dona de um dragão chinês que lhe corria pelas costas, da coxa ao ombro, e uma bunda de parar procissão, resolveu andar pela sala, olhando as coisas. Nua, a gostosa. Então eu a deixei desfilar mesmo.

Enquanto me recuperava, pedi que as outras duas se aquecessem entre elas. Beijinhos aqui e ali,

mordidinhas, carícias... Natasha, moreninha peituda com o pássaro sobre o peito, e Michelli, com seu cabelo verde e uma composição colorida de dezenas de pequenos motivos espalhados pelo corpo, desses feitos sem ordem, ao longo da vida, se esfregavam uma na outra, e em mim. Cada uma sentava com as pernas ao redor de uma das minhas coxas, me deixando sentir que o aquecimento já havia terminado há tempos. Com uma das mãos, cuidavam uma da outra. Com os braços restantes, me acariciavam. Uma delicadamente, com a ponta dos dedos, a outra com as unhas. Pareciam até estar se divertindo. Enquanto isso, a Fernandinha e seu dragão olhavam o lugar como se fosse um museu. Foi quando resolveu perguntar quem era meu decorador. Se aquele muquifo era algum tipo de fetiche para compensar o fato de ninguém dar para mim quando eu era pobre. Porque quem podia pagar por uma festa dessas não precisava morar mal desse jeito.

Eu não disse nada. A vigiei de rabo de olho enquanto tentava me meter no meio das outras duas, que de repente resolveram se fazer de difíceis, como se eu não fizesse parte do acordo entre elas. Aí a terceira foi mexer na escrivaninha. Começou a levantar o pano de prato que cobria o “presente” que você me entregou. Foi nessa hora que perguntou por que eu não estava assistindo ao jogo. E eu usei a pergunta como desculpa para chutar a moça para fora. As três. Não tinha mais clima.

Agora estou aqui de volta. Na escrivaninha. Nu e careca, coxas grudentas de puta, com meu amigo aqui embaixo pulsando como se tivesse acabado de acordar por causa do Viagra. A cadeira de vinil gelando minha bunda e arrancando os pelos da minha perna. O pano de prato agora está no chão, junto com minha roupa. Meu computador, ao lado da encomenda que chegou hoje de manhã, pela porta da frente. Lembro que, mais cedo, quando a campainha tocou, eu corri para atender, mas não tinha mais vitalma. O porteiro disse que não havia subido ninguém. Então eu imaginei que era mais uma coisa sua. Certo?

Claro que era! Quem mais enviaria uma caveira transformada em vaso de flor? Sério? Não havia uma maneira menos doente de dizer que minha vez chegou? Um bilhetezinho, tipo... “É hoje. Pode gastar o que sobrou da grana porque não vai ter mais o que fazer com ela.”

“E esse endereço na caixa? O que é?”.

Enfim, era isso. Queria protestar. Não há porque tanto drama. Eu sei que chegou a hora. Mande as instruções e farei o que tiver que fazer. Estou pronto.

Sou todo seu, e dela.

Axé,

New. Ou melhor, Oritundê

(ainda tenho que me acostumar com esse nome).

P.S.: Vou fazer um último post com o nome da Helena. Direi que estou voltando das férias. Pelo menos assim vão dar conta dela. Não queria deixar isso desamarrado.

2 COMENTÁRIOS:



Laroiê 8 DE JULHO ÀS 6:16PM

Chegou a hora.
Traga o presente de volta para o endereço escrito na caixa.
Traga a comida.
Bebida também.



Newton Fernandes 8 DE JULHO ÀS 6:44PM

Não importa por quanto tempo tenhamos falado a respeito. A ideia que que o fim chegou me emburrou o estômago tanto quanto quando ouvi a notícia pela primeira vez. Uma merda. Não deveria ser assim. Eu fiz um monte de merda na vida, mas morrer assim, sabendo, e tão cedo, é uma injustiça, mesmo se tratando de alguém como eu. Morte agendada é um sofrimento estendido e desumano. Que seja. Vou comer meu prato final e preparar o seu. Não deu tempo de marinar por completo. Espero que goste mesmo assim. Preparo tudo, como e saio daqui a pouco. Agora é com você. Não esqueça sua parte do trato. Estou em suas mãos.

A floresta imediatamente ao redor das montanhas Igbadu era ainda mais fechada do que aquela onde Euá havia acordado. Tão densa, que não se podia ver o céu, apenas uns poucos feixes de luz que arriscavam atravessar a folhagem. Pelos seus cálculos, já deveriam ter chegado à encosta. Seguiram caminhando. A luz do sol já havia partido e eles continuavam a cruzar árvores e mais árvores. E arbustos e flores e pedras... Uma andança que não acabava nunca.

– Estamos correndo ao redor da montanha? – perguntou Euá, que não é de falar muito, mas não aguenta não entender aonde vai.

– Não. – respondeu Oxóssi.

– Cadê a montanha? – ela insistiu.

Exu apontou rapidamente para o alto e continuou andando depressa. Euá se esgueirou para encontrar um buraco entre as copas das árvores e não acreditou no que viu. Sobre a folhagem, a escuridão não era um céu sem estrelas. Havia um teto de pedra a perder de vista. Eles estavam debaixo da montanha!

– Ela flutua?

– Está louca? – disse Exu. – Como pode uma montanha inteira, pesada desse jeito, flutuar? E, se fosse isso, eu que não entrava debaixo dela. Vai que o axé que faz isso falha!

Caminharam os três quase correndo por mais algum tempo, acompanhando a descida do terreno, até que finalmente chegaram a um lugar... estranho? Parecia ser aquele a parte abaixo do centro de uma das montanhas, onde havia três árvores imensas. Dessas com troncos tão largos que cem homens juntos não conseguiriam abraçá-los. Tão maiores, que as árvores normais pareciam de joelhos em sua homenagem. Cada uma das três, com suas raízes subindo e descendo, tinha um pano branco enrolado em volta do tronco. Pousada com gentileza sobre suas copas, a gigantesca rocha permanecia suspensa sobre suas cabeças. Três árvores sustentando uma montanha inteira. As pilastras vivas que ligavam o Aiê e o Orum, como diziam as antigas lendas que Euá ouvira quando criança. Mesmo com sua imaginação de artista, ela jamais conseguiria idealizar que seriam assim.

Entre os três pilares, um lago iluminado de dentro, como se a lua dormisse no fundo.

– A fonte das três águas – apontou Exu. – A água parada nas beiras, como um grande lago cristalino. No meio – disse, indicando o centro da lagoa, onde a água corria como um rio circular – está a água mexida. Embaixo dessas duas, está a água de lama, fonte de tudo. É para lá que vamos.

Exu ignorou a cara de medo de Euá e caminhou para dentro da água, fazendo sinal para que Euá também viesse devagar. Oxóssi se despediu dali mesmo com um olhar de nojo. Ela logo entendeu o porquê. No fundo da água parada, o lodo e a lama entravam por entre os dedos de seus pés, e seus tornozelos se afundavam mais quanto mais eles se aproximavam do centro, das águas mexidas. Euá ia afundando mais e mais, cada passo mais difícil que o anterior, como em areia movediça. A água lhe subia pelo corpo e, mesmo com o pescoço estirado, estava difícil respirar. No desespero, balançou os braços com vigor e tentou bater as pernas no meio da lama, fazendo com que a mancha escura subisse e se misturasse ao resto da água limpa.

– Faz isso não, menina! Não misture as três águas ou vamos nós dois ser engolidos. Pense bem, sua doida: você não respira. Veja! Seu peito não mexe! Você não está sem ar, está se lembrando do ar. Quem não respira, não se afoga.

Ela parou, em choque. Não respirava. Não precisava. Ficou de pé ali, quieta, por mais um pouco. Tentando entender o que fazer. Resolveu continuar seguindo Exu. Quando enfim cruzou a água mexida, foi como se atravessasse uma cachoeira que corria de lado. Assim que passou, as águas claras haviam sumido. Apenas a lama, agora no nível dos tornozelos, restava.

Estavam num pântano lamacento, de árvores retorcidas das mais variadas cores. O céu brilhava, azul, sobre suas cabeças, como se ignorasse a noite que havia caído antes de entrarem sob a montanha. Euá correu e subiu numa das árvores mais altas. Foi até o topo.

Estavam no meio de uma planície gigante, cercada em círculo por uma única linha montanhosa. Como se estivessem no interior de uma bacia de pedra. Num dos lados, um pequeno rio subia e desaparecia. No lado oposto, outra linha d'água exatamente igual. De trás dessa linha, mais ao longe, podia ver a silhueta pontuda da mais alta das montanhas Igbadu.

Exu fez as honras, gritando debaixo da árvore:

– Bem-vinda ao...

– Estamos aqui no alto da montanha?

– Não é bonito?

Do alto da montanha côncava, a paisagem era ainda mais espetacular. Um pântano suspenso. No alto daquele morro, o lago raso de lama dava vida a milhares de árvores de raízes que sustentavam troncos que pareciam voar. Euá já havia visto pântanos perto de onde o rio encontra o mar. Jamais do alto de uma montanha.

Exu seguiu em frente, apontando o caminho. Saltava entre galhos, se apoiava em raízes, segurava em cipós. Euá acompanhava. A dor no corpo já não era tanta, não poderia fazer tanto esforço se estivesse se sentindo como alguns dias atrás, quando Oxóssi a encontrou na beira do rio.

– Não entendo direito como estou aqui, nem como você está, aliás. Estamos mortos? – perguntou ela. – Ou sonhando?

– Já disse pra conter as conclusões, mocinha.

“Mocinha!?” – pensou. Euá grunhiu perante a condescendência do menino, que, apesar de tão alto, parecia bem mais novo que ela.

Foi como se Exu tivesse ouvido:

– Você acha que eu sou só um moleque, não? – e soltou uma risada que tomou todo o pântano.

E continuaram seu caminho, mal notando o estranho rastro colorido que deixavam sobre a lama cinza. Pétalas, nascidas, crescidas e caídas sobre a lama, em decomposição. Como nunca se havia visto naquele pedaço de chão.



– Eu avisei que não ia funcionar – repreendeu Nanã.

A velha senhora, curvada e rabugenta como sempre, nunca gostou de novidades. “Tradição” – dizia ela –, “tradição é o que mantém o mundo de pé”. Iemanjá, apesar do profundo respeito pela mais velha entre as orixás, não parecia concordar:

– Funcionou por um tempo. Agora eles devem ter arrumado um jeito de nos sabotar de novo. Você não devia ter ido provocar Oxalá.

Nanã e Iemanjá não podiam ser mais diferentes. Nanã era enrugada, seca, amarga. Tinha o corpo frágil e franzino e andava com uma dificuldade que sumia apenas quando queria dançar. Mal tinha seios e pouco se ouviu, por toda sua vida, de aventuras amorosas, de festas ou grandes alegrias, a não ser quando estava com o velho Oxalá. Seus filhos eram poucos, e logo eram mandados para fora

de casa, procurar trabalho no Aiê. Nanã era assim, preferia seus rebentos no mundo à barra de sua saia. Já Iemanjá tinha seios e personalidade fartos. Fazia de tudo um drama ou uma comemoração. Gesticulava, chorava, gargalhava... E tinha tantos filhos e amantes quanto podia. Especialmente filhos, de quem era sempre muito orgulhosa. Tinham, entretanto, um ressentimento em comum contra os homens da montanha ao lado. Desde o início dos tempos, elas reclamavam. De tudo, é verdade, mas especialmente da exclusividade deles sobre os poderes do destino. Por isso os haviam tentado roubar, anos atrás. Não fosse Orunmilá, “aquele intrometido”, como dizia Nanã, ter atendido o chamado de Oxalá e estragado tudo!

– Eles não têm maturidade nem sabedoria para serem os únicos que enxergam o destino – disse Nanã, como se tentasse mostrar uma resignação não muito convincente quanto aos poderes dos homens –, mas desde que Olodumare criou o Orum, e cada um de nós e os poderes que nos cabem, que as coisas são assim. Talvez não devêssemos mexer no que Olodumare escolheu, não sabe?

– Escolheu? – gritou Iemanjá, em revolta – Você sabe muito bem como foi que eles nos enganaram para ficar com o destino. Eu não vou concordar com isso nunca. Se não deu certo dessa vez, eu vou continuar tentando.

Nanã não gostava de novidade, pensou Iemanjá. Porém gostava ainda menos de choramingos. Aquela conversa certamente a estaria entediando. O que ela não sabia era que a velha orixá tinha um plano, que colocara em andamento anos e anos atrás. Não estava na hora de desistir ainda. A conversa era apenas uma maneira de distrair a amiga – melhor que ela e sua língua grande não soubessem.

Nanã foi então até uma bandeja de comida toda enfeitada de plantas e contas e, com dificuldade, carregou-a até onde estava a outra orixá. Com o bucho cheio, talvez falasse menos.

Iemanjá entendeu o sinal. E, com respeito, serviu-se de um pouco de mungunzá preparado pela amiga. Mudou de assunto:

– Ando preocupada com uma de minhas filhas.

– Hmmm, pressentimento ou está acontecendo alguma coisa?

– Lembra de Olomowewê, uma das filhas mais fortes que já mandei para o Aiê? Quando olho pelos seus olhos a vejo presa num quarto escuro. Sem porta, sem janela. Não come, não vê o sol, não bebe água, nem dança. Fica o tempo todo ali, se arrastando nas paredes, se batendo no chão... num breu só, com uma cobra preta lhe rondando os pés. Ela estava com medo, muito medo, a coitadinha. E eu não consigo entrar lá de jeito nenhum. Aquela bruxa fez alguma coisa pra me manter longe.

– Não tenho tantos filhos, mas quero muito bem a cada um deles. Se alguém fizesse isso com um dos meus, eu causaria tanta dor no infeliz que ele ia amaldiçoar o dia em que alguém lhe disse para fazer a cabeça para um orixá. Ontem mesmo, uma filha minha voltou. A moça em que ela montava morreu, de velha mesmo, e ela veio de volta para mim. Estava feliz. Tiveram uma vida boa juntas, minha filha e a moça. Cuidavam uma da outra. Quando foi a hora de partir, mandei Iku ter com as duas e cada uma seguiu seu caminho. Quando ela me abraçou e eu a senti entrando dentro de mim novamente, foi como se eu fosse jovem como ela por um instante. Quando a gente põe um pedaço de nós pra viver no Aiê, sempre dá um receio. Um dia eles voltam e, quando se juntam a nós, com toda aquela vida, todo aquele monte de experiência nova...

– É uma sensação incrível. – concordou Iemanjá.

– Eu tive uma filha que foi maltratada uma vez.

– O que você fez?

– Mandei Iku resolver o problema. Não era a hora, mas que se dane.

– Iku? Você mandou matar o infeliz? Quem diria, Iá Nanã...

- Olodumare ficou sabendo e ameaçou tirar Iku de mim. Ele não gosta que eu brinque com isso.
- Quer dizer que não posso te pedir para me emprestar...
- Nem pensar.

A conversa teria terminado ali mesmo, e Iemanjá iria para casa maquinando um outro plano... quando o plano chegou sozinho. Pela porta da frente, aliás, por onde entraram, sem pedir autorização, Exu e uma jovem desconhecida.

– Você nunca pede para entrar? – reclamou Nanã, ranzinza, mas aliviada da conversa com Iemanjá terminar. – E você, quem é? – perguntou à moça.

- Euá – disse ela. – e não tenho nada a ver...
- Eu sei, mocinha – interrompeu Nanã.

Exu riu sem disfarçar:

- Trouxe ela até aqui porque achei que a senhora iria gostar, Iá Nanã.

A velha não mostrou entusiasmo. Levantou-se devagar, acenou com a cabeça na direção da porta e se preparou para sair, quando foi interrompida por Exu.

– Calma, Iá. Fique um pouco mais. Prometo que a senhora vai se interessar. Acho que essa aqui vai acordar rápido.

Exu sabia ser galante quando precisava. Disse isso e trouxe a velha senhora pelo braço até o lado de fora da casa com tanta gentileza que ela nem reclamou. Nanã morava bem no meio do pântano e dizem que era tão frágil e leve que conseguia andar sobre a lama cinza sem afundar. Exu a deixou confortável e voltou-se para Euá. Tomou a mão da jovem recém-chegada e a trouxe para perto da lama, à vista da dona da casa, e fez com que lá a menina se deitasse.

- Feche os olhos e relaxe – disse Exu.

Instantes depois, flores de todas as cores brotavam, do meio da lama! Iemanjá gritou de excitação:

- Mocinha, você deveria ir me visitar!
- Flores – desdenhou Nanã. – Para que eu preciso disso?

Exu espalmou a mão, como se o espetáculo ainda não tivesse acabado. Olhou de volta para as flores. Elas não apenas nasciam em profusão. Cresciam tão rápido como morriam, secavam e se decompunham. E voltavam novamente para a lama de onde vieram. Ao ver as pétalas se decompondo diante de sua vista, Nanã finalmente sorriu.

Enquanto Nanã observava a performance, Iemanjá foi até Exu, puxou seu braço para entre seus seios e aproximou a boca de sua orelha. Exu já estava preparado para algum comentário indecente, mas não foi o que ouviu:

- Preciso de um favor seu. – sussurrou a orixá.
- Diga.

– Nanã está obcecada de novo com sua guerra contra Oxalá. Está me consumindo, não tenho tempo para nada... Preciso que você mate uma pessoa para mim.

Exu olhou para ela, curioso. Depois soltou uma gargalhada histriônica, repreendida na mesma hora por Nanã:

– Shhh, rapaz! Essa aqui promete mesmo. Leve ela até Iansã. A menina dos mortos vai gostar de ter com quem trabalhar.



Tinham nada a ver uma com a outra, nisso concordavam. Euá casta e quieta, menina que parecia senhora, cheia de segredos e mistérios. Enquanto Iansã... essa gostava de falar, de gargalhar, de contar história. Mal foram apresentadas e Iansã já havia contado metade de sua vida à nova pupila. Afinal, Euá era a primeira recém-chegada que Nanã lhe enviava e ela estava muito feliz com a

atribuição. A mentoria era uma grande responsabilidade, porque permitia aos mais novos assumir um pouco das responsabilidades que alguns dos mais velhos carregavam por tanto tempo.

Ela, por exemplo, havia tomado da própria Nanã a responsabilidade de recolher a alma dos mortos. Isso era fácil. Levar uma alma para a terra dos eguns não era o pior. Trabalhoso mesmo era quando essa pessoa havia dedicado a cabeça para algum orixá, quando havia sido iniciada. Porque esses, quando morriam, ainda ficavam presos aos filhos que os orixás mandavam para suas cabeças. Uma imagem grotesca, Iansã achava. Duas pessoas ligadas pela cabeça de um, umbigo da outra, por uma tripa comprida e tão forte que ou precisava de meses para se desfazer, por pura falta de alimento do axé, porque o morto não tinha como fazer oferenda mesmo, ou precisava ser puxada por dezenas de irunmalês. A não ser que um desses irunmalês soubesse se transformar num búfalo! Então Iansã amarrava um numa árvore e puxava o outro com força, até que a tripa que os ligava arrebentava, espalhando o que restava do axé para todo lado. Os dois então gritavam de dor, depois choravam a separação, era sempre assim, e Iansã os levava nas costas – a pessoa para a terra dos ancestrais, o filho do orixá para reencontrar sua mãe, ou seu pai. Por causa disso, de ter tomado sua atividade mais trabalhosa, Iansã havia se tornado a preferida de Nanã. Ao menos era isso que ela dizia quando lhe perguntavam por que tanto mimo com a recém-chegada, logo ela que não gostava de novidade.

– Quando alguém chega aos cuidados de Nanã – explicou Iansã –, uma orixá veterana fica responsável por lhe ensinar o que fazer. Como uma madrinha. A sua, a partir de hoje, sou eu.

Ensinar o quê?

– Como ficar mais forte, desenvolver seus poderes...

– Como esse? – disse, fazendo o truque das flores.

– Não, isso é bonitinho, e Nanã havia me falado dele. Veja bem, para crescer seu axé e receber oferendas você precisa de mais que isso. Exu disse que achava que você poderia ser dona dos mistérios, porque não gosta muito de falar...

– Não sei por que ele diz isso.

– Está vendo?

– O quê?

– Você nunca fala sobre si mesma. Sempre responde com uma evasiva, ou outra pergunta. Diga, como foi que veio parar aqui?

– Não lembro.

– Sério, você precisa contar, senão não posso te ajudar.

Era verdade. Euá não se lembrava de nada. Não sabia como haviachegado ali e estava apenas começando a compreender que não estava sonhando nem havia morrido, mas que havia se tornado uma orixá. Iansã tentou de tudo que podia para ajudar a pupila. Rodou seu vento ao redor da moça. Dançou. Cantou. Ainda assim ela não conseguia lembrar.

– Qual a última coisa de que você se lembra? – perguntou Iansã.

– O cemitério. Acho que ia muito lá. Não lembro por que... Havia alguém enterrado. Que eu desenterrava e enterrava de novo. Acho que fazia isso toda noite. Tinha muita raiva, queria ver se o sujeito tinha ido embora mesmo. A cada noite desenterrava e olhava se ainda estava ali. Ele havia feito alguma coisa ruim para mim... Ele tentou me violentar!

– Deve ter sido por isso que Nanã nos colocou juntas então.

– Alguém tentou te violentar também?

– Meu padrasto. Eu estava aguando as flores um dia. Achava que não havia ninguém em casa. Então ele chegou por trás de mim. Eu ouvi os passos e me virei. Ele continuou andando na minha direção. Parecia estranho, curvado de um jeito que ele não costumava andar. Fiz uma brincadeira

qualquer, acho que perguntei se havia bebido vinho de idade, mas ele não riu. Continuou vindo para cima de mim. Começou a ventar. Um vento que parecia tentar levá-lo para longe de mim, mas não conseguia. Depois relampejou, como se os céus gritassem que se afastasse de mim, mas ele não ouviu. Eu recuei, um, dois passos... tropecei em alguma coisa, caí no chão e devo ter batido com a cabeça. Fiquei meio tonta, sem conseguir reagir direito. Isso ou aqueles olhos estranhos dele estavam me enfeitiçando. Eu pedi para parar, que eu não estava achando graça, mas ele continuou vindo. No meio da tempestade, ele se ajoelhou entre as minhas pernas e se deitou em cima de mim. Era como se uma corda invisível tivesse me amarrado no chão. Eu queria chutar, brigar, empurrá-lo pra longe mas não conseguia nem gritar por ajuda. Aí ele olhou para mim e disse, com uma voz estranha, mais arranhada que a dele mesmo: “preencha-se com o senhor das gerações”. De repente, parece que ele se distraiu, e sua expressão mudou. Primeiro, parecia surpreso, confuso, como se tivesse acordado de um sonho. Mas depois foi como se tivesse sido tomado por um espírito ainda mais violento. Ele largou minhas mãos e tentou rasgar minha roupa. Sem pensar, peguei uma pedra do chão, acertei na cabeça dele e fugi. Corri para bem longe e me escondi com tanta força que naquele dia aprendi a virar um búfalo, só para ele não me encontrar nunca mais...

Iansã tomou um gole de ar e continuou:

– Soube depois que ele morreu ali mesmo, dizem que um raio caiu na cabeça dele. Desgraçado... E você, como escapou?

– Não lembro direito.

– Faz uma força. É assim que começa.

– Eu lembro de estar correndo. Fugindo dele. Ele me agarrou pelos cabelos, me jogou no chão e me abriu as pernas com força. Era muito mais forte que eu, não consegui resistir por muito tempo. Eu não queria ver o que ele ia fazer comigo. Aí tudo ficou branco...

– Você apagou?

– Não, ficou tudo branco mesmo, de brumas. Eu sei criar nevoeiro.

– Isso é muito mais interessante que as florzinhas, tá vendo?

– Quando já não enxergava mais nada, senti um vento. Senti e vi, porque o vento mexe a neblina. Algo passou zunindo bem perto, entre meu rosto e minha perna. E senti o corpo do sujeito cair sobre o meu. O peso caiu todo no meu peito. Não, caiu mais na minha costela, e depois no chão, do meu lado. Mas as pernas dele ainda estavam entre as minhas. Quando tive certeza de que ele não se mexia mais, baixei a neblina. Parecia uma lagoa de sangue. No meio, eu e o homem, morto, partido no meio, num corte liso, como se ele fosse feito de banha. Bem na cintura. Foi aí que vi, lá de longe, um sujeito estranho, alto, meio deformado, que me olhava curioso, segurando uma espada ensanguentada. Eu não tinha medo, porém. Ele salvara minha vida, não havia de me atacar. Quando percebeu que eu o vira, o homem escondeu o rosto com um braço que parecia estar perdendo pedaços de carne e fugiu para dentro do mato. Eu não havia percebido, mas enquanto corria, desesperada, acabei indo parar no cemitério. É por isso que eu sempre ia até lá, é isso. Foi no cemitério que encontrei esse sujeito que me salvou. Toda noite, a partir de então, eu ia até lá, para desenterrar o homem e ver se ele já tinha ido mesmo, e procurava pelo homem que me salvara. Ele no início se escondia bem, mas dia após dia se revelava um pouco mais. Até que passamos a nos cumprimentar. Sempre de longe. Foi aí que o reconheci. Mais até pelo cheiro que pela aparência – de perto ele cheirava a morte. Lembrei do dia em que um velho conhecido fugia dele e eu o ajudei a escapar. Foi ali que Iku e eu nos vimos pela primeira vez. Ele às vezes me levava flores, e deixava sobre a cova para que eu as pegasse antes de cavá-la para olhar o maldito. Nunca nos falamos. E um dia... um dia...

Euá pareceu prestes a desmaiar. Levou a mão à frente dos olhos, como se quisesse cobrir a visão.

Iansã acudiu, pedindo que parasse.

– Já lembrou demais por hoje, minha irmã. Melhor descansar.

– Espera. Quero ir até o fim. Minha cabeça está esquisita... Fico enxergando essas imagens rápidas... como se fosse um sonho ruim. Cemitérios, covas, corpos... Agora eu lembro. Eu desencavei o homem todos os dias. E ele sempre estava lá. Fiquei com raiva, e com medo que ele um dia voltasse dali, e chamei os vermes da terra para que o comessem. Convoquei os cogumelos da floresta, os vermes do cemitério e tudo que gosta de pedra e chão frio para devorar o que restava do sujeito. Então começou a funcionar. A cada noite que eu ia até a sepultura, os pedaços ficavam menores. Até que, um dia, abri a cova e não havia mais ninguém lá. Por tanto tempo, eu imaginava que esse dia seria o mais feliz de todos... Mas não foi. Senti uma tristeza tão grande que minhas lágrimas abriram o chão debaixo de mim, e a próxima coisa de que me lembro foi ser puxada por um búfalo... era você?

Iansã sorriu, orgulhosa. Euá continuou:

– Depois acordei nas margens do rio, com o rapaz caçador ao meu lado.

– A senhora do nevoeiro, dos mistérios e do cemitério. Soa bem. – brincou Iansã. – Vamos acabar trabalhando juntas então. Você desfaz o corpo e eu levo os eguns. Vai ser interessante! Agora entendo por que Nanã enviou você para mim.

Euá achou divertida a atribuição. Gostava da ideia de trabalhar com Iansã, até porque a orixá mais velha falava o suficiente para que ela mesma não precisasse dizer muito. O título, contudo, não lhe agradava. Logo ela que sempre cultivou as coisas lindas do mundo?

– Senhora dos cemitérios? Que título horrível! – protestou.

– Você não entende ainda. Quando as pessoas vierem em sonho aqui ao Orum, nós começamos a espalhar essa ideia de que esse é o seu trabalho. Então, quando elas lhe fizerem oferendas para pedir alguma dessas coisas, você se fortalece e pode ajudar ainda mais.

– Não dá para ser algo mais bonito? Tem que ser só coisa ruim?

– Vamos lá... você é toda linda. Gosta de falar assim, suave, bonitinha, fazer flores pelas mãos... você cantava ou pintava quando era viva? Será que pode ser dona da beleza também?

– Nunca tive jeito pra arte, mas os artistas da minha cidade diziam que ficavam inspirados.

– Eles deviam estar querendo era te comer.

Euá corou:

– É. Mas acho que funcionava. Eles faziam coisa bonitas mesmo. Diziam que alguma coisa na cabeça deles funcionava diferente quando eu estava perto. Quase como se estivessem ficando loucos, mas aí eles colocavam pra fora na forma de arte e mantinham a sanidade por mais um dia.

– Queriam te comer. Mas a história é boa. Acho que dá pra espalhar que você é dona do mistério que acontece na cabeça dos artistas então. E dos loucos. Porque aí eles vão ficar com medo também. Medo dá muito poder. Você vai ficar cheinha de axé. E tabu, tem algum? Alguma coisa que você odeie? Porque sempre que alguém evitar algo que você não goste para não lhe desagradar, seu axé aumenta também. Dizem que funciona até melhor que oferenda.

– Não tenho. Não sou de desgostar de nada.

Foi quando chegou Exu, que ouvia a conversa, curioso, tentando não interromper. Mas não aguentou:

– Deixa de mentira, menina. Todo mundo tem algo que detesta.

– Eu não tenho!

– Pensa. Tem sim.

– Não tenho, juro! Quer dizer, a única coisa que odeio é muito boba...

– Essas são as melhores. Desembucha. – disse Iansã.

– Tinha uma galinha perto de casa que sempre que eu lavava roupa e deixava estirando para secar, esperava eu sair de perto e ciscava terra em cima da roupa limpa. Desgraçada. Mas é só isso. Eu odeio galinha. Não por nada muito nobre ou importante.

– Então que todos saibam! – gritou Iansã, – a partir de hoje, quem quiser agradar à senhora dos mistérios, quem quiser ter ideias e evitar a loucura, que não coma galinha nunca mais. Mais alguma coisa?

– Ela viaja nos sonhos – disse Exu.

– Ótimo. O sonho já vem embaralhado mesmo porque as pessoas não iriam entender como funcionam as coisas aqui... – respondeu Iansã.

– Eu ouvi essa história – disse Euá.

Iansã continuou o interrogatório:

– É que nem com os artistas. Você vem perto para fazer os sonhos ficarem mais bonitos. Melhor assim?

– Sim.

– Vou dizer também que, se você se irritar, em vez de acordarem com lembrança boa, pode fazer o povo acordar louco, que nem os artistas falavam. Vai ser mais fácil lhe respeitarem assim. Medo é bom pra essas coisas do axé, sabe?

Exu as cumprimentou e foi embora sem comentar mais nada. Havia ouvido o que queria.

Laroiê, meu pai,

Agora que a Copa do Mundo chegou, é engraçado ver tanta gente rezando pelos cantos. Uma hora, todo mundo era do movimento *Não Vai Ter Copa*. Aí alguma mágica (ia dizer milagre) aconteceu e todo mundo virou a casaca. Veja só o que aconteceu depois do jogo de ontem, com o Neymar saindo de campo com a coluna quebrada e o Brasil inteiro pedindo a Deus que ele se recupere. (Não pelo menino, que quebrou a porra das costas, mas pela desgramada da Copa que não ia ter!). Eu acredito em reza. Em magia. Acredito até em virar a casaca. Mas não acredito em religião, se você quer saber. Não nessa coisa organizada, estruturada para acumular poder e dinheiro em cima dos incautos. Católicos com suas catedrais e confissões, os crentes com seus dízimos e a obrigação de evangelizar os outros, mães de santo com seus trabalhos que custam uma fortuna... Com a Pilar não deixa de ser diferente. Olomô? Invenção. O grupo: uma farsa. Tudo montado para ser melhor para a Pilar do que para quem a segue. Considerando a vida que ela me proporcionou, entretanto, valeu fingir. Para os outros, digo, valeu fingir para os seguidores. Para ela não preciso mentir. Pilar sabe da minha opinião tão bem quanto eu sei dos objetivos dela. Entre nós há um pacto para o progresso. E algo além.

Por mais que eu a odeie, confesso que também admiro aquela filha da puta. Ninguém sabe manipular a massa como ela. Pilar não tem dó, coisa de gente sem ambição. Nem freio, coisa de gente fraca. Ela olha para frente e está sempre muitos passos na frente de qualquer um. Por isso ninguém enxerga o que ela está fazendo. Dez anos ao lado dela me ensinaram muita coisa. Inclusive sobre como batê-la.

O engraçado é que ela sabe disso e parece se divertir também.

Três ou quatro anos atrás, ela me chamou para jantar em sua casa. Apenas nós dois. Dizia que estava preocupada com meu hábito de tomar remédios sempre que ia para a cama com alguém, e que se sentia culpada por isso, pois tudo havia começado com Yara, a mando dela, e piorado depois da cerimônia de limpeza que ela havia encomendado. Era verdade. A Yara ao certo lhe havia dado o *report* completo antes de mudar para o exterior – das minhas alucinações às cantorias e as danças... Minhas aventuras com algumas outras mulheres do grupo também deveriam ter sido devidamente reportadas. Sobre a cerimônia de limpeza, ela mesma sabia, porque estava lá.

Como ela sabia de tudo, mais que eu mesmo, falamos abertamente. Não havia o que esconder. Como dois colegas de profissão, sócios que éramos, eu não lhe devia nenhum grande respeito, ela não tentava me submeter. Na frente dos outros, eu faço o papel de submisso, mas, como estávamos apenas nós dois, não precisei disso.

“Do que você se lembra sobre a cerimônia de limpeza?” – ela perguntou.

“De pouco. Lembro das tatuagens se movendo e que pelo menos dez mulheres diferentes se aproveitaram de mim.”

“Você gostou?”

“Sei que deveria ter ficado traumatizado, mas confesso que fiquei mais para viciado, no efeito anestésico da ketamina e na mágica das tatuagens que se movem.”

“Você pretende parar? Não te incomoda essa dependência?”.

“Nem um pouco.”

Ela então retirou um vidro da bolsa. Devagar, como quem provoca, abriu o conta-gotas e o ergueu sobre meu copo de vinho. Olhou por um segundo, esperando uma autorização e, não ouvindo protestos, despejou algumas gotas na minha taça, e outras na dela. Levantou-se com o copo na mão e caminhou até a janela, enquanto eu tomava o primeiro gole, curioso com o que estava por vir. Ela estava mesmo fazendo o que eu imaginava?

De onde estava, eu via apenas as luzes da cidade ao fundo e o lenço estampado de penas com que ela cobria o ombro. Ficou ali, sem dizer nada ou se mexer muito e, de repente, abriu os braços, segurando o lenço aberto, como um gigantesco par de asas. Por trás da estampa e do tecido semitransparente, seu vestido caiu.

1, 2, 3... não dissemos nada por alguns segundos. Como se esperássemos para ver quem diria algo primeiro.

“Gosto da vista” – falei.

“Seu peru vai gostar mais ainda” – ela respondeu, revelando a idade com o vocabulário que talvez um dia tenha sido *sexy*, quase me fazendo rir.

Pilar não era uma mulher feia. Pelo contrário. Mas era pelo menos 20 anos mais velha que eu. E, até então, parecia bem discreta com sua vida amorosa. Eu nunca soube nem ouvi falar do que ela fazia ou deixava de fazer, nem se ela tinha uma vida sexual ativa ou se era só uma celibatária escondida atrás de uma boca suja.

O lenço caiu, revelando a tatuagem da serpente negra que ela chamava de Saracura, um espírito vigilante que fazia trabalhos para ela. Mais uma das fantasias que ela inventara para seduzir ou amedrontar o povo. Tomei mais um gole do vinho. Logo veio a melodia que tinha certeza de que só eu ouvia. *I used to love her/ But I had to kill her...* (sempre Guns N’ Roses, não pergunte por quê).

Das costas de Pilar, a Saracura me olhava, sedenta, e rodeava o corpo de Pilar, rastejando pela sua pele, pela cintura, entre seu braço, até que desceu pelas costas e sumiu entre suas pernas. Pilar deixou o lenço cair e veio em minha direção. A música continuou: *I had to put her, six fit under/ And I can still hear her complain.*

Outras mulheres daquela idade teriam apagado a luz, protegido o corpo para esconder que não tinham mais a aparência de coelhinha da *Playboy*. Mas Pilar pensava como homem – ela tinha poder, dinheiro e um sujeito mais novo nas mãos. Quem precisa de um corpo vistoso quando pode ter na cama quem quiser sem se dar tanto trabalho? Poder e controle. Amém.

Foi uma noite diferente, em que finalmente entendi que experiência valia mais que vigor. Desinibida, Pilar brincou com meu corpo, como se me conhecesse de cor. Com as mãos, os dedos, os lábios e pés. Ela me ensinou como um bom amante não é aquele que se dedica ao outro, ou que sabe mais, tampouco o que ouve como dizem as revistas escritas por aquele monte de gente que finge que transa. Não, o gênio da cama é aquele que controla a situação a ponto de fazer com que o outro se deixe levar, sem receios ou inibições. Uma compreensão que trago comigo até hoje.

Voltando àquela noite: acordei uma hora depois do cochilo reparatório. Ela ainda estava de olhos fechados. A ressaca da K é estranha, sempre acordo feliz. Sem o efeito borrado na vista, nem a música, todavia, Pilar não me parecia tão interessante quanto antes. Sentei na cama com cuidado para não acordá-la, queria sair dali, rápido. Mas, antes que pudesse levantar, ela falou:

“Você é como eu.”

“O que?”.

“Esse monte de gente trouxa que faz qualquer coisa que se manda... você não é que nem eles. Eu

sei, você sabe. Só que eu sei mais uma coisa.”

Eu não perguntei. Era um jogo, afinal. Ela continuou:

“Vai ser você quem vai me derrubar um dia. Meu Judas Iscariotes.”

Dessa vez, caí por surpresa mesmo. Naquele tempo não tinha um plano como tenho hoje, mas a vontade de enfrentá-la sempre esteve comigo. Ela continuou, sorrindo preguiçosa e relaxada, ao certo pelo efeito pós ketamina:

“Tudo que posso fazer é te dar muito a perder.”

Levantei e fui embora sem dizer uma palavra, como se eu tivesse ganhado a dança. De alguma forma, contudo, a sensação era de que quem havia levado tinha sido ela.

Esse nosso jogo, portanto, tem um significado especial, vem de longa data. Manipular a manipuladora é um desafio dos grandes. E agora, mesmo que eu vença no final, vou para sempre ter na cabeça que estou apenas cumprindo sua profecia. Essa mulher é de circo.

Enquanto isso, vou brincando de Pilar por aqui, esquentando para a batalha final. Fazendo-me passar por Helena, interpretando esse personagem em tempo real e ver a reação das pessoas é um pedaço disso.

Helena poderia ter sido o segundo grande amor da minha vida, tivéssemos tido mais tempo. Ela era inteligente, bem-humorada, aventureira... mas teve uma vida patética. Passou décadas dedicada a um marido ausente e panaca, e a uma pastora tirana. Nenhum dos dois, Pilar ou o marido, jamais ligou para ela, digo de verdade. Ela foi uma mulher que, até me conhecer, jamais havia gozado. Nem sozinha, nem com ninguém. Depois de décadas de uma vida sem graça, recentemente, como lhe contei semanas atrás, resolveu jogar tudo para a casa do caralho e ir dar por aí, tentar achar algum prazer. Bom para ela, que pelo menos aproveitou um pouco da vida. Fiz a minha parte, você há de concordar.

Tenho me divertido escrevendo em nome dela, confesso. Comprei até uns livros do Nelson Rodrigues para me inspirar. De mulher carente, descobri, entendo tanto quanto ele. Hoje, por exemplo, postei como se fosse ela, acabando com qualquer esperança entre os que ficaram para trás, implorando por informações. Patéticos. Quando deu seis da manhã de hoje, entrei no Facebook, seguindo todos os protocolos que aprendi para não deixar rastros de quem sou ou onde estou. Publiquei aquela foto que ela mesma tirou contra a parede branca do meu quarto, nua, escondendo quase nada com uma vergonha que não existia mais. Fazia cara de me-come-de-novo. Linda, tenho que dizer.

Tenho certeza, lembrando do dia e do que houve depois, que ela aprovaria tudo que eu fiz em seu nome.

“Pronta para mais uma antes da praia” – dizia a legenda do post, como se ela pretendesse chocar de vez o marido abandonado e todos os seus amigos comuns. Quem sabe isso o faria deixá-la em paz. No post anterior, ele havia pedido uma foto mostrando que era ela que estava publicando tantas fotos de viagem, uma vez que ela não aparecia em nenhuma. A última foto que me restava veio bem a calhar. Imagino a dor do infeliz ao ver a esposa anunciando publicamente seu escárnio, mas foi ele quem pediu. Além disso, era preciso mesmo ser cruel, por misericórdia e autoproteção. Eu fui. Se alguém poderoso como ele desconfiasse do que havia realmente ocorrido, poderia nos dar muita dor de cabeça.

Humilhação pública foi a única solução de fazer o sujeito parar, deixar tudo para trás, por enquanto. Eu sei que, apesar de sua luta para ficar ou sair do armário, ele ama a mulher. Deve estar muito triste por isso. Considerando tudo que vi a Pilar fazer com ele até hoje, no entanto, ele já teve que lidar com coisa pior. Ninguém sabe mais disso do que eu.

Além disso, preciso quebrar seu espírito para trazê-lo definitivamente para nosso lado. O procurador, sabemos bem, é dos mais fiéis seguidores de Pilar. Ele já se dispôs a lidar com humilhações, maus-tratos... um idiota funcional. Esse tipo de traição, num momento tão fragilizado, pode ser o que precisamos para que mesmo um homem sem espinha dorsal como ele tome a iniciativa e faça o trabalho que precisamos que faça. Ele ou o Carlos. Minhas fichas estão no procurador.

Espero que não exista mesmo o tal do inferno.

Existe?

Voltando a hoje de manhã, fiz direitinho tudo que você mandou. Do meu jeito. Tenho certeza, pelas nossas conversas, que você não há de desgostar.

Ontem havia passado no açougue depois de ver sua mensagem e encomendado duas galinhas a serem mortas hoje pela manhã. Como combinado, passei lá às sete da noite, logo depois de fazer o post da Helena. Peguei as duas galinhas, uma para mim, outra para você, junto com o sangue de uma delas. Subi para alguns sites diferentes (eles vão espalhar rapidamente) os três vídeos que eu havia editado com muito cuidado, semanas atrás: com a Helena, com o procurador e com a Lisandra; e vim preparar a comida daqui de casa.

Comecei preparando a farofa: os miúdos picados e refogados na cebola e alho, misturei com a farinha e despejei um pouco do sangue, tomando cuidado para não empapar. Como uma farofa à cabidela. Depois umas passas amarelas para arredondar o sabor. Enquanto preparava, seguindo suas instruções, rezei para Olomowewê. Foi difícil, porque não sei se acredito que Pilar e Olomô são mesmo coisas diferentes. Mas trato é trato. Terminada a reza e a farofa, voltei-me para o prato principal. Precisava estar presente para não fazer bobagem e esquecer algum ingrediente.

Limpei bem dentro das galinhas e as deixei marinando numa mistura de água e cachaça mineira, cravo, canela, açúcar mascavo, sal, louro e pimenta do reino. Torrei uns grãos de cominho e juntei um pouco de zimbros. Receita da chef americana Alice Waters, originalmente para peru. Mas fica incrível com galinha também.

Assim que você avisar, tiro a galinha da geladeira, coloco no forno com umas laranjas, cravo e cebolas dentro para dar gosto, e um pouco de manteiga temperada embaixo da pele para ficar crocante por fora e úmida por dentro. Aí devoro a minha e deixo a sua guardada para quando você quiser. Estarei pronto, e acho que ambos vamos ter uma bela refeição. Mas aviso, o ideal é que o marinado atue por 72 h. Podendo, me dê esse tempo.

De um jeito ou de outro, você vai provar da minha cozinha.

Vejam se gosta.

Axé,

New, Oritundê.

5 COMENTÁRIOS:



Laroiê 7 DE JULHO DE 2014, ÀS 5:32AM
Parece bom.
Reforce a dose de farofa.



Newton Fernandes 7 DE JULHO DE 2014, ÀS 11:39PM
Combinado.



Laroiê 8 DE JULHO DE 2014, ÀS 06:21PM
Estamos na reta final.

Aguarde instruções.



Newton Fernandes 8 DE JULHO DE 2014, ÀS 06:29PM
Jura? Calma!



Laroiê 8 DE JULHO DE 2014, ÀS 06:51PM
Sem chororô.
Aproveite o dia.

Euá apareceu para a próxima lição na hora combinada. Esperou, esperou, esperou, mas nada de Iansã. Foi até sua casa e bateu na porta: nada. Ouviu então um grito vindo de dentro. Não sabia se era medo ou dor, nem deu tempo de pensar. Agarrou a primeira pedra que viu e abriu a porta sem perguntar. Correu, seguindo os gritos até o quarto de onde vinha o som. Iansã estava sozinha, olhos revirados, cabelos desgrenhados. Agarrava a terra com mãos e pés e com força, jogava os quadris para o alto e batia com a cabeça no chão. E continuava a gritar, numa convulsão histérica, nua.

A aprendiz largou a pedra e agarrou o primeiro pano que encontrou. Correu até a amiga, cobriu-a, e segurou sua cabeça com cuidado, antes que ela se machucasse. Iansã abriu os olhos de repente, como se acordasse de um pesadelo e, engasgada, falou algo sem sentido:

– O que?! Nanã mandou... o sujeito chegou... eu não sei... estava... Nanã mandou...

– Shhhh – recomendou Euá – Calma. Respire um pouco depois me explique o que foi isso?

– Nanã mandou... – disse Iansã, ainda ofegante.

– Sim, essa parte eu sei.

– Mandou que nos preparássemos para a batalha final.

– Estou ouvindo...

– Mandou que fortalecêssemos nosso axé... mas aí... Eu estava apenas obedecendo a Nanã, eu juro!

Euá continuava confusa, mas preferiu não interromper. Ela iria acabar encontrando a linha da história novamente.

– Você... você sabe como nos comunicamos com nossos filhos? – perguntou a guerreira, tentando finalmente ganhar tempo.

– Sonhos – respondeu Euá, confiante.

– Também, mas não só assim.

Iansã levantou e se cobriu. Estava suada e envergonhada. Explicou que uma vez que uma pessoa fazia a cabeça para um orixá, mandava-se um pedaço de si para a cabeça da pessoa. Apenas esse pedaço poderia tomar o corpo terreno, e os sonhos eram a única forma dos orixás e dos filhos, se reunirem. Mas quando a ligação era forte entre a pessoa e o orixá, do Orum podia-se invadir os olhos dela, ver e sentir o que ela sentia.

Quando Nanã mandou que todos se preparassem para a guerra e fortalecessem seu axé, Iansã havia resolvido bisbilhotar alguns de seus filhos para saber o que mais poderia fazer para que eles lhe mandassem mais axé. Espiou em um, em outro... (os filhos de Iansã são sempre muito zelosos de seu orixá, o que fazia a visita muito mais fácil) até que chegou numa menina jovem e linda. Toda faceira.

– Quando baixei nos olhos dela, ela estava numa casa meio escura, com um rapaz lindo. Eles se beijaram, se abraçaram... eu tentei sair mas...

– Sei... – disse Euá, rindo e se levantando. Não era nada sério, afinal. – Vocês aqui também... – e interrompeu a frase, olhando para o ventre mal coberto de Iansã.

– Não, pelo menos não eu, não que eu saiba. Meu marido acho que veio para cá também, mas Nanã não nos deixa ir à montanha dos homens para saber. A não ser quando for para lutar.

– E você faz tudo que ela diz?

– Você não conhece Nanã. Ela parece velha e fraca, mas ninguém aqui, digo, todas nós juntas não podemos com ela. Ela fala, eu obedeço. Não vou do lado de lá de jeito nenhum. Aí acho que fiquei

sensível...

Euá sorriu sem graça e se levantou, dando as costas para Iansã.

– Ei, você nunca...? – perguntou a guerreira nua.

– Não totalmente.

– Que tristeza, minha amiga! Então temos que terminar essa guerra logo para você poder namorar um pouquinho!

– Não precisa. Além do que, eu não gosto de guerra. Não tem como convenceremos Nanã de parar com isso?

– Minha filha, essa guerra precede a nós e às que vieram antes de nós, muitas e muitas vezes. Nanã não se cansa. Ela diz que nós, jovens, somos muito impacientes e preguiçosas, e que é a preguiça que estende a esteira para a fome. Essa guerra só acaba quando termina. Se você quer arrumar um namoradinho, melhor ajudar.

– Vamos deixar desse papo besta. Só quero me ver livre dessa conversa de guerra o tempo todo. Ou sou só eu que não aguento mais esse ar pesado?

– Falando em ar, Coloquei sua história num pé de vento. Agora todo mundo sabe – disse Iansã.

Euá não entendeu. Não sabia o que era um pé de vento, nem como isso poderia espalhar alguma coisa além de poeira. Onde já se viu vento espalhar notícia? Porém uma coisa que aprendeu nesses poucos dias no Orum é que a vida seguia uma ordem mais *flexível* lá do que no Aiê. Tentaria se adaptar. Preferiu perguntar apenas sobre as implicações:

– Então a partir de agora todo mundo sabe que eu odeio galinha, é isso?

– Não só isso. Que você é a orixá das ideias, dos mistérios, do cemitério... e que odeia galinha. Tudo que combinamos. Agora seu axé vai começar a ficar mais forte também. Só cuidado quando entrar na vista de menina nova, já viu o que pode acontecer!

Euá repreendeu Iansã com um olhar. A veterana continuou:

– Se lembrar de mais coisas, ou se passar a odiar outras coisas também, me conta. Meu vento é um mensageiro dos melhores.

(Silêncio no lado de Euá.)

– Ah, e não é só *a partir de agora*, como você falou. Ninguém lhe explicou que a gente agora vive no centro do tempo?

– Não.

– É o seguinte, vou tentar explicar do meu jeito o que me explicaram antes. O tempo, essa coisa com começo, meio e fim que a gente vivia no Aiê, só parece uma coisinha reta assim porque a gente nasce e morre e não sabe o que acontece nem antes nem depois. Quando se chega aqui, a gente enxerga o tempo como um círculo. Olha só: ao redor dessas montanhas tem uma floresta. Depois vem uma planície descoberta, onde encontramos com o povo que vem em sonhos, para eles não terem que vir aqui em cima nos incomodar (Naná que organizou isso, ela odeia visitas). Depois tem a Floresta dos Chegados, de onde você veio. E depois...

– Depois tem um rio.

– Isso, um rio! Um rio... diferente. De que lado você veio?

– Do lado onde o rio encontra a floresta, ora. Já lhe contei isso.

– E se eu te dissesse que esse rio segue a floresta até chegar de volta nele mesmo?

– ?

– É um rio circular. Em volta da floresta inteira. Ele é calmo quando somos nós que estamos lá, mas se alguém do Aiê tenta atravessar, ele se balança até derrubar o safado. Como uma muralha de água!

– Por que ninguém sabe disso no Aiê?

– Porque eles não têm imaginação nem curiosidade para continuar andando em volta. O rio Igba é tão grande que a curva parece reta, eles se confundem e acham que é um rio como os outros, só que encantado para não atravessarem. E aí não procuram saber mais.

– E o que isso tem a ver com o tempo?

– Bom, esse rio foi ideia de Iemanjá, que gosta de água mexida. Ela chamou o rio de o Rio do Tempo. Quando nós atravessamos aquelas águas, e nós podemos porque somos daqui, podemos ir a qualquer tempo do mundo. Para quando você nasceu, quando você virou orixá, ou bem antes ou muito depois. Qualquer dia.

– Isso é...

– Incrível, eu sei!

– Ia dizer complexo...

– Se você continuar com essa cara de confusa, vou desmentir sua reputação de criativa. Achei que você tinha cabeça de artista.

– Hmmmm.

– Você vai acabar entendendo, e aí vai descobrir que não é bem assim – disse a voz grossa de Exu, que entrava mais uma vez na conversa como se estivesse ouvindo há tempos.

Ele precisava parar com isso, pensou Iansã. Não gostava da ideia de acordar nua e encontrar Exu a observando do escuro. Preferiu não chamar atenção naquela hora, no entanto.

– Já começaram a me pedir pra levar vocês duas para um monte de trabalhos por aí. Estão prontas? Tenho um bem especial nas mãos.

Exu deixou que Iansã se vestisse e caminhou com as duas orixás para a borda da montanha, bem de onde podiam ver todo o desenho que Iansã havia explicado. De lá, Exu pediu que Euá se tornasse bruma, Iansã virasse vento e levasse a amiga no lombo. E indicou a direção:

– Vão naquele sentido, que encontro vocês lá.



A garoa, o vento fino e a neblina já estavam lá quando Euá e Iansã chegaram à praça em frente a uma pequena casa branca de parede lisa e reta como Euá jamais havia visto. Parecia de pedra, mas não havia pedra tão lisa nem tão branca. Tudo ali reluzia, menos elas, que pareciam transparentes, invisíveis para os presentes. Um povo estranho, há que se dizer. Vestiam-se todos de branco, mas com roupas esquisitas, que lhes enrolavam as pernas, peito e braços. As peles tinham diferentes cores, alguns narizes eram grossos como os deles, outros finos e sem graça. E os cabelos? Havia tantas cores... alguns eram escorridos como água. Coisa de mau gosto, pensou Euá. Não era um tempo nem um lugar que ela conhecia, sem dúvida. Precisaria se acostumar com esse tipo de coisa.

Havia uma caixa de madeira no meio da praça, pousada ao lado do desenho de um arco e flecha feito no chão, entre a casa e uma magnífica gameleira envolvida com um pano branco, como toda árvore sagrada deve se vestir. Uma fila de gente se alinhava para chorar o que havia dentro da caixa. O que havia, não. Quem. Uma senhora distinta, com rosto de quem fez na vida tudo que deveria ter feito. A falecida parecia importante e, mais ainda, muito querida. Era sem dúvida a dona daquele lugar, zeladora de todo aquele axé.

De dentro da casa, passando pela porta de onde caía um delicado ramo de palha da costa, saiu um homem alto, alinhado com as roupas daquele tempo. Até se pentear Exu havia se penteado. E mesmo ele, que sempre ria e brincava, naquela manhã parecia triste. Cumprimentou alguns presentes, como

se fosse conhecido de todos ali, e se aproximou de onde estavam os corpos invisíveis das duas orixás.

– Você, vem comigo – sussurrou para Euá e caminhou na direção da fila.

Um senhor pequeno e bem velho, de pele ligeiramente pálida (vários deles pareciam não ter cor na pele, uma estranheza), aguardava sua vez de se aproximar da homenageada. Exu chegou perto, bateu três vezes nas suas costas como se o cumprimentasse e, quando Euá percebeu, foi sugada em sua direção. Tudo se apagou.

Ela se sentiu estranha, desconfortável. Seu braço agora estava coberto por aquele tecido branco. Seu pescoço, amarrado nele. Suas costas estavam fracas... ela olhou suas próprias mãos: mãos de um homem velho e sem cor. Ela estava dentro do corpo do senhor, no meio da fila!

– Sua vez, Seu Santinho – disse uma menina próxima.

Euá, naquele seu corpo estranho que mal lhe cabia, olhou para Exu, sem saber o que fazer.

– Hora de desfazer a ligação da cabeça dela com seu orixá. – disse ele, baixinho, passando a mão no alto da própria cabeça.

Euá nunca tinha feito isso antes. Exu, entretanto, parecia confiar que ela saberia o que fazer. Como a senhora antes dela, se abaixou, e chorou. Um choro de verdade, que ela não sabia de onde vinha. Como se captasse a tristeza de todos ali. Com as lágrimas lhe correndo o rosto, Euá levou a mão à cabeça da senhora a sua frente e lhe acariciou o cocuruto. Sentiu uma pequena cicatriz. Havia de ser ali. Como se fechasse por fim a abertura daquele corpo ao mundo encantado, pousou os dedos com leveza e se concentrou. Todos pareciam curiosos com tamanha quebra de protocolo, mas ninguém fez nada para impedir. Esse *Seu Santinho* deveria ser mesmo muito respeitado. Euá sentiu seu rosto abrir-se num sorriso delicado, como se o homem que possuía ainda estivesse um pouco ali. Ela beijou a testa fria da senhora e deu lugar ao próximo da fila.

Na entrada da casa, Exu e Iansã aguardavam. Ela caminhou com o passo que pôde, em seu corpo cansado, dispensando aqueles que se oferecerem para ajudar.

– Preciso ficar sozinho. – disse Euá, do corpo do homem.

Entraram os três na casa e atravessaram a sala ampla, com chão de madeira e teto enfeitado, em direção a uma cadeira de espaldar alto como um trono, emoldurado por uma pintura colorida de uma mulher com cauda de peixe, que muito lembrava Iemanjá. Na cadeira, sentada orgulhosa, à espera dos três, a mesma mulher que do lado de fora parecia adormecida, serena e alegre. Toda enfeitada, com roupa de festa. Um pano lindo enrolado na cabeça. Estava levemente transparente, como eles. Não havia mais ninguém na sala. Apenas os quatro. Exu tomou a frente e a abraçou.

– Mojubá?

– Meu amigo – disse ela, com doçura. – Bem-vindos à minha casa.

– Já querida.

O mensageiro chamou o senhor que Euá vestia.

– Bela escolha –, disse a célebre dona da casa.

Abraçaram-se. Primeiro de um lado, depois do outro, como faziam os antigos, depois ela desenrolou o pano que lhe cobria a cabeça. No mesmo instante, um fio dourado se formou a partir do alto de sua cabeça. E do outro lado do fio, Nanã. Não a mesma Nanã que Euá conheceu no Orum. Parecida. Como se fosse uma versão um pouco menor, um pouco mais nova e com traços que misturavam o da orixá que conheciam e os da senhora à sua frente. Ela mesma disse:

– Que bom que vieram.

– Claro que vínhamos – respondeu Exu, acariciando-lhe o rosto com uma ternura que ninguém ali jamais havia testemunhado, mas logo depois se distraíndo com algo que vinha da direção da porta.

Atenta a tudo, a dona da casa não pode deixar de notar o farejo discreto do gigante. A comida cheirava bem, ela sabia. Sua casa era famosa por isso.

– Eles fizeram as comidas de que vocês todos gostam. E mais um punhado de tapioca, baião de dois, caldinho de tutano, queijo de coalho, mel de engenho com pimenta... – descreveu ela com muito gosto. – Vai lá provar.

Quase constrangido, ele obedeceu. Iansã jamais havia visto o mensageiro ser tão delicado com quem quer que fosse, mas não se surpreendeu quando ele aceitou a oferta de comida. Tudo que ela parecia pensar, no entanto, era no fio dourado. Não queria causar dor àquela senhora que todos pareciam amar tanto. Como se ouvisse seu medo, Euá disse:

– Desse fio cuidado eu.

E soprou uma névoa mansa na direção das duas.

Pode demorar um pouco, mas acho que vai funcionar. – disse ela.

A dona da casa deu mais uma olhada no lugar. Seguida por sua pequena Nanã, tocou de leve os enfeites coloridos do teto, os atabaques por trás da pequena mureta, a estátua do homem montado que caçava um monstro que parecia um filhote de crocodilo com serpente, a cadeira onde ela mesma se sentou por algum tempo e, antes dela, sua mãe, e antes disso, sua avó.

Às suas costas, uma búfala enorme lhe aguardava de joelhos:

– Montem em mim – disse a búfala, com a cabeça baixa, em respeito. – Vamos acompanhar o cortejo até que vocês duas estejam prontas para ir.

Exu voltou, boca cheia e tudo. Deu três tapinhas nas costas de Euá, e seu corpo se descolou do senhor que a hospedava. Ele sorriu para ela e lhe abraçou com carinho de um amigo de longa data. O velhinho gentil fez uma reverência para Exu, acariciou a búfala e, enfim, acenou para a amiga em cima do animal.

– Nós nos vemos em breve, minha querida. Mande notícias para sua mãe.

Saíram eles então, montados e a pé, porta afora. Desceram a escada de pedra a tempo de ver um grupo de homens carregando a caixa de madeira até uma estranha carroça vermelha, sem cavalos nem bois, que andava como encantada. Partiram em multidão, seguindo a carroça encantada. Exu, Euá, Iansã e suas duas passageiras acompanharam de perto a procissão, emocionados com a delicadeza das homenagens, dos cantos que diferentemente da língua local, que elas por alguma magia entendiam, eram cantados como nas velhas terras Iorubás, entoados por um senhor de pele escura, roupas brancas, barriga farta, e repetidos pela multidão.

Caminharam, caminharam e caminharam. Quem não cantava, dançava com seus pequenos orixás, numa festa triste e alegre ao mesmo tempo. Seguiram o carro e os cantos até um lugar sereno, onde um grupo de senhoras se reuniu em círculos para um canto na língua local, cantado repetidas vezes com tanta força que, a cada repetição, o brilho da homenageada aumentava.

Ave, Maria, cheia de graça,

O Senhor é convosco.

Bendita sois Vós entre as mulheres, e

Bendito é o Fruto do vosso ventre, Jesus!

Santa Maria, mãe de Deus

Rogai por nós, pecadores,

agora e na hora da nossa morte.

Amém!

Euá achou tudo lindo, uma poesia. E tentou se lembrar de um dia vir visitar o velhinho, de preferência quando ele ainda fosse mais novo. Queria conhecê-lo melhor. Mas agora tinha mais um trabalho a fazer. Ela sabia onde estava, podia sentir. O cemitério. Um grupo aguardava em silêncio próximo a um buraco no chão. Invisível, ela foi até lá e pediu que seus amigos da terra fossem carinhosos com aquela que receberiam. Depois disso cumprimentou Exu e disse para as passageiras:

– Que seja uma passagem linda.

Depois virou névoa e foi embora sozinha. Havia feito o seu trabalho.

O mensageiro resolveu ficar um pouco mais para conversar com um rapaz de pele branca, barbado, cabelos longos e escorridos. Ele teria um trabalho para fazer em seu nome. Iansã aguardou de longe enquanto sua passageira acariciou cada um dos quatro filhos, que sorriram como se estivessem sentido o carinho, um a um, depois tirou seu último colar de contas e colocou ao redor do pescoço da irmã, que, mesmo sem saber, levou a mão ao peito em agradecimento. Caberia a ela continuar o trabalho a partir dali.

Àquela altura, o fio de ouro já se havia dissolvido. Iansã, feliz de não ter sido ela a a romper a ligação de alguém tão ilustre, ainda mais com uma filha da própria senhora das senhoras, pediu então que a passageira e sua pequena Nanã montassem novamente. Exu avisaria no Orum que estavam a caminho. Iansã as levaria com conforto, sem pressa.

– Como é que você sabia o que tinha que fazer? – Perguntou Exu para a novata.

Ela deu de ombros, sem entender que modéstia não era o que ele buscava.



Nanã andava de um lado para o outro. Ou pelo menos fazia algo que se parecia com isso, só que para a idade que ela tinha. Não tinha coração nem paciência para ouvir as explicações que Iemanjá dava para a jovem Euá, enquanto juntas aguardavam a chegada de Iansã e da pequena Nanã.

– Viver no Aiê é divertido. Por isso nós mandamos nossas filhas e filhos para lá. Eles se juntam à cabeça de quem oferece a vida aos orixás (que vira nosso filho também) e só saem quando Iku vai buscar o sujeito. Dissolver essa ligação para que esses pedaços de nós possam voltar mais rápido é um trabalho lindo que você faz. Veja como está Nanã esperando sua filha. Imagina se precisasse esperar por luas e mais luas para que a filha chegasse, como antes de vocês duas assumirem esse trabalho?

Iemanjá de repente perdeu a alegria e o entusiasmo:

– Tenho muitas filhas pelo mundo, você deve saber. Mas, como toda mãe, é a filha em apuros que mais me aflige. Toda vez que volta a filha ou o filho de alguém, meu coração sangra em silêncio. Tenho uma filha aprisionada na cabeça de uma mulher tirana que não a deixa nem sair para dançar. Se chama Olomowewê, a minha filha. Só que não era isso que eu queria explicar. Quando Iku vai buscar alguém, a família então faz votos de lembrar da pessoa. Se mantém a lembrança viva, a pessoa um dia volta, para a mesma família. Se for esquecida, fica para sempre entre os eguns, que é um lugar chato, que eu não recomendo.

– Moj... – tentou dizer Iansã.

– Mojubaxé – responde Nanã, antes mesmo que ela acabasse. – Onde está ela?

Iansã então dá passagem para uma senhora pouco mais nova que Nanã, e ligeiramente menor.

– Minha filha! – grita a orixá, com os braços abertos.

– Mãezinha!

A pequena Nanã, apesar de mais jovem, ainda parecia mais velha que todos ali. Correram o quanto

puderam e se abraçaram no meio da sala. A luz das duas juntas brilhou forte, quase cegando quem estava em volta. Um amor tão forte que tinha até cheiro. Iansã ainda não tinha visto nada assim. Mesmo Iemanjá, que não só havia visto tantas vezes quanto vivido aquele abraço ela mesma, chorava emocionada, provavelmente pensando em Olomô.

A luz continuou a aumentar. O aroma também. As luzes das duas, mãe e filha, começaram então a se misturar. As duas aproximaram-se tanto que viraram uma só. Um clarão explodiu, e quando passou, restava apenas a velha Nanã, abraçando a si mesma, com um sorriso saudoso, daqueles que nem se abre os olhos para não estragar. A velha orixá ama com intensidade de mãe e avó ao mesmo tempo. Algo que só o tempo sabe fazer.

– Ela teve uma vida tão boa. Bom saber que histórias assim ainda existem, como nos velhos tempos – disse a velha orixá.

Nanã, num só abraço, havia engolido de volta a filha, suas lembranças e experiências. Dizem que é assim que os orixás ficavam sabendo das coisas do mundo, pelas memórias das danças e andanças de suas filhas e filhos. Aquele havia sido um grande retorno.

– Como é isso de... – Euá estava constrangida de continuar a pergunta e parecer vulgar.

– Fazer filhos? Sua mãe não lhe explicou, menina? – respondeu Iemanjá, antes de cair na gargalhada. – Um dia eu lhe mostro.

Euá olhou para Iansã, irritada, imaginando como ela poderia já ter espalhado seu segredo. Iansã, por sua vez, quase engasgou de rir com a mordida que havia dado num quitute preparado por Nanã para sua volta.

– Não se preocupe – tranquilizou Iemanjá – Aqui fazemos nossa prole sozinhas. Assim como os homens também. Não precisamos dormir com ninguém para isso. Eles já nos forçam a ser dependentes demais para precisarmos deles para parir. Pelo menos nisso aqui é melhor que o Aiê. Mas se o que você quer saber é se aqui nós também...

– Não, Iá. Era isso mesmo que queria saber. Sinto-me melhor agora.

Iemanjá achou exagerada a reação da menina. Cuidaria disso mais tarde, talvez. Agora era hora de celebrar a felicidade da amiga. Não era sempre que ela deixava a ranzinze de lado, afinal.

– Iá, pode me responder uma pergunta? – disse Iansã, que então se aproximou.

– Já que ganhei o papel de professora por hoje, pode sim. – respondeu Iemanjá.

– Quando estávamos no Aiê, Euá tomou o corpo de um sujeito. Um homem pequenino e curvado de tão velho. É possível para qualquer daqui tomar o corpo de alguém de lá?

– Nem sempre, minha filha. Com Exu por perto fica mais fácil. Por quê?

– É que, quando Euá estava lá, vestida no corpo do velhinho, eu lembrei de uma coisa... Quando meu padrasto me atacou, lembro de ter achado que ele parecia estranho. Como se não fosse ele. E ele repetia uma coisa estranha, como um canto, “eterno senhor das gerações”: fico imaginando se você já ouviu isso antes?

Iemanjá sorriu como se não soubesse e foi abraçar a velha amiga, que acabava de receber a filha de volta.

– E o rio, vocês já sabem o que aconteceu? – perguntou Exu, interrompendo a festa.

Iansã e Euá não sabiam do que se tratava, mas era claro que a interrupção não agradou as duas velhas orixás.

– Você sabe melhor do que nós – grunhiu Nanã.

– Mais um ato de tirania! – complementou Iemanjá.

– Aqueles malditos decidiram que o poder do destino era deles. Ninguém nunca disse por quê. Eles apenas decidiram. E quando nós tentamos pegar um pouco, eles nos chamam de bruxas e

guardam o poder de volta para eles – explicou Nanã, de repente ranzinza de novo.

Iemanjá completou:

– Logo antes de vocês chegarem, eu entrei lá escondida e cavei um buraco do lado do lago das adivinhações, onde eles enxergam o futuro dos homens que os consultam através do jogo de búzios. Um buraco não muito grande, só o suficiente para que um pouco dessa água escorresse até aqui. E funcionou. A água desceu o morro deles com tanta força que conseguiu impulso para subir a nossa montanha e correr aqui dentro, até o outro lado, e escorrer para fora de novo. Desse rio, não dava para ver tudo que eles veem do lago, porque as águas correm muito mais rápido. Mas dava para ver alguma coisa. Aí vieram eles ontem e fizeram um feitiço que faz a água correr no sentido contrário do tempo, e agora, para ler a história, temos que ler de trás para frente, lendo o que aconteceu em vez do que vai acontecer. Quem precisa de uma adivinha que lê o passado?

– Depois nós somos as bruxas – disse Nanã.

Exu deu uma gargalhada boa, que atraiu olhares desconfiados quase que de imediato.

– Não me perguntem como isso aconteceu. Nessa guerra entre vocês, eu prefiro ser apenas o mensageiro.

– Não me venha com essa, rapaz – disse Nanã. – Você tem uma tromba pendurada entre as pernas. Vai sempre ser um deles.

Exu pensou em fazer uma piada sobre o tamanho da tromba mas ficou quieto em respeito a grande senhora. Também não contou que, na outra montanha, a dúvida era ainda maior.

– Falando em guerra, fiquei muito impressionada com você, menina – tomou a conversa Nanã, apontando para Iansã. – Se você se dá tão bem com os eguns, talvez possa fazer com que eles se juntem a nós, porque eles por enquanto só ouvem o velho Oxalá.

Iansã entendeu a missão. Ou quase. Até agora apenas havia levado alguns novos eguns até seu lugar. Não conhecia os que moram lá há mais tempo. Saberá em breve. Era um compromisso.

Foi quando chegou Iku e todos se calaram. Mesmo na casa de Nanã, mesmo no reino dos encantados, ninguém se alegra nem se solta quando Iku está por perto. Dessa vez, no entanto, o orixá da morte parecia estranho. Bateu na porta e não quis entrar. Pediu e insistiu que Nanã fosse até o lado de fora ter com ele. Iansã agora sabia o motivo. Euá estava lá. Quase fez uma piada, mas preferiu deixar para outro dia. Não queria provocar o orixá errado.

Iku queria apenas prestar contas com sua mestre. Não demorou muito e Nanã já voltava para dentro, se despedindo à distância. Mesmo Iku não entendeu, portanto, como Exu, que estava dentro da casa quando ele ameaçou entrar, estava ali, do lado de fora, interrompendo seu caminho para casa.

– Mestre Iku, o grande campeão da vida. Preciso tanto de um favor...

Iku não respondeu. Essa era sua maneira de pedir que continuasse. Uma negativa teria vindo rápida. Exu prosseguiu:

– Tem uma pessoa muito má, que preciso que você mate para mim.

– Não – respondeu rápido, dessa vez.

– Sei que você só recebe ordens de Nanã e tal, mas esse é um caso diferente.

– Não.

– E se... Euá lhe pedisse? Digo, foi ela que me pediu esse favor. Ela precisa fazer um trabalho... mandou que eu lhe dissesse que ela vai lhe chamar um dia e você precisa terminar a pessoa, para que ela possa fazer a parte dela.

– Iku só promete se ela não estiver por perto na hora. Não quero que Nanã fique brava com ela se eu fizer algo errado.

– Prometo que não estará.

E foi embora correndo, sem se despedir.

Exu então aproveitou que Iansã estava indo embora para ir também. Tinha muito a fazer para organizar seu plano. Ofereceu-se para acompanhá-la até sua casa, sem que ela soubesse, ao menos naquele momento, que ele tinha um destino bem diferente em mente.

Caminharam juntos pelo que Exu disse ser um atalho. Ela logo notou que era tudo menos aquilo. Estavam indo na direção errada. Como Iansã é curiosa, resolveu não interromper. No meio do caminho, Exu perguntou:

– Preciso de um favor: você poderia levar uma alma para mim? O problema é que não pode carregar para a terra dos eguns não. Preciso que a entregue em um outro lugar.

– Você está me pedindo para sabotar o plano das mulheres e ajudar os homens?

– Não! Já disse, nessa guerra de vocês eu fico de fora. Não tenho nada a ver com isso.

– Mesmo assim, não vou desafiar Nanã assim por nada.

– E se eu dissesse que esse sujeito fez algo imperdoável, que precisa de uma lição?

– *Você* falando de imperdoável? Tenho até medo de perguntar do que se trata.

– Incesto. O sujeito dormiu com a própria mãe. Não a mãe de sangue, a mãe de axé.

Iansã parou... considerou um pouco, e respondeu:

– Dá no mesmo. Foi forçado?

– Não. Por vontade mesmo.

– Deixa eu pensar um pouco nisso. Você sabe que incesto é meu maior tabu. Não gosto de quem comete essa atrocidade.

– Sei. Deixa eu adocicar o trato?

Sem explicar, ele correu. Iansã, que já conhecia a graça do mensageiro, foi atrás, curiosa com o que ele tramava dessa vez. Seguiram por algum tempo correndo ladeira acima entre as árvores ao redor do pântano do topo da montanha, até que a copa das árvores se abriram novamente. Estavam na beira da bacia de pedra. Bem diante da segunda montanha Igbadu, linda e soberana, apontando para o topo do céu.

– Você ainda sabe soltar raios?

– Sei, por quê?

– Disse a um amigo do outro lado que lhe traria até ele. Você só precisa soltar três raios para ele saber que está comigo.

– Nem pensar! Você quer mesmo que eu me complique com Nanã, não? Ela nos disse que não podemos ir lá...

– Ela não vai se incomodar. Não com os raios, pelo menos. Acredite em mim. Três raios apenas. Não vai se arrepender. E não vou te levar até a outra montanha. Tenho um plano muito melhor: meu muquifo fica bem no meio das duas montanhas. Território neutro.

Iansã suspirou. A tentação era grande demais. Fechou os olhos e cerrou os punhos. As pontas de seus cabelos se levantaram, como se puxadas para o céu. Era como se roubasse o axé do chão e das nuvens e o segurasse nas mãos. E, de repente, atirou um rastro de luz, três vezes. *Zatr! Zatr! Zattrr!*

Os raios quebraram os céus com sua luz intensa, cortando ao meio três árvores do outro lado. Alguns instantes depois, veio a resposta: *Kaboooom!* Um trovão daqueles que fazem a terra tremer.

Iansã arregalou os olhos de excitação. Seria mesmo ele? Seria mesmo Xangô? Olhou para Exu, que sorria orgulhoso. Ela então decidiu que não precisava nem perguntar. Ninguém mais, no Orum ou no Aiê, seria capaz de um estrondo tão lindo. O trato estava feito.

Laroiê, meu pai,

A melhor coisa de estar foragido é que tenho uma desculpa incrível para escapar da rotina. Hoje acabei mergulhando numa fantasia gastronômica que cultivei por anos: passei a tarde e a noite no Mocotó, na Zona Norte da cidade. Vila Medeiros, para ser preciso. Já havia lido a respeito da história do rapaz que assumiu o armazém do pai, que fazia um famoso caldo de mocotó e que acabou montando o restaurante mais *cult* da cidade de São Paulo. Como não tinha que ir à agência, tampouco dar satisfação a ninguém, cheguei lá por volta do meio-dia e iniciei os trabalhos com disposição de quebrar churrascaria-rodízio. Abri o serviço com a caipirinha de três limões e emendei nos dadinhos de tapioca com queijo de coalho, regados a mel de engenho com pimenta. Rezei um pouquinho para agradecer e continuei, sempre nas porções mini que me permitiriam seguir até à noite experimentando um pouco de tudo. Uma favadinha, caldinho de mocotó e uma porção fofa de baião de dois. Tomei um café e fui dar umas voltas pelas ruas da Vila Medeiros. Acabei tirando um cochilo nos bancos da igreja Nossa Senhora do Loreto, onde tive a impressão de ver diversos corpos transparentes a me olhar e apontar por entre os vãos e vitrais. Voltei ao Mocotó, triunfante e descansado, uma hora depois. Estava pronto para mais.

Pedi um favor: me serviram de entrada a Bruschetta de carne de sol. Normalmente não fariam isso, me disseram, mas não é sempre que um herói aparece por lá duas vezes no mesmo dia. Ofereceram até para fazer uma caipirinha com meu nome e colocar no cardápio em homenagem a esse dia histórico, o que eu aceitei com orgulho. Assim batizaram a caipirinha de jabuticaba como Caipirinha Mauro Lyro, meu nome inventado. Continuei a extravagância com um sarapatéuzinho mimoso e cheiroso, e um atolado de bode. Isso, bode. Nunca se viu um caprino tão macio. Pedi uma cerveja e um café para assentar, fechei com uma tapioca com doce de leite e priprioica; e uma colherzinha de abóbora com coco e outra do mamão do Seu Zé. A essa altura, eles me ofereceram para provar o que eu quisesse, pois quanto mais eu provasse, melhor seria a história que teriam para contar.

Não fosse o estômago chegar ao limite, precisaria de insulina para o resto da vida, porque a última coisa que queria era parar. Sabia que não voltaria mais naquele lugar nem provaria daquela comida que fazia tão bem à alma (e provavelmente mal as artérias, mas que se foda!). Aproveitei até onde pude.

Falando em insulina, somos um casamento de doceiro com diabético, aliás. Eu e você. Você que anda, sem passaporte, entre passado, presente e futuro; eu, que deixo todos esses tempos para trás. Entre nós, apenas esse blog. Vai dar merda, não vai?

Voltei para casa no fim da noite. Deveria ter sido de ambulância, mas foi táxi mesmo. Direto para minha nova morada. Um prédio sem luxo na rua Teodoro Sampaio. Optei por um lugar do mesmo dono de outro apartamento que, anos atrás, usei quando precisei esconder um cliente que era procurado pela polícia e pela imprensa. Ninguém mais do escritório sabia quem ele era, então estou protegido. Quanto ao endereço completo, melhor não publicar aqui para não correr riscos. Imagino que você tenha suas formas de saber.

Meu apartamento foi fácil. Um pouco mais difícil foi achar onde Pilar foi se esconder. Ainda

assim possível, se você sabe como investigar. Pilar não sabe fazer muita coisa por conta própria. Ficou dependente do povo do grupo até para buscar água, que ela só toma mineral, com gás e bem gelada. Quero ver como vai fazer agora... Eu sabia que, se ela havia tentado sumir, alguém a estaria ajudando. Provavelmente o Carlos, seu jagunço oficial, sempre o escolhido para qualquer falcatura ou operação escusa. Foi assim com o caso do envenenamento dos iogurtes, com o processo de incriminação do pobre coitado que ficou no seu lugar... Não seria diferente na hora de encontrar refúgio, não quando o povo do grupo começava a lhe virar as costas depois das notas que saíram na imprensa sobre ela.

Como imaginava, Carlos não era fácil de seguir. Porém, com paciência, vi-o parar nesse lugar em Pinheiros, sempre carregado de sacolas de supermercado. Na primeira oportunidade, mostrei uma foto ao porteiro, seu Valdemar, que a reconheceu com certo estranhamento. “Ela não usa toda essa maquiagem nem se veste desse jeito, mas é essa aí mesmo” – disse ele. E continua bebendo, claro, confirmou o cearense. Nas poucas vezes que dona Nara, o nome que ela usava, encomendou uma pizza, atendeu ao interfone “briaça como uma barata dedetizada”. Certas coisas não mudam.

Agora que sabemos onde ela está, é só esperar a hora certa. Não precisamos ter pressa. Enquanto Carlos ainda estiver indo lá repor a água mineral, nós sabemos do paradeiro de Pilar.

Por coincidência, meu próprio muquifô fica a poucas quadras dali. O lugar é sujo, meio mofado, o único quarto em outros países seria chamado de armário... mas tem internet já registrada (então não precisei me cadastrar para nada). Aceitaram pagamento em dinheiro, adiantado. Tem um fogão até decente. Temos que combinar um pequeno jantar a dois no novo Palácio Fernandes, que tal?

Digo isso e me dá um estalo: ao longo de todo esse tempo, entre acordos e desacordos, sempre fomos garfos platônicos. Falamos de comida, curtimos preparos, trocamos (quer dizer, mandei) receitas... mas jamais sentamos à mesa juntos. Você jamais experimentou qualquer coisa que eu tenha preparado. Hora de mudarmos isso.

Entenderia um eventual receio caso você fosse mulher... poucas na história resistiram à minha panela. Sendo você um espada, o risco à sua integridade, física e romântica, não é tão grande, acredito. Quer dizer... se eu lhe preparar algo ao menos não ganho, quem sabe... uns benefícios extras? Digo, na minha sentença?

Axé,

New, Oritundê.

2 COMENTÁRIOS:



Newton Fernandes 30 DE MAIO DE 2014, ÀS 9:11AM

Hoje, no Facebook, um amigo da Helena perguntou por que ela nunca aparece nas fotos. “Ela” respondeu que era porque está sozinha, tirando as fotos. Mas acho que está chegando a hora de ser mais agressivo.



Laroie 1 DE JUNHO DE 2014, ÀS 11:12AM

Negativo.
Sem redução de sentença.
Você cozinha para mim.
Em breve.
Porque você quer me agradar, e só isso.
Aguarde instruções.

Em vida, Xangô ouvira lendas sobre como a terra engolira heróis que se tornaram deuses gigantes, responsáveis pelas forças da natureza e pelo mundo dos homens. Quando foi ele quem a terra engoliu, o jovem orixá percebeu que jamais havia parado para pensar no que acontecia depois. Para onde a terra os levaria? Quem mais estaria por lá? Como lhes eram atribuídos poderes? Algumas dessas questões foram naturalmente esclarecidas com o tempo. Outras ainda precisavam de instrução.

Uma pergunta o assombrava mais do que todas as outras, contudo. O que haveria acontecido com Iansã? Não havia um dia em que Xangô não acordasse pensando nisso. Teria ela sido engolida junto? Ou morrera ali mesmo e fora viver com os eguns? Uma vez havia perguntado a Oxalá, mas o velho orixá desconversou. Isso foi quando Xangô havia acabado de chegar. Talvez fosse a hora de perguntar de novo.

Ainda estava escuro quando o jovem orixá do trovão se apresentou na casa do grande orixá. Por respeito, Xangô havia se vestido com mais branco do que de costume, evitando os vermelhos poderosos de que tanto gostava, mas que o velho mestre odiava. Era por esses pequenos gestos que Oxalá havia se afeiçoado tanto ao rapaz. Comeram um punhado do milho que o anfitrião havia mandado preparar e caminharam devagar até a beira da montanha. Lá do alto, podia-se ver toda a dimensão do Orum. As Montanhas Proibidas, a Clareira dos Sonhos, a Floresta dos Chegados e, ao redor, numa volta completa, um rio que corria bravo e desembocava em si mesmo: o rio Igba.

Depois disso, uma imensidão que não tinha fim, que em algum momento deveria chegar até o Aiê, imaginava Xangô. Desde que chegara ao Orum, ele ainda não havia cruzado o rio Igba. Tudo que sabia sobre o lado de fora, Xangô havia passado ele mesmo, ainda em vida, ou adquirido através de memórias trazidas de seus filhos. Aquela seria sua primeira vez. Ele mal podia se conter.

– Esse é o Rio do Tempo, o rio Igba – explicou Oxalá. – Do outro lado estão todos os lugares e tempos do Aiê. É só saber o ponto e a hora certos de cruzá-lo.

Normalmente, o grande orixá do pano branco atribuiria a um outro veterano a função de ensinar os mais jovens, mas o instrutor planejado para Xangô não estava nos melhores dias, e, em se tratando de quem era, melhor deixar passar.

Antes de o sol firmar sua cor, mestre e aprendiz cruzaram o rio Igba. Não parecia haver marcação ou sinal algum, mas Oxalá sabia o lugar preciso e o momento exato da travessia.

Era estranho estar num lugar onde nunca estivera antes, e ainda assim se lembrar de tudo. A praça central de Porto Príncipe, Haiti, que, à época de suas memórias adquiridas, se chamava Saint-Domingue, havia sido frequentada por um rapaz chamado Julien, que um dia dedicou sua cabeça para as bênçãos de Xangô. Julien fora o primeiro a quem Xangô enviara um pedaço de si – seu primeiro filho, como chamavam os orixás. Julien foi também o primeiro que mandou esse pedaço de volta, após a sua morte. Xangô tinha muitas saudades.

– Nunca vou me acostumar com isso – disse o jovem orixá.

Oxalá concordou. Depois de tantas e tantas gerações, ele mesmo ainda não achava nem um pouco mais fácil. Ainda mais com um filho de tanto valor. Não era à toa que a estátua de Julien estava sendo inaugurada na praça principal, em frente ao palácio dos governantes. “Ao vingador do novo mundo, o maroon desconhecido” dizia a placa logo abaixo da imagem. Xangô sabia que não havia nada de desconhecido naquele rosto, nem uma coincidência no nome da obra.

Talvez o mulato Julien não fosse tão negro como o escultor havia feito parecer. Talvez preferisse o machado ao facão com que foi representado. Julien jamais havia sido preso a correntes, como aquelas que trazia no tornozelo. Tampouco havia usado conchas como trombetas para chamar os companheiros revolucionários. Contudo, pela sua luta, representava aquilo tudo, isso era verdade. Esse era um orgulho que ninguém poderia tirar de Xangô.

Julien nasceu do ventre de uma escrava africana de Oyó chamada Kikelomo, com um senhor de terras batizado Jacques Barnave. Como mandava o Código Negro, um conjunto de leis que regia a relação entre senhores e escravos, ao nascer o rebento, o pai foi obrigado a alforriar a mãe da criança e se casar com ela. O que fizeram, felizes, por vontade mesmo. Julien nasceu livre, então, numa época em que negros e brancos ainda não se odiavam tanto, na ilha de Saint-Domingue. A pedido da mãe, ainda jovem, foi mandado para a Europa para estudar, mas nunca largou suas raízes africanas e dominicanas. Fazia suas oferendas e cantava para os orixás para a boa colheita e a saúde de todos na sua terra, negros e brancos, como lhe ensinara Kikelomo. Julien tinha boa índole, diziam vizinhos e parentes, mas pouca vontade própria. Torcia por todos, e seguia os mais velhos e as regras como ninguém. Daria um grande advogado, sonhava a mãe. Assim foi. Ele voltou da Europa jurista formado, dessa vez por ordem do pai, pronto para advogar, em doses iguais, pelo seu lado branco e seu lado negro. Um dos primeiros de uma geração de mulatos educados, que poderiam mudar aquela terra.

A situação era outra de quando havia partido, no entanto. De um lado, os brancos de sua Saint-Domingue agora se ressentiam do sangue negro que disputava suas posses. Tratavam mal e malfalavam os de cor, escravos ou livres, africanos, crioulos ou mulatos. Julien, inclusive. O rapaz, que não era de briga mesmo, não se importava. Seguia as regras como podia. Um dia, no mercado, Julien viu Kikelomo ser xingada – não por brancos, mas por escravos. Acusavam-na de cultuar os deuses da fartura que fortaleciam os senhores. Xingaram-na de suja, de traidora. Julien achou a reação ignorante mas não conseguiu defendê-la em público. Era mais forte que ele. A única situação em que o rapaz conseguia se impor era quando tinha as vestes de advogado. Aí sim, ele era convicto, poderoso, cheio de opinião. Nos dias de trabalho mais duro, de casos difíceis, Julien deitava-se na cama com orgulho. “Hoje, fui homem”, pensava.

Até que um dia recebeu uma carta dizendo que não poderia mais advogar. Negros e mulatos não tinham mais direito à profissão. E toda sua hombridade, o que restava dela, foi-se embora. Julien se enrolou na tristeza e, por semanas, pensou em se matar. De que serventia teria ele agora, não podendo mais exercer a própria profissão?

Só não o fez porque uma noite, enquanto caminhava sem rumo pelas vielas de Saint-Domingue, cruzou as avenidas principais, onde ficavam os armazéns e as casas dos ricos, até as ruas de terra batida e pequenas casinhas onde moravam os artesãos e a pequena classe trabalhadora que começava a se formar. Julien chamava o lugar de bairro burguês, mas como piada (e só para si mesmo, pois não gostava de fazer pouco dos outros em público). Numa dessas esquinas com pouca luz, uma pequena aglomeração fazia seu barulho. Um preto alto e de ombros largos, cara de senegalês, convocava os de sangue negro a se juntarem contra os franceses.

– Makandal está falando! – chamaram os passantes, sem perceber que Julien não era daquele bairro. Era a primeira vez que o mulato ouvia falar dele.

Com a cabeça e ombros acima dos outros, Makandal falava bonito, com uma voz poderosa, como se estivesse possuído por um trovão. Ele empolgava a pequena multidão e fascinava Julien. Aquela presença, aquele poder. Aquela revolta. E, se Makandal encantava Julien, por algum motivo que ele não entendeu na hora, o advogado também chamou a atenção do revolucionário. Do alto da pedra de

onde falava, Makandal olhou nos olhos do meio-negro como se o reconhecesse e o chamou para conversar após o comício. Falaram por horas. Depois dias. Meses mais tarde, por ordem do revolucionário, Julien fazia sua cabeça pra Xangô, orixá guerreiro de Oyó, terra de sua mãe.

De repente, sua vida mudou. Julien passou a se sentir forte, poderoso como Makandal. Passou a empunhar sua voz como uma arma, a desafiar quem quer que fosse. Causou tanta confusão que foi obrigado a ir viver escondido entre os maroons – o bando de foragidos que atacavam fazendas e senhores de escravos, em favor da abolição. A Guerra estava a caminho.

Na colônia revolucionária de Makandal, cada um tinha um trabalho. Julien, por sua formação, era o juiz e, às vezes, o executor. Seus companheiros preferiam impor o terror e a paranoia pelo envenenamento, mais adequado à tradição das mulheres, que podiam chegar mais próximas dos senhores de escravos por viverem na casa grande. Havia montado uma extensa rede de contatos que fazia com que qualquer veneno – dos brandos que matam dormindo, aos violentos, que fazem a pessoa secar por dentro e vomitar sangue, chegassem a qualquer casa da ilha. Era só Julien decretar a sentença e... Pronto. Em três dias no máximo, o trabalho estava feito.

Alguns casos, no entanto, mereciam uma justiça mais à vista, mais pública e espetacular. Como aqueles que acendiam pólvora nas feridas dos açoitados, ou os que queimavam com carvão as vergonhas das escravas malcomportadas, e especialmente aqueles que enterravam vivos os fugitivos resgatados, depois de fazê-los cavar a própria cova. Os crimes cruéis eram tratados pessoalmente por Julien, ou, como os foragidos chamavam, Olúgbesan T’Sangó, o Vingador de Xangô.

O Vingador passou a ser visto com o corpo pintado de vermelho sangue, arrastando seu machado duplo pelas noites adentro, batendo-o nas pedras e esquinas. Um espetáculo criado para assustar os brancos. Embora quando a sentença fosse séria, Julien não hesitasse em levar a fantasia adiante e cortar um ao meio; e, quando necessário, atear fogo nas suas casas. Num toque de ironia europeia, Julien usava o próprio bagaço da cana dos senhores de engenho para queimar todas as saídas da casa. Os brancos morriam torrados, pretos como os escravos que maltratavam. Na morte, ficavam todos iguais.

Um dia, o Vingador foi chamado para tratar de mais um caso que havia escapado da justiça. Duas escravas haviam sido acusadas de tentar envenenar seus patrões e foram punidas por eles, que queimaram suas pernas e as deixaram trancadas na senzala, pernas se decompondo em vista aberta, presas por coleiras de ferro tão justas que mal as deixavam respirar. Mesmo as cruéis punições previstas no Código Negro não contemplavam tamanha violência. Horrorizados, 14 escravos aproveitaram a folga de domingo e denunciaram a punição hedionda para as autoridades locais. Depois de muito sofrerem, as escravas faleceram. Mesmo assim, os juízes acabaram absolvendo os senhores de escravos e o feitor, com medo que a escravarada se empolesse demais com o poder de denunciar os patrões. Doze desses escravos foram presos e açoitados como exemplo. Dois fugiram e foram ter com o Vingador.

Xangô, que olhava tudo de longe e ainda se acostumava com a relação com seus poucos filhos, não gostou nada daquilo, tinha um pressentimento estranho. Tentou convencer Julien a não ir. Mandou recados em sonhos. Trancou ruas e provocou toda sorte de empecilhos. Não foi ouvido. Julien T’Sangó, o Olúgbesan, foi até a casa dos fazendeiros. Preparou as portas e janelas com bagaço de cana, quando se preparava para atear fogo na primeira delas, recebeu um tiro que lhe acertou em cheio uma das coxas e caiu, se rasgando de dor. Era uma cilada.

Julien morreu queimado numa fogueira clandestina preparada pelos próprios fazendeiros. Desesperado, Xangô tentou quebrar o mastro que o segurava, para que o filho pudesse escapar, mas, no meio do caminho, Iku, o cavaleiro da morte o impediu – Julien já era dele, e não havia o que

Xangô pudesse fazer. Iku esperou que o corpo de Julien caísse no fogo e, quando o último grito cessou, entrou nas labaredas atrás dele e o resgatou, sem que ninguém o enxergasse. Com a pele ainda borbulhando e apoiado no corpo semidecomposto de Iku, que não pareceu sequer notar o calor do fogo, Julien olhou para o céu, como se perguntasse por que o pai não o havia salvado. Qualquer outro, Xangô teria enfrentado, mas não Iku.

De todos os filhos de Xangô, de todas as épocas, Julien era um dos seus prediletos. E se todo orixá tem ao menos uma responsabilidade na natureza e outra entre os homens, dizem que foi por causa do amor por Julien, e somente depois de sua morte, que Xangô recebeu a responsabilidade de zelar pela justiça.

– Babá... – disse Xangô, olhando para a estátua do vingador maroon. – Por que não transformamos meu filho em orixá?

– Bem que eu gostaria – respondeu Oxalá. – Considerando a batalha que vem por aí, é sempre bom contar com mais um guerreiro habilidoso. Mas não é assim que funciona.

O velho orixá falou e calou, denso e sombrio, como quem quisesse que o assunto continuasse dali. Era para isso que eles haviam ido até lá. Não para falar de Julien, mas dessa tal guerra que estaria por vir. Xangô fingiu não entender, não deixou que Oxalá mudasse de assunto:

– O rapaz tinha tanta coragem... – insistiu Xangô.

– Eu sei, meu filho. Mas para virar um de nós, a terra teria de o ter engolido antes de a morte vir buscá-lo. Uma vez que Iku o levou, ele vai para o mundo dos eguns, não dos orixás. Para virar orixá, o indivíduo tem que acordar de corpo e alma na Floresta dos Chegados, tal qual aconteceu com vocês.

Xangô baixou os olhos, resignado, mas não tentou esconder o sofrimento.

– Não se preocupe, você poderá encontrá-lo outras vezes. Olúgbesan chegou com honras ao mundo dos eguns, e eu já mandei avisar que ele seria o novo líder da falange guerreira entre eles. Os eguns sempre nos auxiliam. Dessa vez, quando a grande hora chegar, poderemos contar com eles sob o seu comando. Lutando ao lado de Julien.

– Eu, babá? E o senhor?

– Eu não entendo nada de guerra, meu filho. Prefiro ficar tranquilo no meu canto. Não fosse essa obsessão de Nanã por bagunçar as coisas, logo ela que diz que não gosta de desordem, veja você, eu jamais deixaria uma briga acontecer no Orum. Mas se é para guerrear, que nos defendamos com honra. E você será fundamental para isso.

Oxalá então tomou o braço de Xangô e partiram, caminhando sobre as águas do tempo, de volta para casa, no Orum. Embora ambos soubessem que o outro não havia esquecido, por alguns dias nenhum dos dois falou novamente da tal batalha.



A frustração era imensa; a raiva, absoluta. Não importava quantas vezes elas as venciam, elas sempre tentavam novamente. Até então, o plano sempre havia sido claro. Naquele dia, no entanto, no lado dos homens das montanhas Igbadu, reinava a confusão. Trezentas vezes elas haviam tentado roubar o poder que pertencia aos homens por direito, mas sempre roubar, nunca destruir. Aquela era a primeira vez que elas o haviam sabotado de uma forma tão irresponsável que ambos os lados, homens e mulheres, não tivessem mais como olhar o futuro. Essa era a teoria de Ifá, o orixá da adivinhação e o grande responsável em dizer aos babalaôs o que fazer, toda vez que eles jogavam os búzios.

– O lago mágico deveria ser sagrado mesmo para os orixás – reclamou Ifá para o grande Oxalá.

– Essas meninas... alguma coisa elas têm na cabeça. Talvez queiram negociar que, se consertarem o sentido das águas, os dois lados poderão usá-las? – considerou Oxalá.

– Só no dia em que me extinguirem.

Extinguir. Orixás, visto que não estão vivos, não podem morrer. Mas podem ser extintos. Por esquecimento, que leva à falta de axé; ou por feitiço forte, como venenos e poções, que lhes queimem desde dentro. Ifá levava sua função a sério e jamais permitiria que ninguém mais lhe tomasse a responsabilidade. Muitos orixás haviam chegado e partido desde que Ifá construía a fonte da adivinhação; mas nenhum deles jamais tivera a chance de tocar aquelas águas. E se os próprios habitantes da Igbadu masculina não podiam, o que dizer das mulheres, com suas fúrias, intrigas e pendor aos feitiços? “Não!”, defendia Ifá a quem quer que perguntasse. Aquela era função de um homem. Um homem apenas. Ele mesmo.

Dias antes, porém, uma das mulheres deve ter voado até o topo da montanha, onde fica o lago das adivinhações, e cavado um buraco na margem do lago, por onde escorreu um fio das águas do destino. O fio engrossou e desceu com tanta força pela encosta da montanha que chegou ao topo das terras comandadas por Nanã. Qual daquelas bruxas havia cometido o crime, não importava. Havia penas ao redor da água. Haveria de ser alguém de lá.

A invasão foi mantida em segredo, porque Ifá não era afeito a dividir muito. Apenas ele e Oxalá sabiam o efeito daquele roubo. Isso, um roubo da água mágica.

– Não é a primeira vez que elas tentam nos roubar, não sei por que o susto – caçoou Oxalá.

– Babá, é mais que isso. É uma afronta elas virem aqui e cavarem nosso chão, roubarem nossa água. Nós não vamos na terra delas.

Era verdade. Apesar das diferenças, uma regra sempre se manteve intacta. O reino de um era o tabu do outro. Oxalá e Nanã sempre deixaram isso muito claro. Talvez a velha orixá estivesse perdendo o controle sobre as suas? Ou talvez houvesse algo mais perigoso em tamanha ousadia? Ifá fez o que pôde para preocupar o velho senhor dos orixás masculinos. Em vão. Quem tem o tempo a seu dispor não se assusta com o instante.

A ousadia de roubar-lhes a água, todavia, não era o que mais assustava. O efeito era o problema. Depois de alguns dias, e sem explicação, o rio mudou de sentido. Em vez de cair montanha abaixo, passou a subir montanha acima, num processo longe da elegância natural de que os orixás daquele lado tanto se gabavam, um feitiço sujo, “típico daquelas mulheres traiçoeiras”, mas que sabiam que, cedo ou tarde, Ifá conseguiria uma forma de interromper o escoamento, e seus poderes de adivinhação morreriam com as águas. Agora, precisavam consertar esse problema antes de fechar o rio roubado. Enquanto isso, o futuro era de ninguém.

Teimoso e obstinado, Ifá não deixou que ninguém mais chegasse ao topo até que ele entendesse o que se passava. Nem mesmo os 16 príncipes do destino que o auxiliavam podiam chegar às margens do grande lago. Até porque não havia serventia para tanto. Para ler as águas do destino que corriam ao contrário, para saber o passado, que era a única coisa que elas revelavam, era preciso apenas memória, um poder menor que até os seres do Aiê possuíam.

Sem ideia do que fazer, sentou-se em seu trono diante das águas e aguardou. E esperou, quieto e calado. Talvez aquelas águas se comovessem e mostrassem o que havia acontecido. Ifá estava decidido, sentaria ali até o axé resolver lhe iluminar com uma resposta.

E assim ele fez. Aguardou, aguardou... até que uma sombra apareceu por detrás de uma árvore, do único caminho até o topo. Paciência e fé nunca falham.



Xangô não estava envergonhado. Admitia a culpa, sim, mas não havia feito por mal. Um julgamento questionável do ponto de vista de Ifá, mas, visto que Xangô havia assumido o poder sobre a justiça, quem haveria de questioná-lo em público? Mesmo assim, explicações eram devidas: o que ele estaria fazendo ali? A pedido de Oxalá, a quem Xangô respeitava tanto, o príncipe de Oyó justificou:

– Tenho vindo aqui me lembrar – disse ele: – já que as águas agora estão correndo para trás, eu podia usá-las para assistir a meus últimos dias com Iansã, babá, e tentar descobrir o que houve com ela.

– Sabia que haveria uma delas na história! – gritou Ifá. – Certamente ela lhe enfeitiçou para isso!

– Como foi que soube do sentido das águas? – interrompeu Oxalá, achando graça da ira de Ifá.

– Exu me contou – respondeu Xangô. – Ele mesmo me trouxe até aqui. É muito sabido o menino.

Oxalá não parecia surpreso. Entretia-lhe o fato de Exu conseguir manter, mesmo ali, a imagem sem responsabilidade de menino brincalhão. Ele mesmo continuou o interrogatório, pois Ifá parecia muito agitado para fazer qualquer pergunta inteligente:

– E imagino que o que aconteceu tem algo a ver com essas pequenas pedras de raio que encontramos entre os arbustos?

– Pedras de raio! – gritou Ifá: – Você não me disse nada sobre pedras de raio! – e dirigindo-se a Xangô: – Seu moleque...

– Sim, babá. – interrompeu Xangô, se controlando para não desrespeitar um mais velho.

– Estou ouvindo – ordenou Oxalá.

– Estávamos assistindo aos momentos em que Iansã e eu nos encontramos, nossas noites juntos... quando notei que Exu estava se empolgando demais com o que via, pedi que parasse e me mostrasse o que mais esse lago podia fazer, agora que mostrava apenas o passado. Então ele me mostrou a verdadeira razão de haver me trazido até aqui. Se o lago mostrava o passado, eu poderia usá-lo para enxergar o que as pessoas haviam feito de verdade.

– Interessante... – disse Oxalá, causando ainda mais ira em Ifá.

– Tenho recebido muitos pedidos de justiça desde que você me deu tamanha responsabilidade, babá, e lhe sou muito grato. Porém, às vezes, desconfiava, as pessoas mentiam. Pediam por justiça porque alguém as havia desonrado, roubado, traído... mas, embora quase sempre dissessem a verdade, havia os espertinhos que abusavam de nossa boa vontade e pediam que eu atuasse contra aqueles que eles mesmos haviam lesado. Essas águas correndo ao contrário me permitem saber exatamente o que aconteceu. E operar a justiça verdadeira.

Xangô abriu a mão, mostrando um punhado de pequenas pedras de raio.

– Quando entendo quem é o culpado, pego uma dessas pedras menores e jogo na superfície, mas tem que ser assim, de lado, para que ela não pare no fundo...

Ao que Xangô se preparava para demonstrar, Oxalá segurou sua mão, impedindo que Ifá gritasse os insultos que já lhe subiam a garganta. Xangô entendeu o recado e continuou:

– É importante que sejam pedras pequenas e só na superfície, porque as grandes podem causar um dano muito grande...

Foi aí, nessa hora, que a culpa tomou o rosto de Xangô.

– Como você sabe? – perguntou Oxalá.

– Quando Exu me trouxe aqui pela primeira vez, o lago ainda corria no sentido correto. Fui eu que o estraguei.

Ifã gritou um urro sem palavras e avançou sobre Xangô, que se pôs em posição de combate. Teria sido uma surra de um lado só entre um velho e um jovem forte como Xangô, não fosse Oxalá ter estendido a mão e, sem o tocar, suspenso Ifã no ar. O que já devia ter acontecido antes, pois o velho dono do lago continuou a protestar sem cerimônia alguma. Protegido, Xangô continuou:

– Ele me mostrou uma mulher, pele cor de leite, cabelo escorrido e colorido... ela era velha e encantava uma cobra negra como piche. A cobra enrolava o corpo de uma menina. Exu ordenou ao rio que se aproximasse para que pudesse ver o rosto dela...

– Como ele sabe fazer isso? – gritou Ifã, ainda suspenso no ar. – Babá, a culpa é sua que continua deixando Exu fazer o que quer!

– Você não quer se meter com Exu – disse Oxalá. – Continue, Xangô.

– A menina, enrolada na cobra, era minha mãe Iemanjá. Não ela de verdade, mas uma filha dela, como a que eu tinha antes de vir para cá. A velha de cabelos coloridos estava torturando a pobre. Não lhe dava de comer. Não lhe deixava dançar. Mantinha-na no escuro assombrada pela sua cobra, até que uma hora a cobra engoliu a pequena Iemanjá inteira. Ela gritava e britava o bucho da serpente, até que a mulher a chutou uma, duas, tantas vezes que ela se calou. Parou para sempre.

Todos ficaram em silêncio. Mesmo Xangô parecia assustado com tamanha violência quando continuou a contar:

– Eu sabia que aquilo ainda não havia acontecido, que era no futuro, mas não podia ficar ali parado vendo uma coisa tão injusta acontecer com uma filha da minha própria mãe. Então eu peguei a maior pedra de raio que tinha comigo e joguei-a bem no meio do lago.

Ifã gritou mais ainda. Tão alto, que Oxalá teve que pousá-lo do outro lado do lago para que pudesse ouvir o fim da história.

– Minhas pedras normalmente fazem um barulho que vocês teriam ouvido. Só que ela só explodiu quando chegou no fundo do lago. E, quando explodiu, abriu um buraco lá embaixo. Ouvi um barulho abafado num borbulho, e o lago desceu de nível, um pouco, e mais e mais. Aí a surpresa aconteceu, como se já não fosse um susto o resto todo. O rio das águas roubadas, que transbordava a partir do lago, com a fonte esvaziando, inverteu de sentido! Foi um acidente, babá. Peça para o lago tocar minha história para trás que vocês verão exatamente o que estou contando.

Oxalá sabia que não precisava verificar a verdade da história de seu pupilo. Xangô não era de mentir.

– Sei que é uma inconveniência para todos, e não era minha intenção. Saibam que aprendi minha lição. Não vou mais querer fazer justiça com o que ainda não aconteceu.

– Incoveniência?! Você estragou tudo! – dizia Ifã com a mão na cabeça. Estava agora mais preocupado que raivoso. Então Oxalá o trouxe para perto de volta. – Que se dane sua lição! Como é que vai ser agora se ninguém conseguir mais saber o futuro? Você achava que ia ser ruim se aquelas bruxas tivessem o controle? Vai ser pior ainda se ninguém tiver.

– Calma, rapaz – disse o único orixá que poderia chamar Ifã, que nada tinha de rapaz, assim. Continuou o interrogatório com Xangô. – E o que você veio fazer aqui hoje? Mais julgamentos?

– Não, babá. Queria tentar enxergar onde mora minha mãe Iemanjá. Preciso avisá-la de que essa bruxa está torturando sua filha e que vai acabar matando a coitada.

– Não precisa olhar no lago – disse Oxalá. – Sua mãe mora na montanha ao lado, onde é uma das mais velhas e mais respeitadas Iabás. Peça para Exu lhe mostrar o caminho e vá ter com ela. Nosso pacto de não mandar os nossos às terras do outro há de merecer uma trégua, considerando o motivo.

– Trégua!?! – protestou Ifã. – Elas vieram aqui primeiro!

– Pois vá, Xangô. Mas tenha cuidado, pois não há nada que garanta que elas serão amistosas.



Xangô e Exu não eram de conversar muito, até que começaram a ir juntos ao topo da montanha. Mas agora o assunto era outro.

– Oxalá me disse que preciso ir ter com minha mãe e que você poderia me dizer o caminho.

– Claro. Se babá Oxalá é quem diz... você não está mentindo, está?

– Moleque, moleque, respeito não nasce em árvore...

– Claro. Precisava ter certeza. Digo o que puder.

Exu pegou um galho seco e desenhou um mapa no chão. Mostrou como descer a montanha onde estavam na direção da montanha das mulheres, passando por uma gruta entre as duas, que era onde ele morava.

– Minha casa é bem ali. No meio de tudo. Minha casa não, porque eu moro em todo canto. Mas é ali que guardo minhas coisas. Território neutro, não sabe?

Xangô não pareceu se importar muito.

– Sendo fora do território das duas montanhas – continuou Exu – posso dar boas festas por lá... onde todos podem ir.

– Isso sim me interessa, meu amigo. Faz tempo que não me aconchego. Infelizmente agora não tenho tempo para isso. Tenho mais o que fazer.

– Então vamos combinar uma coisa.

– Diga.

– Quando eu tiver uma festa planejada, vou soltar três raios no céu. Se você quiser ir, me responda com um trovão.

– Desde quanto você sabe soltar raios, Exu?

– Eu sei muita coisa... Você não tem ideia, meu caro.



Xangô prostrou-se de joelhos com receio diante de Iemanjá. Não tinha medo que ela o atacasse com feitiços ou ira. Seu medo era outro. Seu último encontro com a mãe de sua cabeça enquanto ainda era vivo havia sido muito traumático. Seu amor por ela, todavia, e uma notícia triste como aquela eram motivos suficientes para tanto risco.

Ela o recebeu bem, cheia de sorrisos e chamego. Mandou que se levantasse e sentasse mais perto. Xangô sentiu seu braço contra o corpo farto de sua mãe. Desde que chegara no Orum, não havia se deitado com mulher alguma. Embora contra sua vontade, seu corpo começava a responder.

Iemanjá notou, claro. A respiração, o suor, o volume que o visitante tentava esconder. Mas, quando Xangô teve a chance de lhe dar a mensagem que o havia levado até ali, o chamego acabou. Iemanjá chorou. Olomowewê, ela sabia.

– Eu estava sentindo que havia algo errado. Sabia! Faz muito tempo que não recebia notícias dela!

Xangô tentou consolá-la. Tomou-a nos braços e sentiu o ombro encharcar. Iemanjá soluçava como só uma mãe em desespero sabe soluçar.

– Você conseguiu matar a desgraçada?

– Acho que não, minha mãe. Acho que o que eu tentei não funcionou.

Ela não perguntou. Não queria saber. O ódio era mais profundo que tudo. Lá fora, a noite havia caído, e ela achou melhor que ele não voltasse sozinho.

– Vou ter que resolver isso eu mesma então.

Iemanjá ficou algum tempo olhando as estrelas. Estava uma noite bonita, uma brisa mais fresca que o normal. Mas os sons da floresta estavam todos lá, tão ameaçadores quanto sempre foram.

– Sei que essa coisa de macho não vai te deixar querer, mas fique aí essa noite.

– Não sei se posso, minha mãe.

– Você não deve andar sozinho por aqui sem claridade. Não se sabe que tipo de confusão pode acontecer.

– Estou preparado, minha mãe, não se preocupe.

– Não sei... me preocupo sim. Dizem que Iku anda por essas bandas, procurando quem esteja na montanha errada.

– Iku?!

– Isso mesmo. Eles não te explicam as coisas do lado de lá não? Iku trabalha para Nanã. Não gosta de invasores. De dia, posso ir contigo, mas de noite... estou muito velha para isso. Além do que, não queria passar a noite sozinha depois de uma notícia triste dessas.

Xangô aceitou. Parte pelo medo inconfessável que tinha de Iku, parte por pena da tristeza de sua mãe. Deitaram-se abraçados, com a ternura que se espera de mãe e filho. Xangô finalmente sentiu o carinho que tanto procurava. Adormeceu protegido. Feliz por ter aceito o convite.

No meio da noite, todavia, toda aquela tristeza e ternura pareciam haver ido embora.



O velho orixá adora achar graça de reação exagerada. Coisa da idade, de quem viu tanta coisa na vida que nenhum acontecimento justifica surpresa. Especialmente quando se trata da velha Iemanjá, sua amiga de tanto tempo. Ele conhece bem seu fogo, já imaginava tudo que Xangô lhe contara sobre a noite que tentou passar na casa da orixá.

– Sabe como é Xangô – contava ele para Ogum, controlando o riso. – Fazia tanto tempo que não sentia um carinhozinho, que quando a moça encostou... ela se aproveitou por um tempo, enquanto ele ainda estava meio dormindo. Aí de repente ele acordou, e você pode imaginar o que ela estava fazendo! Ele deu um grito tão alto que quase caiu o teto, e foi só porque ela se assustou com o grito e abriu a boca que ele conseguiu escapar. Saiu correndo o marmanjo pela porta, subiu na primeira árvore que encontrou e ficou lá até amanhecer, com medo de que Nanã mandasse Iku ter com ele. Parece que Iemanjá dormiu embaixo da árvore (tenho certeza de que fez isso só pra azucrinar com ele) e que ele teve que esperar clarear e torcer para ela não estar acordada para poder vir embora.

Já havia vários dias que isso ocorrera, e Oxalá tinha contado ele mesmo a história para uma enxurrada de gente. Porém ele ainda achava engraçado. Ogum era o último a quem havia tido a oportunidade de contar. O general, claro, diante do embaraço de Xangô, fora a plateia mais empolgada.



Passaram-se alguns dias, mas não muitos, antes que os dois finalmente se encontrassem. Xangô entre um julgamento e outro, Ogum entre uma invenção e outra. Ogum, claro, não pôde deixar de zombar:

– Ouvi dizer que as mulheres lhe colocaram para correr, garanhão?

– Oxalá anda com a língua muito grande, pelo que vejo. Pode zombar, general... falando em mãe,

qual era o gosto da sua?

Ogum não caiu na provocação:

– Espanta-me que alguém que se diz tão forte e poderoso tenha medo de enfrentar mulher velha.

– Você se faz de sábio, mas diz uma bobagem dessas. Eu que não vou na casa delas desafiar essas feiticeiras. Você deveria se lembrar do que aconteceu quando as enfrentamos antes de virmos para cá.

– Aquilo foi quando elas eram daqui do Orum, e nós do Aiê. Agora é bem diferente. Mas não se preocupe não. Eu lhe mostro como se faz.

– Mostra mesmo?

Xangô, por um instante, ficou em dúvida se incitava a ousadia do rival ou se o fazia mudar de ideia para evitar problemas maiores. Já havia muita confusão no axé das duas montanhas com o roubo da água do lago e agora com a ordem errada das adivinhações para mais um conflito entre os dois lados. Algo, no entanto, lhe interrompeu o raciocínio.

De longe, de uma direção desconhecida, três raios iluminaram o céu. Três raios seguidos. Exatamente como prometera Exu.

– Faça o que quiser, general – respondeu Xangô, levantando-se com um entusiasmo inesperado. – O problema é seu. Eu tenho mais o que fazer.

– Ótimo. Eu lhe conto como foi mais tarde. Só espero que não vá tentar me caguetar para Oxalá nesse meio tempo só para não sofrer a maior humilhação da sua vida.

– Sem chance. Vá e se divirta – disse Xangô, já de saída, com seu tom mais desinteressado e sarcástico. – Já estou me contorcendo de curiosidade.

Laroiê, meu pai,

Não é à toa que Pilar é esse gênio da manipulação. Ela não tem culpa nem apego, a nada nem a ninguém. Não tem remorso nem é capaz de ter medo. A única coisa que a prende é o vício em continuar nesse jogo, testando seus limites, experimentando com a própria superioridade. Não se trata de dinheiro. Ou de quanto poder ela consegue acumular. Isso é o que ninguém jamais entendeu, e o motivo pelo qual todos seus inimigos sempre falham em lhe derrubar. A busca de Pilar é por explorar as fronteiras de sua arte, um dia depois do outro. Sim, Pilar é uma artista. Tenho certeza disso.

Lembro de um de seus joguetes prediletos, um que ela fez tantas vezes ao longo dos últimos dez anos que eu chamo de “jogo das flores”. Às vezes, quando ela estava cercada de um grupo mais empenhado em puxar seu saco, ela se virava para um deles e fingia cochichar, alto o suficiente para outros ouvirem e ficarem com ciúmes: “Que cheiro é esse? Tá sentindo?” – no início, ninguém sabia o que dizer, pois não havia cheiro algum. “Cheiro de flores...”, dizia ela, como se estivesse confusa ou curiosa. Nesse momento, soltava um peido silencioso. Isso mesmo que você entendeu, ela liberava o metano em cima da gente. Dava para ver o constrangimento das pessoas. Constrangimento e culpa. Eles fungavam à procura de flores e sentiam aquele odor horrível? Não eram flores, isso era certo. Cedo ou tarde, porém, alguém cedia à pressão e resolvia mentir: “Eu estou! Nossa, que cheiro maravilhoso!” – e respirava fundo. Constrangidos, os outros se questionavam se seriam eles espiritualmente tão atrasados. Outros reforçavam e tentavam lhe roubar a dianteira. “Rosas?” “Margaridas?” “Lírios?” “Dama-da-noite!” – cada um arriscava um tipo diferente, até que Pilar premiava um dos presentes com a sensibilidade correta: “Isso! Damas-da-noite!”, e dirigia um aceno impressionado com seu alto grau de sensibilidade espiritual. Veja: ninguém ali realmente sentia cheiro de flor. Mas nenhum deles iria admitir, pelo menos não em público. Porque, se estivessem enganados, seja por defeito olfativo ou por incompetência esotérica, teriam sua reputação destruída. Não só com Pilar, como com o resto do grupo. Risco demais. Melhor aguentar o desconforto e ficar de bico calado. Em paróquias, isso acontece com padres e seus meninos. Em quartéis, são os superiores que jogam esse jogo da vergonha. Até mesmo em famílias grandes, sempre há um tio pervertido que conta com a vergonha de suas vítimas. Pilar, no entanto, elevava esse jogo à décima potência ao criar um contraste tão sarcástico. Apenas para se provar que ainda tinha o toque mágico.

E o jogo das flores era uma enganação pública, escrachada, como no conto da roupa nova do rei que ouvíamos na infância. Eu sempre achei estranho que todos meus coleguinhas ouviam a história e pensavam em como o povo se deixou enganar, enquanto tudo que eu queria saber era se eu conseguiria emplacar uma pegadinha como a dos alfaiates mágicos. Pilar devia pensar o mesmo. A diferença é que eu fiquei na fantasia, ela resolveu tentar, e conseguiu.

Parte do trabalho era a seleção de uma audiência. Pilar se especializou em trazer seguidores tão autoconfiantes que por isso mesmo se tornavam vítimas frágeis. Ela cultivava a competição entre os súditos, especialmente nos Níveis 2 e 3, de forma que todos estivessem sempre procurando uma maneira de derrubar o outro. Manipulando essa vaidade, e apesar do risco, eles sempre tentavam

acertar a flor antes do outro. Eu mesmo fazia o jogo para manter meu disfarce. Para me divertir, sempre arrisco margarida, porque não tenho ideia de que cheiro elas têm.

Observar tudo aquilo por ironia, contudo, me dava a possibilidade de aprender. Na base de seu poder estava algo que ela chamava de “desdobramento” ou “sintonia”. Pilar falava muito de como a vibração das energias de indivíduos e grupos podem influenciar os acontecimentos. Até aí, tudo bem. Até que você percebe que a única pessoa que consegue entender como isso realmente funciona, e quem está influenciando o que, é ela mesma. O jogo das flores, por exemplo, era uma brincadeira simples em torno desse conceito. Uma demonstração de que ela era a única que sabia julgar de verdade o tal desdobramento. Isso lhe dava mais do que o poder de juíza das coisas do além. Trazia também uma incerteza generalizada, que fazia com que os integrantes do grupo nunca soubessem se estavam indo bem ou mal, se estavam evoluindo ou andando para trás. Para Pilar, o desdobramento era uma justificativa perfeita, invisível e inquestionável, para culpar qualquer um por qualquer coisa. Uma incerteza que virava poder absoluto através de uma combinação de quatro sentimentos presentes no discurso de todo líder messiânico:

1. *A culpa*: Todo mundo faz merda. Pensa merda. Sente o que não devia sentir. E culpa pesa. Pilar tinha um jeito incrível de fazer o povo querer lhe confessar sua culpa, real ou imaginária, em troca do perdão direto de Olomô. Uma das melhores formas de controle que existe. A confidencialidade, claro, era sagrada. Nunca se disse, no entanto, que o segredo se aplicava também às insinuações...

2. *O medo*. Onde a culpa não resolvia, o medo do escárnio arrematava. Medo de ser expulso, descoberto, de perder lugar de destaque ou, bata na madeira, ser rebaixado de Nível. Quantas vezes, por exemplo, eu a vi falando de infidelidade conjugal quando eu sabia que entre os presentes havia quem sustentasse amantes há anos. Sentia o chão tremer sob meus pés! A única situação em que era permitido compartilhar os segredos era quando alguém debandava, dos que viravam saravus. Sinceramente, de todas as histórias que ouvi, não sei quantas eram verdade, quantas eram invenção. Já escutei de gente que roubava dos pais, de chefes de família que davam para o porteiro, de homens feitos que, quando moleques, batiam punheta pensando na mãe... Criando medo suficiente, as pessoas não se comunicariam, não se questionariam entre si. E então, havia o tal do desdobramento, que, independente de quanto você se esforçasse, sempre podia dobrar uma esquina e te acertar bem no meio das costas. Quantas vezes não a vi se aproveitar de notícias ruins que alguém recebia para dizer que a culpa era da falta da sintonia da própria pessoa? Ou do marido, do filho, ou do melhor amigo? Ao manipular o sentido de cada acontecimento, ela criava a impressão de que a qualquer momento, todos estavam próximos de cair no desgosto da mentora e mergulhar no inferno. Quando acontecimentos podem ter interpretações imprevisíveis e responsabilidades incontrolláveis, e ninguém é confiável o suficiente porque todos podem querer tomar seu lugar diante da mentora, qualquer conversa pode se tornar uma delação premiada. Assim a farsa permanecia viva.

3. *A vaidade*. Em suas pregações, Pilar sempre apresentava o grupo como escolhidos de Deus. Sempre que podia, reforçava que todos ali tinham privilégios e influência graças às suas funções na transformação energética do mundo. Isso lhes fazia bem e transformava em desconforto qualquer dúvida eventual sobre a maluquice que era aquilo tudo. Acreditar que éramos o povo sagrado, que lideraríamos o planeta no fim dos tempos, era uma sensação poderosa, tenho que admitir. Quando cantávamos, entreolhávamo-nos com orgulho, quando segurávamos as mãos uns dos outros em uma corrente entoando hinos de louvor e otimismo, a energia nos salões das orações de sexta-feira

crescia tanto que até eu, às vezes, entrava na onda de Pilar. Depois voltava ao normal, e voltava a rir de tudo aquilo. Sem nunca perder meu disfarce, claro.

4. *A ganância.* Aqueles mais próximos, ou que demonstravam uma fé acima da média, ganhavam algo em troca. Simples assim. Não falo de promessas para o pós-vida, no entanto. Pilar sempre se gabou de proporcionar recompensas bem terrenas. Usufruto em vida. Às vezes uma recompensa vaga, como uma menção num sermão numa das eulógias de Olomô na sexta-feira à noite. Outras vezes, Pilar usava seu poder financeiro e suas empresas para causar algo positivo na vida daqueles que se destacavam por sua fé. Ou, sendo ela a rainha da informação privilegiada, para se apoderar do inevitável.

Quando abrimos a NFB, por exemplo, participamos de várias concorrências com empresas dos governos Federal e Estadual. O bom dessas contas é que sempre têm uma crise para se proteger, e nada dá mais dinheiro no meu ramo do que crise. Pilar é bem relacionada e sempre que ouvia nos bastidores que íamos ganhar (ela sempre ouvia antes de mim), dava um jeito de me reconhecer em público um pouco antes, para que a vitória na licitação parecesse uma bênção pelo meu merecimento. Uma vez ganhamos duas delas no mesmo mês, e Pilar me fez jogar o jogo das flores com mais umas 20 pessoas. Margarida, eu disse, claro. Foi a única vez que acertei. Quando o resultado das duas licitações chegou, Pilar mandou que me entregassem um buquê de margaridas gigante. Não na minha casa, mas no casarão, logo após a oração.

Ao ter controle sobre o jogo inteiro, ela permitia que seus seguidores mais dedicados experimentassem o sucesso de estar na sintonia correta. Ao associar essa sintonia astral com benefícios bem terrenos, colocava todos na coleira.

Embora eu participasse do jogo, Pilar sempre soube que não me enganava. As margaridas que enviou quando ganhei o jogo das flores não eram para mim, eram para que os outros vissem. Ela sabia o que passei antes de me tornar seu sócio, quando ainda estava do outro lado da luta pelos poderes do destino. Não se importava. Eu era aquele elemento que a desafiava, afinal. Que aumentava o perigo. Ela sabia que eu poderia abrir a boca, mas me mantinha ocupado ganhando alguns milhões por ano na empresa que tínhamos juntos. De fato, desmascará-la não valia a pena para mim. Assim, eu me tornei a prova de que ela conseguia controlar também o menino da fábula, o menino que via que o rei estava nu. Eu tinha muito a perder, não diria nada.

O que muda tudo é que agora sou um defunto em contagem regressiva. Digo, somos todos, mas a minha contagem está acabando. Eu sei disso; ela, não.

Falando em morte, não sei se alguma vez já lhe falei da maniçoba, um prato feito com a folha da mandioca-brava, bem comum no norte do Brasil? Dizem os de lá que tem que ser cozida por pelo menos 24 horas, senão mata, de uma engolida só. Igual àquele sushi feito do peixe venenoso que o povo fala. Esse sushi, assim como a maniçoba, são um desafio aos curiosos do estômago. Dizem até que o sabor fica realçado pela perspectiva da morte.

O contrário também é válido, descobri. A morte iminente nos ameniza os sentidos. Diminui os picos de tudo e nos permite apreciar detalhes sutis. Como se vivêssemos sob os efeitos de uma dose alta do mais poderoso dos *beta blockers*, esses remédios que bloqueiam a produção de adrenalina. Há quem faça festas só com essa droga, sabia? Fui a uma delas, uma vez. Um feriadão, para falar a verdade. Todos tomamos comprimidos de Nebivolol por quatro dias e fomos ficando cada vez mais zen. No último, a paciência e a tolerância eram tão generalizadas, o entendimento do mundo tão completo que, se alguém acendesse um baseado e soltasse aquela fumacinha branca, um ali era eleito

papa.

Lembro disso porque hoje recebi minha primeira ameaça de morte. Ameaça real, digo. De bravata, qualquer empresário recebe aqui e ali, especialmente depois de ganhar contratos de governo ou colocar uma notinha desfavorável a um ou outro na imprensa. Desse tipo, já recebi várias – coisa de bocudo de pau pequeno. A de hoje, não. Porque não foi de empresário que sempre vai achar que tem muito a perder. Foi de um pai que se julga protegendo a filha de um mau elemento que ele sempre soube que traria problemas. O Carlos.

Ele disse que iria me matar. Na minha cara. Baixinho, sem excessos, com a segurança de quem sabe que é só uma questão de tempo. Tão seguro que nem percebeu o quanto eu sequer estremei, como se estivesse sob o efeito de várias caixas de Nebivolol.

Não estremei porque fiz de propósito. Queria que ele viesse atrás de mim. A tatuagem no lombo de sua menininha foi um golpe cruel (e ele ainda nem recebeu o pior de todos!) Mas o grupo está todo muito nervoso ultimamente, e ele, na condição de protetor e capanga de Pilar, está com os nervos expostos.

Pense bem, com a implosão da NFB e o escândalo na imprensa, Pilar, que sempre reinou no medo, ganância, culpa e vaidade, perdeu mais que o controle. Imagine que toda a humilhação a que submeteu seus súditos de repente volta à tona. Imagine que aqueles que ela chutou, espezinhou e nos quais cuspiu de repente percebessem que ela não tem mais tanto poder, nem de trazer-lhes vantagens, nem de fazer-lhes o mal. Pior, pode até lhes custar bastante dinheiro se seus nomes aparecerem nas listas ligadas ao nome da mentora.

O melhor de tudo é que isso aconteceu por causa de uma pequena matéria... digo, uma matéria curta, mas na revista mais importante do país, privilégio do dono da maior assessoria de imprensa do Brasil e um dos profissionais mais odiados do mercado – título que sempre me orgulhou, mas agora me caiu ainda melhor.

Caso não tenha visto a notinha, aqui vai:

Pilar da Anunciação, investidora silenciosa de diversas corporações brasileiras, parece estar por trás do escândalo que conecta uma de suas empresas, a NFB Comunicação, a redes de prostituição, propinas e drogas cancerígenas. O que poucos sabem, no entanto, é que, além de investidora, ela é também a líder de uma seita satânica frequentada por uma lista secreta de poderosos que pode abalar a República.

Eu mesmo escrevi a notinha. Das melhores que já plantei. O detalhe da “seita satânica” em particular me dará orgulho até meu último dia (o que nesse caso não é apenas uma figura de linguagem). Ao expor sua influência e macular sua imagem em público, Pilar se tornou tóxica, perigosa para um monte de gente importante. O suficiente para que vários deles considerassem que ela estaria melhor morta do que viva.

Aí voltamos ao Carlos e sua ameaça de morte. Por enquanto, ele está com muito trabalho tentando evitar que alguém faça uma bobagem contra Pilar ou que a polícia a encontre. Muito ocupado para tomar alguma iniciativa contra mim. Se todavia eu conseguir empurrar sua raiva um pouco além, talvez ele deixe de lado sua função de jagunço para vir resolver a questão comigo, deixando o espaço livre para algum dos outros revoltados que queiram resolver o assunto com a mentora (e temos nossas apostas, não temos?). Ou quem sabe ele mesmo se revolte contra ela e queira executar o trabalho? Eu tenho alguns elementos na mão que podem ajudar...

De um jeito ou de outro, minha missão estará cumprida. Embora, pelo tom de voz de Carlos quando ele me ameaçou, minha aposta é que sua vítima serei eu. Você precisava ter visto: eu estava tomando um café na Starbucks. Tentando honestamente entender do que se trata essa glamurização do café americano. Dois goles e estava claro que o café gringo, e pretensamente chique, é quase tão mentiroso quanto as redes de comida que chegam de lá. Veja bem, se lugares de quinta categoria, a gastronomia-trash dos Estados Unidos, como Applebees, vêm aqui e ganham filas de BMWs na porta, por que não o sem graça, porém descente café da Starbucks? Pronto, já estou mais uma vez

numa de minhas digressões. Não importa o café da Starbucks, mas sim o fato de que eu estava lá quando o Carlos se aproximou por trás, acariciou minha careca, como se eu tivesse feito a tolice de raspar a cabeça “para me esconder dele”, e sussurrou no meu ouvido: “Aproveite seu último café antes de eu te matar, seu filho da puta”. E insisto: ele não gritou, não fez cena. Foi frio e tranquilo como um *sniper*. Depois saiu andando... mancando, quero dizer. Não olhou para trás para não dar pinta de que estava curioso com minha reação. Eu vi seu sorriso no reflexo do vidro, porém. Satisfeito como se a simples ameaça já houvesse sido suficiente. Pobre diabo. Mal sabe o que está por vir.

A essa altura, Pilar já deve estar fugida em algum lugar. Ajudada por ele, tenho certeza. Não vai ser difícil encontrá-la. Esse é o próximo passo. Estamos chegando ao final, meu pai.

Joguei o café quase inteiro no lixo e voltei para o hotel onde estou hospedado. Nome falso, e pagamento em dinheiro, como manda o protocolo. Com o celular pré-pago, postei mais uma das aventuras de Helena em St. Barth usando fotos obscuras tiradas da internet (o procurador jamais iria encontrá-las, tenho certeza). Depois olhei para o telefone, ele olhou para mim e cheguei a começar a digitar o telefone da Lisandra, pois ela talvez seja a única no mundo que não vai me rejeitar com essa cabeça raspada, acredito. Quem sabe levá-la para jantar, depois deixar rolar um amasso perigoso na escadaria do prédio onde ela morava com o pai? Não dessa vez. A piada e a ironia não valiam o risco.

Axé,

New, Oritundê.

2 COMENTÁRIOS:



Newton Fernandes 6 DE MAIO DE 2014, ÀS 5:43PM

Hoje à noite reassistirei a Jiro Dreams of Sushi pela internet e depois vou comer meu sushi, sozinho. Não o venenoso, porque a perspectiva da morte não me abala mais. Vou ao Dô, celebrar as sutilezas da comida japonesa como ela tem que ser. Espero que o chef Marcel Sasaki faça jus à tradição da comida simples, elegante e introspectiva do Japão. Um jantarzinho solitário e zen. Então preciso de um favor. Tenho tido visões bizarras desde meu último encontro com a sua emissária. Luzes de cores diferentes ao redor das pessoas... vultos flutuando como fantasmas desorientados pela noite e entidades frenéticas virando esquinas nos cantos dos olhos. Não sei bem como isso tudo funciona, mas espero que essa coisa de ver alma não funcione com bicho morto no prato. Enxergar os fantasmas dos peixes fatiados vai estragar meu apetite. Você me levou praticamente tudo embora, e eu estou Ok com isso. Mas deixe pelo menos as refeições em paz, combinado? Até o dia final?



Laroie 13 DE MAIO DE 2014, ÀS 6:02PM
Combinado.

Folami foi se deitar com o uniforme vermelho da escola, para que não tivesse que perder tempo na manhã seguinte. Tentava se convencer de que a ansiedade era pela chegada dos exames finais, por isso não conseguia dormir. Quando fechava os olhos, porém, havia algo mais. Um peso sombrio e gelado, desses que se tem quando algo horrível está para acontecer. Um pressentimento nauseado, que vinha não da cabeça, mas das entranhas. Foi quando o barulho começou.

Metralhadoras.

Gritos.

Vidro quebrando.

Um estrondo de madeira partindo.

– Deixem minha menina em paz! – ela ouviu a mãe gritar.

A parede do quarto, improvisada de madeira barata e papelão, se esfaqueou inteira no chão e dois homens barbados a arrastaram para fora pelos cabelos. Era uma noite sem estrelas e, na vila de Iwaya, na região mais pobre de Lagos, não havia iluminação. A luz inconstante das tochas carregadas pelos homens de uniforme camuflado e colares de munição tornava a cena ainda mais horripilante.

A culpa era sua, sabia Folami: meninas deveriam se preparar para casar, em vez de mergulhar no pecado da educação ocidental, dizia a tal da tradição que se espalhou pela miséria do norte e agora vinha sangrar os pobres da maior cidade da Nigéria. Ela nunca concordou, mas não importava o que ela pensava. No momento, aqueles homens e suas metralhadoras discordavam.

– Perdão, babá! – em desespero, Folami, assistia ao espancamento do pai.

Chutavam-lhe a cabeça e costelas sem piedade; davam-lhe com canos e pedaços de pau, pregos rasgando-lhe a carne dos braços, costas, pernas. Sabiam que o homem jamais reagiria, covardes, pois do outro lado estavam sua mulher e sua filha, canos apontados às suas cabeças.

– Não ouse, minha filha. Não há o que perdoar – disse ele, sem soltar uma palavra. Os brutos estavam concentrados demais em causar dor para perceber a insolência, ou teriam feito ainda pior.

Pararam a coça pouco antes que cruzasse a linha sem volta da morte. Ele já não se mexia, não se protegia. Apenas sangrava e respirava curto e engasgado. Queriam o homem assim: quase morto, como exemplo, para que outros pais soubessem o que acontecia com aqueles que desafiavam a *tradição*.

A mãe apanhou pouco. Um tranco ou outro, um tapa que fizera sua orelha sangrar. Como se fosse um saco de café, jogaram-na sobre o corpo inerte do marido. Riram, orgulhosos, dos gemidos de dor. Horror mesmo foi tentar se levantar e ver alguém atirar para o alto apontando a arma para sua menina. A culpa de ver sua filha ser levada embora, sem fazer nada, foi pior que a morte.

Em algumas comunidades, depois de alguns dias, até mesmo os pais costumavam parar de desejar que a filha voltasse, pois seria impossível arrumar casamento para uma moça que ninguém mais acredita ser virgem. Os pais de Folami nunca pensaram assim. Todos os dias, faziam suas preces para as mães ancestrais, as grandes feiticeiras Iá Mi Oxorongá, pedindo-lhes que jogassem sua ira sobre os malfeitores que levaram sua menina, e que ela voltasse para casa em segurança. – Deixe ela ir – diziam os amigos, com um dolorido pesar. Mas eles não ouviram. Por sete anos, mantiveram suas preces sem jamais duvidar que um dia ela voltaria.



A mão trêmula era só osso, pele e rugas. Parecia fraca, mas não precisou sequer tocar a maçaneta para a porta se abrir.

– A preferida e a preterida comendo juntas como se gostassem uma da outra. Enfim, algum progresso – provocou a velha feiticeira.

Houvesse outra maneira de comer, não estariam se ajudando. Não havia. Se uma não segurasse o prato de comida, ele voava pelo buraco no telhado. Então Oxum e Obá tinham que se alternar entre segurar e comer, ou ambas ficariam com fome.

Fome, aliás, era só um dos problemas. O menor deles, só que não podia ser adiado. Ruim mesmo era conviverem uma com a outra, nuas, num espaço em que mal podiam esticar as pernas quando sentadas no chão, com uma janela pequena e tão alta que a luz nem chegava ao chão. Sem contar a eventual visita da bruxa velha, que vinha de vez em quando para dar sermão:

– Um dia, elas se juntarão como eles. Não mais se ofenderão nem desejarão o que é da outra. Não mais aceitarão desrespeito nem escárnio nem ordens. Um dia, unirão os exércitos dos oprimidos e tomarão de volta o destino. E que se ouça nas três montanhas do Orum que grande surpresa está a caminho. *A humilhada roubará o destino.* A vilã se tornará heroína. E o balanço do mundo estará restaurado de volta.

E não era que a lição havia sido dada uma vez. Toda vez que ela entrava, era a mesma coisa. Palavra por palavra. O mesmo sermão sobre como as mulheres precisavam aprender a se ajudar. No entanto, o que havia mesmo funcionado era o feitiço do prato que voa. Um feitiço até bem simples para alguém como uma Iá Mi Oxorongá, mas muito eficiente. Visto que as duas inimigas de fígado estavam finalmente se ajudando.

– Bom que está funcionando – disse a velha senhora, com um sorriso revelado sob o pano coberto de penas que lhe cobria a cabeça e o corpo.

– Pelo menos não temos que ouvir seu sermão – disse Oxum, atrevida.

A bruxa fechou o sorriso. Olhou para ela tão fundo que Oxum teve que se cobrir com os braços de tanto frio. E saiu, fechando a porta delicadamente.

Não apareceu por dois dias. Nem ela, nem a comida. E quando veio, aí sim, de propósito, entrou logo dizendo:

– Um dia, elas se juntarão como eles. Não mais se ofenderão nem desejarão o que é da outra. Não mais aceitarão desrespeito nem escárnio nem ordens. Um dia, unirão os exércitos dos oprimidos e tomarão de volta o destino. E que se ouça nas três montanhas do Orum que grande surpresa está a caminho. *A humilhada roubará o destino.* A vilã se tornará heroína. E o balanço do mundo estará restaurado de volta.

– Já que temos que ouvir isso de novo, não dá para ver algo de comer também? – disse Oxum.

– Cala essa boca, desgraçada! – gritou Obá.

Mais uma vez a Oxorongá fechou a porta e, por mais três dias, não trouxe o que comer. Quando entrou novamente, repetiu a mesma frase de sempre:

– Um dia, elas se juntarão como eles...

– Não mais ofenderão as outras vadias... – murmurou Oxum, sem força mas tão irônica como sempre.

Mais uma vez a porta se fechou.

Elas não tinham energia para brigar. Tantos dias sem comer haviam sido demais até mesmo para uma guerreira poderosa como Obá. Mesmo assim, quando a bruxa entrou novamente e repetiu sua mesma ladainha, Obá usou o que restava de força para saltar sobre Oxum e, agarrando-a por trás,

tapar-lhe a boca grande.

A senhora observou curiosa, enquanto Oxum se debatia por trás da mão que lhe calava. Pensou um pouco e voltou a fechar a porta, como se aquilo não fosse suficiente.

No dia seguinte, voltou e repetiu seu ritual. E, finalmente, foi recebida com silêncio e respeito.

Voltaram a comer.



Elas nunca aprenderam a se gostar. Mas a velha feiticeira não gostava de briga nem fuxico, então aprenderam pelo menos a obedecer. Num dos poucos momentos em que decidiram conversar sem ofensas, descobriram que nenhuma das duas lembrava de como haviam chegado até ali, muito menos onde estavam. Sabiam que haviam brigado, que saltaram uma sobre a outra, depois acordaram naquele quarto. Um dia perguntaram à sua zeladora, que explicou:

– Vocês descobriram a força de vocês mesmas e viraram pássaros. Viraram uma de nós.

– Uma Iá Mi Oxorongá? – perguntou Oxum, assustada, procurando nas mãos e no corpo nu as rugas pelas quais eram famosas as grandes mães ancestrais.

– Descanse, minha filha – disse a bruxa. – É o poder que é ancestral, não o corpo. Normalmente o tempo só chega quando o sangue seca e para de descer, mas às vezes a fúria e a revolta fazem chegar antes. Digo, os poderes, não o sangue parar de descer. Os poderes vêm quando eles querem vir. A verdade é que quando nos chamam de mães feiticeiras, de bruxas, de ancestrais... isso tudo é uma forma de nos tirarem o nome, o rosto, de fazer com que jovens como vocês não queiram se tornar uma de nós.

– Ela não é tão jovem assim – disse Oxum, apontando Obá.

A feiticeira, sempre debaixo de seu manto coberto de penas, levantou apenas um dedo em reprovação, mas Oxum teve a impressão de ter ouvido um riso contido.

– Mandei buscar vocês porque a fama das duas começou a se espalhar, e isso é bom para o axé.

– Fama de que? – perguntou Obá, confusa.

– Fama de arretadas, veja bem. A menina Oxum botou uma cidade inteira de joelhos quando ameaçou a fertilidade das barrigas e terras. Conquistou até a devoção de um grupo de homens. Isso não acontece muito por aí.

Oxum sorriu, orgulhosa, imaginando a inveja de Obá ao ouvir a história sobre como conquistou a obediência dos gheledes. A velha feiticeira continuou:

– Obá, por sua vez, derrotou vários homens, inclusive o general Ogum, o que seria um grande feito para um homem, já, para uma mulher, criou uma lenda instantânea.

Obá não deixou o orgulho falar. Não via nada demais nessas vitórias. Ela havia nascido para lutar e nunca fez distinção entre lutar contra homens ou mulheres. O que não saía de sua cabeça na verdade era como a velha feiticeira sabia disso.

– Eu sei de tudo, minha filha – comentou a senhora, deixando Obá em dúvida se ela havia entrado em sua cabeça ou deduzido pela sua expressão – E se vocês se dedicarem, um dia saberão também.

– Oxum já acha que sabe – desdenhou Obá. – Mas como assim?

Nesse exato momento a feiticeira fechou os olhos e continuou:

– Quando eu olho o passado o presente e o futuro do Aiê, em cada um enxergo um homem inferior a uma mulher escolhido para governar só porque tem algo pendurado entre as pernas; um grupo de homens proibindo meninas de aprender porque não lhes interessa que elas saibam mais do que eles; uma mulher submissa às vontades do marido porque assim manda a tradição. Tradição? Eu conheço a tradição. Eu inventei a tradição, oras! O que eles protegem não é tradição nenhuma, porque foi algo

que eles mesmos inventaram para nos manter submissas. Em todos os tempos e lugares, esses homens não querem que nós dividamos o poder com eles. Por isso preciso de mais mulheres como vocês. Mulheres com poderes, fama e força. Pouco me importa se essa força venha do braço ou dos quadris, da mágica ou da espada, desde que possam desafiar homens e inspirar outras mulheres. A quem eu possa ensinar a estar em todo lugar. A ver tudo, em todos os tempos. A lutar contra essa vontade espúria, em todos os mundos, inclusive o nosso, aqui no Orum. Eu tenho um plano. Um plano que exige a vitalidade de jovens como vocês, e os poderes da minha experiência. Se quiserem, vou prepará-las para serem mais poderosas do que qualquer outro ser aqui do Orum. Homem ou mulher. Egun ou orixá.

Obá caiu de joelhos e tocou a testa no chão em sinal de respeito e agradecimento. Oxum resistiu um pouco, mas copiou o gesto. A proposta não era de se recusar, afinal. E assim começou a preparação. Ao longo de muitos dias, presas dentro daquela casa, aprenderam a fazer seus venenos e poções, a confundir adversários com um olhar, a rogar pragas e feitiços sem volta. Aprenderam a colocar um orixá na cabeça de um mortal e a quebrar essa ligação quando o mortal... morre. Entenderam como enxergar pelos olhos das mulheres que pedem por elas e mandar-lhes seu axé de feiticeiras e guerreiras. E, principalmente, aprenderam a virar pássaro, que é o que faz de uma mulher uma Iá Mi Oxorongá. Primeiro em sonhos, quando é mais fácil voar, até entenderem como transformar o próprio corpo e alçar voo. Enfim, foram autorizadas deixar sua prisão.

– E aquilo de saber tudo? – perguntou Oxum, ansiosa.

– Calma, um passo depois do outro, um voo depois do outro. Primeiro você precisa conhecer o Orum. Depois, na hora certa, vai acordar para o resto dos tempos e mundos. Confie em mim.

Nenhuma das duas entendeu o que a feiticeira queria dizer com aquilo. Mas confiaram, na maior parte. A velha feiticeira ordenou que elas soltassem suas penas, largassem suas asas e finalmente alçassem voo. Primeiro nas cercanias da casa, depois até o topo das árvores, que é onde moram todas as Iá Mi Oxorongá, e finalmente pelo resto da região.

– Só não vão além do topo dessa montanha – ordenou a senhora. – E não pousem no chão sem que eu mande. Até lá, apenas no alto das árvores. Obá, você é a mais velha, assumo o comando. E, sob hipótese alguma, cruzem o rio que nos protege. Fui clara?

As duas ficaram um pouco decepcionadas com a restrição. Afinal, apenas o topo de uma montanha não parecia muito. Ainda assim Obá estava satisfeita com o cargo.

Alçaram asas. Não demorou muito para entender que o lugar onde moravam, o topo daquela montanha, era muito maior do que imaginavam. O cume não era muito alto, mas se espalhava por uma imensidão de terra, como uma grande bacia de pedra, coberta por uma grande floresta e um pântano bem no meio. Ao lado, uma montanha de base estreita, mas muito mais alta, como um falo gigante apontando para o céu. Escondida atrás da sombra das duas, uma terceira montanha baixa e escura, coberta de árvores gigantes que não deixavam enxergar sequer um dedo de chão. Ao redor da base de cada uma delas, uma floresta mais fechada, cercada por uma planície desmatada, e uma pequena ladeira que subia em direção a mais uma floresta. Do alto onde estavam, era possível avistar tudo de uma vez, e ainda o estranho rio circular que parecia proteger tudo aquilo do mundo além.

– Hora de voltar – disse Obá.

Oxum não obedeceu. Mergulhou mata adentro sem medo e até com um toque de satisfação porque Obá, que pensou em ir embora sozinha, ficou com tanto medo da reação da grande bruxa que foi logo atrás. “Vamos ver quem manda aqui”, pensou Oxum.

Voaram baixo, pela floresta, pelo pântano, e, para espanto de ambas, avistaram várias outras mulheres espalhadas pelo lugar. Algumas descansavam, outras trabalhavam, outras pareciam praticar

diferentes tipos de magia que as duas jamais haviam visto. Só não se aproximaram mais porque teriam que pousar no chão e aí nem mesmo Oxum queria desafiar a velha bruxa tanto assim.

Cheias de curiosidade, estavam prontas para voltar para casa, no lado mais escuro do mato, e aguardar a manhã chegar para perguntar sobre tudo que viram. Uma cena estranha, porém, chamou-lhes a atenção. Uma búfala carregando uma passageira no lombo havia atolado na lama do pântano. A passageira, que parecia uma senhora bem menor que as outras mulheres, estava assustada e, quanto mais se agitava, mais a búfala afundava.

– Melhor ir embora – disse Obá.

– Não podemos deixar as duas afundarem – respondeu Oxum.

E mergulhou na direção das mulheres e da besta. Chegou bem perto, tão perto que a pequena senhora podia tocá-la. Então estendeu uma das pernas. A senhora agarrou a perna e Oxum bateu as asas com a maior força que pôde, até levantá-la das costas do animal e levá-la até terra firme. Sem o peso extra, a búfala se recuperou facilmente e foi encontrá-las na margem.

– Obrigada – disse a búfala, ligeiramente envergonhada. – Ainda estou aprendendo os caminhos.

Oxum achou o animal um tanto familiar, mas não conseguiu entender de onde. Já Iansã, em forma de búfala, sequer podia imaginar que aqueles dois pássaros eram as duas mulheres que abandonaram sua missão no meio de uma briga, quando todas ainda viviam no Aiê. Despediram-se com cordialidade e partiram: Oxum voltou a explorar seus próprios caminhos; Obá cumpriu suas ordens e voltou para casa. Já havia se metido em muita encrenca por causa daquela menina mimada.



Lá do alto, havia tanto para se explorar, pensou Oxum com suas asas abertas e o vento lhe lambendo as penas, uma sensação tão boa que ela não queria que acabasse nunca mais. A grande montanha apontando para o céu ficaria para outro dia. A luz lhe incomodava um pouco, e a sombra ao redor do estranho rio que nascia e morria em si mesmo lhe parecia uma expedição mais confortável. Aproveitou uma corrente que soprava naquela direção e partiu.

O rio se aproximou. E ela sentiu suas penas doerem. Quanto mais ele chegava, mais as penas doíam. Ela era nova nessa história de voar como pássaro, não sabia se aquilo era um sinal de perigo, uma reação normal de sua forma de penas ou se realmente havia alguma coisa diferente naquelas águ...

Zratch! Um choque seco correu o corpo de Oxum e uma luz branca lhe cegou no exato instante em que tentava o rio redondo. Ela despencou. Caiu, meio desacordada e incapaz de continuar batendo as asas, mas consciente o suficiente para saber que não resistiria ao choque no chão.

Splash! Oxum sentiu suas penas encharcarem, e a água lhe cobrindo o corpo. É isso – pensou –, ideia estúpida. Bateu as asas, as pernas, mas quanto mais se mexia, mais afundava. Esticou o pescoço em busca de ar e sentiu a água lhe invadir os pulmões. Sua visão falhou. Depois o tato. E, enfim, a consciência se esvaiu. Adeus.



O calor voltou, pouco a pouco. Devagar. Bem... devagar. Ela vomitou, com violência, confusa. Sentiu algo quente lhe envolver os ombros e lhe recolher as asas com cuidado. Tentou o mais que pode recompor a visão, mas tudo que conseguia enxergar eram luzes se movendo de um lado para o outro.

– Espero que esteja bem – disse uma voz familiar.

Oxum fez força para enxergar. Uma cabeça, gigante, a observava de perto. Um rapaz ou uma moça? A pele era escura como a dela, cabelos curtos. E aquela voz? De quem era aquela voz serena? As imagens clarearam um pouco mais. As folhas das árvores passavam em frente aos seus olhos, o céu ao fundo. Ela balançava como se estivesse... numa canoa? O rio. Ela havia tentado atravessar o rio e caíra no meio da travessia. Quem era a pessoa que lhe acolhia? Era alguém conhecido...

– Agente firme, minha mãe – disse a voz.

Não era Obá. Muito menos a velha zeladora.

Oxum piscou mais uma vez.

Logun! Meu amigo Logun Edé!

Seu peito ainda estava fraco. Não conseguia falar. Apenas acariciou a mão do velho amigo com o rosto. Ele pareceu gostar.

– Não se preocupe, minha mãe. Não vou deixá-la sozinha.

“Mãe? Senhora? Como assim? Não! Logun! Sou eu!”, pensava Oxum, “Sua amiga”. Mas não conseguia falar. Não conseguia voltar à forma normal. Estava presa naquele corpo com penas!

A canoa aportou próxima a Ipondá e Logun levou a pequena coruja que salvara das águas para dentro de casa. Deu-lhe água, deixou que descansasse. Oxum não dormiu, passou o resto da tarde observando o rapaz.

– Minha mãe, perdoe meu povo. Eles não fazem por mal.

Oxum levantou o pequeno bico, demonstrando que estava ouvindo. O rapaz continuou.

– Há meses eu os aviso para não esquecerem das senhoras, mas eles não me ouvem.

Minha mãe? As senhoras? As senhoras! Ele a estava tratando como uma Oxorongá! Ele tinha razão, é verdade. Sempre sábio o jovem Logun. “Continue”, indicou com a cabeça. Estava curiosa para ver onde aquilo iria chegar.

– E agora que dizem que os orixás estão em guerra com as senhoras, aí que eles não me ouvem mais. Dizem até que mandaram um adivinho procurar um pequeno exército para ir atrás delas.

Como? Oxum queria saber mais. Aquela história... Seria possível... O rio... Oxum deu um salto e pousou no ombro do amigo.

– Quer passear um pouco? Que bom que está ficando melhor.

Caminharam por Ipondá por algumas horas. O povo, assustado, andava para trás quando via o jovem Logun com um pássaro da noite pregado ao ombro. Os ganchos do lado de fora das casas, onde se pendurava a caça, estavam vazios. As canoas aportadas na margem não tinham nenhum peixe. As lavouras estavam secas.

– Eu avisei para eles que esquecer das senhoras era um mau presságio, minha mãe. Quem sabe a senhora não veio aqui para nos perdoar? Há semanas que o rio parou de nos dar peixe, a terra e o mato pararam de nos dar lavoura e caça. Nem as mulheres mais têm filhos! É como se tudo tivesse secado. Então eu mesmo fiz uma oferenda para as senhoras e, no mesmo dia, a senhora, bondosa e misericordiosa, apareceu para trazer o seu axé.

Seria aquilo tudo um sonho? Era como se ela tivesse voltado no tempo. Oxum ouvira falar da grande seca de Ipondá. E se a história dos adivinhos fosse o que ela estava pensando, ela de alguma forma havia voltado... Não fazia sentido.

Oxum saltou do ombro do rapaz e pousou onde a terra ainda marcava a lavoura seca. Ciscou o chão querendo indicar que infelizmente não sabia o que fazer.

– A senhora vai nos devolver a lavoura? Obrigado, minha mãe! – respondeu Logun, batendo a testa no chão.

“Não!” pensou Oxum. E voou até a janela de uma casa, onde uma mulher de barriga grande chorava, preocupada com o futuro do rebento.

– Ayomide! – gritou Logun. – Nossa mãe Oxorongá veio lhe dar a bênção!

A mulher chorou e, em louvor, encostou a testa no chão.

Logo a cidade inteira ficou sabendo. O povo se juntou ao redor da casa de Logun, para agradecer a visita da mãe ancestral. Oxum continuava tentando dizer que não, mas não importa o que tentasse dizer, eles sempre entendiam o contrário!

O rio! – gritou um pescador. – Talvez ela possa trazer de volta o nosso rio?

Logun gostou da ideia. Correu para o rio, com o pássaro no ombro. Esse era um feitiço que Oxum conhecia bem. Não sabia se conseguiria executá-lo sob a forma de pássaro, mas poderia tentar. Saltou do ombro do amigo e caminhou até a margem. Deu dois pequenos passos na direção das águas, soltou um piado agudo e bateu as asas. E observou. Às suas costas, todos prendiam a respiração.

De repente, as águas se agitaram. Na superfície, pequenas ondas se formavam, nervosas. No mesmo instante, as vozes clamaram:

– Os peixes voltaram! Viva as nossas mães ancestrais!

A festa naquele fim de tarde foi até o anoitecer. Os tambores tocaram, pessoas dançaram. Bateram cabeça e homenagearam a visita da grande mãe que lhes fora visitar. Quando finalmente ficaram a sós de novo, foi a vez de Logun perguntar:

– Como podemos lhe agradecer, minha mãe?

Oxum olhou para o lado. Estivesse mesmo acontecendo o que parecia, ela tinha uma missão a cumprir – uma missão estranha, mas só havia uma coisa que ela poderia fazer. Olhou ao redor, voou até o canto da casa, roubou um pequeno pingente de ouro e voou porta afora. Logun assistiu confuso, sem saber o que fazer. Do lado de fora, Oxum pousou no chão e piou, chamando o amigo, que finalmente a entendeu e seguiu.

Ela voou até a beira do rio. Antes que Logun chegasse, arrumou alguns objetos no fundo de sua canoa. Uma pedra amarela com pequenos pontos azuis, uma maior e metálica, uma pedra mais frágil, coberta de uma leve camada branca, e um pingente de ouro.

– Você quer me dizer alguma coisa?

A coruja olhou para a azul e amarela. E apontou para a floresta, o rio, depois para Logun.

– O rio e a floresta? A canoa... Essa pedra sou eu?

Oxum acenou que sim, animada com o progresso. Logun sorriu, entusiasmado. Ela então colocou as pedras sobre uma folha, apontou para o outro lado do rio e arrastou a folha naquela direção. “Travessia!”, pensou. Mas apenas um pio agudo lhe saiu da garganta.

– A senhora quer que eu carregue três passageiros de lá para cá? – perguntou ele, para mais uma reação positiva da corujinha. – Mas quando?

Oxum não sabia quando, apenas que isso aconteceria um dia. Então não disse nada. Apenas olhou direto nos olhos do rapaz em silêncio, esperando que ele pensasse em algo.

– Deixe estar. Estarei aqui todos os dias aguardando que três pessoas, uma de metal, uma coberta de branco e uma de ouro, queiram atravessar o rio.

Oxum saltou, dançou e piou. Voou em festa ao redor do amigo e mordiscou sua orelha em agradecimento. Ele também festejou o estranho diálogo:

– Não se preocupe, minha mãe. Quando os passageiros vierem, eu contarei para eles quão grandiosas e misericordiosas são nossas mães ancestrais.

Oxum estava satisfeita, mas exausta. Sabia que ele realmente diria o que prometera, que tentaria

dizer ao pai e seus companheiros que as Iá Mi Oxorongá não eram más como eles diziam, mas que ninguém ouviria. Sua parte, ao menos, estava feita. Voou mais uma vez sobre os braços do amigo e se aconchegou. Ele a abraçou com ternura e, das pedras sobre a canoa, pegou apenas o pingente de ouro. Aquela havia sido a única parte da mensagem que não havia entendido. “Sou eu, seu burro!”, pensou Oxum, se arrependendo imediatamente. O amigo havia entendido bastante, até. Cruzaram a cidade devagar. No caminho para casa, ouviram o som de um recém-nascido chorando um grito forte e cheio de saúde vindo da casa de Ayomide. Oxum tentou levantar para ver. Quem sabe ela havia ajudado de verdade? Estava exausta demais para conferir. Seus olhos pesaram e se fecharam por um instante pouco antes de chegarem de volta à casa de Logun.

Quando os abriu de volta, estava de novo em sua pequena casa escura no Orum. Bem ao lado de Obá, exatamente como antes de saírem para o primeiro voo. A companheira dormia pesado, sem notar que Oxum havia chegado. Talvez Nanã não tivesse percebido sua ausência? Pensaria nisso depois. Voltou a fechar os olhos, e dormiu até o amanhecer.



Folami jamais esqueceria o que sofreu pelo suposto crime de querer estudar. Também nunca quis falar no assunto. Nunca explicou como sobreviveu todo aquele tempo (sete anos!), não deu detalhes do que fizeram com ela enquanto esteve prisioneira, nem como apareceu de volta. Tudo que se sabe é que ela veio vestida em farrapos que carregavam um vestígio ou outro do velho uniforme de escola, e estava coberta de sangue, terra e penas. Segurava um pedaço de garrafa, encravado na própria carne como se num momento de fúria o vidro lhe houvesse explodido pela pele como garras em uma coruja.

A família a levou para dentro e a limpou com carinho. Deixaram a água lhe escorrer pelo cabelo, duro da mistura de sangue e terra, até que ele se soltasse como antes. Cuidaram das feridas e hematomas dos braços e pernas até que não ardessem mais. Limparam a queimadura de ácido que havia deformado parte de seu rosto e lhe derretido uma orelha. Finalmente, limparam a barriga crescida que carregava o rebento de Folami com a ignorância.

Dias depois, a feiticeira do bairro foi prestar seus respeitos à menina, e caiu de joelhos diante da porta. Não esperava aquele olhar decidido, nem o corpo emplumado com que foi recebida – não contava com um axé tão forte. Mas tinha um trabalho a fazer, não era hora de se perder em contemplação. Folami, em respeito à devoção dos pais, resolvera dedicar sua cabeça a uma das Iá Mi Oxorongá, que haviam salvo sua vida. A velha feiticeira olhou, olhou e olhou. Não conseguiu escolher. Aquela era uma cabeça de amor e fúria, que tanto poderia ser da doce maternidade de Oxum quanto do sangue quente de Obá. Da preferida ou da preterida, como chamava a velha bruxa.

– Essas duas estão em guerra pela sua cabeça – disse a feiticeira. – Você mesma vai ter que decidir.

Ela escolheu a força de Obá, guerreira valente que mete medo em homem, mas nunca deixou de fazer suas oferendas para Oxum também. Tão logo suas gêmeas nasceram, deixou-as com os avós e foi completar os estudos na prestigiosa universidade de Berkeley, na Califórnia, onde sua história chegara e lhe fora oferecida uma bolsa de estudos no curso que escolhesse.

Mesmo de longe, Folami nunca deixou de falar com as filhas, mas só voltou para a Nigéria doutora, com diploma e tudo, e mais todo o dinheiro estrangeiro que precisava para educar as meninas da periferia de Lagos por três ou quatro gerações. Construiu uma escola nova, só para meninas, e fez um grande evento para celebrar a primeira turma.

– Cada uma de vocês é minha oferenda à minha mãe Obá e minha madrinha Oxum – disse ela, na abertura daquele e de cada ano escolar que se seguiu. – Vocês são o exemplo e a riqueza do nosso povo. A ternura e a força. Ergam suas canetas como quem empunha uma arma. Vamos mostrar do que nós mulheres somos capazes.



– Estamos numa guerra – disse a velha bruxa, desapontada com a insubordinação da véspera. – E, numa guerra, quem não trabalha em conjunto e não segue ordens não serve para nada.

Ela se referia apenas a Oxum, que preferiu não piorar as coisas contando o que acontecera quando tentou cruzar o rio.

– Obá, por sua lealdade e obediência, lhe confiarei a mais preciosa das armas que alguém pode ter aqui nesse lugar. O veneno dos venenos, a poção das poções. Dizem que aqui não se pode morrer. Isso é para quem não sabe fazer suas poções. Eu sei. Então guarde essa cabaça e só a use na hora certa, quando puder usar e contra alguém muito poderoso quando invadirmos a montanha dos homens.

– Invadirmos?

– Sim. Nós vamos invadir. Está na hora de pararmos de viver pelas regras que eles nos impõem. E Obá, você vai comandar a invasão. Você e Iansã.

Iansã! A búfala! Era ela que haviam encontrado.

– Mas quem era a pequena senhora? – perguntou Oxum.

– Uma de minhas filhas – explicou a velha bruxa, retirando o capuz para que pudessem vê-la pela primeira vez com clareza.

A velha Oxorongá se parecia com a pequena senhora montada em Iansã.

– Vocês já devem ter ouvido falar meu nome. Chamam-me de Nanã nessas terras do Orum e do Aiê. Sou a mais velha entre todas nós, as orixás do lado feminino do Orum, a dona da tradição, do tempo, da vida e da morte.

Dessa vez, Oxum e Obá se deitaram no chão sem pensar, e tocaram o solo com a testa em sinal de respeito.

– Levantem. Não temos tempo para essas frescuras – disse Nanã, que na realidade apreciava o gesto. – Obá, pegue essa cabaça com a minha poção e vá procurar Iansã. Quero que as duas comecem a preparar um plano de ataque.

– E eu? – perguntou Oxum.

– Quando minha filha chegou, fiquei sabendo do que você fez. Aquela lá é bem desconfiada, foi impressionante que ela confiou e lhe deu a mão. Você leva jeito com nossos filhos pequenos. Acho que vou lhe deixar encarregada deles a partir de agora. Sempre que alguém for iniciado, será você que ajudará nossos filhos a pousarem sobre as cabeças dos iniciados no Aiê e ajudar que eles se tornem um só. Um trabalho por demais importante.

Oxum fingiu gostar. Não se meteria a besta com Nanã. Por dentro, odiou. Não que fosse chegada a uma guerra. Era delicada demais para isso. Ou que não reconhecesse a importância de sua nova atribuição. Não era isso. Apenas odiava a ideia de que Obá teria um papel mais importante que ela em qualquer que fosse a missão.

No dia seguinte, no entanto, quando teve que lidar com sua primeira iniciada, Oxum mudou de opinião. A iniciada que mandava lhe chamar havia dedicado sua cabeça a Iemanjá. A velha orixá dos seios grandes e amores gigantes. Diante de Oxum, Iemanjá se banhou no rio que escorria ao longo de toda a montanha e, alisando o próprio braço, retirou um pedaço duro de pele, uma escama. Levou o pequeno pedaço de si mesma até a boca, beijou-o com carinho e em seguida colocou-o com cuidado

na água.

Ao primeiro contato com o rio, a escama de pele se multiplicou. E cada uma das novas escamas deu origem a muitas outras, até que elas todas começaram a tomar a forma de uma versão menor e mais nova da própria Iemanjá. Diante de tanta beleza, de uma magia tão linda, Oxum se emocionou.

– O que eu faço agora? – perguntou.

– Peça a Exu que a leve até a moça que está dedicando a cabeça a mim. Mas vá depressa, porque ouvi que Iku já avisou que irá buscá-la, e ela merece o prazer de conviver com sua própria orixá o tempo que puder.

– Exu está aqui também? – gritou ela, em êxtase. Fazia tanto tempo que não via alguém de que gostasse de verdade!

– Estou, minha princesa! – disse ele de surpresa.

Depois do susto ela saltou no seu colo, agarrou seu pescoço com os braços e trançou as pernas na sua cintura como fazia com o pai quando era pequena. Estava tão feliz de vê-lo que nem parou para pensar o que um mensageiro homem estaria fazendo ali, na terra das Iá Mi Oxorongá.

O lugar onde fariam a aplicação do orixá era um ponto próximo do Rio do Tempo, onde eles poderiam se comunicar com a iniciada. Uma imagem se formava como se fosse feita de vapor. A moça, deitada na cama, com sua cabeça raspada e roupas brancas, sofria de dor, mas estava emocionada, enfim conheceria sua própria orixá.

– O nome dela é Sophie. Ela parece estar aqui – disse Exu – mas não está. Essa é só uma imagem dela. Mas o que você fizer a essa imagem aqui, você estará fazendo à verdadeira lá no Aiê.

– Que pena que ela não tem muito tempo. Meu primeiro trabalho e já vai ser tempo perdido.

– Quer saber um segredo? – perguntou Exu.

– Diga.

– Iku morre de medo de etu, aquela que chamam de galinha d’angola.

– Eu sei o que é etu!

– Agora sabe que Iku tem medo dela também.

– E por que você está me dizendo isso?

– Porque quem sabe você tem alguma ideia para salvar essa mocinha? Não vai querer desperdiçar logo o seu primeiro trabalho, vai?

Oxum adorou a sugestão.



– Sophie Barnave, aceita o senhor Enoch Vasconcellos como seu legítimo esposo?

Sob a forma de pássaro, Oxum assistiu, orgulhosa, do alto do vidro colorido da construção, o casamento de sua primeira iniciada. De desenganada a recém-casada por causa de uma iniciação bem feita. Tê-la pintado de pontos brancos sobre a pele quase preta e colocado uma pena vermelha amarrada na testa foi tudo de que ela precisou para fazer Sophie parecer uma galinha d’angola e espantar a visita de Iku. “Vou usar esse truque todas as vezes, a partir de agora”, disse Oxum para si mesma. Nanã poderia ficar nervosa no princípio mas, eventualmente, entenderia.

Agora, o importante...

Por dias, Oxum acompanhou a viagem de Enoch e Sophie. Um amor tão doce que emocionava. Faltava agora um filho. Toda noite, ela os observava enquanto namoravam. No quarto, na cozinha, na praia. A cada vez, Oxum os abençoava e desejava um filho cheio de saúde e sabedoria. Nove meses depois, o pequeno Eliel chegava ao mundo. Nome da Bíblia Sagrada, escolheu o pai, “para ele entrar

pelo lado correto do mundo”. Ele agradecia a bênção dos orixás terem salvado sua noiva quando ela estava desenganada, mas preferia, mesmo assim, que o filho caminhasse pelos caminhos do Deus da sua igreja. Oxum achou graça, e deixou. Mandou apenas que a mãe enterrasse a placenta e cordão umbilical embaixo de uma árvore antiga para fortalecer as ligações do menino com seus ancestrais – tanto os caribenhos quanto africanos. Depois partiu. Seu trabalho estava feito.



– Obrigada, meu amigo. Eu estava triste aqui. Meio sozinha. Você já me alegrou o coração – disse Oxum para Exu.

– Posso lhe pedir um favor em troca, então?

– Claro.

– Preciso aprender a fazer isso que você faz, prender um orixá na cabeça de uma pessoa.

– Mas isso é coisa de nós, mulheres.

– Eu sei, mas preciso muito aprender.

– Está certo. Pegue esse pó aqui, e mais essa e essa folha, passe nas incisões abertas durante a iniciação e a ligação será muito difícil de quebrar. Aprendi esse truque com Nanã mesmo.

– Você tem um dom mágico tão natural. Já vi outras meninas tentarem isso por uma vida inteira sem nunca conseguir. Sabe, você me lembra muito seu pai.

– Você tem visto ele?

– Às vezes, de longe.

– Mande um recado meu quando o encontrar?

– Diga.

– Diga para ele que morro de saudades. Que deveria ter sido uma filha melhor, mas que daqui do Orum vou fazer de tudo para olhar por ele...

Oxum estava prestes a chorar, então Exu a socorreu.

– Digo, mas deixe de melancolia, menina. Você virou um orixá importante. Não vai lutar na guerra de Nanã, mas tem um trabalho maior que muitos outros. Seu pai ficaria muito orgulhoso.

– Ficaria mais se eu soubesse jogar os búzios.

– Búzios são coisas de homem. Você queria ter nascido homem?

– Eu não, mas tenho certeza de que ele teria gostado mais.

– Não, princesa. Ele não trocaria você por nada.

– Sabe o que pode ajudar também?

– Ajudar o quê?

– A não deixar a orixá perder a conexão com seu hospedeiro.

– O que seria?

– Se você souber do que a orixá que vai desfazê-la não gosta, você pode pintar a pessoa disso, do mesmo jeito que você me mandou pintar essa aqui de etu. Você conhece alguém poderosa que não goste de galinha d’angola?

– Não, mas sei de alguém especial que não gosta de galinha branca.

– Então faça isso mesmo. Pinte a pessoa de galinha branca e dê um jeito que essa orixá seja quem vai desfazê-la depois.

E foi nesse dia que Exu resolveu cruzar Igba, o Rio do Tempo, e convencer um tímido jovem chamado Ifé de que sua amada lhe correspondia o amor mas precisava ser tomada à força para admiti-lo. E avisou Iku que naquela noite a menina que ele observava escondido seria atacada por um

homem violento e vil. Que se ele não quisesse ter que ceifar a vida daquela menina, teria que protegê-la do seu agressor.

Iku concordou, e foi assim e por isso, com um nó no tempo que só Exu sabe dar, que Euá, a menina casta que odeia galinha branca, foi parar no Orum.

Laroiê, meu pai, (tenho que me acostumar a chamá-lo assim agora, não?).

Não sei se já contei por que escolhi o ilustríssimo procurador Eliel B. Vasconcellos para fazer parte do meu plano. Bom, há as circunstâncias recentes, claro. Mas o que criou a qualificação extra foi uma ligação antiga, que aconteceu cerca de cinco anos atrás: Pilar sempre gostou de ter em seus círculos pessoas importantes da esfera pública. Um procurador era um desses troféus. Por isso, ela sempre gastou um tempo especial para garantir que ele seria atormentado e torturado o suficiente para quebrar qualquer vontade do sujeito. De todos os integrantes do grupo, ele sem dúvida foi o que mais sofreu. Numa das vezes, lá estávamos no nosso encontro social após a oração de sexta-feira quando ouço a voz de Pilar gritando do fundo: “Eliel?” Eu conseguia ouvir o som do uísque dali do outro lado do salão. Nos últimos anos, talvez por tédio, talvez por motivo nenhum, Pilar havia dado para abusar mais e mais da bebida e, com isso, da crueldade. Sabia que mais um espetáculo de humilhação estava para se descortinar.

Como membro do Nível 3, ele tinha livre acesso à sala fechada da mansão no Alto da Boa Vista. Estava sempre por perto para quando fosse chamado. Ele sempre ia até ela, que costumava ficar protegida num canto onde não era qualquer um que conseguia chegar. Naquela vez, porém, encontraram-se no meio do caminho. Pilar, rodeada de seus puxa-sacos de todos os dias. O procurador, sozinho.

“Eliel, seu merda” – disse ela, dando o tom do que estava por vir. “Isso que o Leopoldo me contou é verdade?”

“É, Pilar. Infelizmente é verdade”.

“E você sabia?”.

Ele fez que sim com a cabeça e baixou o olhar. Ao fundo, sua mulher cobriu a boca e mudou a direção do olhar. Não sei até hoje se de vergonha, ressentimento ou ultraje. Talvez todos juntos. Pilar continuou:

“E não me disse nada por que, infeliz?”.

Havia certos segredos que um procurador não podia contar. E, embora poucos ali soubessem do que se tratava aquele em especial, ninguém queria estar na pele dele.

Isso tudo aconteceu há tempos, mas lembro como se tivesse acontecido ontem. Pilar mandou que ele se ajoelhasse e pedisse perdão. “Perdão, mentora”, disse ele, baixinho. Ela o fez repetir, gritando. Uma, duas vezes. Depois derramou, aos poucos, o resto do uísque sobre sua cabeça e ombros. “Seu bosta”. Mandou que ele se deitasse no chão e batesse cabeça para ela. Tocasse a testa no carpete diante de seus pés. Pilar rodeou seu corpo estirado, pisando com o salto em uma de suas mãos. Não tão forte que quebrasse algum osso, mas o suficiente para que lhe corresse uma lágrima de dor. “Tá achando que porque é procurador é mais importante que eu?” – disse, ao cutucar o rosto de Eliel com a ponta do sapato. Depois o chutou, quase com força, nas costelas. “Levanta, seu banana. Da próxima vez que você souber algo importante, se lembre dessa noite aqui”.

Ninguém mais disse nada. O silêncio opressor durou mais uns dez, 20 minutos enquanto cada um de nós procurava uma desculpa para ir embora. Até mesmo os puxa-sacos tentavam convencer Pilar a

ir para casa. Ninguém mais queria presenciar outro espetáculo desses.

Não vi o procurador nas orações depois disso, por um bom tempo, pelo menos. Diziam que ele estava sempre viajando a trabalho. Eu não estranhava. Tivesse sido comigo, teria quebrado o nariz daquela vaca. Mas Pilar sabe bem com quem faz o quê. E o procurador preferiu desaparecer por um tempo. Pelo menos dos nossos olhos.

Meses depois, fui chamado para uma reunião extraordinária na casa da mentora. Isso não acontecia sempre, mas, quando acontecia, era algo importante. Um trabalho, como ela chamava.

Ela mesma abriu a porta, falando baixo, quase num sussurro. Entregou-me um copo de uísque e tomou meu braço, delicada, acompanhando-me até uma antessala iluminada por velas e decorada com flores, pratos e sedas. O leve aroma de incenso e damas-da-noite eram sensuais demais para que eu ficasse confortável. O olhar sinistro da cobra empalhada parecia nos acompanhar.

“Não se preocupe. Não vou atacar você” – disse ela, num tom de dona de bordel chique. “Mas preciso que cumpra um ritual importante, hoje. Para alguém que merece” – ela me tranquilizou. “Essa noite, meu caro, você é o prêmio. Não me decepcione”.

Devagar, ela desabotoou minha camisa. De sua bolsa, retirou um conta-gotas e pingou algumas na minha bebida. Reconheci o cheiro da ketamina. Obedeci, desconfiado, enquanto ela me rodeava, observava... aguardando sinais do efeito da droga.

Flautas e violinos invadiram meus ouvidos. Um piano familiar. A voz rota entoava os versos que eu sabia de cor. *When I look into your eyes/ I can see a love restrained*. Pilar sorriu em reconhecimento. Ela não poderia estar ouvindo o que eu ouvia, mas por certo eu dei algum sinal. O tempo se curvou. Ao meu redor, as luzes deixavam rastros. Eu me sentia *sexy*, desejado, curioso. A tatuagem de Pilar, a mesma cobra negra que nos observava da estante, se moveu pela sua pele, entrando e saindo de trás de seu vestido decotado. A porta dupla se abriu e uma menina linda caminhou em minha direção. Tinha os cabelos levemente cacheados, pintados e ressecados com um laranja de tinta barata e um batom da mesma cor. Sua pele era cor de leite, e de um dos lados era toda desenhada com curvas negras e grossas, de onde se abriam e fechavam rosas esparsas, desde o joelho até as costelas. Um camafêu delicado com uma imagem de mulher ilustrava um dos ombros, e ela sorriu para mim. O outro braço era inteiro coberto de tinta, nos mesmos tons e estilo, do ombro até o cotovelo. A menina usava uma calcinha preta, sem adornos, que descia bem fundo em seu ventre liso, não mais que três dedos até o fim do seu corpo. Salto alto. E mais nada. *But, darlin', when I hold you/ Don't you know I feel the same?* – cantava meu amigo Axl. Sentia como se ela estivesse ouvindo. Seu nome era Myrela, havíamos nos conhecido em algum evento organizado por Pilar, um evento social, digo. Jamais imaginei estar com ela nessa situação.

Pilar me arranhou o peito com suas unhas, e Myrela beijou de leve os vergões da minha pele. Pelas minhas costas, Pilar puxou minha camisa. Fechei os olhos. *'Cause nothin' lasts forever/ And we both know hearts can change*. Ela me beijou, a luz baixou e ouvi a porta atrás de mim se abrir e fechar. Pilar teria nos deixado sozinhos, pensei.

Dançamos ao som de *November Rain*, como se fosse uma valsa que ambos ouvíssemos. Então ela me parou, me beijou a boca de leve e se descolou. Virou-se para o lado e beijou a boca de outro homem que não sei quando havia entrado ali. Enquanto o beijava, levou minha mão até seu próprio peito, apertando-o de leve, e voltou a me beijar. Fechei os olhos e senti um toque grosseiro atravessar minha orelha, os dedos se trançando fundo nos meus cabelos. A música continuava – *And it's hard to hold a candle/ In the cold November rain*. Senti minha calça se abrindo, caindo. Estava nu. Alguém me beijava em cima, alguém me chupava embaixo. A ketamina com álcool faziam tudo parecer ok. A música mudou. Ficou mais violenta. Guitarras tocaram forte em solo seguidas pela voz

distorcida: *Here I am/ And you're a Rocket Queen/ I might be a little young/ But Honey I ain't naive.* Os movimentos se embruteceram, eu acho. Estávamos os três na cama agora. *I'm a sexual innuendo/ In this burned out paradise/ If you turn me on to anything/ You better turn me on tonight.* Ela apertava os peitos contra minhas costas e me beijava o pescoço, enquanto aumentava com as unhas as marcas do meu peito. Eu investia fundo no homem à minha frente. Pelo espelho, pude ver seu rosto. Ela gritava: “Goza, Eliel!”. Ele gemia e chorava. *Here I am/ And you're a Rocket Queen oh yeah/ I might be too much/ But honey you're a bit obscene.* Lembro de muitas mãos e gritos, e pernas e eu gozando com força e a música calando e tudo se apagando, de repente, e quando abri os olhos de novo, já amanhecia. Ele se vestia às pressas, como se tentasse sair antes que eu despertasse.

“Eliel?” – perguntei, com um certo deboche, para amenizar a situação.

“Procurador” – ele respondeu.

E saiu pela porta carregando o resto de suas roupas no braço, sem perceber a luz vermelha atrás dos vidros de perfume. Eu poderia ter apontado a câmera e desmascarado Pilar. Ou ao menos roubado o *memory card*. Mas decidi deixar que ela tivesse esse trunfo contra mim e o procurador. Daria a ela uma sensação de tranquilidade e controle que eventualmente me poderiam ser úteis, como acabaram sendo.

Veja, eu entendo a Pilar. Não julgo seus métodos e talvez no lugar dela fizesse o mesmo. Controle significa poder. Mas, quando poder e religião se misturam, sempre dá cagada. Sempre vem uma guerra, entre indivíduos, tribos ou países. Alguém sempre morre. Dessa vez, sou eu. Bom que estou do lado que pode me ajudar depois que eu bater as botas. Não tenho como agradecer além de fazer tudo como você me pediu.

Tirei 30 dias de férias, sem internet nem telefone, conforme você orientou. Achei que partiria para o outro lado por inanição digital. As coisas na NFB estavam preparadas para essas férias, e esse tempo incomunicável não levantaria suspeitas. Não queria ter ninguém batendo na minha porta enquanto a dona Preta estava lá.

“Pronto pra rodar, Dofono?” – disse ela quando chegou, no primeiro dia.

Não tinha ideia do que rodar queria dizer, muito menos dofono, mas disse que sim. Imagino que sua visita e tudo que se passou a seguir eram parte da iniciação que você me ordenou.

Ela começou me dando um longo colar de palha e uma espécie de coleira de contas na maior parte turquesa e branca, com algumas pretas e vermelhas aqui e ali.

“Nunca fiz esse orixá” – disse ela, com uma excitação que não me fez muito confiante. “A partir de agora, Exu é seu pai mas vou fazer sua cabeça para Iemanjá, uma Iemanjá diferente, que nunca ouvi falar, mas os orixás mandaram, então eu vou fazer”.

Por três dias, fiz praticamente nada. Esse foi o mais difícil. Tomava banhos com tigelas de água e uma mistura de folhas que ela preparava, e ficava o resto do dia em silêncio, trancado no meu próprio quarto vazio: tinha apenas uma esteira para dormir, que ela mesma trouxe, e só. Na manhã do quarto dia, ela me acordou com uma navalha na mão.

Mandou que me sentasse e se posicionou atrás de mim. Imaginei imediatamente que seria fácil cortar minha jugular daquela posição, mas, se ela me quisesse morto, não teria salvo minha vida anos atrás, quando fui sequestrado pela turma do Capitão. Deixei que ela prosseguisse.

Com um aparelho moderno, tirado do bolso do avental, cortou meu cabelo curtinho, máquina zero. Deu-me mais um banho com água do mar e folhas, cantando o tempo todo em uma língua que parecia com o que eu ouvia nas imagens do lago de Ifá, mas dessa vez, eu não entendi nada. Com a navalha, ela raspou então o que faltava do cabelo. Já me sentia seguro quando ela segurou forte meu ombro,

em aviso que algo estava por vir e zap! Enfiou e correu a lâmina no topo da minha cabeça! Na hora parecia que ela estava arrancando todo o meu couro cabeludo. Mas hoje, no espelho, dá para notar apenas alguns cortes pequenos concentrados no ponto mais alto da cabeça e alguns outros ao redor. Com a mão, dona Preta espalhou algo que parecia uma pasta, e derramou alguns líquidos viscosos. Um deles tinha cheiro de louro e erva de santa maria, outro de sangue de galinha, mas não perguntei. Ela fez mais incisões no meu ombro, pés e outras partes do corpo sem explicar ou conversar. Apenas cantava naquela língua que eu não entendia. Um canto carinhoso, que soava bonito na voz dela.

Acho que uma hora depois, ela me trouxe um prato de comida, uma pirâmide de milho embrulhado em uma folha de banana, e uma beberagem com cheiro forte de sangue cru e temperos. Tomei o que ela mandou, comi a pirâmide branca logo em seguida. Não sei qual dos dois foi o responsável, mas a partir daí, me lembro de muito pouco. Passei os dias seguintes ouvindo sons de tambores vindos não sei de onde, comendo e bebendo coisas que não sei descrever e ouvindo histórias que não sei contar.

Tive muitos sonhos também. Imagens e cenas que dona Preta ouvia e anotava com cuidado. Num deles, lutava contra uma cobra negra gigante, como a Saracura empalhada de Pilar. Cortei-lhe a cabeça com minha espada e abri a barriga da bicha como se soubesse o que estava fazendo. De dentro do corpo desfalecido saiu uma jovem negra, de seios enormes, que me acariciou o alto da cabeça e me abraçou com delicadeza. Por trás, uma outra mulher, que parecia uma versão maior e mais velha da primeira, me abraçou também. Elas então tomaram minha espada e cortaram minha cabeça. No sonho, isso não me apavorou. Parecia que havia me libertado. A jovem então segurou minha mão e um fio de leite jorrou de seu peito. Jorrou tanto que formou um rio. Nós dois navegamos nesse rio numa folha de bananeira e vimos uma luz forte. Algo lindo, maravilhoso, mas que eu não conseguia alcançar. Eu chorei de felicidade. Só que não lembro do final. Não sei o que vi. “Ah, entendi” – disse dona Preta, enigmática, e me deu mais um de tantos outros banhos de folha que tomei.

Me perdoe se minha memória, que já anda confusa sem esses rituais e poções, não está muito precisa. Sei que fui pintado de várias formas diferentes e vestido com roupas estranhas, mas não lembro dos detalhes. Tive o alto da minha cabeça cortado pelo menos outras três vezes. Lembro de ver galinhas serem mortas e preparadas em pratos diferentes. Sonhei com elas algumas vezes também. Penas brancas caindo como chuva. Tive que beber sangue cru, mais de uma vez, direto do pescoço da bicha. E lembro de mergulhar no mar e acordar na areia – esse não sei se em sonho ou acordado. Senti muito cheiro de flores, e cachaça, e milho. Passei nas costas de um búfalo no meio de uma ventania, dormi em uma cama de flores que brotavam do chão que eu tocava. Acho até que encontrei o espectro da morte, que me olhava curioso como se o fantasma fosse eu. Sonhos ou alucinações, me pareceram muito reais. Dias, digo semanas depois, não lembro de ter saído de casa. Tenho registro de muito pouco além desses *flashes* e delírios, aliás. Em um dos poucos momentos lúcidos (ou quase), lembro de me ver refletido no espelho, coberto por desenhos em traços brancos desenhados de giz por todo meu corpo. Dona Preta me levava pelo braço, cambaleante, para a sala. Ela tocava um sino duplo, prateado. Do centro da sala, postou-se em frente a mim e gritou: diz seu nome, Iaô! Eu olhei para ela confuso, ia responder o óbvio: Newton. Não consegui. Senti os rasgos da minha cabeça ardendo e queimando como se estivessem em carne viva e alguém jogasse neles um balde de água do mar. A queimação veio então do topo e espalhou por baixo da minha pele, por cada centímetro do corpo. Eu tremia sem parar. Joelhos, ombros, cabeça. Era como se luz jorrasse por cada um dos meus poros, em direções diferentes e aleatórias. Senti-me grande, dois metros de altura. Via dona Preta, pequena, à minha frente, cercada de indivíduos que pareciam feitos de luz e poeira. Eles se entretiam com minha confusão. Havia também certo orgulho, eu acho. Um deles parecia mais

sólido que os demais. Mais luminoso também. O que ria mais alto. Um negro alto, forte, com cabelo ornamentado de preto e vermelho no alto da cabeça. Estranhamente (se é que algo poderia ser estranho depois disso tudo, mas era) ele estava vestido de terno, e tênis. Deu um passo à frente, olhou para dona Preta, que aquiesceu em silêncio, e me perguntou:

“Diga seu nome, meu filho” – acho que era você?

Os tambores tocaram mais alto. Todos começaram a gritar, e cantar e dançar. Tudo girou como se eu estivesse bêbado. Não, como se tivesse tomado ácido. Porque o mundo girava rápido e devagar ao mesmo tempo. Paredes, pessoas, cores. Os tambores batiam no meu peito e moviam meu sangue. Ouvi gritos de gol (provavelmente interferência de algum amistoso da Seleção que se preparava para a Copa). E girei sobre minhas próprias pernas. “Pronto para rodar, Dofono?”, lembrei da pergunta. Dofono, agora eu sei, é o iniciado solitário. Era eu. Eu não comandava mais meu corpo nem minha cabeça. Apenas dançava entre eles.

Dancei, girei, parei ali no meio de tudo e, de repente, gritei do fundo dos meus pulmões: Oritundê!

A festa aumentou. As canções ficaram mais alegres, como se celebrassem meu grito. A dança acelerou. Todos, quem quer que fossem aqueles seres feitos de luz, pareciam radiantes com o que quer que fosse aquilo que eu acabara de dizer. Até dona Preta dançava conosco, como se fosse jovem novamente. Dançava com as costas curvadas e balançando os joelhos e cotovelos no ritmo dos tambores, e apontava orgulhosa para mim, me mostrando empolgada para um ser coberto de palha da cabeça ao chão.

Acordei sem saber o dia. Nu, pintado com traços que pareciam penas, riscadas de tinta branca. Estava deitado no meio da sala, onde todos os móveis estavam cobertos com lençóis brancos.

“Oritundê” – dona Preta falou de trás de mim. “Nome bonito, meu filho”.

Dormi mais alguns dias seguidos, depois disso. Quando voltei, me sentia como um bebê que não entendia o próprio corpo. Tive que reaprender a andar. A falar. A me vestir. Tomar banho. Cozinhar! Dona Preta ria de mim e com gentileza me ensinava as atividades mais estúpidas que eu não conseguia fazer sozinho. Até a varrer a casa, por algum motivo ela resolveu me ensinar. Era como se a consciência fosse minha, mas o corpo não. Digo, o corpo era o mesmo de antes, mas eu me sentia mais cheio dentro dele, e não sabia mais como me mover.

Quando recuperei um pouco de lucidez e destreza, perguntei quanto tempo havia passado. “Vinte e um dias desde que eu cheguei”, explicou ela. E me desculpe se estou contando algo que você já sabe (você já me deu provas suficientes de que nada lhe escapa). Parte desse relato é para eu mesmo me lembrar.

Aos poucos, recebi meus eletrônicos de volta. Aos poucos. Computador num dia, telefone no outro. Dona Preta deixou comidas especiais e instruções para todos os dias seguintes, e me disse para fazer o que eu tinha que fazer, mas que evitasse sair de casa por mais nove.

Preso em casa, tenho feito posts irregulares em nome de Helena. Frases simples de quem está aproveitando as férias, às vezes com alguma foto roubada de pequenos sites pessoais e difíceis de encontrar com um simples Google de St. Barth. Respondi algumas mensagens do procurador, inclusive, dizendo que ele perdesse as esperanças, pois não voltaria mais para casa (dito como se fosse ela, claro). Ele não pareceu convencido. Imagino sua reação quando entender o que aconteceu.

Esperei os nove dias e chamei a Lisandra para sair. Encontrei-a num shopping (ela achou engraçado que “um mauricinho como eu estivesse usando uma careca de bad boy daquelas”) e de lá fomos até o tatuador que prometi. “*Sexy beast*” foi o que ela escolheu escrever, atravessando o quadril, até o meio da costela. Imaginei a raiva do pai quando descobrisse. Especialmente ao saber que eu a havia levado. Isso viria depois. Fomos direto para um motel no Real Parque. Nos

divertimos como de costume, e até gravamos um vídeo de nossa performance com o telefone. Eu a penetrava por trás, *doggy style*, de um ângulo em que ambos conseguíamos olhar para a câmera e gargalhar da novidade na tela: “*sexy beast*”.

“Pilar que mandou!” – eu disse, como se achasse graça, para a câmera.

“Obrigada, Pilaaaar!” – ela respondeu. E gozou no meio.

Quando eu tinha a idade dela, sexo era uma coisa desajeitada e nervosa que ninguém aproveitava. Só queríamos terminar rápido para poder contar para os amigos que fizemos de novo. Mais tarde, se a idade fez tudo ficar mais gostoso porque sabemos o que fazemos, aquela inocência e curiosidade faziam certa falta. Com a Lisandra, era muito diferente. Ter experiência diante de uma Lolita que não tem ideia do que o corpo dela (e o de um homem) é capaz é fascinante. Ver sua reação aos cheiros, toques e, especialmente, ver alguém tão surpresa com o próprio gozo (e de novo, e de novo, e de novo) é algo fascinante.

“O que foi isso que aconteceu?” – ela perguntava diante dos truques mais banais. Muito bom para o ego, devo confessar.

Aproveitamos um bocado um do outro. Só paramos quando ela pediu “pelo amor de Deus, não aguento mais”. Mal sabia ela que havia muito mais para não aguentar. Eu havia planejado ter a conversa com ela naquele dia mesmo, mas confesso: amarelei. Não queria estragar a memória daquela noite.

Ainda havia muito trabalho a fazer.

Axé, meu pai.

New, Oritundê.

6 COMENTÁRIOS:



Laroiê 19 DE MARÇO DE 2014, ÀS 1:21AM

O plano é seu.
A responsabilidade é sua.
Faça como quiser,
você será cobrado
do mesmo jeito.



Newton Fernandes 26 DE MARÇO DE 2014, ÀS 9:11AM

Finalmente chamei a Lisandra para conversar. Eu sangrava por dentro, mas tinha que ser firme. Esse era o plano. Fomos até um motel, pela privacidade, embora tenha me arrependido em seguida pela falsa expectativa que levantei. Nada combinava com nada. O lugar, o clima, meu olhar sombrio... Ela pescou minha energia imediatamente, ainda na garagem mesmo. “Você vai terminar comigo?” – ela perguntou, desesperada. Disse que não, mas que talvez ela não quisesse mais me ver depois daquela noite. Peguei as pastas no banco de trás e levei até o quarto. Me esforcei para não ser muito carinhoso e não piorar a situação. Larguei as pastas sobre a cama redonda e cafona, abri a primeira delas e entreguei para ela. Segurei sua mão. Um extenso dossiê sobre o Carlos. Detalhes, documentos, denúncias. O assassinato da secretária do *Jornal*, os atentados químicos, tantos outros trabalhos sujos feitos para Pilar... A cada barbaridade ela chorava mais um pouco. Antes de terminar a terceira pasta, ela já não aguentava olhar mais. Entregou-me a tudo de volta e pediu para eu lhe chamar um táxi. Nem se despediu de mim. Pobrezinha. Ninguém deveria descobrir essas coisas sobre o próprio pai. Ainda mais nessa idade tão frágil.



Newton Fernandes 3 DE ABRIL DE 2014, ÀS 10:41PM

Depois de uma semana de silêncio, hoje recebi um WhatsApp da Lisandra. Dizia que havia ido para a casa de uma amiga, e que tinha um novo celular, que eu não usasse o antigo. A essa altura, o pai dela já sabe que eu e ela andamos conversando e isso pode me causar problemas. Não sei se ele sabe da tatuagem nem do que andamos fazendo juntos. De um jeito ou de outro, agora tenho que tomar cuidado. Saio daqui a pouco para procurar um lugar que ele não conheça para poder trabalhar sossegado. Mando o vídeo do motel apenas quando chegar a hora certa, porque aí será o fim.



Newton Fernandes 5 DE ABRIL DE 2014, ÀS 9:11AM

Hoje o golpe surpresa vai para a NFB. Acabei de fazer um upload no WikiLeaks de informações suficientes para incriminar a mim mesmo, a Pilar e fechar a NFB. Fiz de maneira discreta para não chamar atenção demais, não quero que os documentos sejam encontrados pela pessoa errada. Assunto não faltou. As prostitutas e propinas da Radiex, as bolas pagas (e o nome dos boleiros) nas quatro concorrências de governo que ganhamos nos últimos anos, a compra antiética de jornalistas, de blogueiros, a contratação da mulher de um parlamentar para gerenciar nossas relações com o congresso, as informações privilegiadas e o tráfico de influências no judiciário que nos favoreciam através do procurador Eiel Vasconcellos. Tudo bem documentado, incluindo vinte e duas conversas incriminatórias entre a Pilar e eu. Ou aprovações dela, por escrito, para as falcatruas que eu propunha fazer. Será a primeira vez na história desse site que o próprio dono causa a implosão de sua empresa. Que orgulho, não? É a NFB, mostrando que é inovadora até na morte. Agora desapareço do mapa e encontro uma maneira do Josué Mantovani da revista *Monóculo* encontrar essa informação sem saber que veio de mim.



Laroiê 7 DE ABRIL DE 2014, ÀS 3:00PM

Deixe o Josué comigo.
Eu faço a mensagem
chegar até ele.
Essa é a minha
especialidade.



Newton Fernandes 13 DE ABRIL DE 2014, ÀS 5:11AM

Funcionou. A notícia sai na revista impressa amanhã, mas já está online desde hoje. Pilar deve estar fugindo, o Carlos enlouquecido cuidando dela.

Eliel tendo que responder a muitas perguntas.

E a Helena...

IEMANJÁ

Iemanjá sabia que aquilo não era a tradição. Muito menos natural. E que isso lhe causaria problemas. Mas se aquela era a única exigência que Exu havia feito para cumprir seu pedido, que assim fosse. Ela não entendia como criar uma filha tão forte que fosse muito difícil lhe quebrar a ligação com a pessoa onde vive poderia ajudar o mensageiro a libertar Olomowewê. Não saber os detalhes, no entanto, era uma boa conveniência caso fossem pegos. Então ela não perguntou.

Todas as outras mulheres estavam no lado oposto da montanha, o que garantia a Iemanjá a privacidade de que precisava. Então ela retirou uma escama da pele e colocou na água, como havia feito junto com Oxum havia alguns dias. A escama se multiplicou e juntas formaram uma réplica um pouco menor da própria Iemanjá.

– Oritundê – disse a feiticeira – a cabeça que volta. Que você seja tão forte que sejam necessários trezentos e um búfalos para lhe separar da cabeça a quem lhe dedico. Que seu espírito seja tão obstinado, que não haja feitiço do Orum ou do Aiê que possa quebrar sua vontade. E que seja boa sua vida, minha filha, longa e boa, com alguém que lhe trate com o respeito que você merece.

Iemanjá abraçou a pequena versão dela mesma e enxugou as lágrimas que corriam como o riacho a seus pés.

– Você vai cuidar dela, não vai?

– Claro. A partir daqui, ela é minha responsabilidade – disse o mensageiro.



Mão em conchas, olhos vidrados e intensos, elas todas batiam palmas ocas de preparação. O axé vinha do chão com tanta potência que se podia sentir o solo vibrar. Do alto de uma rocha, e cercada por uma multidão mais que atenta, Obá declamou como quem canta um brado de guerra a profecia que aprendera de Nanã:

Um dia, elas se juntarão como eles.

Não mais se ofenderão nem desejarão o que é da outra.

Não mais aceitarão desrespeito nem escárnio nem ordens.

*Um dia, unirão os exércitos dos oprimidos
e tomarão de volta o destino.*

*E que se ouça nas três montanhas do Orum
que grande surpresa está a caminho.*

A humilhada roubará o destino.

A vilã se tornará heroína.

E o balanço do mundo estará restaurado de volta.

Juntas, elas interromperam as palmas e gritaram, às dezenas, centenas, milhares. Tanto as recém-chegadas quanto as mais experientes. Uma comoção. Em seguida, voltaram as palmas. E foi a vez de Iansã:

Minhas amigas e irmãs.

É chegada a hora da grande surpresa.

E qual é a grande surpresa?

Que, dessa vez, não vamos nos calar.

(aplausos e gritos)

Não vamos nos calar!

(mais aplausos)

Dessa vez, nós vamos lutar!

A multidão explodiu num êxtase coletivo, mais uma vez interrompendo as palmas para gritar. Comemoravam como se já houvessem ganho a batalha. Como se os homens fossem mais fracos e menos treinados do que elas nas artimanhas da guerra. Iansã sabia que não, mas pensaria em um plano mais tarde. Ela mesma reiniciou as palmas ocas do paô e novamente endereçou suas guerreiras:

Quando minha corneta tocar,

nós não vamos guerrear a guerra deles.

Vamos lutar com inteligência –

trazendo os aliados mais fortes do Orum.

Vamos lutar com sabedoria –

usando flechas em vez de espadas.

Feitiços em vez de lanças.

Asas em vez de pernas e braços.

E vamos lutar para ganhar.

Foi quando Obá levantou o braço, erguendo a cabaça de veneno preparada por Nanã.

Diziam, quando chegamos, que aqui no Orum ninguém morre.

Mas isso não é verdade. Com a devida poção, mesmo o mais poderoso e vivido dos orixás se extinguirá. E essa cabaça que Obá carrega nas mãos tem o mais poderoso desses venenos.

Nos próximos dias, Obá vai lhes ensinar a atirar, enquanto eu vou buscar aliados. E Oxum... vai banhar cada uma das flechas nesse veneno mortal. Para que, quando atirmos, cada arranhão seja uma vitória.

Dessa vez, eles não terão a menor chance. Porque nós somos fortes, nós somos guerreiras e feiticeiras.

Porque depois que nós os vencermos, eles nos chamarão de senhoras do destino. E se prostrarão diante das Iá Mi Oxorongá!

Tambores substituíram o paô, iniciando uma música que fazia o sangue correr mais rápido. Elas dançaram em conjunto, como se fossem uma só. Do fundo, Nanã observava quieta. Até ali, tudo corria exatamente conforme o plano.

No meio da celebração antecipada, Iansã chamou Obá num canto.

– Preciso de um favor – disse Iansã.

– Preciso que deixe um pouco do veneno para mim.

– Para quê?!

– Tenho um acerto de contas a fazer.

– Com quem?

– Ainda não sei.

Iansã contou sua história com o tal senhor das gerações, a violência, o olhar desafiador do padrasto possuído.

– Direi a Oxum que separe o final para você, não se preocupe. Que você pegue esse desgraçado de jeito – respondeu Obá. – Como é que você vai trazer esses mercenários para lutar conosco? Você acha que consegue recrutar alguns entre os homens?

– Não sei ainda. Exu disse que me ajudaria com isso, mas nunca sei o que esperar daquele moleque. Ainda mais aqui no Orum, onde ele age como se fosse alguém importante.

Obá desejou boa sorte e se dirigiu ao campo onde treinaria as guerreiras, deixando Iansã sozinha para fazer o que tinha que ser feito. A única coisa que ela pensava além da guerra: Xangô.



Exu recomendou a Oxum que não se exibissem em público, para que os mais velhos não descobrissem o que estavam fazendo. Havia muitos alcaguetes loucos por uma oportunidade de ganhar a atenção de Nanã e Oxalá para eles correrem esse risco. Precisavam ser discretos.

Xangô chegou correndo, logo que a noite caiu. Não viu ninguém por perto da entrada da gruta indicada por Exu. Por precaução, sacou seu machado de duas cabeças e entrou. De repente, um som raspado cortou o silêncio logo atrás dele, e Xangô sentiu uma lâmina afiada lhe encostar no pescoço. Devagar, ele soltou sua arma e levantou as mãos, rendido. Assim que a pressão da lâmina diminuiu, todavia, ele agarrou o braço e projetou o corpo do atacante com força no chão, imediatamente saltando sobre ele, impedindo qualquer movimento e dando-lhe um beijo violento.

Iansã e Xangô se abraçaram e se despiram com a força da saudade que tinham. Eles se esfregavam, se entranhavam e suavam como dois adolescentes. Gemiam, se arranhavam e se jogavam de um lado para o outro, protegidos pela discricção da gruta de Exu. Do lado de fora, nunca se ouviram tantos raios e trovões ao mesmo tempo.



Há certas coisas que a idade não ensina. Mas se há uma que jamais dá errado é a inevitabilidade do fogo do desejo. Mesmo entre os encantados do Orum, quando os corpos davam choque ao mero toque, não havia ordem de manterem-se separados que funcionasse. Não por isso a infração deveria ser ignorada, no entanto. E aqueles raios e trovões e mais raios não deixavam dúvida de que a principal regra estava sendo quebrada com toda intensidade.

Oxalá mandou então chamar três dezenas de eguns para buscar Xangô. Não teve nem que se preocupar em descobrir o local. Aquilo tinha cheiro de armação de Exu.

Do outro lado, o mensageiro conversava com Nanã:

– Você sabe o que esses raios e trovões significam, não sabe? – perguntou Exu.

– Não sou criança, rapaz. Claro que sei.

– Pois a essa hora Oxalá deve estar mandando um exército para estragar a festa. Você sabe como ele é.

– O que você sugere?

– Que mande Iku o mais rápido que puder. O homem do trovão não tem medo de nada, e pode criar uma confusão que vai sobrar para Iansã. Você não quer que ela acabe sendo aprisionada logo agora,

quer?

– Não podemos correr esse risco. Ela é muito importante pro meu plano funcionar.

Exu saiu correndo e foi ter com Iku. Mas em vez de lhe dar a missão exatamente como Nanã havia concordado, contou uma história bastante diferente.

Iku e os eguns nunca se deram bem, por motivos bastante óbvios. Por mais que apreciassem sua existência no Orum, havia sido Iku que os havia separado, todos, de seus corpos, sem que ele jamais os houvesse perguntado. O ressentimento era histórico e coletivo. Iku, por sua vez, não sendo de muita conversa, reagia à hostilidade dos eguns com ainda mais hostilidade. Nos trabalhos de todo dia, de acordo com suas funções, eles conviviam com uma respeitosa distância. Mas a animosidade sempre esteve ali, e aquela noite ela estava prestes a explodir. Exu precisava mudar isso.

Rápido como é, ainda mais em se tratando dos caminhos secretos até sua própria casa, Exu chegou bem antes de Iku e dos eguns. Arrumou do lado de fora uma mesa gigante com as comidas prediletas da terceira montanha, a terra dos ancestrais, de onde vinham os eguns. Era uma festança com galinha cozida, milhos de todas as cores, peixes de couro e escama, javalis... e muito vinho de palma! Tudo trazido com cuidado das oferendas feitas para outros orixás, mas que Exu julgou pertinente que naquele dia cobrasse um pouco mais sobre sua parte.

Quando chegaram os eguns e encontraram toda aquela comida, perguntaram a Exu o que era aquilo.

– É um pedido de desculpas de Iku por nunca ter perguntado a nenhum de vocês se queriam partir da vida no Aiê.

Os eguns, normalmente nervosos e explosivos, foram pegos de surpresa com tamanha gentileza.

– Sabemos que ele segue ordens. E, se não fosse ele, não seríamos tão fortes, para falar a verdade. Se soubéssemos que ele era tão sábio e gentil, já o teríamos convidado para ser nosso rei há muito tempo. Pois ninguém tem mais mérito pela fatura e pujança da terceira montanha do que ele.

Não demorou muito, e Iku chegou. Vendo os eguns de longe, levou a mão apodrecida à empunhadura da espada mas, antes que pudesse sacá-la, os eguns irromperam sua própria música.

Salve Iku, Nós o saudamos e cultuamos no Orum!

Meus respeitos a ti Egun ao ouvirmos o som de tua voz.

Hei! Hei! Hei! Pai que estás aos pés do culto do amor.

Iku no caminho adiante, Iku no caminho atrás,

Salve Iku, Salve Iku.

E correram e abraçaram Iku, e celebraram com ele o seu trabalho. Comeram e prestaram seus respeitos. Iku enfim tinha um reino seu. Estava muito feliz com isso.

O barulho eventualmente calou a tempestade elétrica nos céus, e um casal exausto e feliz chegou até a porta.

– Que confusão é essa? – perguntou Iansã.

– Que humildade, vejam vocês! – disse Exu, o mais alto que pode, para todos ali ouvirem. – Tão bondosa, ela quem primeiro sugeriu essa festa, que foi responsável por trazer vocês todos aqui e promover a paz entre Iku e os eguns agora quer parecer que nem foi ideia dela. (Notando a presença de Iku, Xangô imediatamente se escondeu dentro da gruta novamente.)

Eles já haviam todos comido e bebido tanto, que sequer questionaram a história. Abraçaram Iansã, a mulher búfalo que os levava até o reino dos mortos e sua grande benfeitora.

– Você nos trouxe nosso rei. É nossa maior amiga. O que precisar de nós, a partir de hoje, é só pedir.

Iansã olhou para Exu, impressionada. Estava tudo resolvido.

– Que tal lutarem ao meu lado? – ela perguntou.

– Como quiser – respondeu aquele que parecia ser o líder dos eguns.

– E eu, o que posso fazer por você, Exu? – perguntou a guerreira. – Como posso lhe pagar esse favor duplo?

– Agora, nada, minha cara. Na hora certa, preciso que dê uma carona especial para um amigo. Alguém que deveria ir para o reino dos mortos, mas você vai levar para um outro lugar. O egun e o orixá.

– E como vou saber quem é?

– Pelo orixá.

– Como assim?

– Você será chamada para levar um egun ligado a uma pequena Iemanjá chamada Oritundê.

– Oritundê, como em *a cabeça que volta*?

– Isso. O que você está armando?

– Você não precisa saber. O importante é que orixá e egun venham juntos.

– Sem quebrar a ligação?! Mas isso é contra a lei... além disso, Euá...

– Eu cuido de Euá.

– Ai... Nanã não vai gostar nada disso.

– Eu assumo a responsabilidade. Eu e Iemanjá. Nanã não vai brigar com sua melhor amiga por causa disso. Ainda mais que ela está ocupada com sua guerra. Não vai perceber até ter terminado. Aí já vai ser tarde...

– A guerra! – lembrou Iansã, e correu para dentro.

Precisava falar com Xangô sobre isso. Precisava que ele ficasse de fora. Ela não iria guerrear contra ele. Mas Xangô não estava mais lá. Não num lugar onde Iku dançava.

Caro Laroîê,

Eu sou um calhorda, nós dois sabemos. Só que hoje, não me orgulho.

Agora há pouco fui ao Iguatemi fazer umas compras e comer alguma coisa. Acordei com desejo do bolinho de arroz do Ritz, nosso velho conhecido. Coloquei meu nome na lista de espera e fui dar uma volta no shopping. Comprar uma camisa ou duas talvez, para dar a impressão de que continuava focado no futuro como sempre. E quem eu encontrei passeando por lá? O Carlos com a filha. Ele careca, manco e mal-humorado como sempre. A Lisandra lindinha e espoleta, cheia de história pra não contar.

Como sei que ele me odeia, mas que estou temporariamente protegido pela aura de predileção de Pilar, corri por trás dos dois enquanto eles não me viam, posicionei-me entre eles e os abracei, um com cada braço, numa falsa afetividade que o irritou ainda mais.

“Vocês por aqui? Vieram comprar um tênis de corrida para seu pai, Lis?” – comentei, tirando sarro da perna dura do meu desafeto, numa intimidade permitida no máximo para os muito próximos.

Ele não respondeu. Ela achou graça da rabugice do pai (ou pelo menos fingiu) e desceu a mão escondida nas minhas costas. Longe da vista, apertou minha bunda, com a mão cheia. Quis corresponder, mas não cabia um ato desses, em público, considerando quem ela era.

Mantive a compostura, e dali o papo não rolou muito mais. Convidei-os para compartilhar a mesa do Ritz, imaginando o que a Lisandra seria capaz de fazer fora da vista do pai. Ele, claro, não aceitou. O que foi bom, porque o plano era importante demais para tanta distração, por mais divertido que fosse.

O almoço, num local bem público, era com um jornalista importante. Josué Mantovani, colunista todo-poderoso da revista *Monóculo*. Eu diria que não há ninguém na imprensa brasileira com uma pena mais importante que a dele. Do alto dos seus 50 anos, 30 de profissão, ele chegou naquele ponto em que suas notas são tão influentes que, mesmo quando são chutes imprecisos, acabam acontecendo de verdade, apenas pela força de suas notícias. E, repito, um poderoso jornalista de 50 anos, porque isso é importante.

Entenda que, nesse mundo de verbas minguadas e redações em contração, gente como o Josué não só é ave rara, mas também sente seu prestígio cair, um pouco mais a cada dia. Um pouco do lado de fora da redação, onde a maioria ainda o teme, mas de dentro, onde alguém como ele é cada vez menos idolatrado pela geração de jornalistas que se preocupa mais com o número de likes da matéria do que com sua qualidade e influência. Para arder ainda mais a ferida, seus contemporâneos, inclusive e especialmente os menos talentosos, têm deixado suas carreiras convencionais para se tornarem, veja você, blogueiros financiados por algum tipo de interesse além da notícia. Quando um sujeito como o Josué, que realmente sabe o que faz mas dirige um Civic sem muito luxo, vê energúmenos da sua geração ganhando três vezes mais do que ele, dói. Essa dor era minha porta de entrada.

Chegamos praticamente juntos. Tentei falar de amenidades mas, como esse terreno era meu (amenidade é coisa de rico, pobre tem sempre pressa), ele preferiu ir logo ao que interessava. “Do

que estamos falando aqui”. Eu tinha uma proposta. Se ele quisesse sair da *Monóculo* e levar sua coluna para um blog, eu financiaria por cinco anos, em contrato, toda a publicidade do site, independentemente da sua audiência. Se ele trabalhasse de casa e mantivesse mais dois ou três freelancers para cavar notícias, poderia receber no ano mais de sete vezes o que a *Monóculo* pagava.

“E quem é que paga essa conta?”, – perguntou.

“Eu”.

Ele empurrou o prato, havia perdido o apetite:

“Sei bem quem são seus clientes, Newton. Se você acha que sou desses, não é tão inteligente quanto me disseram que você é”.

E saiu sem nem se oferecer para pagar o uísque que abandonara no meio.

Eu representava tudo que o Josué mais odiava na decadência iminente da nossa profissão. Um moleque que deixou uma carreira promissora no jornalismo de verdade e foi ficar rico como assessor de imprensa; e que agora tentava corrompê-lo ao nível de blogueiro subsidiado, o outro lado do lixo jornalístico, segundo aqueles que ainda preferem o poder aparente ao dinheiro real.

O ataque de honra, entretanto, já era esperado. Mais que isso, era o plano.

Eu jamais havia imaginado que ele toparia. Gente como ele pode ser comprada, mas custa muito mais caro que isso. Eu precisava apenas que ele gastasse um tempo pesquisando meus clientes e cultivando o maior dos desdêns contra a minha figura arrogante e prepotente. Queria que ele me odiasse, que tivesse prazer em me humilhar, para quando eu finalmente precisasse ter minha empresa e minha reputação pessoal destruída, que isso fosse feito como uma bomba atômica na principal revista semanal do país, pelas mãos do mais importante jornalista da atualidade.

Para um escroto sem pudores como eu, aquele foi um dia mágico. O sassarico com a Lisandra, a manipulação magistral do maior nome do jornalismo brasileiro... O que vinha a seguir, no entanto, era de moer o coração do próprio Darth Vader. (Você conhece *Star Wars* daí de onde mora?)

Dirigi em direção a Higienópolis, levemente confortado pelos bolinhos de arroz do Ritz, que comi sozinho. Me distraía com a preparação dos bairros para a Copa do Mundo. Finalmente, depois de tanto protesto babaca, a cidade, de última hora, estava retomando sua decoração com a determinação de quem se preparava para ser campeã. A cidade é uma metáfora de mim mesmo, pensei. Como o povo na rua, eu sigo com meu plano, enfeitando o caminho de distrações, diversões e casualidades, para tentar conviver melhor com o que viria a seguir. Entre o entusiasmo e a melancolia, o entusiasmo ao menos faz o processo valer a pena. Cria uma motivação forte como um chute do Éder.

Meu próximo compromisso naquele sábado era com o procurador.

Oficialmente, o encontro com o procurador aconteceu porque ele queria umas dicas de como proceder e se defender do recente ataque na imprensa. Uma nota publicada naquela manhã expunha sua ligação com os réus de um processo que ele mesmo movia na Procuradoria Geral do Estado. Uma nota que, embora ele não saiba, aconteceu por causa de um ou dois e-mails que escaparam da minha caixa postal.

Quando nos encontramos, ele logo me explicou:

“Somos amigos de ginásio, eu e o sujeito. Emprestei dinheiro para ele, que me pagou recentemente, com juros... enquanto isso eu estou processando a empresa dele, imagina, fodendo com um amigo. Isso é ser profissional! Eu lá fazendo meu trabalho... mas a imprensa não quer saber. Dá vontade de pegar esses jornalistas filhos da puta e encher cada um deles de porrada até eles não conseguirem escrever mais o próprio nome.” – defendeu-se o sujeito, consciente de que no tribunal da imprensa não há apego ao justo ou próprio. Era apenas o escândalo e o escárnio que interessavam.

Foi em grande parte por causa dele, do procurador, que a NFB se tornou a principal assessoria de

imprensa do país. Suas informações privilegiadas sempre me renderam ótimas notas que, apesar de não ajudarem meus clientes, deixaram vários jornalistas me devendo favor. E, em contrapartida, eu o ajudei a ganhar os mais diversos casos ao divulgar rumores e teorias que, ao serem publicados, eram utilizados por ele como evidência. Nossa relação profissional era tão promíscua quanto fora nossa relação pessoal, muitos anos atrás. Uma parte da realidade que era melhor que permanecesse dentro do armário. Mas o segredo não me impedia de achar tudo aquilo mais que irônico!

Não havia um final feliz para ele na Procuradoria do Estado, expliquei. No nível de visibilidade que ele havia conquistado nas últimas semanas, não existia absolvição legal que anulasse a pressão midiática que estaria por vir. Estava na hora de ele tomar a iniciativa, preparar para montar seu próprio escritório de advocacia e ganhar algum dinheiro na vida.

Foi quando ele começou a chorar.

“Primeiro a Helena, depois minha carreira? O que vai sobrar de mim?” – disse ele, derrotado. E desandou a contar o que realmente o afligia.

Helena, disse ele, o havia deixado sem avisar. Nem a ele, nem a mentora.

Pilar havia tratado Helena de uma doença horrível nos ovários, o procurador explicou, numa operação espiritual que retirou à faca pedaços de carne podre das entranhas da mulher. Isso justificaria uma fé cega em alguns. Mas não em Helena, disse ele. E continuou:

“Ela tinha uma mente rebelde. E era isso que me atraía nela. Tinha valentia por nós dois. Curiosidade por nós dois.” – disse-me o pobre homem, sacando o celular e mostrando o Facebook com as fotos da viagem da mulher a St. Barth. “Ela sempre quis ir, eu não. Então ela foi sem mim”.

Ele olhou para mim e confessou a pior das suas culpas:

“Eu nunca consegui fazê-la... ser mulher de verdade, sabe? Nunca deu certo. Deve ser por causa do meu... vício”.

Dei-lhe o abraço compreensivo que qualquer calhorda épico daria e o deixei chorar mais. Com os ombros encharcados, passei as mãos de leve em seu rosto e beijei sua testa. Sua orelha. Sua boca.

“Pilar vai nos ajudar” – eu disse, calmo e confiante.

“Você faria isso por mim?”. – ele perguntou. “Ela ouve mais você do que ninguém”.

Afirmei com a cabeça enquanto lhe manipulei o queixo para cima e para o lado, fazendo com que seu corpo inteiro girasse até que ele ficasse de costas para mim.

Quando chegasse a hora, ele se lembraria muito bem dessa tarde juntos.

Axé,

New.

5 COMENTÁRIOS:



Laroiê 27 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 1:01PM

A coisa só vai ficar mais difícil daqui para a frente. Hora de você se comprometer de verdade.



Newton Fernandes 28 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 9:11AM

Comprometer de verdade?! Depois de tudo que eu já fiz? De todas as provas que dei?!



Laroiê 29 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 3:26PM

Você sabe muito bem do que estou falando.

Uma velha amiga
vai lhe visitar.
Esteja preparado.
Compre roupas brancas,
esvazie seu quarto.
Arrume uma desculpa
para passar 30 dias
sem contato com o mundo.



Newton Fernandes 30 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 9:11AM
Direi que vou a St. Barth, então. :-D



Laroie 31 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 3:41PM
Esteja preparado.

Todo nome é um presságio, acreditavam os pais de Ibidokun. O significado do dele havia sido escolhido com muito cuidado: “família do tamanho do mar”. Para os membros daquela pequena aldeia nas cercanias de Ifê, muitos braços para trabalhar, fossem de familiares ou escravos, eram uma garantia de riqueza e prosperidade por muitas gerações. Tudo que um pai poderia desejar para um filho.

Além do nome, no dia em que o menino nasceu, Malomo, o pai, fez sua oferenda para os deuses do Orum. Escolheu Ogum, que, além de patrono do seu ofício de ferreiro, havia vivido naquela região antes de virar orixá e ainda era bom de briga, valor que Malomo sempre considerou fundamental. Contam que o pobre sujeito, no entusiasmo do nascimento, esquecera de seguir a tradição de antes de oferecer a qualquer orixá, fazer uma oferenda para Exu, o mensageiro dos deuses. Talvez por isso tudo tenha virado.

Catorze anos depois, uma seca como nunca se vira abateu a região. A cidade inteira pereceu e Malomo se viu pressionado a vender sua própria família como escravos para os senhores da cidade vizinha, que, por ser regada pelas bênçãos do rio, não sofria a calamidade da seca. Era aquilo, ou morreriam todos de fome. Desapontado consigo mesmo, Malomo fez o que tinha que fazer.

O destino os levou para a casa de Eniola, um jovem e rico fazendeiro com centenas de escravos, dezenas de mulheres e milhares de bois no pasto. Na nova morada, o jovem Ibidokun foi escalado para a lavoura de inhames, o pai para a oficina de ferramentas e as duas mulheres da família para os trabalhos domésticos. Trabalharam com afinco em agradecimento aos que os haviam salvado da fome. Mas Eniola começou a se afeiçoar pela mulher e filha dele. Elas eram jeitosas e pareciam ser do tipo que teriam muitos filhos saudáveis. Então, quando o homem branco chegou, trazendo suas correntes, seu dinheiro, suas armas e comprando de quem quisesse vender os escravos que podia, o senhor daquelas terras enxergou uma oportunidade dupla. Vendeu o homem e o menino aos mercadores de escravos e avisou as duas mulheres que as transformaria em suas esposas. Malomo implorou, protestou, brigou, mas isso apenas aumentou a resolução do seu dono. O negócio estava fechado.

Malomo foi levado junto com o filho e foram amarrados pelos mercadores de escravos a uma árvore imensa. Naquela noite, cantaram baixinho para que não fossem ouvidos, pedindo por Ogum. Dormiram entre uma palavra e outra, exaustos. Malomo sonhou que estava numa planície enorme, mágica, aos pés de três montanhas magníficas, onde o próprio Ogum, gigante e poderoso, viera recebê-lo.

– O que quer de mim, homem? – perguntou Ogum, com sua voz de rei.

Malomo bateu a testa no chão em respeito e, sem olhar o general diretamente nos olhos, explicou seu caso.

– Seu problema é complicado, meu filho – disse Ogum, sem muito entusiasmo. – Se eu resolver, vocês ficarão livres e morrerão todos de fome. Se não resolver, sua família ficará viva, mas longe uns dos outros, o que é uma morte também. Pense no que quer e me avise. Se quiser que eu os liberte, amarre o pano branco da sua cintura na árvore onde lhe prendem, que eu lhe ajudarei a fugir pela floresta. Se decidir ficar, marque o rosto do seu filho com as linhas de Ifê para que ele sempre saiba de onde veio. Do resto, cuido eu.

Malomo acordou de repente e passou o resto da noite em claro. No dia seguinte, antes do sol sair, acordou o filho com cuidado. Tinha uma pedra pontuda nas mãos e lágrimas lhe cobrindo o rosto.

– Deite-se aqui, meu filho. A morte nos aguarda.

O rapaz obedeceu. Já tinha idade para entender as obrigações de um homem. Engoliu a dor enquanto o pai lhe corria a ponta da pedra no rosto e cobriu as linhas sangradas com a terra sobre a qual dormiam, para que as cicatrizes jamais desaparecessem. Morreriam a morte desonrada do mar, a dos escravos no mundo dos brancos, mas aqueles traços no rosto não deixariam que Ibidokun jamais esquecesse seus ancestrais. As mulheres, ao menos, teriam uma vida segura.

Um em cada três escravos morreu na dura caminhada até o porto. – Agente firme, meu filho, que a hora da morte ainda não chegou –, dizia Malomo. Ele aguentou. Foram dias até chegarem ao gigantesco barco de madeira, onde se juntaram a muitos outros negros com feições e marcas que eles jamais haviam visto.

Na embarcação, o menino Ibidokun foi colocado numa cela no andar de cima, reservada aos mais jovens, enquanto o pai foi largado nos porões junto com um sem número de escravos de várias outras regiões. Tantos, que mal havia onde sentar para descansar. Falava-se tantas línguas que ninguém se entendia. Mas, por uma bênção de Ogum, os companheiros de Malomo ao menos compreenderam que o filho do homem estava lá em cima. O espaço era apertado, a comida racionada, mas todos se revezavam para garantir que Ibidokun tivesse sempre um pouco a mais. Na caminhada matinal pelo convés, a cada dia, o pai ou um de seus companheiros lhe levava um pouco de sua própria ração.

Ao longo dos dias, porém, as visitas foram ficando mais esparsas e os olhares cada vez mais tristes. O próprio Malomo eventualmente deixou de aparecer.

– Doente, explicou um dos escravos, que não falava nenhuma outra palavra que Ibidokun entendesse, como se o pai lhe houvesse treinado para mandar aquele único recado ao filho.

O balançado das ondas e o barulho do mastro logo se tornaram os únicos companheiros de Ibidokun. Na sua cela, os que sobreviviam estavam doentes demais para conversar. Do andar de baixo, eles quase não apareciam. E mesmo os marujos pareciam sem força, como se a travessia tivesse se perdido no mar aberto.

Um dia, um grito do alto do mastro causou uma festa barulhenta e desesperada. Quando enfim aportaram no lugar que os brancos chamavam de Brasil, os marinheiros comemoram suas próprias vidas; já os escravos, doentes e famintos, esperavam o pior. Foi quando Ibidokun soube que seu pai havia morrido. Duas semanas dentro do barco, e o homem, consumido pela tristeza, ofereceu sua porção de comida e água para os companheiros de cela desde que prometessem cuidar do filho, para sempre. Ao menos os que sobrevivessem. E assim eles o fizeram.

O carregamento do barco foi leiloado numa grande praça, e o maior dos lotes, incluindo Ibidokun e mais 18 escravos, foi vendido para uma fazenda onde aprenderam a cortar cana-de-açúcar e onde, por meses, os 18 se revezaram para ajudar Ibidokun no trabalho mais pesado, para que o rapazote não tivesse que parar no tronco por insolência ou preguiça.

Em gratidão, Ibidokun foi procurar Ogum. Em sonho, o orixá o recebeu, como fizera com seu pai. Foi ele, o grande guerreiro do Orum, que, uma noite após a outra, lhe ensinou a usar o facão da cana para se defender. A usar a corrente dos braços para atacar. A retirar o axé do chão com os pés descalços e saltar como se voasse, para lutar ou fugir. No momento em que Ogum explicou que quando precisasse se esconder na floresta, que amarrasse um pano branco na maior árvore que encontrasse para que o mato lhe pudesse proteger, Ibidokun entendeu que aquela fora sua última lição.

Assim ele fez. Lutou, fugiu e se libertou. Escondeu-se no mato por semanas até ser encontrado por

um grupo de rebeldes que planejavam um ataque às fazendas locais. Mas Ibidokun não se interessou em lutar. Seu plano era outro, por enquanto. Preferiu usar seus dotes de ferreiro para fabricar armas para os foragidos em troca de dinheiro. E logo sua fama se espalhou, e estava fazendo ferramentas e utensílios para os pequenos produtores da região, trabalho que lhe rendeu tanto, que um dia ele voltou à fazenda de onde fugiu e comprou, bem cara, sua própria alforria. A dele, e dos outros 18 escravos que chegaram naquele navio, a quem a vida ele devia. Sua família negra.

Nos anos seguintes, Chico, como Ibidokun era chamado pelos brancos, que preferiam negociar com gente de nomes parecidos com os deles, enriqueceu ainda mais. Com esse dinheiro, enviou seus 18 pais-de-senzala Brasil adentro, à procura dos outros escravos que haviam feito a travessia com ele e Malomo naquele navio negro. Em três anos, os 18 já eram 47. Os mais de duzentos restantes, Ibidokun ouviu com pesar, haviam morrido todos.

Chico então juntou o resto do dinheiro que ainda tinha e alugou um navio inteiro só para eles. Um navio que poderia levar sua nova família inteira de volta para a África, dessa vez com conforto e segurança. Quando o navio partiu, aqueles homens de idades e nações tão diferentes se abraçaram como irmãos. Comemoraram, dançaram suas danças e fizeram os batuques de cada uma das terras para as quais voltavam. Quando foram agradecer, contudo, entenderam que o jovem benfeitor não estava entre eles.

Do porto em Pernambuco, Chico Ibidokun viu sua nova família partir. “Uma família do tamanho do mar”, pensou, lembrando a origem do seu próprio nome. Um presságio irônico. Ou talvez uma missão, que agora estava cumprida.

Ibidokun voltou ao local onde enfeitara de branco a árvore gigante. Diante da sua raiz, fez uma nova oferenda para Ogum, trocou o pano por um novo, mais limpo, de tecido caro importado da China, e sumiu.

Dizem que se juntou aos rebeldes. Que lhes ensinou a respeitar o mato, e a tirar a energia da terra para fazer com que seus pés voassem. Que levou vários deles, todos os dias, à capoeira para mostrar como destruir os inimigos com suas mãos, pés e facões. E que pediu em troca apenas uma coisa: que dedicassem cada vitória, cada queda do inimigo, ao seu pai Ogum, que havia sido quem lhe ensinara tudo aquilo. E dizem também que os alunos de Ibidokun ensinaram outros e mais outros. Que muitas lutas foram vencidas assim. E que foi com o axé daquelas oferendas de batalha que Ogum se tornou ainda mais poderoso no Orum do que era no Aiê e se preparou para a grande guerra dos orixás.



Ogum passara a tarde no mato, cuidando das árvores ao redor da montanha. Levou-lhes água fresca, oferendas, amarrou algumas das maiores com um pano branco. Poucos entendiam por que ele mantinha aquele hábito de vivo, agora que ele era um orixá. Mas o general até preferia manter uma certa compostura e segredo:

– O mato é meu amigo – ele costumava dizer. Quando chegou a noite, Ogum juntou-se aos demais.

À luz da fogueira, Oxalá conversava com alguns escolhidos. Não eram todos os orixás do lado deles que haviam sido treinados para lutar. Mas havia o suficiente deles, comparado com as mulheres, para ser um banho de sangue.

– Dizem que uma vez que chegamos aqui, não podemos mais morrer. Isso não é bem verdade.

Seguindo o roteiro que haviam ensaiado, Ogum levantou pelas patas traseiras uma lebre, mostrando-a a todos os presentes. Com um punhal, cruzou-lhe os pulmões e coração. O bicho se contorcia de dor e se debatia como louco. Mas não morria.

– Qualquer outro ferimento – explicou Oxalá – causa dor e agonia, mas um dia nos recuperamos.

Morte mesmo, só quando abrimos a barriga, que é onde guardamos todo o axé que nos mandam do Aiê.

Ogum aguardou um pouco, para todos entenderem que aquela agonia não iria cessar e passou a lâmina afiada do punhal num corte transversal à barriga do animal, deixando cair-lhe as vísceras para o lado de fora. No mesmo instante, o bicho parou de se mexer, como se a vida tivesse sido soprada para fora junto com suas entranhas.

– Nós não queremos essa guerra, mas se elas atacarem, nós nos defenderemos. A culpa pelas mortes entre elas será uma responsabilidade delas, não nossa. Nesse caso, quero que vocês conheçam o general Ogum, que será responsável por organizar nosso plano de guerra para que as baixas sejam as menores possíveis. General?

– Essa é a primeira vez que organizo um exército onde todos têm algum tipo de poder mágico. Mas estratégia é estratégia. E se essa batalha vai acontecer contra um grupo mais fraco, menos treinado, e no nosso campo, não há como perder. Nosso objetivo é que elas nos encontrem na planície mais alta e mais distante da base da montanha, para que já cheguem cansadas e não tenham por perto nenhuma fonte d'água que possam encantar contra nós. A última planície antes do cume me parece perfeita. Nosso principal objetivo, lembrem-se, é tentar convencê-las a mudar de ideia. Então logo à frente eu quero Xangô e suas pedras de raio, rezando o maior barulho que puder e empunhando seu machado da forma mais intimidante possível. Junto com Xangô, eu quero ver Aganju, que pode usar seus poderes com terremotos, gêiseres e explosões.

– Aganju, quando elas chegarem, pode balançar mesmo, combinado?

Aganju, o mestre de Xangô no Orum, era também dos mais antigos ali, tão mais velho que começava a ser esquecido pelo povo do Aiê. Seus poderes, no entanto, eram tão fortes quanto no dia que chegou. Não gostava da ideia de um sujeito novo lhe dizer o que viera fazer. Mas havia de confessar que o plano era bom, e parecia divertido balançar a montanha até que as bruxas caíssem encosta abaixo.

– Atrás deles – continuou Ogum – quero ver todos vocês que conseguem empunhar uma espada. Fora desse grupo, aqueles que são melhor com as flechas, como meu irmão Oxóssi.

Quatro caçadores acenaram que sim. Ogum havia torcido para o irmão estar ali, mas ele não estava. Teria que conversar em separado para tentar convencê-lo.

– O primeiro estágio é o susto de Xangô e Aganju. Caso não se intimidem, uma primeira chuva de flechas vai ajudar a dispersar algumas delas... As que resolverem ficar, serão enfrentadas pela armada principal.

Era um bom plano, como deveria ser. Do tipo que evita perdas desnecessárias. Esse havia sido o pedido de Oxalá. Que, a todo custo, se evitasse perder mais axé do que preciso, em qualquer dos lados.

–Tirando óleo de dendê, não há nada que eu odeie mais que sangue. Vamos evitá-lo o máximo que pudermos, combinado?

Mas, no mundo dos encantados, boas intenções muitas vezes guardam motivos ou consequências opostas. E foi assim que o pedido de Oxalá fez iniciar a guerra que já estava por um fio.

Para Ogum, o pedido havia sido claro: haviam de evitar a guerra a qualquer custo. E foi por isso, e talvez um pouco para mostrar para Xangô, que ele decidiu ir sozinho, ele mesmo, até a casa de Nanã.

Então ele foi. Desceu as paredes de pedra pelo lado mais íngreme, segurando seu próprio peso apenas com as forças dos dedos. E o peso não era pouco, que seja dito, pois além de ser grande e musculoso, Ogum havia se carregado de duas grandes espadas de ferro, duas facas e uma lança. Embaixo, abriu caminho pela mata fechada ao redor da sua montanha e da próxima – mesmo sem

saber, o melhor traçado para chegar ao alto da terra das mulheres – e chegou sem se sobressaltar. Do alto dos muros naturais da grande bacia de pedra, era fácil enxergar o pântano bem no meio. Ogum sabia para onde ir. Correu entre as árvores, facas na mão para abrir-lhe terreno quando precisava, e em pouco tempo estava diante do magnífico pântano onde morava a decana das orixás.

Lança em punho testando o chão onde pisava, Ogum entrou cauteloso pela água na direção da pequena casa ao centro. Dez passos adiante, começou a chamar.

– Iá Nanã?

Ninguém respondia. Ele caminhou um pouco mais e chamou novamente.

– Alguém aí?

Nada.

Da terceira vez, porém, a porta se abriu. Uma mão enrugada e magra, só osso e pele, segurava uma bengala de fibras de dendezeiro. Andava devagar, uma senhora milenar como Ogum esperava.

– Que impaciência toda é essa, rapaz? E quem lhe deu autorização para vir até aqui? Eu já disse a Oxalá que na minha casa só vem quem eu convido!

Consciente de sua missão de paz, Ogum desceu um de seus joelhos, mas apenas um, ao fundo lamacento em sinal de respeito e não respondeu. Baixou a cabeça e os olhos como manda a educação com os mais velhos, e aguardou que fosse convidado a falar.

– O que veio fazer aqui, rapaz?

Ogum então levantou a cabeça. O que viu não era o que esperava. As rugas, a bengala, o tecido grosso e coberto de penas lhe cobrindo os ombros, as cabaças penduradas ao redor do peito... A senhora que o olhava de longe, do alto de sua casa construída sobre as raízes das árvores pantaneiras, não era uma estranha como ele imaginara. Ele já havia visto, e enfrentado, aquela mulher uma vez. Nanã era uma das Mães ancestrais? Uma orixá podia ser também uma Iá Mi Oxorongá? Levantou-se num instante, levando a mão à cintura, buscando uma das espadas de ferro. Já não tinha tanta certeza de sua missão de paz.

– Dê-me passagem até a sua casa para que possamos conversar, ordenou Ogum, com um tom agora bem menos respeitoso.

– Esta terra tem dono. Peça licença ou não entra! – respondeu ela.

– Ogum não pede, toma! Não será uma mulher, ainda mais uma velha que vai me impedir!

– O dia em que eu der ouvidos a um marmanjo sem modos como você, pode esquecer que eu existo – respondeu Nanã, dando as costas e caminhando devagar para dentro de casa.

– Melhor não me dar as costas, sua bruxa. Melhor me ouvir, para seu próprio bem.

Nanã parou onde estava. Sem que ela movesse um músculo ou dissesse uma só palavra, a água lamacenta do pântano começou a borbulhar de raiva. E o chão sob os pés de Ogum começou a se desfazer. Ele tentou segurar nas raízes que saíam e entravam novamente na água, mas elas se moviam para longe dele. Tentou se apoiar na lança, mas ela também afundava. Nanã enfim olhou em sua direção, agora sim, por escárnio:

– Tanto músculo, tanto ferro, nenhuma inteligência – debochou a velha orixá.

Ogum afundava depressa. Precisava distrair a bruxa para que pudesse sair dali. Alçou a lança sobre sua cabeça, então, e a atirou com precisão na direção da velha senhora. A ponta de ferro cruzou o ar assoviando em direção ao alvo. Mas, quando chegou a poucos palmos do peito de Nanã, ela abriu os braços com uma velocidade surpreendente e seu corpo pareceu girar, leve como uma fumaça negra. A lança cravou-se com um estrondo na parede de madeira enquanto uma grande coruja voava na direção do teto da casa. A ligeira distração, porém, foi o suficiente para Ogum conseguir tirar os pés do fundo da lama e se aproximar novamente da margem. De lá mesmo gritou:

– Eu havia vindo até aqui em paz, velha louca. Se você não tem educação para ouvir o senhor do ferro, que pague o preço.

E, num instante, sacou suas duas espadas da cintura e as lançou no ar na direção da coruja. A ave, no entanto, não teve problema em se desviar de uma nem da outra. De um lado, Ogum bufava de ódio. Do outro, a coruja gargalhava.

– Quem precisa de ferro quando tem a lama que te criou?

E voou sem esforço para dentro da casa.

Lama? Ogum havia passado um susto, mas não havia sido tão difícil assim escapar, pensou o general.

– Velha louca! A culpa será toda sua quando o sangue jorrar.

De dentro da casa, ela não respondeu. Passou pela janela, vagarosa como qualquer anciã, tomando um copo de uma bebida quente, como se nada de extraordinário estivesse acontecendo. Sequer olhou para o lado de fora.

Mas, se ela não dava importância, o pântano, esse sim, não parecia tão desinteressado. Pois do fundo da água subiu uma montanha de lama que cresceu e cresceu até ficar três vezes a altura de Ogum. O general empunhou seus dois facões sem saber o que estava por vir. Quase do alto da montanha de lama, duas pontas cresceram para os lados. E, da extremidade dessas duas pontas, outras duas cresceram para cima. A lama então se ajustou, se moldou, até tomar a forma de um gigante. Não um gigante qualquer, aliás. Uma cópia ampliada do próprio general. A mesma cabeça raspada, os mesmos músculos impressionantes, os mesmos facões em punho... só que feitos de lama, e muito maiores que ele.

O monstro atacou primeiro. Não tivesse Ogum saltado para o lado, teria sido atingido em cheio pela poça de lama que explodiu onde ele estava quando o braço e a arma do gigante estouraram no chão. Ogum rolou com destreza sobre o solo e, num mesmo movimento, levantou-se e lançou um de seus facões diretamente entre os olhos do inimigo.

A lâmina cravou fundo, até a metade, no meio da cabeça do monstro. Ele não reagiu. Em instantes, a lama do fundo do pântano reconstruiu o braço destruído enquanto a faca lentamente escorria para fora da lama que lhe fazia o rosto.

A besta atacou de novo, jogando seu braço paralelo ao chão, e dessa vez acertou Ogum em cheio, jogando-o com violência em direção a uma das árvores de raízes aéreas que pareciam saltar para fora da lama. Caído, meio atordoado, entre as raízes, Ogum viu se mexer na sua direção. Tentou estender a mão para agarrar novamente o facão e se defender antes que pudesse ser aprisionado pelas raízes, mas elas lhe seguraram o braço, depois as pernas, o pescoço. Se no Orum precisasse de ar, aquele seria o fim. Mesmo não correndo o risco de asfixia, no entanto, o futuro não parecia muito promissor para o general. As raízes levantaram seu corpo como quem exhibe um troféu e apertaram-lhe os membros como uma cobra esmaga a presa que se prepara para engolir. Da janela da casa, Nanã agora observava, entretida. Então as raízes se moveram rapidamente para trás, como se tomassem impulso, e o lançaram novamente na direção do gigante de lama. Ogum caiu estirado no chão, queimado de dor, e viu o gigante correr na sua direção, seu corpo ficando cada vez maior cada vez que seus pés pisavam novamente dentro d'água e traziam mais do fundo consigo. Um passo, dois passos, três... e o gigante saltou no ar. Sua sombra cobriu o corpo do general, que viu aquela massa compacta de barro caindo em sua direção. Ele tentou se mover, mas o corpo não respondeu. O gigante continuou caindo. Ogum fechou os punhos e manteve os olhos bem abertos. Não iria dar-lhe o prazer de fugir, nem mesmo com o olhar.

Então o monstro se desfêz. Da massa compacta, com forma humana, ele se transformou numa

imensa poça de lama mole, que choveu sobre o general, deixando-o encharcado e imundo, com cheiro de enxofre. Da janela, Nanã tomou mais um gole e sumiu.



A noite não demorou a cair. E, quando o dia clareou novamente, Nanã abriu a porta e foi olhar o tempo.

Do lado de fora, suas árvores haviam tido as raízes e galhos cortados. Cortes retos e secos. Até onde a vista não chegava, folhas, raízes, troncos... estavam todos no chão. Uma única árvore ainda de pé, bem à frente da porta. Nela, a assinatura do evento: um facão de ferro cravado com força até a metade do tronco.

Nanã olhou tudo aquilo sem se alterar. Depois voltou para dentro com o mesmo sorriso da noite anterior.

Tinha a desculpa de que precisava. Hora de atacar.

Caro Laroîê,

Faz algum sentido desejar Feliz Natal para alguém como você? Não era bem isso que eu queria dizer, mas não queria ser mal-educado. Estava mesmo pensando em como não tem quem escape do clichê de dezembro. A melancolia do fim, os planos para o recomeço. Então obrigado pelo chacoalhão depois do meu último post. Eu estava mergulhando num buraco, olhando o que parecia o fim e perdendo o foco do que realmente importa: o recomeço.

Estou de volta, não se preocupe. Tenho consciência da importância do que estou fazendo, para mim e para toda essa gente. Se alguns tiverem que cair ao longo do caminho, mesmo que essa gente seja próxima, que caiam. O importante é que Pilar caia junto.

Fiquei um pouco calado depois dos comentários anteriores, mas não por inatividade. Pelo contrário. Tive um período intenso aqui no Centro de Operações Newton Fernandes. Boa parte no Facebook, contando ao marido de Helena que sua mulher havia tido vários casos nos últimos anos. Conversa privada, claro, e muito delicada. “Se eu deixar você se satisfazer com outros, você volta pra mim?”, o procurador escrevia, humilhado consentido, sem saber que era eu do outro lado. Quem diz “se satisfazer com outros”, pelo amor de Deus?! Não me surpreende Helena estar tão entediada. Sujeito frouxo da porra! Até mesmo pedir que ela fosse se aconselhar com Pilar ele tentou. “Não tenho o que falar com ela”, respondi.

No mesmo dia, no entanto, eu fui. Não como Helena, mas como eu mesmo.

Na pauta, o crescimento da NFB, a expansão da área de relações com o governo (algo que, devido à natureza das relações só poderia ser discutido pessoalmente), e minha preocupação com a estabilidade emocional do procurador. Agora que nossa assessoria de imprensa estava tão grande, viramos alvo. Não que os competidores, ou mesmo a imprensa, fossem nos atacar assim, sem avisar. O sistema inteiro, todo o mundo da imprensa, tem muito a perder com um escândalo no próprio meio. Mas um elemento instável como um procurador da justiça depressivo, que poderia ser facilmente ligado à ela no caso de alguém resolver investigar nossas fontes de informação, era risco demais. Melhor que ele saísse do circuito. Ele havia ajudado bastante, mas não só a NFB não precisava mais dele, como o procurador havia se tornado um risco.

“Ele tem um caso onde um réu que era um antigo amigo de ginásio que lhe deve dinheiro, está oferecendo para pagar agora.” – disse ela. “Veio me pedir orientação esses dias”.

Eu sabia onde ela estava querendo chegar.

“Vou dizer que ele deve aceitar, que não é nada demais. Mas depois deve doar o dinheiro para restaurar o altar das nossas orações. É um bom motivo, ele vai aceitar. Você cuida do resto”.

A ideia era boa, mas eu precisava de mais que isso.

“Você quer que eu vaze essa informação?”.

“Claro”. – disse Pilar, com a segurança sóbria e garantida dos velhos tempos. Ela estava num bom dia na sua luta contra a garrafa.

“Ordem dada, ordem cumprida, mentora” – disse, enfiando a mão no bolso da calça e interrompendo a gravação.

“Deixe disso, rapaz. Não combina com você”.

Por vários dias, encontrei com jornalistas para tentar convencê-los a escrever matérias idiotas sobre meus clientes. E, como “pagamento”, oferecia informações confidenciais e escandalosas sobre um procurador do Estado. Troca de favores ainda é a principal arma de qualquer assessor de imprensa que se preze. O que eles não podiam imaginar era que a matéria que eu realmente queria que publicassem era do procurador Eliel Vasconcellos. Além disso, assim era mais fácil me esconder atrás do código ético de proteção da fonte, um dos poucos pilares do jornalismo que ainda sobrevivem. Não foi fácil fazer com que mordessem a isca, contudo. Eu não tinha documentação que provasse nada. Precisava que alguém topasse o risco de publicar a denúncia para que a papelada passasse a surgir. Acabei conseguindo, e quando a primeira nota enfim saiu, fui pessoalmente levar o *Jornal* até a casa de Pilar. Ela ainda tomava o café da manhã quando cheguei, edição fresquinha na mão, já aberta na notícia. Mandou que me sentasse enquanto falava ao telefone.

“Não se preocupe, vai passar. Isso. Engole esse choro, Eliel, você nem parece que é homem!” – e desligou no meio da conversa, como se estivesse irritada, mas deu uma piscadinha e sorriu enquanto me servia o queijo minas. “Bom trabalho”.

Do fundo da sala, a campainha tocou e uma voz de menina cumprimentou o mordomo e se aproximou. Ela trazia uns cinco ou seis livros, que colocou sobre a mesa, em frente à Pilar, revelando a blusinha justa com o logo da Abercrombie e a saia de cintura baixa que deixava a barriguinha ligeiramente de fora, dando para ver aquela curvinha pra dentro dos dois lados do umbigo e deixando escapar um pequeno pedaço da renda de algodão de sua calcinha branca.

“Lembra da Lisandra?”, – perguntou Pilar.

“Não” – respondi. Eu sabia que não era verdade, mas não conseguia conectar as memórias...

“Filha do Carlos...”.

Pilar entrou entre nós dois e, de costas para a menina, me olhou nos olhos e fez um biquinho safado. Lisandra, que parecia saber exatamente o que estava acontecendo, corou e olhou para baixo.

“Por que não mostra para ela onde fica a biblioteca?”. – pediu Pilar.

Não que fosse preciso, ela sabia muito bem o caminho. A organização dos livros de Pilar, eu conhecia melhor que ela, que parecia confusa sobre onde colocar cada obra da pilha que carregava. Peguei o livro do topo, uma edição antiga, capa dura, de *As melhores orações de todos os tempos*, e procurei a prateleira de livros religiosos.

“Quantos livros a Pilar tem. Será que ela leu todos eles?”. – perguntou, roçando os peitinhos no meu tríceps, ao se aproximar.

E, quando digo “inhos”, veja bem, falo mais da juventude do que do tamanho, que já enchem com fatura uma mão cada um. Corpo de modelo da Victoria’s Secret, um perigo.

“Quer uma água?”. – perguntei, meio desconcertado.

“Uma cerveja?”. – respondeu ela, para chocar.

“Você tem idade para isso, menina?”.

Ela deu uma volta pela sala e mudou de assunto:

“Acho que lembro de você de quando eu era bem pequenininha”.

“De onde?”.

“Minha mãe me levou para uma cerimônia só de mulheres, uma vez. Eu devia ter uns seis anos. Não lembro de tudo direito. Mas lembro que elas todas tiravam as camisas e ficavam só de saia. Umas saias enooormes, brancas. Lembro que várias delas tinham tatuagens... pássaros, cobras, morcegos... eu achava bonito. Aí elas abriram a porta do quarto e tinha um cara lá dentro. Um homem. Acho que era você, não era?”.

A imagem então voltou. Meio imprecisa por causa das drogas que havia tomado. Ela era a menina que eu achava que havia visto num canto, enquanto todas aquelas mulheres me montavam na cerimônia de purificação que Pilar organizou quando me trouxe para o Nível 4 mais de dez anos atrás.

“Era você?”. – perguntei.

“Era”.

“Desculpe você ter passado por isso”.

“Que nada. Eu achei legal. Sempre quis te conhecer”. – ela disse, tirando os sapatos e se sentando ao meu lado, deixando os pés encostarem nas minhas pernas.

Desconfortável, levantei e fui até a sala, para respirar. Ela me seguiu. De lá, sem muita cerimônia, pulou sobre o sofá e me deu o próprio pé – “fiz as unhas hoje, olha que lindas”. Daquele ângulo, com as pernas para o alto apontadas na minha direção, havia pouco que a minissaia escondesse.

Eu suava, e ela sabia. Segurei o pé da menina como se eu fosse o menino de 16. Ela o esticou mais, sobre o meu peito, e desceu, me tocando de leve, pela barriga, e, sem muito trabalho, desabotoou meu cinto de um pino só. Riu uma gargalhada marota e se aconchegou para trás, me chamando com os olhos. Olhei ao redor, minhas veias com mais adrenalina que sangue. Não havia sinal de Pilar.

Lisandra mal sabia beijar mas, de uma forma muito errada, tinha todos os movimentos ensaiados como se tivesse praticado por horas assistindo filmes pornô na Internet. Com sua segurança falsa, tentava mostrar que sabia o que fazer com as mãos, as pernas, os quadris, mas não sabia de verdade. Era tarde demais para voltar atrás. Assumi o controle eu mesmo. Levantei sua saia e tive que segurar sua boca para que ela não gritasse quando começou a gozar.

Veio o medo. E se eu engravidasse a menina? Tentei parar, mas ela, seguindo seu roteiro de *web porn*, não deixou. Ajoelhou na minha frente e terminou o que tinha que terminar. E, de repente, como se tivesse se dado conta que havia feito algo muito errado, ela, não eu, juntou as coisas e me pediu para lhe chamar um táxi. Não fosse ela filha do Carlos, eu teria oferecido para levá-la em casa. Mas achei melhor não. Ao sair porta afora, no entanto, ela me beijou no rosto e disse:

“Quando podemos ter outra aula dessas, professor?”. – e foi embora antes que eu dissesse qualquer coisa.

Pode não saber fazer direito ainda, a safada, mas joga bem o jogo do antes e depois.

Pilar apareceu de volta no *timing* perfeito. Exatamente enquanto subia meu zíper, criando um nível suportável de constrangimento.

“Ela gosta de você”. – disse a mentora, descarada. “Ela sempre me dizia que gostava, e achei que agora já estava pronta. O pai educou bem a menina. Ela faz tudo que eu mando, sem perguntar. Mas não sei se o Carlos gostaria de saber dos detalhes. Então melhor manter o segredo entre nós”.

A ameaça era clara, porém. Eu conhecia o hábito de Pilar de filmar atos impublicáveis, e ela sabia que eu sabia também. Ambos tínhamos total ciência de que se o Carlos ficasse sabendo do que havia acontecido, eu era um homem morto. E, embora Pilar tenha pensado nisso tudo como uma estratégia para me manter na coleira, isso completou o pedaço que faltava do meu plano. Era muito risco colocar todas as fichas em apenas uma pessoa. Eu precisava de mais alguém com ódio de mim e da Pilar. Se o procurador era um dos candidatos (embora eu tivesse dúvidas de que ele teria bagos para chegar até o final), o jagunço manco poderia ser o outro. Uma alternativa mais confiável, digamos assim.

Axé,

3 COMENTÁRIOS:



Newton Fernandes 27 DE DEZEMBRO DE 2013, ÀS 7:16PM

Aprende rápido, a guria. Do meu lado, o que posso dizer é que a Liz está gostando. Gosta do perigo, aprecia a experiência. Hoje ela apareceu na NFB. Se apresentou como minha sobrinha e se trancou na minha sala. Sabe como é, entre Natal e Reveillon, pouca gente por ali, ela de férias, também não tinha ninguém esperando... Acho que ela viciou. Agora: é muito errado eu ficar pensando, enquanto ela estava lá, em como o pai ficaria furioso se soubesse? Digo, tirando o fato de eu estar comendo uma menina de 16 anos?



Newton Fernandes 3 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 6:21PM

Lisandra me convidou para ir ao cinema no meio da tarde. Primeiro, fiquei preocupado. Achei que ela acreditava que estávamos de namorinho. "Isso vai dar merda" – pensei. O filme: "O Nosso segredo". Tenho que convir, tem bom senso de humor, a menina, tenho certeza que escolheu a estreia de um filme sobre o romance proibido de Charles Dickens mais pelo título que pela história. Ela usava uma saia bem curtinha. Escolheu um cinema vazio, comprou uma casquinha de sorvete de morango e sentamos numa das fileiras do fundo, sozinhos. Cinco minutos depois de começar, ela correu minha mão para sua coxa. Não se moveu, não me beijou. Sequer me olhou. Continuou assistindo o filme, borrando os lábios frouxos no sorvete cor-de-rosa. Eu sou um canalha, confesso, mas essa menina consegue me surpreender.



Newton Fernandes 18 DE JANEIRO DE 2014, ÀS 5:24PM

Estou no carro. Na frente do prédio do Carlos. Minha mão ainda está tremendo. Mais cedo, a Lisandra insistiu que eu lhe desse uma carona para casa. O pai não estaria lá, ela garantiu. No elevador, enquanto subíamos, ela pressionou os quadris contra os meus e enfiou minha mão dentro de sua regata branca. A esfregação sobreviveu até que chegamos no andar e a voz do Carlos soou detrás da porta! Ela me empurrou contra a parede do pequeno hall de entrada. Dava para ouvir o pai dela conversando com alguém ao telefone, sem saber o que rolava do outro lado da porta. Parecia irritado, mas se controlava. Sussurrei, em pânico: "E se ele ouvir barulho e vier olhar no olho mágico?" Ela respondeu, segura de si: "Já fiz isso tantas vezes que ou ele não ouve nada lá de dentro ou já ouviu, já veio olhar o que estava acontecendo e não gostou do que viu, então nunca mais veio checar. Esse é quase o lugar mais seguro do mundo." Eu duvidava, mas não tinha mais como voltar atrás. Iluminada apenas pela luz da janelinha do elevador, e cantando baixinho, ela fez um *striptease* quase completo. "Vou vasculhar a vida dele. O Eliel deve ter seus podres" – dizia a voz de dentro da casa. Com os olhos grudados nos meus, Lisandra levantou a blusa, abriu o sutiã, desabotoou o jeans. Tirou uma das pernas, deixando a outra ao redor da canela. O Carlos continuou: "A Helena? Não tenho ideia. Já procurei, não achei nada. Mas acho que sei quem deve saber". Lisandra dançou mais um pouco contra o meu corpo e com as costas viradas para mim, abriu minha calça sem olhar. "Sei que ele é seu sócio, mas não confio nele, você sabe..." disse seu pai, enquanto ela descia a calcinha branca até os joelhos semiabertos. Eu a comi ali, em pé, de costas, contra a parede. Quase violento. Carlos continuava: "Mas se você diz, eu deixo ele em paz sim. Não faço nada com ele. Mas vou ficar de olho". Meu coração ainda bate forte enquanto escrevo. Minha canalhice não é nada diante da Pilar. Mas, dessa vez, estou preparado.

Ogum e Obá. Dois guerreiros valorosos, lendas entre os seus. Já haviam se enfrentado uma vez, num desafio inconsequente que quase terminou em tragédia, mas fora lado a lado que lutaram a maior parte do tempo. Agora, ela sabia quem estaria do outro lado; ele, não. A tensão, todavia, era igual para ambos.

O general saiu cedo naquela manhã, sozinho. Desceu a montanha a pé, por caminhos difíceis, que ninguém faz. Queria limpar a cabeça. Do pé da grande rocha, que não encostava no chão, ele saltou e se agarrou num galho de uma das árvores mais frondosas para não se estraçalhar no chão. Ogum sabe o que faz. Ainda mais no meio das árvores. Ele não desceu, porém. Ficou ali, deitado no alto daquele galho, por um tempo. Meditando. Solitário. A inteligência é a melhor arma da guerra, diziam os antigos. Sozinho, ele afiava a sua. Acariciou o galho onde pousara, como se lhe dissesse algo importante. Uma conversa longa e silenciosa com a floresta, que sempre o protegera e ajudara nas batalhas mais importantes. Devagar, ele inspirava e expirava. Não precisava de ar, mas o ritual, que repetira tantas vezes em todas as guerras que aconteceram antes de partir para o Orum, sempre o ajudara a clarear a mente e rever os planos de guerra com mais clareza. A posição perfeita para o ataque. A vantagem a ser explorada. As fraquezas...

– Ogum! – gritou do pé da árvore uma voz insolente.

Ogum olhou irritado para baixo. Não estava num bom momento para as brincadeiras de Exu. Quem estava lá, no entanto, não era o mensageiro, mas um visitante do Aiê. Parecia rico, o sujeito. Desses que alimentam toda a confiança do mundo ao olhar sua própria riqueza.

– Quem vem lá? – gritou do alto o general, enquanto saltava em direção ao chão.

– Eniola é o meu nome, general. – Ogum reconheceu o nome. Tempos atrás, um jovem pai de família que havia dedicado o filho ao general do Orum havia pedido proteção contra esse fazendeiro que ameaçava separar sua família. Não gostava do sujeito. Intrigado com até onde iria aquele encontro, deixou-o prosseguir.

Pernóstico e esnobe, o rapaz não se ajoelhou. Não baixou o tom sequer. Olhava Ogum nos olhos com toda confiança do mundo. E puxava... um boi? Parecia familiar, o infeliz. Algo naquela voz, no jeito rico e exibido de se vestir... talvez o tivesse encontrado em vida? Talvez houvesse lidado com ele junto com algum de seus filhos? Seria ele mesmo um dos filhos? Ogum não sabia dizer. Ao certo, não era importante o suficiente para lembrar, mas o sentimento, fosse pela audácia do tom, fosse por alguma experiência passada, não era bom. Ele não devia estar ali, sozinho com ele, tão longe dos olhos de todos, tão distante da Clareira dos Sonhos. O insolente continuou:

– As aldeias vizinhas estão invadindo minhas terras, general. Estão atrás dos meus bois.

– E? – respondeu Ogum, curioso para saber até onde iria o rapaz.

– E me disseram que não há ninguém melhor do que você para me ajudar.

– Deixe-me entender melhor, por que eu o ajudaria?

– Eu trouxe um boi inteiro de pagamento. Disseram-me que você gosta do sangue deles.

– Pagamento?

– Sim, pagamento. Disseram-me que nunca se deve pedir um serviço de um orixá sem oferecer algo em troca.

Ogum olhou o sujeito nos olhos, esperando pelo final de uma piada que não veio. Ele realmente

viera lhe interromper como se interrompe um mercenário qualquer. Ele, o príncipe de Ifê, o senhor da guerra. O general não disse mais nada. Olhou para o boi, que ruminava tranquilo sem saber o que o aguardava, e para o rapaz, que apesar de sua riqueza, não havia aprendido que são os homens que servem aos orixás, não o contrário. Qual dos dois seria mais ignorante? Não importava.

Pouco depois, os visitantes da Clareira dos Sonhos presenciaram uma cena estranha. Das sombras da floresta ao redor da montanha dos homens, um boi caminhava solitário, no seu passo vagaroso e tranquilo, perdido pela clareira. Pendurado no seu rabo, uma cabeça sem corpo, com a boca costurada como só Ogum sabia fazer.



Do outro lado do Orum, um ritual tão semelhante, que soubessem os dois que o mesmo se repetia no lado oposto, ficariam preocupados. Obá, a comandante dos exércitos femininos, embrenhou-se solitária pela floresta ao redor da montanha feminina. Não conversava com as árvores, porém. Nem recebeu visitas insolentes. Mas tinha os mesmos olhos vidrados e o foco doentio de quem enxergava no interior de sua cabeça cada movimento que estaria prestes a fazer. Em sua imaginação, enxergava cada passo de como ganharia a guerra. Premonição ou ensaio, não importava.

Em vez de deitar sobre uma árvore, Obá caminhava. Batia de leve suas palmas ocas, com as mãos em concha, sempre em trio, seguidas de uma pequena pausa. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... como se chamasse alguém, ou alguma coisa. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Ela sentia aqueles olhos todos acompanhando seus passos. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Silenciosos, escondidos na sombra, eles entendiam o chamado. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Numa clareira, Obá se ajoelhou. Depois deitou, barriga ao chão, e encostou a testa no solo em respeito a algo que ela mesma não via, mas sabia que estava lá.

O convite estava feito.



Ogum chegou de volta ao acampamento, coberto de sangue como se tivesse cortado um homem ao meio e o derramado inteiro sobre a sua cabeça. Tinha os olhos vermelhos. Andava com a firmeza de um elefante. Uma espada em cada mão.

– Prontos? – gritou, batendo com a espada no peito.

Os guerreiros se levantaram de uma só vez, mais por susto que preparo. Por um instante, não souberam o que falar. Mas, quando um deles se levantou e repetiu o gesto, batendo a espada de lado no peito, uma, duas vezes e uma pausa, uma, duas vezes e outra pausa... marcando um ritmo seco e sombrio, os outros o acompanharam. Primeiro dois ou três, depois dez, depois 50 e logo centenas deles marcavam o ritmo com o corpo. As vozes então se juntaram à batida num canto que cresceu de um sussurro de poucos, daqueles que saem do peito, graves e tímidos, a um brado coletivo: O-gun-nhê. O-gun-nhê. O-gun-nhê...

Das fileiras de trás, um deles não gritava. Apenas olhava com desdém, e uma certa ansiedade, toda aquela histeria. Ele sentiu uma mão lhe tocar o ombro, logo abaixo de onde apoiava seu machado de duas cabeças, e ouviu a voz, grave e tranquila, dizer:

– Hora de ir, Xangô.



Ao lado de Nanã, Obá caminhava com o olhar obstinado e frio de quem jamais perdera uma luta sequer. E também com um ligeiro sorriso de quem sabe de algo que ninguém mais sabe. Juntas, revistavam a fila de mulheres prontas para a batalha. Havia chegado o dia.

– Hoje, não quero ver nenhuma espada, nenhuma faca, nenhuma flecha de metal – gritou Nanã, com uma voz tão forte que não parecia sair daquele corpo frágil. – Se vamos vencer os homens, que o façamos com as nossas armas, não as deles!

Obá puxava o paô de preparação. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... As mulheres, em fila, a acompanhavam. Mesmo ritmo, mesmas palmas ocas em trio. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Em silêncio e olhar concentrado no chão. Podiam sentir a força da terra cruzando a sola dos pés, subindo pelas pernas e espalhando pelos seus corpos. Sentiam o peito encher, a cabeça clarear. Suas mãos formigavam, prontas e carregadas.

Em frente à fila, de cabeça baixa e quieta, Oxum sentava atrás de um grande cesto de palha. Uma a uma, as guerreiras paravam à sua frente, Oxum apanhava um punhado de flechas de madeira do cesto, mergulhava as pontas de pedra na cabaça que Nanã lhe entregara, escorria o veneno com cuidado para não respingar em ninguém (uma daquelas gotas grossas, de um amarelo, quase vermelho, poderia ser suficiente para causar danos horríveis!) e entregava para a dona da vez. E vinha a próxima. E a próxima. E a próxima... Estava ali desde muito cedo, já havia servido mais de trezentas arqueiras. Finalmente, a fila parecia estar chegando ao fim. O som das palmas, porém, continuava e mantinha a tensão e a concentração daquele transe coletivo. Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc... Cloc, cloc, cloc...

– Salubá, minha mãe – pediu licença Iansã.

– E a sua parte, como está? – perguntou Nanã.

– Pronta, Iá. É só a senhora dizer e eu inicio o plano.

– Ótimo. Vou precisar de mais um favor.

Iansã baixou a cabeça em sinal afirmativo.

– Quando tudo terminar, preciso que venha me avisar.

– A senhora não vai conosco, Iá?

– Não, minha filha. Estou muito velha para isso. Eu e Iemanjá ficaremos de fora para não atrapalhar vocês.

– E onde encontro a senhora?

– Estarei quietinha no meu canto, pensando... há muito o que se pensar agora que o destino será nosso, não sabe? Quando quiser me encontrar, faça aquele truque de virar vento e siga em direção ao mar. Estarei por lá.

– No mar? A senhora diz, no Aiê?

– Sim.

– Sim, senhora.

Oxum se aproximou e as interrompeu, se ajoelhando no chão com uma pequena cabaça na mão:

– Motumbá.

– Diga – respondeu Obá.

– As senhoras me pediram, aqui está a cabaça com o que restou do veneno.

Com respeito e sem nenhuma displicência, a jovem Oxum ergueu a cabacinha em direção às mãos de Obá. A cabaça de veneno, no entanto escorregou e caiu no chão, espirrando parte do líquido grosso e amarelo-quase-vermelho sobre o chão de terra, fazendo com que todas, inclusive Oxum,

tivessem que saltar de repente para não serem atingidas.

– Que diacho, Oxum, não consegue fazer nada direito! – gritou Nanã.

Obá abaixou-se com cuidado, erguendo a cabaça e balançando-a devagar. Ainda havia o suficiente do lado de dentro. Com o pé, jogou um punhado de terra sobre as gotas espalhadas no chão para que ninguém se machucasse e entregou o veneno para Iansã.

– Aqui está. Para você cuidar do seu problema.

Nanã concordou, repetindo um trecho da profecia:

– *A humilhada roubará o destino.*

E partiram.



Aganju era calado, gostava de ficar sozinho na sua caverna aberta no lado mais quieto da montanha dos homens, porque sua voz era tão poderosa que muitos tinham medo. Talvez por isso Oxalá o tenha escolhido para acompanhar o desenvolvimento de Xangô. No reino dos orixás, os mais novos que chegam são ensinados pelos que estão lá há mais tempo, e ser treinado por um orixá tão velho e experiente era uma honra que qualquer um trataria com muita devoção. Xangô, no entanto, não era muito de baixar a cabeça, nem tinha medo de voz grossa, pois a sua não era lá das mais fracas também. Aganju, dono das montanhas, vulcões e terremotos, apreciava isso. Gostava do aprendiz, de caminhar com ele e conversar. Especialmente num dia como aquele, pois o papo o ajudaria a aliviar a tensão do pupilo.

– Estamos quase lá – disse o mentor.

– Como você sabe?

– Pouca gente sabe mas, quando cheguei aqui, eu fui um dos primeiros, você sabe, não havia essas montanhas ainda. Eu que as ergui, a pedido de Oxalá e Nanã, para que os orixás homens, mulheres e os eguns parassem de brigar e tivessem cada um sua própria terra. Ao redor de cada uma delas, Oxalá criou a floresta fechada e a Clareira dos Sonhos. Iemanjá criou o Rio do Tempo ao redor; e Nanã criou a Floresta dos Chegados, onde eguns e orixás aparecem pela primeira vez quando vêm do Aiê, e protegeu as três montanhas erguendo-as com três árvores mágicas cada uma, para que ninguém do Aiê conseguisse chegar na terra dos orixás.

– E quando eles chegaram, havia o quê?

– Não sei direito. Dizem que não havia nada, que Olodumare mandou eles virem aqui e construir a terra, o mar...

– Já ouvi essa história, eu acho. Oxalá pôs um punhado de terra sobre as águas e pediu a uma galinha que a ciscasse e espalhasse por aí, e depois a um camaleão que pisasse com cuidado para ver se a terra era firme...

– Eu sei, não faz o menor sentido, não é? Um camaleão? De onde ele teria tirado esse camaleão!

– E depois Nanã misturou a água e a terra para fazer o barro e moldou as pessoas, e Oxalá soprou vida dentro delas, certo?

– Diz a lenda. Mas cada um deles conta de um jeito diferente. Voltando ao nosso assunto, tirando eles, os originais, todos os outros são gente do Aiê como eu, que um dia teve a bênção de virar orixá, em vez de egun. E digo bênção porque a terra dos eguns é muito chata. Mas, voltando, os primeiros cinco, já nasceram orixá, e...

– Cinco? – interrompeu Xangô – Você só falou de três. Oxalá, Nanã e Iemanjá. Quem eram os outros dois?

– Um era Exu, que ninguém sabe de onde nem quando veio. Tem gente até que diz que ele veio antes de todos os outros.

Aquela era uma surpresa. Exu?! Xangô, que conviveu com ele de perto nos seus últimos dias no Aiê, já havia tido dificuldade em entender como o garoto de recados não só estava sempre no Orum mas também como o moleque havia conseguido tanto respeito do lado de lá. Agora, descobrir que ele havia sido um dos primeiros... isso sim era uma surpresa!

– Não se engane – avisou Aganju. – Exu é o que quer que ele ache que tem que ser quando está na sua frente.

– E quem era o quinto?

– Ifá. E foi aí que nasceu o problema.

– Imagino que agora seja a minha vez de perguntar: *que problema?*

– Engraçadinho. Quando chegou a vez de Ifá fazer seu trabalho, ele resolveu criar o lago do destino. Todo mundo adorou a ideia. Mas aí ele colocou o desgramado do lago no alto da montanha dos homens. Nanã e Iemanjá ficaram furiosas, acusaram Oxalá de ter armado isso com Ifá... então chamaram Exu para dar opinião, mas ele não quis se intrometer (por isso que ele mora fora da montanhas dos dois). Depois chamaram os eguns para dar opinião, mas eles também não quiseram dar pitaco na briga dos quatro. E aí a guerra começou. Digo, a primeira delas. Pronto, é aqui, chegamos.

– Como assim é aqui? Como você sabe que a batalha começa nesse lugar?

– Já disse, porque eu construí isso aqui para que fosse o único lugar por onde elas conseguissem chegar carregando suas armas pesadas, longe de qualquer massa d'água (elas são poderosas com as águas). E aí nós teríamos a vantagem de lutar vindo de cima, que é sempre uma posição melhor.

– Vocês combinaram isso com elas também? – questionou Xangô, entre a curiosidade e a ironia.

– Estou lhe falando, essa guerra acontece de tempos em tempos. Elas vêm, nós brigamos, morrem os mais fracos do lado de cá e de lá, eles fazem as pazes lá em cima, trazem outra geração para substituir os que se foram, porque os que morrem não são bons de briga mas sempre cuidam de coisas importantes pro povo do Aiê, tipo a colheita, o bem-estar, a fertilidade, os mares, o vento... É sempre a mesma coisa.

A menção ao vento fez Xangô se calar. A mera possibilidade de perder Iansã de novo lhe dava calafrios. Não poderia deixar isso acontecer outra vez. Mas como? O que poderia fazer no meio de uma guerra onde estariam de lados opostos? Ficou quieto. Aganju o acompanhou, de pé, o que indicava que, se a história se repetia tanto assim, a espera não seria tão longa.

E não foi.

– Uau, essa eu nunca havia visto – disse Aganju, apontando para o ponto onde havia anunciado que chegariam as feiticeiras.

Oi,

Não sei se sou a pessoa certa pra essa porra. Não sei nem o que pensar ou sentir a respeito. Faz mais de dois meses que não consigo dormir sem pelo menos um baseado e um monte de remédios. Preciso apagar de olho aberto. Porque, se fecho, fico enxergando o que fizemos. Como se tudo acontecesse de novo e de novo e de novo. Eu tenho estômago para muita coisa. Sei manipular, articular, planejar para que as pessoas façam o que precisamos. Mas... matar?! Sempre achei que eu era um sujeito sem mimimi. Mas não tenho estômago para isso. Mesmo que você tenha se livrado do corpo de um modo impossível de a polícia encontrar. Não é por medo, mas por repulsa que não me sinto apto a continuar. Ela era bacana... O problema é que agora não tem como desfazer. Nem como pós-racionalizar essa merda. Tá feito e pro resto dos meus dias eu vou ter que conviver com essa imagem. Desculpe por desapontá-lo, mas não sou o seu cara. Fui até onde dava para ir e agora não tenho condições de ajudar mais ninguém.

New.

16 COMENTÁRIOS:



Laroiê 18 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 10:16AM
Nunca prometi salvação.



Newton Fernandes 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 4:15AM
Não é salvação que eu procuro. Eu vou morrer, caralho.
É em vez de aproveitar o que resta da minha vida, estou aqui fazendo o inconfessável?



Laroiê 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 5:32AM
Tá dinho.



Newton Fernandes 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 5:33AM
E espero que tudo que fiz, minha dedicação e comprometimento até agora conte para o nosso trato. Eu não cumpri o que prometi, eu sei, mas olhe todos os sacrifícios que eu fiz.



Newton Fernandes 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 6:49AM
Você está aí?



Newton Fernandes 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 2:01PM
Você não vai dizer nada?



Laroiê 19 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 4:48PM
Se é pena que procura,
vá bater em outra porta.



Newton Fernandes 22 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 5:49AM
Por favor, perdoe minha instabilidade dos últimos dias. Não estava conseguindo pensar direito. Falta de sono me tira do eixo. Tenho dormido melhor nos últimos dias, porém. Tive até uma ideia bizarra. Sabe aquela marchinha de carnaval que você lembrou outro dia? Aguarde mais um pouco e trago novas notícias.



Newton Fernandes 30 DE OUTUBRO DE 2013, ÀS 7:48PM
Passei os últimos dias trancado com advogados que não conseguiam entender o que eu queria. Foi o seguinte: Os problemas de caixa estavam tirando Pilar do sério. E se eu, como servo fiel e agradecido, resolvesse fazer um sacrifício? Ou melhor, uma oferenda surpresa, em agradecimento a todas as bênçãos que ela me havia dado? Então, ofereci que comprasse, por valor simbólico, um outro pedaço da NFB. Ela subiu de 51% para 95% de participação na empresa, pagando cinco mil reais pelo que deveria ter pago mais de 20 milhões. Isso significava pelo menos mais três milhões de reais em dividendos, livre de impostos, todo ano. E ela ainda poderia vender a empresa por mais de 40 milhões se quisesse. Há quem compre.
Pilar ficou radiante. Para quem estava no meio de uma grande crise financeira, nenhuma notícia poderia ser melhor do que essa. Aquele era o início de sua volta por cima.
Estou de volta.



Newton Fernandes 2 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:04AM

Pilar convocou uma pequena plateia para o evento de assinatura do contrato hoje e tarde. Dois advogados chamados por ela para supervisionar a assinatura e a transferência formal das novas responsabilidades do estatuto da empresa, que agora eram dela em sua condição de majoritária absoluta. Uns três ou quatro empresários ainda próximos – talvez eles se inspirassem em fazer o mesmo. Mais um bando de oito ou dez puxa-sacos – esses ajudariam a espalhar a história. Está tudo pronto. Eles devem estar putos, porque ninguém quer se trancar num escritório para revisar e assinar um contrato no meio do fim de semana. Problema deles! O que importa: uma vez que ela assinou, as responsabilidades por tudo que a NFB fizer serão dela, o que faz a cama para a próxima etapa do nosso plano. Mas calma, ela primeiro precisa assinar...



Newton Fernandes 2 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:33PM

Imagine a cena: sábado a tarde e aquela pequena multidão, gente séria, formal, tensa no meio da maior crise que o grupo já tinha vivido, e eu pego a caneta e me debruço sobre a mesa para assinar, congelo. Dava para ouvir os suspiros de medo e tensão. Olhei para o alto, para os outros, para ela, tomei um gole d'água para efeito dramático... e cantarolei a marchinha que você me lembrou naquele dia:

Eu bebo sem compromisso...

Olhei para a página e assinei, continuando a cantoria no verso que inspirou a ideia:

Com meu dinheiro, ninguém tem nada com isso

Quando entreguei a caneta, ela embarcou. Cantou comigo enquanto assinava:

Aonde houver garrafa,

aonde houver barril

Presente está a turma do funil!

Nos abraçamos. Rimos alto com uma cumplicidade de quem deu um golpe no mundo. Um contragolpe. Aplausos nervosos. Alguém no fundo estourou uma garrafa de champagne. Os copos se enchem, derramavam espuma no chão e a cada um que transbordava, mais um grito de comemoração. Êêê! Aquela gente estava tão confusa que não sabia se era fanática ou insurgente. Então mergulharam no velho hábito. Se agarraram à música que eu puxei e cantaram junto, como se aquela marchinha pândega fosse um hino religioso das orações de sexta-feira:

Chegou a turma do funil!

Todo mundo bebe, mas ninguém dorme no ponto

Rá rá rá rá, mas ninguém dorme no ponto

Nós é que bebemos e eles que ficam tontos

Uma apoteose. Ainda mais bizarra do que eu havia imaginado. Euforia, medo, raiva... O carnaval, o religioso, o financeiro, tudo misturado numa cartarse esquizofrênica.

Não estivesse Pilar tão desesperada para consertar sua situação econômica, teria estranhado que algo a que dediquei dez anos da minha vida estivesse sendo dado de presente, enquanto eu não parecia estar nem aí. Por desespero, vaidade e, de certa forma, alguma habilidade da minha parte, porém, ela não notou.



Newton Fernandes 3 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 8:07AM

Acordei meio confuso, mas já me recuperei. A coisa continua esquentando. Pilar mandou chamar uma reunião extraordinária na sua própria casa. Estou indo para lá. Mando notícias mais à noite.



Newton Fernandes 3 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:51PM

Que dia... Pilar nos recebeu na sala da sua casa. Ela sentada numa cadeira de espaldar alto. Ao redor, os mesmos que presenciaram a assinatura do contrato mais uns indecisos que ela achava que ainda poderia trazer de volta para debaixo da asa dela. Mandou então que eu me sentasse ao seu lado, e com a voz embargada, numa mistura de raiva, entusiasmo e carinho que me fez lembrar a Pilar dos velhos tempos, fez seu sermão:

“Isso é fé, gratidão, coragem”. – disse ela, olhando todo mundo nos olhos e apontando para mim. “Esse rapaz era um jornalista pobre de andar de jéque quando eu o conheci. Agora vejam só: empresário famoso, rico, comendo todo mundo... e por que? Porque eu ajudei. Porque eu acreditei, orientei e investi. Agora ele está pagando de volta, como tem que ser, por iniciativa dele mesmo. Aprenderam como se faz? Anotem aí: vocês vão ver como esses cinco por cento que ficaram com ele já-já vão valer mais do que os 49 que ele tinha antes. Isso, meus caros, é o que se chama gratidão. E gratidão sempre volta em dobro. Em triplo até!”.

(Fiz as contas mentalmente e mesmo em triplo o retorno sobre o investimento em gratidão ainda não compensava. Mas tudo bem, quem se importava com contas àquela altura?)

A mentora levantou o copo em brinde e todos olharam para mim.

Era a minha vez de falar.

“Esse é um dia especial para mim” – eu disse, fingido como podia – “um dia muito emocionante, quando pude devolver para a mentora, um pouco de tudo que ela fez por mim. Mas não é por gratidão. É por justiça. Não fiz mais do que a minha obrigação”.

“Engraçado que só você enxerga isso...” – comentou Pilar.

Então contei o sonho que havia tido aquela noite. Quer dizer, que inventei que tive, pois sabia que ela iria gostar. Conteí que um galo acordava a todos nós ali, no meio da madrugada: “O dia está chegando!”, cantava o galo. Ele corria pelas ruas: “Vistam suas roupas e deixem os infieis para trás!”

Pilar olhou para mim e disse, a voz agora tremendo:

“Você tem ideia do que está contando? Não? Isso foi um sonho profético, meu filho. O dia está chegando, então. Vamos ter que deixar alguns para trás. Salve o galo da Madrugada!”.

“Salve!” – responderam os presentes, sem saber o que saudavam.

E chorou, a filha da puta! Eu vi! Uma única lágrima escorrendo de um dos olhos. Eu caí de joelhos e todos me acompanharam. Ela então se levantou, abriu os braços com as palmas das mãos para cima, fechou os olhos e puxou a oração que só usava em situações de extremo agradecimento ou gravidade. Oramos todos juntos:

Pai Nosso que estás conosco

Tu nos revelaste e nos comunicaste o Teu amor

Nós queremos vivê-lo bastante,

Para transmiti-lo através de nossas amizades

e de nossas fraternidades,

De nossas paternidades e maternidades

a todos que esperam este amor.

Estabeleceste a Tua habitação em nós,

nós queremos revelar a cada homem a sua dignidade,

e fazê-la respeitar.

Tu, enviando-nos Jesus Cristo,

enviaste-nos Teu desejo de justiça,

de comunicação e de amor.

Nós queremos realizá-lo nesta Terra,

para que ela se torne um lugar onde habitem

a justiça e o amor recíproco.

Tu repartiste maravilhosamente o Teu pão,

É nos ensinaste também a repartir o nosso.

Tu nos perdoaste de tal maneira,

que nos inspiras o tato, o respeito e a alegria

com que devemos nos reconciliar com nossos irmãos.

Tu estás conosco em nossas provações,

em nossas tentações e sofrimentos,

para ajudar-nos a superá-los contigo.

É contigo, em ti e por ti,

libertaremos o mundo do mal.

Amém!

Acho que a culpa pelos questionamentos misturou com a pressão e a catarse dos últimos dias. Porque quando abri os olhos, muitos choravam.

A jovem Lisandra, dedicada filha adolescente do Carlos e Michelle, trouxe um copo de água com gás para a mentora. É nessas horas que a Pilar mostra como sabe das coisas. No meio daquela glória, sem aviso nenhum, sua fúria transbordou e pegou todo mundo despreparado:

“Vocês sabem por que o galo do sonho do Newton fala de vestir as roupas e deixar os infieis para trás?”. – gritou ela, agora com raiva, olhando novamente nos olhos de cada um. “Quando o Eliel veio me contar que aquela piranha dele havia indo embora, eu sabia que era só o começo. Saravá voa em bando, não voa? Então. Agora a infidelidade de vocês vai cobrar a conta. A infidelidade a mim, a Olomô, à sua família... Igual o Eliel vai pagar por ter dado corda para aquela vadia da mulher dele. Ele agora ficou sozinho batendo punheta enquanto ela vai dar pra todos os milionários que encontrar lá no Caribe”. Pilar olhou para mim e piscou, como se ninguém mais tivesse visto, depois cerrou as sobrancelhas de novo.

Eu havia planejado o sonho como uma forma de deixá-la falar dos infieis religiosos. Não esperava que o sentido que ela escolheria seria a infidelidade conjugal. Ao ver o assunto fazer uma curva repentina, ao ver Pilar falar da Helena, no entanto, passei tão mal, e tão de repente, que vomitei ali mesmo, no chão, na frente de todos.

“Deixem!” – disse Pilar, ordenando que largassem meus restos de almoço e bile no chão “é tudo evidência da podridão que havíamos de pôr para fora. Deixem aí para todos verem”.

Entre o medo e o cheiro rançoso, Olomô, o espírito que Pilar dizia falar através de seu corpo, baixou.

“Eita exa!” – disse Pilar num sobressalto, fingindo o jeito de falar de um espírito que ela mesma inventou. “Exa Helena é uma ingrata, exa. Oxês viru u q'ela feix, sabe quem ela é. E tem mais gente que tem qui oiá pra dentro de casa também, exa. Exa noite, as casas que num estiverem em sintonia cum Olomô vão ser marcadas pelo meu amigo galo da madrugada, exe. Quem fô infiel aí, vai tê que xplícá, exa”. Olomô caminhou em minha direção, fez três vezes na minha testa o sinal da cruz com as unhas compridas de Pilar e desfaleceu.

Saindo do transe, Pilar se apoiou no meu ombro e estendeu o braço para a mesinha ao lado. Não para a água com gás. Dessa vez, para o copo de uisque.

E assim, de repente, todos os casados ali presentes tinham urgência para voltar para casa. Ficaram apenas Pilar e os dois solteiros. Lisandra e eu. A menina aproveitou e se abaixou para limpar meu vômito sobre o chão de madeira, deixando aparecer um pedaço da calcinha. Um rabo de baleia acidental que, naquela hora, tinha tudo de errado que um errado poderia ter. Quando Lisandra saiu, esfregou e balde na mão, Pilar me pegou olhando para ela.

Eu já havia notado e seguido aquela guria com os olhos várias vezes. Tinha um corpo de supermodel que mereceria ser olhado de cima a baixo, não fossem seus apenas 16 aninhos. Naquela vez, contudo, eu a olhava somente com pena – menina tão nova e tão dedicada a Pilar. Poderia estar numa passarela internacional, mas não, estava agachada com um pano de chão, limpando meu vômito. Depois sumiu na direção dos aposentos de serviço. Quando desapareceu após a porta a cozinha, Pilar, de repente, se iluminou novamente, como se iluminava toda vez que se via numa traquinagem. (Confesso, ela é divertida quando está aprontando alguma). Piscou para mim e disse:

“Ela te acha um gatinho”, me disse.

“Quando ela crescer, quem sabe” – tentei fugir.

Não estava no clima. Mas ela insistiu.

“Hum, essa aí, meu caro, não precisa se preocupar não. Tem fogo no rabo... você não seria o primeiro a se divertir na pastagem dessa cavala de canela fina”.

Devo ter tentado um sorriso, pelo menos um pouco, pois Pilar se deu por satisfeita. Como pode essa mulher saltar de uma comoção e tristeza e ameaças aos depravados do grupo para o agenciamento de uma adolescente para um homem feito como eu, eu não entendo.

Parece que tenho mais frescuras morais do que imaginava.



Newton Fernandes 4 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:51PM

Num evento quase bíblico, os carros de vários integrantes do grupo hoje amanheceram arranhados. Não um arranhão qualquer. Tinham uma estranha marca na pintura. Desenho que parecia vagamente com um galo cantando.

O Galo da Madrugada, o sinal que Olomô havia falado.

Alguém como o Carlos deveria ter feito aqueles riscos. Bastava Pilar ter dado a ordem e indicado que famílias marcar.

A essa altura, o pandemônio deve estar criado. E quando casais discutem, é a ela que recorrem para resolver. Seu poder deu mais um salto para cima.

Enquanto a dúvida pairasse, ela reinaria soberana. E na sequência dos que tiveram seus carros marcados, os não marcados foram também, fingindo pedir redenção, mas, na realidade, apenas querendo marcar sua posição superior. Gente mesquinha, que merece a líder que tem.



Newton Fernandes 8 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:51PM

Oração interessante nessa sexta. Após um tempo com quórum decadente, praticamente todos foram, menos, claro, o procurador Eliel. Sabia bem o que o esperava. Mesmo assim, foi o assunto de todas as conversas e sermões. Foi chamado de fraco, de banana. Pilar lembrou que havia sido ele que escolheu casar com “um saravu com fogo na periquita”, ou que “passou anos sem enxergar o que todos viam e agora ficava aí a chorar pelos cantos”. De um dia para outro, todos ali sempre desconfiaram de Helena. De sua moral corrompida, de sua intenção espiritual. “Ainda bem que foi embora, aquela vaca, porque senão ia acabar levando com ela outras pessoas de bem”, diziam os fofoqueiros de plantão.

Eu mantive meus olhos baixos, mas tinha certeza de que todos ali olhavam para mim. O profeta dos sonhos. O intocável. Apesar do plano estar correndo tão bem quanto poderíamos esperar, eu só conseguia pensar em Helena.

Engoli de volta as tantas golfadas que subiram até a boca e acabei voltando cedo para casa, pronto para lhe escrever.

Foram dias intensos. Que se não dão muito alento à culpa que carrego, ao menos a anestesia. Vamos em frente.



Laroiê 10 DE NOVEMBRO DE 2013, ÀS 11:51PM

Bom ter você de volta, Newton.

De onde estavam, Aganju e Xangô acompanharam a aproximação do grupo compacto de cerca de 50 mulheres. Despontando por detrás da ladeira vieram as cabeças, os ombros nus, os seios ao vento cortados por uma corda em diagonal, os braços finos carregando...

– Isso é novidade... – debochou Aganju, intrigado.

– O quê? – perguntou Xangô.

– Espadas de madeira... ?

Xangô sacou algumas de suas pedras de raio da pequena bolsa que carregava na cintura. Talvez pudesse jogá-las perto o suficiente para que elas desistissem sem que ninguém se machucasse? Não teve tempo. Aganju pousou a mão no peito dele e tomou a dianteira. Apesar da graça das armas inocentes que carregavam, aquela guerra nunca foi brincadeira e não seria também dessa vez. Ele olhou cada uma delas nos olhos, jamais havia visto nenhuma delas ali, e bateu o pé com força no chão, fazendo-o tremer sob os pés de quem estivesse por perto. Com o terremoto, uma das guerreiras caiu no chão, mas logo se pôs de pé mais uma vez, retornando à posição original.

Ele as encarava, elas o encaravam de volta, como se não houvesse nenhum desbalanceamento de forças ali.

Sem avisar, um espaço se abriu entre elas. Elas olharam para trás, confiantes. Aganju achou ter notado um sorriso. De repente, subindo a colina de onde elas tinham vindo, passou correndo um búfalo enorme e parou a poucos metros dos dois guerreiros.

Sem tirar os olhos da besta, Xangô guardou de volta suas pedras de raio.

O búfalo olhou para os dois, bufando e chacoalhando os chifres em desafio. Aganju bateu os pés novamente, duas vezes e ainda mais forte. O chão dessa vez tremeu tanto que pedaços de rocha rolaram das encostas. Todas as guerreiras agora estavam no chão. Mas não o búfalo, que continuava a encará-los com olhar furioso. A besta riscou o chão três vezes e espirrou pelas narinas um ar tão quente que se podia ver. Baixou então a cabeça em posição de ataque, e partiu em disparada.

Sob o comando de Aganju, gêiseres explodiam ao longo do seu caminho, linsã, em sua forma animal, desviava com habilidade e continuava sua trajetória em direção aos dois. O velho senhor dos terremotos esperou que o animal chegasse a um braço de distância para saltar para o lado. Olhou para trás, esperando o pupilo fazer o mesmo, mas ele não pulou. Nem disse nada. Sequer sacou seu machado de duas cabeças. Apenas esperou.

O choque foi tão forte que se ouviu de longe. O animal acertara Xangô na linha da cintura, fez uma curva para a esquerda e continuou carregando-o como se não tivesse peso. Corria tão rápido quanto começou.

De longe da vista, uma corneta de chifre soou, e 50 guerreiras mais surgiram, correndo como bárbaras, vindas todas de trás da colina. Gritavam o mais alto que podiam, confiantes em suas estranhas espadas e lanças de madeira. Do lado oposto, no entanto, de trás de uma parede de pedra, surgiu um batalhão ainda maior, com homens gigantes e bem armados com suas espadas, machados e toda sorte de armas de ferro. Com rostos e corpos pintados para a guerra, gritavam ainda mais alto. Eles sopravam fogo, gelo e vento. Quebravam, de propósito, o que estivesse no seu caminho. Corriam na direção de Aganju, na direção das inimigas. À frente deles, músculos marcados pelo banho de sangue e um olhar louco de meter medo em cobra, o legendário general Ogum.

A reação foi imediata. Diante da surpresa, as guerreiras soltavam gritos agudos de medo. De repente, toda a ordem havia desaparecido. Elas corriam como formigas sem trilha, cada uma para um lado, fugindo em desespero, cada uma olhando pela sua própria vida.

O espetáculo era tão bizarro que os homens tiveram que parar para rir. Soltaram suas gargalhadas grossas e as insultaram de tudo que puderam imaginar. Apoiavam-se uns nos outros e alguns chegaram a sentar no chão, sem fôlego, de tanto achar graça. Então o céu escureceu.

De todos os lados, aves de todos os tamanhos e cores cobriram o céu. Sobrevoaram suas cabeças e pousaram em cada canto. Topos de árvores, pedras, na encosta da montanha. No que pousavam, se transformavam em mulheres de todas as idades, cada uma apontando seu arco na direção dos soldados ao centro. Eles estavam cercados.

Houve um momento de silêncio tão grande que, quando a primeira flecha cruzou o ar, ouviu-se o assobio e o rasgo seco de sua ponta raspando o braço de Aganju, cortando-lhe a carne e espirrando sangue para todo lado. O orixá dos vulcões e terremotos olhou para o corte, e para as guerreiras trepidas em volta. Antes que pudesse desdenhar, uma dor aguda lhe ardeu de dentro da ferida. Seus olhos se arregalaram em pânico. Ele sabia. A carne em torno do rasgo se esbranquiçou, e a mancha cor de giz se espalhou dali para o resto do braço, peito... Aganju caiu no chão sem resistir. Urrava em agonia. Sua pele afinou e murchou, como se o corpo secasse enquanto o sangue lhe deixava. Seus músculos, cada um deles, entraram em convulsão. Os gritos viraram um borbulho sombrio e se calou. O grandioso Aganju, que tantas daquelas guerras havia lutado e vencido, virou uma poça escura e vermelha.

Agora era a vez dos homens correrem sem ordem. Uns fugiam das flechas que choviam, outros subiam nas árvores e encostas. Não Ogum. Esse mantinha os olhos abertos sem piscar, desviando e se protegendo das flechas como se fossem de brinquedo. Sua atenção estava toda na procura da líder do lado oposto.

– Estão com medo de quê? – gritou Ogum, com segurança.

Os guerreiros avançaram sobre as árvores onde haviam pousado as arqueiras. Corpos caíam dos dois lados. Em algumas partes, o chão prendia os pés descalços na lama de sangue.

De repente, as flechas começaram a acabar, e as mulheres que restavam partiram em revoada.

De longe, o búfalo parou de correr, jogando Xangô, que se segurava com dificuldade entre seus chifres, de costas no chão.

– O que você está fazendo? – perguntou Xangô.

O peito do búfalo então encolheu. Sua cabeça diminuiu e suas costas se levantaram conforme o animal tomava a forma de Iansã.

– Não dá tempo de explicar – respondeu a guerreira.

Mal eles tiveram chance de se organizar e avançar em ofensiva, e uma outra corneta tocou. Obá, com seus músculos desenhados e olhar sem medo, ainda segurava o instrumento de ordens quando seus olhos se cruzaram com o de Ogum.

Dessa vez, pela encosta lateral onde estavam o casal dos raios e trovões, subiu uma multidão furiosa, um exército de eguns. Eles eram menores e estavam armados com pedaços de pau, pedras e ferramentas de lavoura, mas eram muitos, e rápidos, e violentos. Corriam como um estouro de animais furiosos e se moviam como se tivessem asas nos pés.

Bem ao lado de Xangô, um grupo de eguns avançou sobre um guerreiro que havia se separado dos demais. Escaparam com habilidade de seus golpes esaltaram sobre o inimigo. Morderam-lhe a orelha, puxaram-lhe os cabelos até lhe arrancarem o couro cabeludo, agarraram-lhe as pernas. O orixá conseguiu lançar alguns deles para longe, mas logo perdeu o equilíbrio e caiu, de peito no

chão. Mais eguns se juntaram ao grupo, tentando virá-lo de barriga para cima. Três deles mergulharam, dentes à mostra, na direção do umbigo do orixá. Ele gritava, mais por medo e dor do que para pedir ajuda.

De onde estava, Xangô jogou uma pedra de raio bem perto, e a explosão jogou alguns para longe e destruiu as pernas de outros, fazendo-os perder o chão. O orixá sangrava por inteiro, mas conseguiu se levantar e procurar uma posição mais segura. Tão logo recuperaram os sentidos, no entanto, aqueles mesmos eguns partiram com sede de sangue na direção de Xangô.

Iansã grudou suas costas nas do marido e pôs-se de frente para a horda invasora, que cruzou o casal com tanta velocidade que sequer notaram a presença de Xangô. Continuaram para cima dos guerreiros de Ogum, muitos ainda trepados em árvores e pendurados em paredes onde estavam há pouco as mulheres-pássaro. Despreparados para tamanha surpresa, os guerreiros tentavam recobrar suas posições.

Não adiantavam os sopros de fogo e de gelo dos orixás de Ogum. Nem as espadas afiadas contra os abdomens, conforme o general os havia instruído. Diante dos ataques, os eguns saltavam para os lados e se apoiavam nas mãos como se lutassem uma dança. Com orgulho e arrependimento, Ogum se lembrou de Ibadokun e das lições que lhe havia ensinado. Mesmo quando eram atingidos, no entanto, os eguns continuavam a atacar. O plano inteiro estava errado.

A horda de eguns avistou Xangô, que mantinha suas costas coladas às de Iansã e o eixo da guerra se moveu naquela direção. O casal era atacado por lados opostos. Xangô cortou o bucho dos primeiros que o atacaram, mas eles não caíram. Chutou-os para longe, derrubando alguns mais que vinham na mesma direção, mas aquilo só os deixou mais determinados. Quando Xangô se distraía com a frente, eles atacavam pelo lado. Quando se defendia pelo chão, eles atacavam pelo alto. Só não vinham pelas costas, onde estava Iansã, mas avançavam sem piedade pelo seu lado.

A guerreira tentava impedi-los. Empurrava, atacava as cabeças, os braços... quando um deles voou na direção de Xangô, dois pés à frente, descolados do chão, como ela somente havia visto Ogum fazer até então, Iansã cruzou-lhe as canelas com sua espada, arrancando-lhe ambas as pernas de uma só vez. O egun despencou na direção do chão, mas nunca chegou lá. Olhos arregalados, subiu em direção ao céu como se caísse para cima.

– As pernas! – gritou Iansã.

Xangô obedeceu. O próximo dos eguns que se aproximou sentiu o machado rasgar-lhe as coxas. Sem as pernas para prendê-lo ao chão, o corpo do egun subiu descontrolado e perdeu-se no ar.

– As pernas! – gritou Xangô, com sua voz de trovão, avisando Ogum e os companheiros de batalha.

O exército masculino, que havia começado em maior número, com mais força física e armamento, havia diminuído consideravelmente, e continuou caindo até aquela instrução. Os eguns ainda saltavam e escapavam da maioria dos golpes, mas a luta começava a se equilibrar.

Às suas costas, Iansã cortava barrigas de atacantes que vinham em fila, nenhum capaz de derrotar a guerreira. Donos de habilidades excepcionais e protegidos dos ataques pelas costas, o casal formava um círculo de quase tranquilidade no meio de uma guerra de caos.

– Você tem que mandar eles pararem – gritou Xangô.

– Por que eu faria isso? – respondeu Iansã, entre a ironia e o cansaço. – Isso aqui não vai mudar nada! – Xangô desviou de um ataque, lançando mais dois eguns para o ar.

– Como assim? – perguntou Iansã, ainda de costas.

– Essa guerra, acontece de tempos em tempos. Aganju me contou. E nada muda. Morre um monte de gente dos dois lados, e eles recrutam uma nova geração para começar tudo de novo.

– Você disse *geração*?

– Isso, uma leva nova de orixás que assumem as posições dos que...

– Você consegue se defender sozinho?

– Claro! Estou aqui pra defender você!

– Então se cuida. – disse Iansã, dando um tapa no quadril do companheiro, e se transformando em vento.

Sem Iansã para defender, Xangô livrou-se de tantos eguns quanto o desafiaram. Eles continuavam chegando e atacando sem piedade nem medo. A cada um, o deus do trovão se defendia com certo cuidado, olhando-os nos olhos antes de desferir qualquer golpe. Xangô, no entanto, mais do que se defendia. Ao notar os corpos sumindo em direção ao céu, gritou para todos os lados, enfim demonstrando medo: “Julien?”. Chamou mil vezes. Seu primeiro filho, e para sempre o predileto, não apareceu. Xangô torcia para ele não ter caído nas mãos de Ogum ou de um dos outros guerreiros. Perguntou a quem podia se haviam visto o Vingador de Saint-Domingue, mas ninguém sabia de quem se tratava. Claro! E agora? Não havia como saber. Nem como pedir aos orixás, o impulso que teve num momento de confusão – os deuses do Orum eram eles mesmos. Clemência, a quem quer que fosse, não parecia negociável no meio da guerra. Se Julien aparecesse, e se não o fizesse na sua frente, teria as pernas cortadas, morreria a morte final. Àquela altura, o melhor era que ele tivesse voltado à sua família, no mundo dos vivos, reencarnado, como prometera Oxalá. E que algum dia, dessa nova vida o chamasse de novo. Mais seguro assim. Enquanto isso, só lhe restava torcer, e permanecer vivo.

A batalha continuou. Mais eguns chegavam em ondas. Mais chuvas de flechas, que só se interrompiam quando as arqueiras voavam de volta para se abastecer delas na montanha ao lado. O general Ogum identificou com facilidade o padrão. Quando voltavam, reabastecidas, precisavam soar a corneta para que seus aliados deixassem o campo de alcance. Quando a corneta apitava, eles procuravam abrigo. Outra corneta, saíam em ofensiva.

Infelizmente, os números de ambos os lados começavam a minguar e quando deram por si, Xangô e Ogum eram praticamente os únicos ainda de pé no lado dos homens. Eles e não mais que dez ou 12 guerreiros. O resto eram apenas pedaços que falharam em se decompor por completo diante do veneno das feiticeiras. Eles não tinham medo, podiam lidar com quantos viessem ainda, mas agora precisavam ao menos equilibrar os estragos. Na guerra, as rinhadas se vão, diz-se por aí. Naquela hora, os dois, que se odiaram tantas vezes, se tornaram os maiores aliados.

Cortaram, gritaram, espalharam tanto sangue, que a terra parou de absorver. Tropeçavam em corpos, em membros e tripas, pisavam em poças e respingavam o vermelho viscoso para todo lado. O ar cheirava a um tipo de morte que eles não conheciam do Aiê.

Deixei Helena no sofá. Ela ainda tem marcas de corda nos pulsos e tornozelos, e seu corpo está todo marcado das chicotadas. Estou escrevendo do celular – precisava sair de lá. Corra. Não quero terminar meus dias na cadeia. Alguém precisa sumir com o corpo.

1 COMENTÁRIO:



Laroiê 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 10:37PM

Fique longe de casa
por quatro horas.
Depois volte
à sua vida normal.
Do corpo, cuido eu.

Euá não gostava sequer da ideia de uma guerra, ainda mais fazer parte de uma. Sendo uma exímia arqueira, preferiu não dar chance de ser convocada e ter que usar sua pontaria para ferir outra pessoa. Então ela se disfarçou de nevoeiro e se espalhou pela floresta no alto da montanha.

Sozinha, se estendeu pelo pântano, pela floresta, andou entre as casas vazias e olhou de fora as que haviam deixado a janela aberta. Euá gostava de olhar, de fantasiar. Imaginava a si mesma dentro de cada uma delas. O que cozinaria, o que faria para enfeitar a sala, o quarto... Viu-se preparando peixes na casa de Olokum, recitando poemas no jardim de Aajá, caçando livre com Otim, distribuindo sorte com Salugá, aprendendo lições com Axabô. Imaginou se veria alguma delas novamente, quando a guerra terminasse.

Para não se entristecer ainda mais pelo possível destino das novas amigas que acabara de conhecer, resolveu passear além da montanha mais baixa do Orum. Derramou-se pela encosta e desceu suave até a base da grande pedra côncava. Rodeou as árvores que a sustentam e imaginou que tipo de magia permitiria que uma pedra com todo aquele peso pousasse tão delicada sobre a folhagem. Depois saiu pela pastagem dos sonhos e achou que reconheceu alguns antigos amigos do Aiê por ali, mas resolveu não parar. Não estava num bom dia para conversas.

Resolveu então ir ainda mais longe. Cruzou a floresta por onde chegam os novatos, onde ela mesma foi encontrada pelo seu amigo Oxóssi não muito tempo atrás. E enfim chegou ao rio Igba, o Rio do Tempo. De todas as criações dos encantados, aquela era a que mais lhe fascinava. Um rio sem início nem fim, circundando uma região mágica. Um rio que ligava o Orum a qualquer tempo da história e, mantinha todos os tempos em um só. O nevoeiro de Euá caminhou ao longo da margem do rio circular, admirando a invenção. Quem quer que tenha criado aquilo tinha uma imaginação de dar inveja.

Sentado num ponto mais aberto da margem, estava Exu, entretido com o maior cacho de bananas que ela já havia visto.

– Tédio ou melancolia? – ele perguntou para o nevoeiro, sem tirar os olhos da banana que descascava.

– Fuga, meu amigo – disse o nevoeiro.

– Não quero ver o que vai acontecer depois que essa guerra terminar.

– Você é nova.

– Eu já vi muitas dessas batalhas. Se você acredita no que está vendo, vai achar que é triste, porque alguns orixás queridos se vão.

– Como assim *se* eu acredito? – Euá estava confusa.

Exu falava e comia ao mesmo tempo, talvez ela não estivesse entendendo direito. Não era muito bonito de se ver, pensou Euá. Mas ele não parava. Nem de falar, nem de engolir. E perguntou, cuspidando um naco de banana no chão:

– Bá! Há tantas perguntas que você ainda pode fazer e vai soltar logo a mais boba delas?

– Que pergunta eu deveria estar fazendo então?

– O que está acontecendo do outro lado do rio? – disse Exu.

– Por quê? Estou perdendo alguma coisa?

– Nah... se você não sabe o que está acontecendo, está perdendo tudo. Tanto aqui, quanto lá.

– Como assim?

– Você é o nevoeiro, menina. Está aqui e está lá. Como é que não sabe o que está acontecendo lá, se sabe o que está acontecendo aqui?

– Eu não sou o nevoeiro. Eu me transformo nele – respondeu Euá. – É bem diferente. Meus olhos estão aqui. Meus pés do outro lado. Se eu olhar o lado de lá, não consigo mais falar com você.

– Viu só? – Exu mangava dela e comia ao mesmo tempo.

– Enquanto você continuar pensando assim, não vai entender nada.

– Pensando como?! Entender o quê?!

– Imagina que isso aqui é um sonho... Ou um lugar como um sonho? – disse ele, de boca cheia, já descascando a próxima.

– Não estou entendendo...

– Como não? Estou te dando a resposta. Será que você não está acordada enquanto sonha, e sonhando enquanto acha que está acordada?

– Você diz... como se isso aqui não existisse? – perguntou Euá, oficialmente confusa.

– Claro que existe! Digo como se isso aqui fosse só a superfície.

– Por que você está dizendo isso?

– Sei lá. Sonhos são coisas confusas. Trazem umas ideias estranhas. E é você que entende deles, não eu! – disse Exu, com uma cara de quem queria mesmo era deixá-la em dúvida.

E mordeu mais uma banana.

– Não pode ser sonho – disse ela, com uma tristeza sem força. – Nos meus sonhos não existe guerra.

– Viu só? Melancolia! Eu sabia. Pense bem, não fosse uma dessas guerras do passado, você não estaria aqui.

– Preferia não estar, se é assim.

As lágrimas de Euá molhavam tudo que tocavam.

– Pare com isso ou vou morrer de frio – reclamou Exu, que acabava de devorar a última banana do cacho.

– Vem comigo então? Quero lhe mostrar uma coisa. Um passeio pelo Aiê. Que tal?

Tivesse a névoa um rosto, teria balançado em afirmação. Exu entendeu o silêncio de Euá como um sim, e respirou todo o nevoeiro de uma só vez.

De dentro da escuridão do peito de Exu, Euá ouviu o mensageiro mergulhar na água. Depois, mais nada.



O céu estava azul. Mesmo assim, chovia. Uma chuva fina, que refrescava a pele e a terra dos castigos do sol, do jeitinho que gostava Nanã. De braços dados, os dois velhinhos caminharam um pouco mais, até encontrar um lugar confortável onde pudessem observar o mar. Um vento suave passou pelo casal e se perdeu entre as palmeiras logo atrás.

– Guerra, outra vez – disse ela.

– Quantas já foram, você lembra? – perguntou Oxalá.

– Trezentas e uma.

– Será que um dia isso acaba? – ele perguntou.

– Claro que acaba. A profecia.

– Você acredita mesmo nisso? Digo, que a profecia é real?

– Claro! Acredito em cada palavra!

E repetiu as palavras que havia dito tantas vezes nos últimos dias:

Um dia, elas se juntarão como eles.

Não mais se ofenderão nem desejarão o que é da outra.

Não mais aceitarão desrespeito nem escárnio nem ordens.

*Um dia, unirão os exércitos dos oprimidos
e tomarão de volta o destino.*

*E que se ouça nas três montanhas do Orum
que grande surpresa está a caminho.*

A humilhada roubará o destino.

A vilã se tornará heroína.

E o balanço do mundo estará restaurado de volta.

– Você se lembra que foi você mesma que escreveu essa profecia, não? – disse Oxalá.

– Claro que lembro! Por isso mesmo. Como eu não iria acreditar no que eu mesma escrevi?

Eles já não sabiam quem estava falando sério ou apenas debochando do outro. Era delicado o jogo entre os dois. Nanã mudou de assunto por um instante:

– Triste que essa praia um dia vai se encher de gente.

– Não seja rabugenta, minha velha. Pra que serve um lugar bonito assim se não há gente para apreciar?

– Para ser, meu velho. Simplesmente para ser. Na nossa época era tudo tão mais bonito. Aí vem essa gente toda... daqui a pouco estão colocando aquelas casas empilhadas umas em cima das outras...

– Vai dizer que você não acha eles divertidos?

– Eles quem? Os do Aiê ou do Orum?

– Os dois. É bom ter gente em volta.

– Eu sei. Mas podia mudar menos. Gosto que Iemanjá esteja sempre por lá.

– É bom essa refrescada de tempos em tempos. Se os orixás não se renovarem, não acompanham o lado novo do tempo. Além disso, se perder a paciência, você sempre pode ir para o outro nível.

– Para onde você acha que eu vou quando fecho as portas? Não acha que eu vou dormir, acha?

– É bom poder estar em todo canto ao mesmo tempo, mas esse lugar tem seus encantos. Mesmo que não seja tão verdade assim.

– Esse é o problema. Quando a gente está aqui, parece que é. Aí se acostuma, e esses meninos trazem as novidades e destroem tudo!

– Você já está se acostumando com como as coisas são? – continuou Oxalá.

– Você sabe que estou. Só não me acostumo com injustiça.

– Lá vai você de novo...

– Vou sim.

– Você está ficando chata.

– Você que começou – Nanã fingiu se irritar.

– Isso foi há dezenas de gerações! E você ainda traz esse assunto de volta.

– Vou trazer sempre e para sempre.

– Não sei por que você dá tanto valor a essa história de destino.

Naná deu um tapa de leve no seu braço.

– Não é só o poder. É vocês acharem que podem escolher a que nós temos direito ou não – disse

ela.

– Vocês são muito apegadas a isso de poder.

– E você quem é para me julgar? Foi só eu desafiar seu poderzinho e toda essa casca de superioridade caiu, não foi?

– Você sabe que não foi bem assim.

– Claro que foi. Eu lhe digo: foi fácil. Só tive que dizer que você estava ficando velho e você caiu.

– Foi uma aposta, não um desafio. E eu ganhei.

– Você não ganhou, meu velho. Você caiu. Aquela menina fogosa, *que você jamais conseguiria subjugar*, cresceu e virou uma mulher forte e inteligente.

– Eu sei disso. E me arrependo. É por isso que você está tão confiante de novo nessa profecia? *A humilhada que iria roubar o destino blá blá blá?*

Nanã sorriu, olhou para as palmeiras às suas costas para ver se havia alguém ouvindo, e não respondeu.

Oxalá continuou:

– Eu mandei que meus homens cuidassem dela hoje.

– O implacável *senhor das gerações* ataca novamente.

– Tenho uma função a cumprir.

– Você e sua autoimportância. Pena que, de tão confiante, dessa vez tenha sido descuidado...

Nanã não completou a frase. Apenas virou-se levemente de lado, carregando o olhar de Oxalá consigo até onde Iansã os observava, calada. Lágrimas lhe corriam como jamais se vira. *O senhor das gerações*. A mesma frase que o espírito que possuiu seu padrasto havia dito olhando fundo nos seus olhos. Iansã poderia ter desconfiado de todos, mas do velho Oxalá ela não imaginava isso. Mesmo quando Xangô comentou que a guerra se repetia a cada geração, ela custou a acreditar. Havia ido até ali na esperança de descobrir que estava errada. Mas agora não havia como negar. Então o vento aumentou, o céu se cobriu de nuvens que relampejavam furiosas. Iansã olhou para Oxalá, sua espada ainda ensanguentada da luta em que deveria ter morrido, e pensou se não teria sido melhor que tivesse mesmo.

– Eu sei que o que você ouviu parece horrível... – disse o velho orixá – e de certa forma ... de certa forma é horrível mesmo, eu sei... Não tenho orgulho nenhum daquela tarde... Mas parece pior do que foi, eu juro... Confie em mim, um dia você vai entender o que estou falando... E aí, tenho certeza de que vai me perdoar. Além do mais, aquilo tudo não foi nem ideia minha, foi tudo provocação de Nanã e Iemanjá...

Iansã olhou para Nanã sem esconder a decepção, e voltou de novo o olhar furioso para Oxalá. De dentro de sua forma humana era possível enxergar a raiva do búfalo que a habitava.

– E essa espada? Você não acha que vai conseguir me ferir com ela, acha? – disse, agora se acalmando, o velho orixá.

Oxalá estendeu a mão, pedindo que Iansã lhe entregasse a arma. Ela baixou os olhos. Sua respiração mudou. Os braços caíram, e ela jogou a espada para o lado, bem longe.

– Muito bem, menina – disse Oxalá, acompanhando o voo da arma na areia, alguns passos à sua esquerda.

Quando olhou de volta, o braço esticado de Iansã lhe apontava uma pequena cabaça que espirrava um líquido viscoso e amarelo. Não houve tempo de reagir. As gotas grossas lhe espirraram pelo rosto, pelos cabelos e pela roupa branca. Oxalá fechou os olhos e retesou todos os músculos do corpo, levando as mãos até o rosto. O chão inteiro vibrou; o céu, sem nuvens, escureceu e foi como se o calor de tudo desaparecesse. Oxalá soltou um grito de horror que, mesmo coberto pelas palmas

de suas duas mãos, fez as folhas das palmeiras voarem como se estivessem num furacão. Aaaaaargh!



Quando expirou Euá de volta para fora, Exu estava vestido com roupas estranhas. Daqueles tecidos em camadas e mais camadas enrolados em todo o corpo – tronco, braços, pernas. Ele parecia confortável, apesar da corda de pano vermelho que praticamente lhe enforcava o pescoço.

– São Paulo – disse Exu, abrindo os braços, amistoso.

Euá olhou em volta, seu nevoeiro parecia ter tomado cada canto da cidade monstruosa. A tal São Paulo parecia uma versão gigantesca da cidade que visitara antes, no enterro da Ialorixá. O barulho era ensurdecedor. O ar, mais pesado e sujo, fazia que fosse muito desconfortável ser nevoeiro. Então Euá virou uma mulher novamente.

Ela sabia que ninguém ali podia vê-la. E por isso não se sentia deslocada pela sua cor ou vestimentas tão diferentes. Exu, não só podia ser visto pelos passantes, como era motivo de risadinhas nervosas das meninas que passavam (e muitas vezes tornavam a olhar quando ele virava de costas, o que não fazia muito sentido, considerando a quantidade de pano que escondia o corpo até bonito do rapaz). Exu mais que desfilava, porém. Ele olhava atento, como se escolhesse...

Euá lembrou de como havia sido sugada para dentro do corpo do velhinho empalidecido da última vez. Um lugar quentinho e amistoso, aliás, mas de difícil locomoção. Passou a observar os passantes também, e sugerir dos que gostava mais. “Aquele ali parece bem de saúde. Esse aqui parece que deixa a namorada satisfeita, deve ser engraçado ter um troço desse entre as pernas. E aquela ali, andando com as amigas? Pelo menos é da minha cor...”

Exu não deu ouvidos a nenhuma de suas sugestões. Tinha algo muito claro em mente. Sem avisar, nem a uma nem a outra, deu um tapa estalado na bunda de uma mulher com um cabelo estranho e peitos enormes, que chegou a levantar a mão na sua direção. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Euá já havia sido sugada para dentro do seu corpo.

O cabelo, esticado e amarelo, Euá descobriu que era o que menos incomodava. O pano lhe apertando as ancas era muito pior. Com a cor da pele, os tecidos e enfeites lhe arranhando o pescoço, com a pasta pegajosa nos lábios e a tinta no rosto ela conseguia lidar... até com a corda apertando os peitos ou o tronco amarrado embaixo do seu calcanhar, ela não se incomodava tanto. Mas o pano azul agarrando sua perna, meio entrando em sua bunda e fazendo o respirar quase impossível era algo que ela não conseguia compreender. E ainda tinha a sensação de que haviam posto água dentro do peito da mulher. *Coisa estranha*, pensou Euá, chacoalhando de um lado para o outro enquanto andava.

– Pra você se misturar com todo mundo. – disse Exu.

Pelo olhar de estranhamento de quem passava, no entanto, ela não parecia estar fazendo muito sucesso. Talvez pelo andar de pernas duras e abertas. Talvez por ter caído duas vezes no caminho e pedir, gritando, que Exu esperasse por ela ou ela ia jogar um feitiço que ele nunca mais ia dormir na vida. Ou talvez porque a mulher usasse um cabelo amarelo e esticado mesmo?

Passaram por uma sucessão de torres que mais pareciam montanhas de encostas retas do que casas empilhadas, como Exu explicou. Pararam diante de uma delas, praticamente igual a todas as outras, de onde saiu uma mulher enorme. Sua pele era cor de leite e os cabelos, caí-dos até a cintura, negros como os corvos da noite, mas retos e estirados como uma fibra do dendezeiro. A mulher usava uma máscara negra que lhe cobria apenas os olhos e uma capa da mesma cor, porém brilhante, que descia até abaixo do joelho. Euá olhou para ela e para si mesma, imaginando quanta água ela deveria ter naqueles peitos tão grandes. Abaixo da túnica negra, um pequeno pedaço de pele branca e novamente

um tubo negro lhe descia até os pés, onde ela se equilibrava em estacas ainda mais finas e altas que as de Euá, sem sequer tremer os tornozelos.

Exu acompanhou com interesse o andar da gigante e quando ela finalmente desapareceu no meio da cidade, ele se dirigiu ao guarda atrás das barras de ferro.

– Que apartamento o senhor vai? – perguntou o guardião da torre.

– Esses não são os dróides que você procura? – respondeu Exu, com um movimento de mão na frente do rosto do homem.

– Esses não são os dróides que eu procuro. – repetiu o guardião, como que encantado.

Exu achou graça da piada que apenas ele entendeu.

A porta de ferro se abriu por algum tipo de magia deselegante e barulhenta, e os dois subiram uma escadaria de pedras tão lustrosas que se podia ver o reflexo nelas. Aquele era um tempo de encantos interessantes sem dúvida, e Euá havia de voltar lá mais vezes. Depois entraram numa pequena caixa que levitou sozinha... e parou. Mais uma porta, outra. (Por que tantas portas?!) Chegaram enfim num lugar que mais parecia uma caverna subterrânea, exceto pelo fato de Euá ter certeza que eles haviam subido na caixa levitante. Um espaço fechado, com várias portas, nenhuma luz do sol nem de fogo. Apenas pequenos buracos no teto de onde vinha uma luz que lhe feria os olhos.

Algo na roupa de Exu zumbiu. Ele levou a mão dentro da camada que lhe cobria o peito e retirou um objeto quadrado que a um simples toque emitiu sua própria luz. Exu tocou a pedra mágica algumas vezes com os polegares e finalmente apertou um objeto ao lado de uma das portas.

Um rapaz branquelo a entreabriu, desconfiado, e mandou que Euá entrasse. Ela olhou para trás, procurando por Exu, não havia sinal dele.

– Olha, eu não sei o que você pretende fazer. Mas aqui está ela. Não a deixe sofrer, ok?

O rapaz sumiu por um túnel que saía da pequena sala onde uma mulher parecia dormir. Ela era mais velha que ele, estava nua. Tinha marcas nos pulsos, costas, coxas, como se tivesse sido torturada. Estranhamente, porém, ela sorria.

Havia pétalas de rosa por todo o chão. Uma combinação irreal de tristeza, violência e doçura. Euá pensou na sua própria história. Em suas flores. Sua morte. Começou a chorar sem entender bem o porquê, até que uma sombra invadiu a casa. O cheiro forte de carne podre tomou conta de tudo. Ela se sentiu tonta.

Iku a observava de um canto da sala. Trazia flores nas mãos. Mas tremia ao mesmo tempo.

– São para mim? – Perguntou Euá.

Iku colocou as flores sobre uma mesa entre eles e voltou para o canto onde estava. Euá chegou a pensar ter visto as mãos de Iku tremerem.

– Você veio até aqui por minha casa? – perguntou ela novamente.

Iku desceu um de seus joelhos até o chão e baixou a cabeça em respeito à moça à sua frente. Ela apontou a mulher nua:

– Ou você veio por ela?

Iku então se agitou todo, dando todos os sinais de *não* saber o que fazer. Ela o interrompeu, havia compreendido a situação.

– Não sei bem por que estão fazendo isso conosco, Iku – disse Euá. – Mas parece que me trouxeram até aqui para que você viesse atrás de mim e encontrasse com ela.

Iku, que sabe muito bem enxergar quando chegou a hora dos homens, havia de concordar. Alguém lhe havia feito um serviço.

O cavaleiro da morte segurou sua espada com as duas mãos, deixando a lâmina apontada para baixo. Num golpe certo e violento, cortou o alto da cabeça da mulher que dormia nua e enfiou o

braço pelo buraco. Era como se não tivesse matéria, pois o cotovelo já estava dentro do crânio e não havia nenhum indício de que havia sequer chegado ao pescoço.

Quando finalmente achou o que procurava, puxou para fora pelos cabelos. Ela era magra e triste, e estava coberta de uma geleia amarela. Parecia atordoada com o que estava acontecendo. Iku colocou a alma da moça no ombro e saiu.

Três batidas secas na porta de entrada chamaram a atenção de Euá. Sem que ela tivesse visto a porta abrir ou fechar, Exu estava dentro da sala:

– Você deve estar se perguntando por que a trouxe até aqui.

– Acho que entre todas as perguntas, essa é a maior, por enquanto.

– Precisava das suas lágrimas e do cheiro de rosas para atrair Iku. Agora, precisamos tirar o corpo dessa mulher daqui bem rápido.

Euá olhava o corpo nu, de quem a alma havia sido recém arrancada por Iku, bem na sua frente. Às suas costas, Exu juntava as pétalas de rosa:

– Escuta, eu sei que você deve estar chateada comigo, mas...

– Não estou. Tenho mais pena dessa pobre mulher.

– Tenha pena mesmo. Ela morreu sem dignidade nenhuma. Acredite em mim, o que você fez...

– Eu não fiz nada.

– O que nós fizemos...

– Você fez.

– O que Iku fez, está bem feito, ele sabe o que faz. O que nos resta agora é dar a ela alguma dignidade na morte pelo menos. Ela não pode ser encontrada assim.

– O que você quer que eu faça?

Exu levantou as pétalas de rosa que havia catado. Um monte delas.

– Ponha a mão aqui.

Euá colocou, meio de longe, sem tocá-las. Não sabia se podia confiar em Exu e seus truques. No mesmo instante as pétalas começaram a derreter. Primeiro murcharam, desidratadas, depois escureceram até se tornarem filamentos negros, e sumiram como se o fogo as houvesse consumido, uma a uma.

– Isso – disse Exu.

Euá imaginava que esse era o trabalho. Mandou então que Exu se virasse de costas. Não gostava que ninguém a visse trabalhando. Começou pelos pés, pernas, joelhos, quadris, tronco, cabeça, depois de volta aos pés e tudo de novo. A cada passagem, uma nova camada de tecidos se desintegrava pela energia misteriosa de Euá.

– Ah, uma coisa mais. – disse Exu – Não desapareça com tudo. Vou precisar de um pedaço.



Mais por hábito que necessidade, Iansã prendeu a respiração. Já Nanã permanecia calma e tranquila.

– O que é isso? Por que uma aberração dessas, menina? – gritou Oxalá, tentando, em vão, limpar as manchas do corpo. – Por que raios, de tudo que você podia fazer veio jogar logo...

Iansã olhou confusa para a cabaça, para Nanã, para Oxalá. Ele ainda estava vivo? Ela começou a recuar.

Sem lhe tocar, Oxalá ergueu as mãos e apertou os dedos como se a enforcasse. O corpo de Iansã obedecia como se estivesse sendo manipulado por um gigante: sufocada, pés flutuando sobre o chão. *É só uma sensação* – tentou se convencer a guerreira – *encantados não respiram, ele não pode me enforçar*. Não parecia estar funcionando, no entanto. A pressão era tão grande que parecia que ele iria esmagar sua carne e arrancar sua cabeça fora.

Mas Oxalá não gosta de sangue. Não faria isso assim. Então ele a jogou com força contra a maior das palmeiras. Com o choque, Iansã desmaiou.

– *Dendê?!* – reclamou, indignado, o velho orixá. – Você mandou sua menina vir jogar *dendê* em mim? Que tipo de piada é essa?

– Eu não mandei nada, meu velho. Essa juventude é que gosta de inventar moda. Ao certo ela deve ter ouvido como funcionam os tabus e achou que podia lhe matar com uma dose forte do seu. Porque esse óleo é dos fortes – disse ela, cobrindo o nariz.

– Que coisa mais desagradável. E lá se vai sua profecia. Satisfeita?

– Sempre haverá uma próxima vez.

– Você me cansa, às vezes – resmungou o velho, mal-humorado.

Deram-se os braços novamente e começaram a caminhar. Nanã continuava cobrindo o rosto com a mão da bengala para abafar o riso.

– Eu dou um jeito na sua roupa quando voltarmos – disse Nanã.

– Não faz mais que sua obrig...

Um tranco então os puxou pela nuca. Como que arrancados do chão por um imenso anzol invisível, foram arrastados pela areia e para o fundo do mar.

Caro Laroîê,

São Paulo amanheceu com um fog sobrenatural, o que deve facilitar cuidar do corpo quando o trabalho estiver terminado. Sua turma está na sala enquanto eu escrevo, sozinho, do quarto. Espero estar fazendo a coisa certa.

Como eu expliquei, Helena não sabia gozar. Nos últimos encontros, eu tentei de tudo. Ela ria, pedia que eu relaxasse e aproveitasse. “Shhhh shhh shhh. Pára de desespero senão aí que eu não consigo mesmo”. Por enquanto, meu carinho lhe bastava. Não para mim! Se ela me escolheu, se colocou as esperanças em mim, a responsabilidade era minha. Eu precisava tentar uma última vez.

Eu tinha uma teoria. Ela havia me contado sobre como seu pai faleceu quando ela era adolescente, começando a se interessar por sexo, e a partir daí, com todos os namorados que teve, e mais tarde com o marido, imaginava o espírito do pai a vigiando. Se sua frigidez vinha da sensação de que estava fazendo algo que não deveria, talvez se eu tirasse dela toda a sensação de controle, algo diferente pudesse ocorrer.

Ou quem sabe o problema era que ela precisava de um toque feminino para chegar ao clímax? Não dava tempo de explorar uma possibilidade de cada vez.

Combinei com ela de assistirmos filmes, tomarmos banho de banheira e cozinarmos o fim de semana inteiro, para que tudo fosse sem pressa. “Se aquela seria nossa despedida, que fosse em grande estilo” – pensei.

Fui buscá-la no Shopping Cidade Jardim, e fomos direto para meu apartamento. O que ela não esperava era que não estaríamos sozinhos. Ao abrir a porta, fomos recebidos por uma morena mascarada de quase dois metros de altura, vestindo um sobretudo preto aberto sobre um corpete de couro, e botas acima do joelho. Ela carregava cordas e chicotes, e não esperou cumprimentos.

“Sofá” – ordenou.

Tomei meu lugar na poltrona ao lado, ligeiramente intimidado pela segurança e porte de Mistress Emanuelle, a dominatrix mais famosa de São Paulo. Ela havia ouvido com cuidado a história de Helena, e acreditava que meu plano poderia funcionar.

Helena oscilava entre medo, graça e excitação. Com os pulsos amarrados atrás da nuca, foi jogada com certa violência de barriga no sofá. Mistress Emanuelle esticava a corda com precisão, força e rapidez. Partindo dos pulsos, estirando pelas suas costas e enrolando nos tornozelos. Antes que Helena tivesse a chance de se manifestar, estava imobilizada como um novilho. A dominatrix levantou a saia de Helena até os joelhos e abriu-lhe as coxas, segurando-as naquela posição com uma barra de madeira escura e pontas de couro preto. Depois colocou uma daquelas mordanças com uma bola vermelha que a impedia de falar e, finalmente, lhe vendou os olhos. Helena não tinha mais controle algum. Não podia sequer sinalizar para interromper o jogo.

A dominatrix então cortou-lhe o vestido chique e a calcinha com uma tesoura de prata. Observou quieta o comportamento da vítima e, ao primeiro sinal de desconforto, deixou-lhe um vergão vermelho nas coxas com o chicote de couro. O grito abafado não a intimidou. Mais alguns vergões pelas pernas, bunda e costelas de Helena e ela já não protestava mais. Pronto, o controle absoluto

estava estabelecido. Então começou o trabalho de verdade. Emanuelle lambeu o ventre e o interior das coxas de Helena. Com as mãos treinadas, lhe acariciou, firme, e caiu com seus dedos, língua e múltiplos aparelhos, no meio de suas pernas. A vítima já não fazia mais tanta força. Parecia resignada com a situação, os eventuais espasmos pelo corpo todo dizendo tudo que eu precisava saber.

Arrisquei me mover, querendo participar, mas fui interrompido com um olhar furioso.

Mistress Emanuelle foi paciente. Usou todo o tempo necessário. Os pequenos espasmos então foram ficando mais fortes. Mais frequentes. Até que não se identificava o final de um e o início de outro. Helena se jogava para os lados, para cima, gritava por trás da mordança, num comovente gozo acumulado desde a puberdade.

A profissional esperou que o orgasmo terminasse e, dessa vez com delicadeza, retirou primeiro a venda dos olhos, depois a mordança. Olhou Helena nos olhos e lhe deu um longo beijo na boca. De alguma forma, ambas pareciam agradecidas uma a outra. Uma cena linda, que eu sequer considereii interromper.

A dominadora vestiu seu casaco e foi embora, deixando o resto para mim.

– Eu bato a porta quando sair. Cuide dela com carinho, agora.

Desatar aqueles nós foi um pouco mais difícil do que eu imaginava. Quando terminei, Helena mal conseguia piscar. Não tinha forças para se mover. Seu rosto não tinha expressão além das lágrimas que escorriam. Nem podia nem queria estragar a memória do que seu corpo acabara de viver. Ela fechou os olhos e adormeceu profundamente.

Com Helena fora do ar, iniciei a segunda parte do plano. A que combinei com você. Vim até o quarto, peguei os quatro sacos cheios de pétalas de rosas cor-de-rosa e cobri o chão, sofá, poltronas... Não vou perguntar “como assim a morte se atrai por flores”, prometo. O esquisito, houvesse qualquer coisa convencional no que estamos fazendo, é que tão logo espalhei as flores, sua enviada tocou a campainha. Era sua executora. Loira estranha,... A sala escureceu como se tivesse sido tomada por uma sombra gigante. Não quis ficar para ver mais, já basta ter organizado a morte de alguém, e não um alguém qualquer. Fechei todas as portas atrás de mim para que nenhum som chegasse até o meu quarto, e é aqui que estou desde então, enquanto o inconfessável acontece na minha própria sala.

Não sei bem o que sentir a respeito disso tudo. Remorso, arrependimento, medo, saudade... uma melancolia por ter perdido uma amiga querida. Mais uma inquietude sem nome. Tudo, menos orgulho.

Quando ela usou meu computador para postar sua nota de despedida no Facebook, aliás, deixou a senha gravada por acidente. O que me deu uma ideia. Entrei na sua conta e fiz um check-in do aeroporto internacional de Guarulhos. Deixei um adeus geral para despistar. Quanto mais tempo eu ganhar, melhor.

Me avise quando eu puder sair.

Ah! Cuide dela por mim, ok? Helena é uma boa pessoa.

Axé,

New.

9 COMENTÁRIOS:



não vá até a sala
até a campainha tocar de novo.



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:15PM
Ok



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:19PM
Não ouço nada. Mas um cheiro de carne podre e rosas invadiu a casa inteira. O que está acontecendo?



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:28PM
Já faz meia hora que eu estou aqui trancado e você não me responde. Por favor, o que está acontecendo?



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:31PM
Eu deveria ter ido para St. Barth com ela.



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:36PM
Trancado aqui no quarto, é difícil não pensar nos dias que eu e ela passamos juntos. Eu mereço mesmo morrer.



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:39PM
Pelo menos eu fiz algo de bom para ela, não foi? Me responda, por favor?



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:46PM
Eliel acaba de postar um comentário no Facebook da Helena. Pede que ela não vá, que lhe ligue. O pobre diabo não tem amor -próprio. Se humilha em público.



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 9:57PM
Não aguento mais. Vou sair. Pela cozinha para não ver o que está acontecendo na sala. Me avise quando eu puder voltar.

Exu é dos antigos. Já viu mais guerras entre os orixás do que pode contar. Das pequenas, algumas que ele mesmo causou, às grandes, que costuma ficar de fora por pura falta de interesse em tanta gente se matando sem inteligência ou bom humor. Os outros quatro antigos como ele também não participam, mas por outros motivos. Junto com a natural renovação que acontece em cada grande batalha, é importante que alguém zele pela tradição, portanto precisam ser poupados daquele risco. E eles são dos poucos que enxergam além daquilo tudo, além da guerra, do rio, das montanhas... é por isso que Oxalá, Ifá, Nanã e Iemanjá ficam sempre de fora. Da mesma forma que Oxalá e Nanã usam esse tempo para suas caminhadinhas pela praia, uma outra tradição acabou por se formar entre os outros três antigos restantes: o banquete de renovação.

Iemanjá, que é uma grande cozinheira, é responsável por preparar a comida. Exu, pelos ingredientes, o que não era muito difícil visto que era ele quem trazia do Aiê as oferendas para todos os orixás – um simples pedágio aqui e ali e todos os elementos do banquete estavam prontos. Ifá trazia sempre a bebida, porque era só o que lhe restava. Os três então se juntavam e comiam e bebiam tudo que podiam e queriam e depois iam dormir, embriagados e o mais próximos de uma indigestão que um encantado poderia chegar.

A cozinheira havia posto a mesa havia tempo. Encheu-a de carurus, moquecas, vatapás, de amalás e acarajés, de bobós e xinxins. Preparou carneiros, peixes de escama e carne de bode. Havia vários tipos de farofa, furás de arroz e inhame, dibô e até bolinhos de egun. Não podia faltar, claro, o ixé, omolocum, mais pombos, caracóis, patos de tudo que é jeito e muito camarão seco. Para depois, tapioca, mugunzá e todas as frutas que se pôde encontrar. Pela primeira vez, ninguém apareceu.

A comida esfriou, e Iemanjá adormeceu triste, sem tocar em nada. A deselegância dos convidados lhe havia matado o apetite. Só acordou muito tempo depois, Exu chacoalhando-a cheio de graça. Havia ido fazer uns trabalhos importantes no Aiê e tinha certeza de que eles teriam começado sem ele. Pediu desculpas e partiu em direção à mesa, com tanta fome que Iemanjá precisou pedir três vezes que ele parasse, pois Ifá ainda estava faltando.

– Ele deve ter bebido um pouco demais, com raiva de que seu lago parou de funcionar e caiu no sono. Fique aqui, que vou buscá-lo.

– Melhor esperar. Vai que ele está a caminho?

Exu então encheu a boca de tanta farofa quanto pôde e saiu em disparada na direção da montanha ao lado. Iemanjá reclamou, chiou, gritou... mas acabou indo logo atrás.



O trajeto da batalha estava desenhado no chão. Riscado no rastro de sangue e restos que se esticavam da colina onde Iansã primeiro atacara Xangô até a floresta escura que começava quase no pé da montanha. A cada vez que os eguns se recolhiam e as flechas choviam sobre suas cabeças, a luta começava num lugar um pouco mais adiante. Continuassem assim, logo estariam na beira do abismo que se formava ao fim daquela montanha erguida por árvores mágicas.

– Elas estão nos empurrando contra o penhasco! – gritou Xangô.

Ogum ignorou o aviso do companheiro. Continuou lutando, caminhando devagar, às vezes para

frente, às vezes para trás, gradua-mente se aproximando da floresta às suas costas. Estavam a poucos metros da sombra das árvores, quando o som da corneta de Obá soou mais uma vez. Mas diferente, dessa vez. Um toque quebrado, como se a ordem fosse outra. Os poucos eguns que ainda restavam se recolheram mas nenhum pássaro pousou, nenhuma flecha caiu. Ogum olhou em volta, farejando de onde viria a próxima ameaça.

Sentiu primeiro uma vibração sob os pés. Depois o ruído de passos, cascos, pernas correndo às centenas, talvez milhares. Som de estouro de manada. Em seguida os gritos de animais, muitos, diferentes. O tremor e o barulho que o acompanhava aumentaram um pouco de cada vez. Depois mais rápido. E mais. As árvores chacoalhavam com a vibração: o que quer que fosse, estava chegando perto, e vinha de dentro da floresta, isso era claro. Para espanto de Xangô, foi nessa direção que Ogum correu.

– Suba! – disse o general, apontando para o alto de uma árvore.

Uma corredeira de animais de todos os tipos passou a toda velocidade, atropelando tudo que viam pela frente. Dezenas de zebras, veados, porcos-do-mato corriam sem intenção de parar. Hienas corriam entre eles, procurando alguma presa desgarrada que pudessem atacar. Gorilas e macacos de todos os tamanhos saltavam entre o chão e as árvores, como saltam as águas numa corredeira violenta de rio. Um rinoceronte solitário abria caminho entre o resto, espantando até mesmo os leões que atravessavam seu caminho. E ainda havia os búfalos. Eles vinham em centenas, furiosos, enegrecendo aquela onda com seus ombros pesados, os cascos batendo com força no chão, chifres rasgando o que passasse por perto.

Os guerreiros mais rápidos conseguiram subir e se proteger nos galhos mais altos. Quem não foi ágil o suficiente e deixou sequer uma perna pendendo quando a massa passou, foi atropelado pela manada, moído em pedaços sob aquelas patas e cascos furiosos.

Eles passaram por baixo de Ogum e Xangô e pararam em torno de Obá, como se esperassem um comando. O general e a amazona se olharam mais uma vez. Ele não parecia ter medo. *A inteligência é a melhor arma da guerra.*

Ao comando da amazona, o exército animal de Obá partiu mais uma vez num estouro na direção de Ogum, Xangô e seus guerreiros. Não seria uma pequena escalada naquelas árvores que os impediriam.

Ogum esperou. Deixou que eles se aproximassem, e sorriu. Dois tapas no galho onde se sentava, tal qual o montasse, e Ogum deu o sinal:

– Riôôôôô!

Debaixo de onde corriam os animais, raízes de todos os tamanhos se levantaram. Despregavam-se do chão que as agarrava e de repente se soltavam com tanta força, como chicotes saídos do chão, que os maiores, como búfalos e gorilas, eram jogados longe, e os menores, como hienas e javalis, partidos ao meio. Despregadas do chão, as raízes agarravam os bichos pelos pés, os arremessavam ou espremiavam até que não sobrasse um osso inteiro. As árvores se ergueram do chão, e caminharam, usando as raízes como tentáculos terrestres, na direção do exército oposto. Lançavam seus galhos pesados como espadas, chocavam seus troncos para esmagar o inimigo.

Os animais eram em muito maior número, mais rápidos e ágeis, mas não eram páreo para a força bruta das árvores de Ogum.

Obá então se despegou do resto do grupo, correu para a frente de um grande arbusto seco e apontou sua flecha na direção do líder do exército oposto. O general, ocupado com um ataque de guepardos que tentavam escalar-lhe o tronco, não percebeu a movimentação, mas Xangô tinha uma visão clara do que acontecia. E, do alto de onde estava, atirou na guerreira uma de suas poderosas

pedras de raio.

Como se tivesse tudo planejado, sem sequer olhar para a direção de onde vinha a pedra, ela saltou sem jamais atirar sua flecha. A pedra de Xangô atingiu em cheio o arbusto à suas costas, transformando-o numa grande fogueira.

A guerreira desenrolou seu turbante colorido, revelando a orelha cortada que Xangô odiava, e, para surpresa de todos, enfiou a cabeça nas chamas. O cabelo de Obá se incendiou numa grande labareda, e ela correu para onde estavam suas companheiras, deixando um rastro de fumaça negra que se espalhou pelo campo de batalha.

De volta ao seu ponto de comando, Obá levou a ponta de uma flecha ao fogo sobre sua cabeça e a atirou na direção da árvore mais próxima. As mulheres em volta entenderam o plano e fizeram o mesmo. As flechas choviam sobre troncos, galhos e raízes. Às vezes as árvores guerreiras conseguiam se livrar do fogo antes que ele se espalhasse. As flechas eram muitas, contudo, e os animais continuavam os ataques insistentes. As árvores, cada uma delas, resistiam o quanto podiam, mas em algum momento, terminavam no chão, queimando vivas. Tremiam de dor, saltando sobre o chão como peixes fora d'água. Iam-se num grito agudo que ninguém sabia que elas eram capazes de soltar, como se a vida lhes escapasse por pequenas frestas em cada galho. No caminho até a morte, contudo, continuavam sua luta. Esmagavam, rolavam, apertavam, chicoteavam e mesmo queimavam o que podiam. Combatiam em agonia, até virar carvão. E aí finalmente se calavam, o último fio de fumaça desenhando no ar suas honras de guerra.



O cume mais alto sempre foi o local mais tranquilo do Orum. Só que, daquela vez, não. O silêncio era o mesmo, só maior. Muito maior. A paz, tão grande que asfixiava. Nada soava, nada se movia. A cena inteira parecia um pressentimento.

Da porta da casa de Ifá, Exu e Iemanjá gritaram seu nome, mas ninguém respondeu. Caminharam até o lago, primeiro devagar, mas depois mais e mais depressa, por nenhuma razão que pudessem discernir. De longe avistaram os 16 príncipes do destino que serviam ao mestre da adivinhação. Estavam todos formados em um semicírculo à beira d'água. Olhavam para a água, imóveis.

Gritaram por eles.

Nenhum dos 16 respondeu.

Correram. Chamaram mais uma vez.

Sequer olharam para trás.

Exu empurrou seu caminho por entre dois deles.

E viu ele mesmo o que aquela água jamais quis mostrar.

Não apenas uma imagem, como o lago sempre mostrava. Dessa vez a surpresa repousava, imóvel, pouco abaixo da superfície.



– Esse é meu! – gritou Obá, quando um grupo de hienas ameaçou saltar sobre o general.

– Ogum! – gritou Xangô, de longe.

Xangô correu em sua direção, mas foi cercado por dois porcos-do-mato e um grupo de veados com seus chifres afiados apontados na direção de seus olhos. Ogum teria que se defender sozinho

daquela vez.

Obá saltou, espada em uma mão, lança na outra, para cima do general. E lutaram como se estivessem sós. Ele se defendia como podia. Obá não era guerreira a se desmerecer e, numa briga de feitiços e venenos, qualquer corte ou arranhão poderia significar a morte.

Obá estacou sua lança na direção de Ogum, que saltou para o lado para evitar o golpe, num movimento muito mais amplo e desperdiçado do que faria normalmente. Na hora certa, sua espada de ferro poderia quebrar aquela lança ou a espada de madeira de Obá. Mas apenas no momento preciso. Não queria correr riscos. Quando a brecha surgisse, ele atacaria. Nem um instante antes – esse era o plano de Ogum.

Ela estacou de novo, e mais uma vez ele saltou. E outra vez, e outra. Mais cedo ou mais tarde o general se cansaria ou cometeria um erro. Tentaria partir suas armas com sua espada de ferro (ele tinha apenas uma espada, ela carregava uma arma em cada mão) e ela o atacaria. Um arranhão era tudo de que precisava. O veneno de Nanã faria o resto do serviço – esse era o plano de Obá.

Foi quando ouviram, vindo do alto de uma pedra mais acima, um grito violento:

– Chega!

Pelo canto dos olhos, eles olharam, sem interromper a luta. Era Exu.

– Chega dessa loucura! – gritou o mensageiro.

Ninguém obedeceu.

Xangô, que havia se livrado de um grupo de eguns e se preparava para ser atacado por quatro mulheres que corriam em sua direção, explodiu uma pedra de raio ao lado de Obá, lançando-a com violência para o lado. Essa era a oportunidade que Ogum esperava.

Exu gritou novamente:

– Eu disse chega!

Novamente, ninguém parou.

Então o chão tremeu, como quando Aganju o fez tremer. E o ventou soprou, mais forte que a tempestade de Iansã. E os trovões gritaram. E a chuva caiu. A lama de sangue do chão se ergueu e lançou corpos vivos e mortos contra as encostas da montanha.

Do alto de uma pedra, Exu, o mensageiro galhofeiro, comandava todos os poderes da natureza de uma só vez.

– Mandei que parassem. Não direi mais uma vez – disse, numa voz grave que ninguém ali jamais havia ouvido.

Armas baixaram. Enfim o mensageiro tinha a atenção de todos.

– Como ousam continuar essa luta estúpida quando tamanha desgraça nos abateu?

Era difícil para eles conciliar o tom adulto no moleque de recados. Mais ainda era entender do que ele estava falando.

– Onde estão Oxalá e Nanã? – perguntou o mensageiro, em forma de ordem.

– Exu! O que está acontecendo? – gritou Ogum, lá de baixo.

– Vocês ainda não sabem?

O silêncio geral lhe serviu como resposta.

– Onde está Oxalá? E Nanã? – insistiu Exu.

– Na praia, esperando a guerra acabar – respondeu Obá, tentando se recuperar da tontura após a explosão.

Exu ergueu as duas mãos, dedos em gancho, como se tentasse alcançar algo no ar. De uma só vez, trouxe as duas mãos até a altura da cintura. Uma vibração tomou conta do campo de batalha. Não apenas do chão, dessa vez. Árvores, pedras, orixás, eguns, suas armas... até o *ar* oscilava como se o

axé de tudo estivesse sendo ativado de uma só vez.

O chão empapuçado de sangue começou a se mover, primeiro como se um grande buraco estivesse para se abrir. Depois como se algo estivesse saindo debaixo dele – e estava. A terra ensanguentada espirrou para todo lado, e de dentro da cratera saíram Nanã e Oxalá, voando como se tivessem sido puxados pela nuca de dentro da terra.

Os dois anciãos se chocaram ao chão com violência e era certo que sentiram muita dor. Mas a raiva era tão maior, que pouco se importavam com o que o corpo lhes dizia. Levantaram-se os dois, com a intensidade de dois jovens e os olhares incendiados para o platô superior, onde estava Exu.

– O que foi isso, seu moleque? – gritou Oxalá, sem intenção de ser respondido.

Ambos levantaram as mãos na direção do mensageiro, prontos para atacar, quando ele se abaixou, devagar e sem tirar os olhos dos velhos orixás. De trás de Exu, Iemanjá deu um passo à frente, olhos inchados e expressão incrédula. E o mensageiro se levantou, carregando no colo algo que devia estar aos seus pés desde que chegara ali, quando todos estavam muito ocupados para ouvir o que ele tinha a dizer. Um corpo coberto por um pano branco.

Iemanjá puxou o tecido e a expressão de Oxalá e Nanã mudou.

Ifã estava morto.

Caro Laroîê,

Hoje contratei a funcionária mais cara da história de uma assessoria de imprensa. Uma “analista política” que vai me ajudar a monitorar o clima do Congresso em relação às principais questões ligadas aos meus clientes. Com a expansão dos negócios da NFB para a área de relações com o governo, seria natural que eu precisasse trazer um peso-pesado. O fato dessa analista ser mulher do governador pode ser delicado, porém. E quando nós acabamos de conquistar uma conta com tantos problemas no Legislativo, mais ainda. Se eu fosse jornalista, sentiria cheiro de escândalo. Se forem fundo, se a pessoa errada ficar sabendo, posso acabar na cadeia. Eu e a Pilar. Mas deixemos isso para mais tarde, tenho notícias mais urgentes para dividir.

Lembra que falamos da Helena, esposa bonitona do procurador Eliel Vasconcellos? Ela me procurou outro dia. Para conversar. Marquei aqui na agência, mas ela só concordou se fôssemos jantar em seguida. Não seria eu que iria dizer que não.

Acabamos na Casa Europa, por indicação dela. Um lugar despretensioso, onde não seríamos notados, e com comidinha bem-feita. Comi um nhoque com rabada que espero lembrar até a morte, que me ronda insistente. Adoro carne de osso, e acho muita graça do preconceito que muitos têm contra rabo de boi. A maior bobagem já inventada na história da gastronomia. A rabada da Casa Europa, voltando a ela, era rica, potente, espessa, contrastando com perfeição com a delicadeza do nhoque. Daqueles raros casos de massa que você nem quer colocar parmesão para não estragar. Só de escrever minha boca enche d’água...

Mas o restaurante e o prato, por melhor que estivessem, eu conhecia. A surpresa mesmo estava na Helena. Que mulher interessante. Chique, viajada, bem-humorada. Não entendo como ela foi terminar com aquele zé-pudim do procurador.

“Sobre o que você queria conversar?” – perguntei.

“Meu marido me disse que você era um sujeito escroto, fiquei curiosa”.

“Não me surpreende. Digo, seu marido achar isso”.

“Ele é um chato. E se ele não gosta de alguém, normalmente é porque a pessoa é interessante demais para a mesmice dele. Mas, se você quiser, posso arrumar alguma outra desculpa, tipo querer entender melhor sobre jornalismo, ou entender por que a Pilar paga tanto pau pra você, ou pra saber se você é tão gostoso quanto as meninas dizem”.

Bam! Não esperava uma pedrada na testa como essa. Continuei sem acusar o golpe, queria ver até onde ela iria:

“O que mais elas dizem?”.

“Que você gosta de mulheres que tomam iniciativa...”.

“Verdade. Acho machista isso do homem ter que ser o caçador”.

“Que você gosta de mulheres tatuadas...”.

“Verdade também”.

“Tatuagem eu ainda não tenho. Mas tenho umas gotinhas mágicas...” – disse isso, e abriu um vidrinho com um cheiro familiar, colocando algumas gotas no meu copo e no dela.

No fundo da cabeça, meu velho amigo Axl Rose anunciou a diversão: *Loaded like a freight train, flyin' like an aeroplane...* Nos beijamos e apalpamos nos descabelamos com entusiasmo olímpico, no táxi mesmo, para o deleite de todas as vans e ônibus cujas janelas eram altas o suficiente para ver o que acontecia naquele banco traseiro.

Helena era uma *cougar* de gabarito. Quarenta e poucos anos bem malhados e esculpidos, um apetite e uma capacidade pulmonar sem precedentes. “Elas tinham razão” – disse – “você é gostosinho mesmo”. Mas foi ela que me fez gozar três vezes enquanto se manteve intacta, sob controle, soberana. Como se fosse um jogo tântrico. Em mim, a música prosseguia: *feelin' like a space brain, one more time tonight*. Eu tinha direito a pequenos intervalos. Depois montava novamente em cima de mim e continuava a maratona. Quando eu passava um pouco mais de tempo tentando agradá-la, ela sempre dava um jeito de inverter o jogo e lá vinha a minha vez novamente. Eu me perguntava se a ketamina não fazia um efeito estranho nela.

Nas semanas seguintes, nos encontramos todas as noites de terças e quintas. Às vezes era quente, às vezes só assistíamos um filme bobo e ríamos até perder a voz. “Seu codinome agora é Arthur, meu personal trainer”. Disse ela, se divertindo “Coloquei até seu telefone sob esse nome caso o Eliel queira fuçar nas minhas coisas. Mas acho que nem ciúmes ele é capaz de ter”. Ela é engraçada assim. Divertida. Atrevida. Gosta de me ver gozar e dizia sempre que a vez dela ainda estava por vir. Uma noite, me levou num inferninho de quinta e voltou do banheiro com uma loira linda. “O barman disse que ela faz o melhor lap dance da casa. Presente para você”. A loira se sentou no meu colo e levantou os cabelos acima da nuca, revelando uma tatuagem de cerejeira japonesa que lhe cobria metade das costas. Mexeu, rebolou, remexeu, agarrou os peitos com a minha mão. Olhávamos os dois para o rosto de Helena procurando por qualquer sinal. Ela assistiu a tudo com aprovação. A loira acelerou junto com a música. Eu achava que na hora H, Helena iria mandar parar e aproveitar um pouco. O plano não era esse. Ela deixou a loira e eu irmos até o final, pagou-lhe uma gorjeta extra e arrancou-nos de lá. Enquanto eu dirigia, elas combinavam. Helena abriu dois botões no decote e arrumou os peitos para o alto, colocou um batom cor-de-rosa. A loira, Sibely, veja você, foi do jeito que estava mesmo, blusa transparente, microssaia, maquiagem exagerada. Mas era linda a menina, com sua cerejeira escondida pelos cabelos lisos e dourados que lhe corriam até a cintura. Combinaram as duas que aquela era uma noite para rirem e serem notadas. Entraram as duas agarradas na minha cintura no Pasquim, um boteco com cara de carioca na Vila Madalena. Esperamos nossa vez em pé, as duas agarradas em mim como se estivessemos os três embalados a vácuo. E eu sem conseguir me mover muito, porque entre o resultado da lap dance e a reanimação do momento, caminhar dentro da calça jeans não era muito confortável. Na mesa, elas alternavam mãos e pernas sobre a minha, apertavam os peitos contra o meu braço e riam dos olhares (mais de inveja do que choque) nas mesas do lado. Tomamos algumas rodadas daquele chope cremosinho, das comidinhas gostosinhas... elas dando na boca uma da outra e na minha, Na hora de ir embora, ela se despediu de Sibely com um beijo exibido, desses que as línguas se encontram antes dos lábios, e fomos para a minha casa, só nos dois.

Helena me tratou como um rei, sem se preocupar consigo mesma. “Excêntrica” – eu pensava. O desafio me excitava. Uma hora ela ia se deixar levar, ia embalar no momento e esqueceria essa ideia de evitar o próprio orgasmo. Enquanto isso, eu aproveitava a companhia muito além do que ela poderia imaginar. Sim, ela é *sexy*, mas havia mais e, naquele momento, esse “mais” importava. Helena tem as mãos e os pés quentes, daqueles que não dá vontade de desencostar. A pele cheirosa. Quando nos deitávamos, sua mão me tocava tão leve que fazia o tempo andar devagar. Tudo que eu precisava. Tempo, devagar. Pela primeira vez desde que eu soube o meu futuro me vi tentando

aproveitar o tempo que restava. Às vezes, até esquecia do nosso plano.

Pelos dois últimos meses tratamos nossos encontros como uma religião. Transamos, namoramos, rimos, passamos o tempo juntos fazendo quase nada, mas mesmo isso era intenso. A pressa de viver era contagiosa. Havia tristeza também, momentos fundos e sombrios, mas breves, tomados rapidamente por uma fome de vida de dar inveja – a fome, metafórica; a inveja, literal. Apesar de que, em se tratando de dois gulosos, a fome literal também havia de fazer parte. Fomos a restaurantes novos e antigos; alguns inesquecíveis outros nem tanto. Poucos, como o Jun Sakamoto, o Ema e o Pobre Juan, até mereceriam uma segunda visita, não fosse o relógio tão opressivo conosco. Numa dessas noites, conseguimos uma reserva no disputado Maní. Para meu desprazer, cheguei praticamente sem fome. “Estúpido!” pensei, arrependido do almoço de negócios às quatro da tarde. Pedi um *risotinho*, para cumprir tabela. Só que o risoto de beterraba com pupunha era tudo, menos “inho”. Chegou explodindo em cor, gigante como uma pintura catalã. O carmin doce da beterraba, o branco ácido da coalhada, o verde salgado dos micro greens. O al dente, o cremoso e o fresco. O prato veio, imoral, trazendo junto uma dose de trufas brancas para cooptar meu nariz e me subjugar por completo. Me acabei. Fui tão fundo que quando chegamos na minha casa e ela tirou a roupa, eu a interrompi. Não havia performance possível naquela noite.

“Não tem problema” – disse Helena. “Você é gostoso para conversar também”.

“Amigos que transam” – lembrei de como eu e Maria Eduarda explicávamos nossa relação. Foi ali, bem ali, que eu tinha que ter parado e entendido tudo. Aquela semelhança, a familiaridade... era um aviso. Eu deveria ter ouvido! Ela tirou a roupa assim mesmo. Havia algo que queria me mostrar. Sob sua blusa, estampado sobre a costela, um desenho intrincado. Uma tatuagem nova, ainda um pouco inchada, enorme. Um crânio com um buraco no alto, de onde saía uma flor.

“Eu chamo esse desenho de ironia da morte, porque as melhores coisas da vida aparecem justo quando e porque você descobriu que o tempo acabou” – e se calou, grudada na janela, olhar perdido entre as luzes da cidade.

Eu congelei. “Como ela descobriu?” – eu me perguntava em silêncio.

Deitamos um pouco, e ficamos sem respirar ou falar, nos protegendo nos braços um do outro, até amanhecer. Seu telefone tocou algumas, digo, dezenas de vezes: “Eliel” – dizia o caller ID, insistente. Até que ela o largou num copo d’água e adormeceu.

Só voltamos ao assunto dias depois. Uma noite meiga, sem ketamina. Aquela eu queria que fosse de verdade. Ela nua, deitada do meu lado. A caveira me olhando, cruel, enquanto eu me recuperava de mais um orgasmo que quase me fez explodir. Tentei fazer como ela e passei meus dedos tão leve quanto pude ao redor dos olhos do desenho.

“Estou morrendo, gatinho. Mas pelo menos estou aqui com você.”

“O quê!?” – perguntei. Não era possível. Aquele tempo todo eu achava que ela sabia de mim. Que sua pressa era por causa da minha pressa. E de repente, descubro que nada era como eu estava enxergando. Um câncer no ovário, ela explicou. Os médicos diziam que ela deveria ter operado antes, logo quando soube. Pilar proibiu, disse que tudo ficaria bem com uma cirurgia espiritual. Eliel fez pressão, e ela aceitou. Num domingo, a mentora se trancou numa sala e fez o que prometeu. Helena, deitada com a barriga para o alto, sentia o frio do metal tocando seu ventre mas sem a dor do corte. Gente de branco andava de um lado para o outro, falavam baixo sem olhar para ela. A lâmpada pendendo sobre o rosto de Helena lhe dificultava a visão, mas o barulho no chão ela conhecia. Pedacos de carne fazendo *splash* no chão frio. Quando Pilar mandou que ela se levantasse, tinha as mãos e o avental cobertos de sangue. Sua barriga estava coberta de sangue. O chão. Pequenos pedacos de tecido apodrecido sob poças de sangue fresco. “Você está curada” – decretou Pilar,

palmas para o alto como um médico de verdade. Os sintomas desapareceram. Por mais de um ano, as dores sumiram, o inchaço se foi. Depois voltaram, piores que nunca. Os médicos não sabem por que ela não sente dores ainda mais fortes, dada a gravidade do tumor atual mas disseram que eventualmente, e em pouco tempo, Helena iria morrer disso.

Por isso a pressa. Por isso a vontade de se livrar do que a irrita: Pilar e Eliel... e se divertir um pouco no tempo que resta. Pensei se não era a mesma coisa que eu deveria fazer também. Lembrei do nosso trato e chorei, por mim e por ela.

Helena enxugou minhas lágrimas com uma doçura maternal. Me olhou de perto como quem diz “vai ficar tudo bem”, mas não se atreveu a mentir alto. Depois pegou sua bolsa do chão e de dentro tirou duas passagens. St. Barth, uma delas no meu nome.

“Vem comigo?”.

“E seu marido?”.

Ela colocou uma folha de papel escrita a mão sobre a mesinha de centro:

“Escrevi essa carta pra ele. Vou colocar no correio do aeroporto. Ele não é má pessoa, mas está longe de ser quem eu quero para passar os últimos dias da minha vida. Se em 15 anos não funcionou, não é agora que vai. Boto mais fé em você. Digo... você chegou mais perto em uma corrida de táxi que ele na vida toda”.

Pilar havia me falado sobre isso. Como é que eu não liguei uma coisa a outra?! Não era um jogo tântrico. Ela entendeu minha expressão como confusão e explicou:

“Eu sou frígida, New. Nunca tive um orgasmo na vida. Não sei nem como é. Naquele dia, no táxi, eu achei que ia acontecer. Eu senti uma coisa subindo, um calor, meu corpo tremeu. Mas o carro chegou e interrompeu. Aí não rolou mais”. – contou, com um fundo de irritação.

“Eu posso tentar de novo. Quer que eu chame um táxi?”.

Ela riu.

“Não se preocupe. Tenho esperança em você, bonitão. Só preciso saber se você vai para St. Barth comigo”.

Eu sabia que não poderia ir. Não nas minhas condições. Ficar dias inteiros juntos seria muito risco, ela poderia descobrir meu segredo. Helena já tinha problemas demais para lidar e ainda ter que cuidar dos meus. Eu tinha minha missão a cumprir, nosso plano. Mudei de assunto.

“O Eliel sabe?” – perguntei, olhando para o seu ventre.

“Não. Nem deve saber. Ele acha que fiquei curada com a cirurgia espiritual. Prefiro sumir da vida dele e ele nem saber o que aconteceu comigo. Melhor assim”.

“E a tatuagem? Ele não está achando tudo meio... estranho?”.

“Quando apareci com ela o Eliel achou que eu estava ficando louca, que era uma fase, que tudo passaria. Você conhece ele. O Eliel resolve problema que nem avestruz, enfiando a cabeça na terra e esperando que o problema não esteja vendo ele também. Sabe o que ele achou estranho? Eu dizer que não queria mais ir às orações muito menos ver a Pilar. Mesmo depois dela ter tentado fazer ele se matar!” – ela deu uma pausa e voltou ao assunto original “E St. Barth, vamos?”.

Eu disse que sim. Só precisava arrumar umas coisas no trabalho; prometi não demorar muito. Mentira, claro, mas por uma boa razão. Não podia decepcioná-la naquele momento tão frágil. Ela pediu para usar meu computador. “Mudei de ideia”. Helena digitou a carta de despedida numa mensagem pelo Facebook e clicou em enviar. Mandou só para ele, porque ninguém mais precisava saber detalhes. Combinamos que até o dia da viagem ela ficaria escondida lá em casa,.

Helena se jogou na cama, seminua, tirou uma selfie contra a parede branca do quarto, cobrindo só o que precisava cobrir, e me mandou por WhatsApp. – “Para você não mudar de ideia”.

Ou seja, meu amigo, precisamos acelerar nosso plano. E eu tenho muito o que pensar. A ironia sombria disso tudo me incomoda. Será que sou tão tóxico que todas as mulheres por quem me interesse acabam morrendo de forma horrível?

Nesse exato momento, ela está dormindo no meu quarto. Tranquila e serena. Só vim até aqui porque tenho mais um pedido a fazer. Já vi gente morrer de câncer. É uma morte dura, sem dignidade. Eu prometo que não mudo de ideia, não vou para St. Barth, e você me ajuda a evitar a dor que cedo ou tarde ela vai sentir. Assim eu dou prosseguimento ao plano, e ainda fazemos algo de bom para a coitada. Espero que você esteja entendendo o que quero dizer...

Axé. Hoje, todo para ela.
New.

3 COMENTÁRIOS:



Laroiê 3 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 2:12PM

Mantenha o foco.
Me avise quando estiver
tudo pronto com Helena
Mando alguém lhe fazer uma visita.



Newton Fernandes 23 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 8:02PM

Acho que vai ser amanhã...



Laroiê 23 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 8:16PM

A morte se atrai
por flores.
Quando puder,
cubra o chão do aposento
com pétalas de rosas
cor-de-rosa e amarelas.
Espere minha assistente chegar.
Não fale com ela.
Apenas se tranque do lado de dentro.
Ela é perigosa.

Por sete dias e sete noites, Oxalá não saiu do lado do corpo do velho amigo. Não comia, não bebia, não dormia. Várias vezes, orixás mais novos tentaram levá-lo para casa. Ele não ia. Era o próprio Ifá, sempre sábio e temperamental, que dizia que tudo nascia do seu oposto. A luz nascia da sombra, o fogo da água, a morte da vida. Talvez houvesse ali um segredo que ele mesmo estivesse contando, preparando-os para um dia como aquele. Ifá era muito orgulhoso de seus segredos, porém. Se houvesse uma maneira de criar a vida a partir da morte, ele nunca havia explicado para ninguém.

Enquanto tentava encontrar a resposta, Oxalá mantinha ativo o pequeno resto de axé que ainda restava no corpo de Ifá, o único motivo pelo qual seu corpo não havia desaparecido por completo.

– Babá, o senhor precisa descansar – tentou Ogum. – Perdemos tantos de nós nessa guerra... o axé está fraco demais para arriscar o senhor cair doente.

– De que adianta que eu esteja forte, general, se nós não temos como falar de volta com o povo para lhes dizer o que fazer? Se não trouxermos Ifá de volta, acabou tudo. Não existe orixá sem gente, nem gente sem orixá. Se não pudermos falar com eles, cedo ou tarde eles se acabarão e, com eles, iremos nós.

De fato, aquele era um problema real. O lago do destino, onde os orixás podiam ver o presente e o futuro de quem os procurasse, era uma criação simples. Qualquer um podia olhar o que iria acontecer, pelo menos antes da água virar ao contrário e mostrar o passado em vez do futuro, mas apenas os 16 odus, os príncipes do destino, sabiam interpretar as situações e receitar as oferendas necessárias para resolver os problemas enxergados nas águas. Mas os odus não falavam com mais ninguém além de Ifá. E ele era ainda o único que sabia falar de volta com os adivinhos do Aiê. Sem Ifá, nunca mais haveria adivinhação.

– Algum plano? – perguntou Xangô, preocupado com a transparência do corpo, que começava a acelerar.

Já se podiam ver os músculos através da pele translúcida. Nos pés e mãos, enxergavam-se até os ossos.

Oxalá não teve coragem de responder.

– Eu tenho – disse uma voz feminina.

Nanã havia acabado de pousar em silêncio, cercada de algumas das poucas sobreviventes da guerra dos últimos dias, cada uma com uma expressão completamente diferente das outras.

Obá parecia estar ainda em situação de guerra. Olhava em volta, nervosa, como se fosse sua a responsabilidade de salvar todas ali de um eventual ataque. Todos lembravam do horror da véspera. Já Iansã mantinha os olhos baixos e evitava cruzá-los com os mais velhos a qualquer custo. Somente Oxum mantinha o queixo e os peitos erguidos com orgulho.

– Eu tenho o único plano que pode funcionar – disse Nanã.

Num instante, todos estavam interessados.

– Como? – perguntou Oxalá, com medo de ouvir a resposta que imaginava.

– Fui eu mesma quem fez o veneno que o deixou assim.

– Como assim? – gritou Ogum.

– Você acha mesmo que haveria mais alguém com poderes suficientes? – respondeu a feiticeira.

– Por que você faria isso? – gritou Xangô.

– Sua bruxa! – interrompeu Ogum. – Matou um velho amigo só para mostrar que pode?

– Primeiro, não fui eu. Segundo, ainda há um resto de axé no corpo. Se vocês querem que Ifá volte de alguma forma, terão que me ouvir.

Nanã nunca foi desprevenida. Sempre planejou cada passo com muita calma para que, em momentos de fúria, e haviam muitos, soubesse exatamente o que fazer. Quando preparou o veneno, sabia que ele poderia ser usado contra um dos cinco orixás originais. De fato, essa era sua intenção, estava claro agora. E, por isso mesmo, ela preparou a poção forte o suficiente para erradicar do Orum um orixá novo, mas não um orixá velho. Isso daria tempo para consertar o problema. Mas havia uma condição.

– Que condição, minha velha? – suplicou Oxalá, de joelhos diante do corpo do amigo.

– Que as mulheres, todas, do Orum ao Aiê, a partir desse dia, tenham para sempre o poder do destino. Desde o dia que nascerem.

Oxalá não acreditou que Nanã havia preparado tudo aquilo só para poder negociar.

– Acho que é hora de você ir embora – murmurou o velho orixá.



Exu se sentou na beira do penhasco e observou solitário a neblina andando perto da base das montanhas: caminhava, parava, descansava, caminhava de novo, como se fosse uma menina mimada, sempre à procura de um lugar para sentar e um pouco de água fresca. O tempo estava acabando, para Ifá e para todos eles. Precisava fazer alguma coisa.

Perto dali, Oxalá mantinha sua vigília de dias. Os 16 odus se revezavam para levar água e comida ao grande orixá do pano branco, contando que bem-cuidado ele talvez pudesse resolver a situação sem precisar cair na conversa das mulheres. Eguns e orixás vieram prestar os respeitos ao grande senhor do destino e dar apoio a Oxalá. O último que voltou ali foi Exu.

– O que faço, meu amigo? – perguntou o velho orixá. – Não posso dar o que elas pedem, Ifá me odiaria por isso, mas não posso deixar que ele se vá de vez.

O corpo de Ifá já não tinha mais cor. Parecia feito de delicadas camadas d'água que poderiam se romper e se perder a qualquer momento.

– Dê o que elas querem, babá. Quem quer muito está sempre nas mãos dos outros. Uma hora você vai ter uma ideia e vai conseguir retomar o poder de volta. O importante agora é que elas expliquem como trazer Ifá de volta.



Ogum foi o escolhido para levar a mensagem. Ele desceu a montanha masculina e, dessa vez, ao invés de escalar a montanha vizinha, seguiu a recomendação de Exu: foi até embaixo da montanha mais larga, onde as três árvores sagradas seguravam o mundo das mulheres, avistou a lagoa das três águas, e caminhou em direção ao o meio dela.

Como esperado, foi tragado pelo redemoinho e largado por pura magia na fronteira do mesmo pântano em que dias antes enfrentara o gigante de lama modelado a partir dele mesmo.

Espada em punho, mas apenas uma para não pesar demais e afundar novamente, Ogum caminhou sobre as raízes aéreas, chegou à porta da casa de Nanã e bateu com educação.

– Já Nanã – disse ele, com um respeito contrariado – trago um recado de Oxalá.

Ela abriu a porta, sem muita paciência e de certa forma ofendida que entre tantos que poderiam ter vindo lhe trazer a mensagem, justo o insolente do general havia sido o escolhido. Contudo, como era o mais velho entre os mais novos, Ogum ainda era o que tinha o maior senso de responsabilidade. O velho orixá confiava nele.

– Desembucha – ordenou Nanã.

– Vim aqui em paz.

A velha feiticeira não se comoveu. Pôs a mão na cintura impaciente e continuou esperando.

– Vim para convidá-la para voltar até nossa casa. Oxalá decidiu aceitar sua oferta.

– Pois diga a ele que ele teve a oportunidade, e que eu não estou mais interessada.

– Como assim?! – gritou Ogum. – Você vai deixar Ifá se acabar? E quem vai falar com os homens?

– *A senhora.*

– Como?

– Eu sou mais velha do que você, menino. Trate-me de “*a senhora*”.

– Certo – concordou, contrariado.

– Já disse. Não precisamos mais de vocês. Se quiserem mesmo conversar, diga que venham eles até aqui, porque eu não vou mais a lugar nenhum. Estou muito velha para todas essas idas e vindas.

– Estou aqui – disse Oxalá.

Ogum olhou surpreso para suas costas. Muito poucos conseguiam enganá-lo nas trilhas e caminhos da vida. Como é que um senhor sem viço conseguiu segui-lo sem ser notado? Não era a ocasião de perguntar, no entanto. O general tomou um lugar mais ao fundo, deixando que os mais velhos se falassem sozinhos.

– Quer um banco, meu velho? – ofereceu Nanã. – Seus joelhos não parecem muito fortes.

Ogum puxou um banco de madeira na direção do velho orixá, que agradeceu com um gesto e sentou-se. Os joelhos lhe doíam mesmo, como ela sabia?

– Estou pronto para lhe dar o que pediu – disse ele. – Porém apenas para uma de vocês, não todas.

– Então pode voltar de onde veio. Porque se for para ter uma de nós, eu já tenho, e entre eu ter e vocês não, ou os dois lados terem... eu prefiro que tenhamos do nosso lado a única orixá que consegue falar com o Aiê.

– Como assim? Se Ifá morrer de vez, os poderes vão todos com ele.

– Você ainda não entendeu o que nós fizemos?

– Não.

– Ele entregou tudo para uma de nós. Antes de ela envenená-lo, claro.

– Quem fez isso, pelo axé de Olodumare!

– A profecia.

– Não me venha com essa profecia danada! Você mesma escreveu essa droga! Quer que eu acredite nessa mentirada que nem esse monte de menina no cio que você tem agarrada na sua saia?

Naná deu uma gargalhada contida. Não estava acostumada a ver seu amigo tão furioso a ponto de esbravejar daquele jeito. *E meninada no cio?* Tanta ironia...

– A humilhada roubou o destino – explicou a senhora. – Exatamente como eu disse que iria acontecer.

– Iansã? – perguntou Oxalá, em choque. – Mas ela estava conosco na praia quando...

– Você não entendeu nada ainda, não é? Vocês homens sempre acabam se danando por causa dessa empáfia. Por que a humilhada só poderia ser aquela humilhada por um de vocês? Por que não alguém que eu venho criando com cuidado há meses? Por que não alguém humilhada por mim?

Oxalá e Ogum engoliram em seco. Haviam perdido o controle. Estavam nas mãos dela.

Completamente. Deixaram-na continuar, sem interromper:

– Para ser justa com vocês, Iansã também achava que era ela. Quando jogou o dendê na sua roupa, ela achava mesmo que iria lhe matar. Isso não ajudaria em nada. O plano era outro.

– Quem, então? – disse Oxalá.

– Oxum.

– [Silêncio]

Nanã continuou:

– Desde que chegou aqui, eu forcei Oxum a obedecer e a depender de Obá, sobre quem ela sente uma mistura desprezo, raiva e medo. Fiz com que ela não pudesse comer sem a ajuda de sua inimiga. Depois fiz com que ela tivesse que servir Obá na preparação para a guerra. E, finalmente, fiz de Obá a comandante do exército das Iá Mi, e releguei Oxum à mais boba das tarefas: cobrir as flechas de veneno. Oxum, venha cá fora, menina! – chamou Nanã.

– Sim, senhora – disse Oxum, passando pela porta, carregando um sorriso orgulhoso.

Nanã prosseguiu:

– Eu fiz com que ela ficasse com tanta raiva, com tanta vontade de mostrar que não era inferior a Obá, que roubou o veneno para ela mesma, deu para Iansã uma outra cabaça cheia de azeite de dendê... e me desculpe por isso, sei que foi uma piada de mau gosto deixar que ela lhe sujasse daquele jeito...

– Foi mais fácil do que eu esperava – disse Oxum.

– Você não tem piedade, menina? – perguntou Oxalá.

– Piedade? E vocês aqui de cima tem alguma piedade quando transbordam um rio e destroem uma colheita? Quando jogam um raio na cabeça de um mortal? Quando mandam os mais novos se enfrentarem sabendo que eles vão morrer e nada vai mudar? Que piedade tiveram quando esconderam o poder do destino só para vocês? Que piedade tiveram quando me tacharam de mimada só porque eu não queria obedecer ordens de alguém que achava que podia mandar em mim só porque era mais forte ou mais velho? Ou quando decidiram que eu seria uma princesinha protegida do mundo sem nunca me perguntar o que eu queria ser?

– Mas, minha filha – disse Oxalá – seu pai é um grande babalaô. Todo o luxo que teve em vida e tudo que aprendeu até hoje veio do que Ifá deu ao seu pai!

De fato, ela havia sido criada diante das leis e das bênçãos de Ifá. E foi assim que teve tudo na vida. Mas o que estava feito, estava feito. Ela havia sido subestimada, tratada como inferior, imatura, despreparada. Não importava o que ela fazia, os poderes que demonstrava, no Orum e no Aiê, sempre era deixada para trás, tratada com condescendência. O que dava um prazer ainda maior de lembrar, com todos os detalhes que pôde, como esperou as arqueiras partirem para que pudesse voar sem ser vista, e como os homens estavam focados demais na guerra na base da montanha para perceber que o perigo real chegava por cima.

– Quem imaginou que, entre espadas e lanças, vocês perderiam por isso aqui? – Oxum passou as mãos pelo corpo e requebrou, sinuo-sa, deixando ambos os homens por um instante constrangidos.

– Essa menina já nasceu ancestral! – disse Nanã, numa gargalhada. Muito embora ninguém ali enxergasse nada de ancestral na carne firme da filha de Orunmilá.

Oxum havia estudado com detalhes o cume da montanha. Enquanto as outras mulheres treinavam sua pontaria ou se encarregavam de lidar com os mortos, ela sobrevoava a região, várias vezes. Aprendeu onde morava Ifá, e onde era o alojamento dos 16 príncipes do destino. Descobriu quando eles saíam de manhã e quando se recolhiam à noite. Quando Ifá foi sozinho para casa se arrumar para o banquete com Iemanjá e Exu, ela entrou pela janela, coberta de poucos panos e enfeitada de frutas

amarelas no cabelo, pois não lhe deram joias ali no Orum. Havia ficado formosa mesmo assim, ela sabia. Ao vê-la quase nua nos seus aposentos, Ifá ficou tão constrangido que não sabia o que falar. Ela então se aproximou, sentou-se no colo do orixá e, acariciando-lhe o cabelo de leve, contou histórias e mais histórias sobre como o pai falava de Ifá, o grande sábio do Orum. O velho se lisonjeou. E com o orgulho se foi o desconforto de ter a filha do amigo do Aiê sentada em seu colo. E sua carne foi se tornando mais humana e despertando interesses que um homem que nasceu no Orum talvez jamais houvesse tido.

Oxum sentiu o entusiasmo de Ifá crescer sob suas pernas. Então encostou suas costas contra o peito dele, segurou uma de suas mãos e pressionou-a contra seu seio. Remexeu-se e remexeu-se no colo de Ifá. Enquanto remexia, pedia que ele lhe desse o segredo e o poder do oráculo. Ele primeiro disse que não. Então ela parou de se mexer. Ele pediu que ela continuasse, e ela obedeceu. Oxum pediu mais uma vez pelos poderes, e ele negou. Ela se mexeu mais e mais, depois parou novamente. Ifá implorou, e, diante da provocação de Oxum, sucumbiu. Ela ajeitou-se e rodou os quadris, devagar, sobre seu colo. Depois mais e mais depressa. Agarrou-lhe a cabeça e fez com que ele lhe beijasse o pescoço enquanto a possuía. Até que ele não resistiu e chegou ao êxtase ali mesmo. E, nesse êxtase, jorrou dentro de Oxum todos os segredos do lago.

Carinhosa, Oxum virou-se para ele e o beijou. Tirou da própria cabeça o enfeite de frutas amarelas e, acariciando a cabeça do velho orixá, que mal tinha forças para reagir, levou sua testa ligeiramente para trás e baixou o cacho de frutas em direção à sua boca.

Ifá comeu a primeira, a segunda, a terceira, a quarta... e, quando engoliu a quinta fruta das mãos de Oxum, seus lábios embranqueceram e seus olhos se arregalaram. Oxum mal se levantou do seu colo e ele caiu no chão, semimorto.

Como não havia ninguém do lado de fora, a jovem orixá resolveu adicionar um pouco mais de drama à situação. Então arrastou Ifá até seu próprio lago, tomou novamente a forma de pássaro e acordou os 16 odus, que logo encontraram o mestre, largado embaixo d'água, sem reação. Do alto, observou quando eles se juntaram ao redor do corpo, sem saber o que fazer ou dizer. Apenas ficaram. Até que Exu e Iemanjá apareceram por lá, abrindo caminho aos empurrões, e o levaram até o campo de batalha.

Ogum se continha para não agredir a mulher com quem um dia fora casado. Não por indignação moral – a ausência do corpo do Aiê deixava o julgamento mais apático – mas por ciúmes, esse que jamais deixaria sua alma. Já Oxalá sentia raiva dela mesmo, pelo amigo. E dele também, por ter caído num golpe tão anunciado quanto aquele.

– E se nós não quisermos dar os poderes para todas as mulheres, como você pediu? – perguntou Ogum.

– Então Oxum fica com os poderes todos para ela. Inclusive os odus, que não responderão a mais ninguém a partir de agora – explicou Nanã.



O próprio Oxalá explicou para Exu a encomenda de Nanã.

Precisavam trazer para o Orum alguém do Aiê que tivesse sido iniciado para Ifá e cuidado muito bem do seu orixá durante a sua vida. Mas era preciso ser alguém recém-partido, de forma que ainda desse tempo de não deixar desfazer o cordão umbilical que liga a alma do morto ao seu pequeno Ifá.

– Nanã diz que sabe que você andou pesquisando sobre isso recentemente – disse Ogum, desconfiado.

– É verdade. Acho que sei o que fazer – disse Exu.

– Me tragam Euá e Iansã agora mesmo. E alguém vá buscar o caçador Oxóssi e mande que ele me encontre onde ele encontrou Euá quando ela chegou aqui. Que Olodumare nos proteja e ilumine.

Caro Laroîê,

Acabo de sair de um voo de 8 horas vindo de Boa Vista, Roraima, com escala em Manaus, espremido entre a janela e um fazendeiro gordo armado de uma bíblia e o desodorante vencido, a quem eu retribuí usando o Wi-Fi do avião para navegar pelo feed das @suicidegirls no Instagram. Uma boa vingança contra seu cotovelo esparramado no meu espaço, forçá-lo a ver todas aquelas tatuadas seminuas e gostar. Conseguia praticamente ler seu pensamento: “Coisa do demônio, essas gostosas”. Ele não conseguia tirar os olhos, e teve que sair do avião segurando a bolsa na frente do pinto para esconder o entusiasmo. Antes do voo, todavia, a viagem foi um sucesso.

Roraima foi minha sétima viagem levando a imprensa para visitar os criadores de gado medicados com Radiex3000, meu novo cliente. Sei que isso não deveria ser importante para você, mas é. O Radiex3000 já foi proibido por toda a Europa e Ásia e a pressão para bani-lo no Brasil está aumentando. Havia lido a respeito em algumas revistas especializadas, mas fui consultar minhas fontes científicas para saber o quanto daquilo era verdade. A opinião foi unânime: o mundo já decretou a morte do produto, e com isso da fabricante Radiex (quanta originalidade!). Eles ainda se seguram vivos nos EUA (que devem exterminá-los em breve), China e Brasil. “O perigo é esses caras saírem molhando a mão de todo mundo e acabarem conseguindo manter a coisa viva” me disse um dos médicos com quem falei. “Brasil é Brasil, e dinheiro nas mãos certas vale mais que qualquer parecer científico”.

Uma empresa fadada à morte, a não ser que alguém conseguisse controlar tanto a imprensa quanto o governo. Eu tinha certeza que conseguia. Era só eles confiarem em mim. Se bem que mereciam morrer mesmo. Como é que os sujeitos criam um produto que é cancerígeno, batizam essa porra de Radiex e escondem relatórios que comprovam o estrago que ele faz em quem come a carne do gado tratado com isso?

O plano que apresentei para o cliente tinha quatro partes:

1. *Convencimento da imprensa especializada*: não precisávamos da grande mídia para isso, a aproximação com os pequenos veículos do setor de agronegócio, business e veterinária poderia ser feita levando jornalistas dessas áreas para visitar as fazendas, experimentarem churrascos épicos, estrategicamente seguidos de festinhas impublicáveis;

2. *Intervenção junto aos órgãos reguladores do setor*, para expandir sua visão sobre os benefícios do produto e garantir que os dados colhidos tanto nas fazendas quanto nos testes de laboratório partam de uma perspectiva mais *neutra*; e

3. *Lobby junto ao Legislativo*, para que todas as evidências positivas que iríamos gerar garantissem que a Radiex não precisaria mais se preocupar com futuras leis restritivas.

4. *Opinião pública*: monitorar as mídias sociais (Facebook, Twitter e essas coisas, não sei se

você sabe o que são, mas os empresários estão loucos com isso) e organizar projetos beneficentes que façam a empresa parecer mais boazinha.

O volume de trabalho é gigantesco. Exige contato pessoal e simultâneo no nível nacional e em cada estado, porque boa parte das decisões é influenciada pelos técnicos, jornalistas e sindicatos locais. Uma conta de um milhão de reais por mês, só em honorários, mais o dobro desse valor para “entretenimento”, código de como chamamos o dinheiro usado para pagar as putas, drogas e bola para quem precisar. Um negócio que aumentou em 30% o faturamento da NFB e nos colocou entre as maiores assessorias de imprensa do Brasil.

Mais que o dinheiro, essa é uma conta divertida para quem tem estômago para aproveitar. Nessa viagem, por exemplo, mandei trazer de São Paulo dois jatinhos lotados de meninas e cocaína, numa proporção de duas meninas para cada marmanjo. Alugamos uma fazenda, trouxemos um DJ da capital e deixamos a coisa rolar. No começo, enquanto os garçons ainda serviam, era tudo meio formal, todo mundo parecendo sério para impressionar as meninas. Copo de uísque na mão, conversas oportunas, cantadas até não tão baratas. Conforme os convidados iam ao banheiro, onde carreiras geométricas de pó branco emolduravam em losango as pirâmides de comprimidos azuis, tudo ali para quem os quisesse consumir, a coisa esquentava. As meninas, algumas modelos de revista outras dançarinas de programa de auditório, começaram a se soltar. Dançavam mais animadas, deixando os mais esforçados enxergarem relances de seus peitos por entre os decotes, flashes de carne quando suas saias subiam além da conta. Desajeitados e bizarros, com suas blusas curtas demais revelando seus umbigos peludos, tentavam acompanhar a dança que achavam ter visto uma vez na TV. Fingiam conhecer as músicas da moda enquanto se aproximavam por trás, gralhando qualquer coisa que se parecesse com os refrões, segurando as meninas pelas cinturas, suas mãos grosseiras quase as envolvendo por completo. Algumas se beijavam para provocar. Outras dançavam em tesoura, trançando as pernas, subindo e descendo e se acariciando, rindo como se fosse ingênua a brincadeira. Depois roçavam os quadris nos convidados, num ritmo que eles jamais conseguiriam alcançar. “*Twerking!*” – gritou para um amigo um pretense entendido, enquanto uma delas lhe dava o equivalente a um lap dance, só que de pé. Nesse ponto, estavam todos perdidos. Do meio da pista, o uísque começou a descer entre os peitos de uma, aparado pelo bigode espesso e a língua de um senhor cinquentão. A blusa de outra teve o último botão arrancado pelos dentes de seu par, deixando seus peitos volumosos e firmes a dançar, desinibidos. Próximo ao bar, os dedos largos de um barbado grisalho se encravaram todos, tão afastados quanto podiam para cobrir a maior área possível, da bunda épica de uma loira cuja micro saia aguardava impaciente acima da cintura. A dupla se beijava, furiosa e molhada, como se o mundo fosse acabar, enquanto uma amiga os alisava e esfregava o corpo, cada pedaço dele, tocando-lhes com a maior quantidade de pele que conseguisse.

Foi um tempo de nada para os quartos se ocuparem de homens fora de forma cheirando sobre corpos de mulheres perfeitas. Para que todos aqueles sujeitos casados esquecessem, mesmo que por uma noite, que tinham uma família para cuidar. Por trás das árvores, nos celeiros, banheiros e lavabos, se gabavam como se fossem aquelas conquistas legítimas. Uma comunhão total entre fazendeiros, fiscais, jornalistas e garotas de programa. Um pacto de variados fluídos que levaria aquela noite, épica, para a cova junto com cada um dos presentes. Na saída, receberam cada um seu celular (a ordem era que todos deixassem os seus na porta de entrada para evitar surpresas desagradáveis depois), e foram levados de volta para o hotel.

No Brasil se fala dos políticos corruptos, a verdade é que somos, todos, uma nação de cidadãos de ética flexível. Após a noitada com as coelhinhas da *Playboy*, fizemos uma apresentação aos técnicos

e jornalistas, todos escolhidos a dedo, e tive todas as matérias positivas de que eu precisava. Não que as matérias em si signifiquem alguma coisa para influenciar quem importa, até porque só estou chamando veículos de quinta. Ainda assim os governantes têm tudo de que precisam: a impressão de apoio da opinião pública através das revistas, o suporte técnico da burocracia especializada e, claro, os dólares depositados em suas contas no exterior.

Claro que algo dessa delicadeza só pode ser realizado por alguém de extrema confiança. E é aí que eu entro. O CEO da Radiex, Michel Romano, é um seguidor da Pilar, Nível 2 apenas, mas bastante comprometido. Quando li a respeito dos escândalos e acusações que o produto que ele vende no Brasil vinha sofrendo no exterior, liguei para a mentora e perguntei se ela poderia marcar uma reunião para nós três e me ajudar a fechar esse negócio. O mando de campo sempre influencia nesse tipo de negociação. Ainda mais no caso de uma conversa tão perigosa. Além disso, quando Pilar se sente necessária, ela é muito mais impressionante.

Eu cheguei antes do Michel para acompanhar os preparativos e combinar a reunião, como se tivesse alguma voz nesse processo. Pilar tinha tudo planejado, contudo. Ainda estava de roupão quando me recebeu e segurava um daqueles aparelhos de alisar cabelo (chapinha, acho que é como a mulherada chama) numa mão, copo de uísque na outra. Cumprimentou-me com um gesto enquanto gritava pelo mordomo:

“Arthur!”.

Arthur chegou rápido, com sua eficiência costumeira.

“Corte esse fio aqui e use isso mesmo”.

Ele pegou a tal da chapinha e seguiu corredor adentro. Eu a segui. No quarto, como se fosse natural, ela deixou cair o robe e se vestiu na minha frente, enquanto dava instruções:

“Não tem nada aqui que você não tenha visto, então vamos logo que a gente tá atrasado. Vai na sala, pega a Saracura e leva para o lado da minha poltrona no escritório. Manda o Arthur acender umas velas, enquanto eu me apronto”.

Busquei a velha cobra preta empalhada que Pilar chamava de Saracura e levei para o local indicado. O mordomo conhecia muito bem o protocolo: já acendia as velas antes mesmo que eu pedisse.

Aguardei por alguns minutos até que a campainha tocou e em seguida o mordomo acompanhou o convidado até a sala de estar, onde nos cumprimentamos e ficamos em silêncio até a chegada de Pilar. Ela entrou na sala mais de 20 minutos depois. Vestia uma túnica indiana e tinha o cabelo preso. Em locais públicos, inclusive nas orações, ela gostava de se vestir chique e imponente. Nos encontros em sua casa ela preferia o estilo guru sem preocupações com bens materiais. Usava um perfume de flores e carregava um incenso, que acendeu e colocou numa mesa de canto cheia de livros de arte e pequenos objetos de decoração colhidos de pelo menos cinco países diferentes. O copo de uísque havia ficado no quarto. O que era bom.

Eu e Michel nos levantamos. A dois metros de nós, ela parou, numa indicação do protocolo a seguir. Eu e Michel começamos a nos ajoelhar, ela acenou que eu poderia ficar em pé. Ele prosseguiu, deitou-se no chão e encostou a testa no tapete bem diante dos seus pés. Sentamos todos e ela foi direto ao ponto:

“Como andam os negócios, Michel?”.

“ Não muito bem, mentora. Estamos tomando pedrada de todo lado”.

“Por isso que te chamei aqui. Tive um sonho com você essa noite, vocês dois...”.

Ela, de repente, interrompeu o que dizia, como se ouvisse um barulho.

“Estão ouvindo?” – falava, com a mão em concha ao redor do ouvido.

“Não” – disse Michel.

“O chocalho” – ela tentou novamente. “Jura que não está ouvindo?”.

Pilar olhou em volta, procurando alguma coisa como se ela devesse estar ali, bem ao lado da sua poltrona.

“Arthur, você levou a Saracura para algum lugar? Cadê ela?”.

“Não mexi nela hoje, dona Pilar. Ela deveria estar aí mesmo”.

“Você nunca sabe de nada, Arthur. Parece retardado!”.

Pilar saiu andando pela sala, olhando embaixo dos sofás, entre as poltronas, em cada canto. Gritou, enfim, do escritório, exatamente onde eu havia colocado a cobra empalhada, a seu comando.

“Achei! Venham aqui! A Saracura veio até aqui no escritório, é bom sinal. Sinal de que tem negócio para acontecer”.

Puxamos dois pufes mais baixos que a poltrona onde ela se sentou e nos juntamos a ela. Daquela posição, a sensação de poder de Pilar era ainda maior.

“O que eu estava dizendo mesmo?” – ela perguntou, braço largado ao lado da poltrona, acariciando de leve a cabeça da cobra.

“Que você havia tido um sonho” – respondi.

“Ah, sim. Tive mesmo um sonho. Desses sonhos bons, cheios de dinheiro. Sonhei que a Saracura sumia, que nem ela fez agora, e eu fui procurar. Eu procurei, procurei, procurei, e em vez de achar minha cobra, achei você” – disse Pilar, apontando para o Michel.

“Você estava amarrado numa estaca em cima de uma fogueira, que nem aquelas que usavam para queimar bruxas na inquisição.” – e virou para mim:

“Sabia que eu fui uma bruxa numa encarnação? Digo, eu sabia dessas coisas todas que sei hoje, eles acabaram me prendendo. Me torturaram e me queimaram”.

Pilar parecia mesmo desconfortável com a história.

“Shhh” – disse na direção da cobra – “tá tudo bem agora” – e continuou, olhando com intensidade máxima dentro dos olhos do Michel.

Aí veio a Saracura, mas ela era enorme. Chegou bem perto de mim e começou a fazer esses movimentos na goela, como se estivesse engasgada. Engasgada não, como se quisesse vomitar, mas sem espasmos. O corpo dela se mexia inteiro, e uma coisa volumosa lentamente se moveu de dentro do seu estômago em direção à sua boca. E então ela golfou algo... e quando esse algo se levantou, tanto eu quanto você percebemos que era o New.

Ela fez uma pausa, aguardando um comentário, ou uma reação que não veio.

“Sabe o que isso significa? Sabe o que a Saracura queria dizer?”.

Michel não se atreveu. Mas eu, que entendi o jogo, respondi:

“A Saracura é quem protege você...”.

“Isso!” – ela gritou, se levantando com as mãos para o alto.

“Ela queria me dizer que você precisa de proteção também. E o Newton é a sua proteção!”.

Gênio.

“Explica pra ele, Newton, o que ele precisa fazer para sair da fogueira”.

Com a cena armada pela Pilar, eu fingi improvisar. Foi fácil convencer o sujeito que a NFB era a empresa certa para implementar o programa de blindagem. Além da visão em si, havia o fato de Pilar ser sócia majoritária, então desconfiar da agência seria desconfiar dela. Ele não se atreveria. E também por eu ser Nível 4, o único homem nesse nível enquanto ele era nível 2. Por isso ela fez com que somente ele tivesse que bater cabeça quando ela entrou, ele me devia respeito também. Eu montaria um time especializado nesse tipo de operação, inclusive com representantes que circulavam

bem no Congresso Nacional, e cuidaria pessoalmente de tudo que fosse mais delicado.

“Arthur! Traz aquele aparelho aqui no escritório!” – ela gritou.

Em seguida o mordomo apareceu, sério e compenetrado, carregando o tal equipamento. Pediu que o CEO se levantasse, e passou o equipamento por todo seu corpo, como se procurasse por um gravador ou algo parecido. Não recebendo nenhum sinal (não receberia mesmo, pois o detector era na verdade a chapinha, que o mordomo manuseava com rapidez para que o Michel não percebesse a farsa) deixou que ele se sentasse novamente. Virou-se na minha direção e pediu que eu levantasse também, o que era bastante irônico, visto que eu carregava um gravador de verdade e gravava cada palavra daquela conversa. Pilar o interrompeu:

“Pode deixar, Arthur. Ele não precisa.” – e continuou, agora para mim “Newton, eu quero que tudo que houver de pagamento pra autoridade, pra fiscal, pra político, seja feito por você mesmo. Não pode passar isso pra ninguém, ouviu?”

“Claro, Pilar. Entendido”. – respondi.

“Ouviu mesmo?”.

“Sim, ouvi”.

“Às vezes é bom conferir pra ter certeza. Esse menino tem muita ideia própria, sabe?”. – disse ela para meu mais novo cliente.

E assim ficou combinado. O Michel me daria o dinheiro em malas pretas, notas velhas, e eu pagaria quem quer que precisasse. Fizemos até uma lista de com quem deveríamos começar.

“É só dar dinheiro suficiente e eles todos dobram. A gente já fez isso antes.” – disse a Pilar.

“A gente contrata umas mulheres de políticos, dá uns presentinhos pra outros... dinheiro mesmo só quando precisar, mas fazemos tudo direto no exterior. Tenho um rapaz que me segue há 20 anos que é doleiro...”.

Era só o que eu precisava. Corrupção, saúde pública, câncer... Com o plano gravado, é só eu executar exatamente o que combinamos na conversa, registrar tudo em vídeo ou áudio, e terei material para estampar a cara da Pilar em todos os jornais do país, e colocar a polícia de todos os 26 estados mais a Polícia Federal à procura dela. E à minha procura também, mas se eu vou me preparar desde agora para lidar com isso, ela será pega de surpresa. Terá que fugir às pressas e tenho certeza de que a maioria do povo do grupo, que anda cheio dos abusos dela, vai querer distância desse escândalo. É questão de tempo até a Pilar estar praticamente sozinha. E, quando ela estiver, nós executamos o resto do plano.

Enquanto isso, vou contaminando uns bois aqui e ali, corrompendo um oficial acolá, pagando um político sempre que preciso, e, sem que ela perceba, o cerco vai se fechando. É um trabalho complexo, eu sei. E por isso estou tomando notas tão detalhadas, inclusive aqui nesse blog. Não posso arriscar me confundir, me atrapalhar. Do jeito que minha cabeça está piorando, preciso desse apoio.

Sigo agora direto para a casa da Pilar para contar do andamento do projeto – ela gosta tanto da aventura e da adrenalina quanto do dinheiro que vem dela. Prometeu inclusive fazer um trabalho de proteção para não deixar ninguém me atrapalhar. Salve! Hahaha!

6 COMENTÁRIOS:



Laroiê 13 DE MAIO DE 2013, ÀS 9:01AM

Está garantida sua vaga

na turma do funil.

Não durma no ponto.



Newton Fernandes 24 DE AGOSTO DE 2013, ÀS 10:37PM

Rá rá rá!



Newton Fernandes 3 DE JUNHO DE 2013, ÀS 2:21AM

Não abandonei o blog, não se preocupe. Estou apenas muito ocupado. E confuso. Não esperava me envolver desse jeito a essa altura da vida. Helena não estava nos planos.



Laroiê 3 DE JUNHO DE 2013, ÀS 10:12AM

Perda de tempo.



Newton Fernandes 3 DE JUNHO DE 2013, ÀS 11:07AM

Por que?



Laroiê 3 DE JUNHO DE 2013, ÀS 11:12AM

Perda de tempo.

Iansã sentava-se entre Oxalá e Nanã, observando o angustiante espetáculo de um homem atacando uma jovem mulher. Ele forçava seu corpo sobre o dela. A menina era valente e tentava se defender, mas não tinha força suficiente. A poucos passos de distância, nenhum dos três insinuou ajudar.

– Você está começando a entender – disse Oxalá.

Ela sabia do que ele estava falando. A distância, a isenção. Um orixá atende aos pedidos dos seus, mas não interfere com o destino do mundo. Não estão ali para julgar ou serem julgados. São maiores do que isso. Mas Iansã não conseguia. A menina olhou para ela e Iansã reconheceu seus próprios traços. Iansã entendia a ideia de não intervir na vida de indivíduos a não ser quando chamada. “Me chame, sua maluca. Peça minha ajuda”. Mas ela estava ocupada demais com o agressor. “Olhe para mim. Estou aqui. Só preciso que você me chame”.

Então a menina olhou para ela. “Socorro”.

Iansã saltou e no ar apontou para o céu e para o agressor, comandando um raio poderoso que caiu sobre o homem, mas também sobre todos que estavam em volta.

Iansã sentiu sua pele queimando por dentro e por fora. O cheiro era de carne queimada. Abriu os olhos devagar. E sentiu o corpo do homem pesar sobre o seu. Estava morto. Assim como Oxalá e Nanã, um de cada lado.

Iansã acordou com muita dor. A esteira onde dormia era a mesma desde quando chegara ao Orum. A janela mostrava a mesma árvore de sempre. A luz do sol entrava pelo mesmo ângulo. Mas ela estava coberta de sangue.

Levantou-se correndo, sem saber se gritava ou corria, e apalpou-se procurando o ferimento. Não conseguiu achar nenhum. Tentou limpar-se com roupas velhas mas, assim que limpava a pele, o sangue brotava de novo. Ela sangrava pelos poros. Por cada um deles.



Elenini era uma senhora reclusa. Apesar de morar no Orum há muitas gerações, poucos a conheciam. Ela não gostava de se misturar. Não gostava de ninguém, como ela mesma dizia. Mas, quando Iemanjá chamou, ela ficou curiosa. Era o segundo chamado que recebia em poucos dias. O primeiro havia sido para treinar para a guerra contra os homens. – Dessa vez será diferente, disse o irunmalé que tentava convencê-la. Iemanjá avisara que tinha um pedido a fazer, e não se nega um pedido vindo de um dos originais.

– Uma senhora no Aiê precisa de um empurrão na direção da loucura – pediu Iemanjá.

Esse era o tipo de pedido de que Elenini gostava. Desde que chegara ao Orum, ganhara o serviço de zelar pelo caráter dos homens e mulheres do Aiê. Àqueles que causavam o mal, a doença ou o desconforto por egoísmo, os outros orixás pediam que ela castigasse. O castigo de Elenini, porém, não era violento como o de Xangô, ou virulento como o de Nanã. Elenini gostava de brincar com os vícios e os defeitos das pessoas. Ela os estudava, encontrava os caminhos para o abismo e os atraía para lá.

No caso dessa mulher que torturava a filha de Iemanjá, os caminhos eram fáceis. Ela colocou um punhado de terra no fundo do jardim e quatro pedras ao redor. A do alto representava o dinheiro, a

ambição, sua maior fraqueza. A de baixo, o vício que a enfraqueceria. À direita e esquerda, seus braços de confiança, duas pessoas que a trairiam por causa do vício e da ambição.

Elenini sacou uma faca da cintura e pediu o braço de Iemanjá.

A velha orixá já havia se utilizado dos serviços de Elenini uma vez, estava preparada para o corte que levou no braço e para o sangue que jorrou sobre cada uma das pedras.

– Pronto – disse a feiticeira dos vícios. – Essa aí é só esperar. Já já está batendo com a cabeça em pedra.

Iemanjá caminhou com a visita até a saída e se despediu sem fanfarra. Se abraçaram de um lado e do outro e, antes de dizer adeus, Elenini apontou com os olhos para a sombra entre duas árvores logo ao lado. Iemanjá sorriu e agradeceu a visita.

– Desculpe que não tinha nada para lhe servir. Foram dias horríveis, esses últimos.

– Não se preocupe, Iá. Um dia venho pedir um favor de volta.

– Farei com prazer.

Iemanjá esperou a visita sumir de vista e se dirigiu para a sombra entre as duas árvores que Elenini havia apontado.

– Ora, ora... vejamos o que temos aqui... – disse ela, para o vulto encapuzado que a observava escondido.

Um vulto não muito grande se levantou.

– Deixe eu ver quem você é – ordenou a dona da casa.

O capuz, e o resto do pano que lhe cobriam o corpo, caíram no chão. Uma mulher jovem, forte, com o corpo coberto de uma casca escura que se quebrava e escorria vermelho quando ela se mexia. Iansã tremia, olhos amedrontados. Estava coberta de sangue.

– É sua primeira vez, minha pequena. Não se atordoe. Acontece com todas nós. Venha comigo.

Como se não estivesse sangrada, Iemanjá abraçou Iansã com carinho e a levou para dentro.

Enquanto Iemanjá buscava uma bacia d'água e um pano, Iansã sentou-se no chão, tomando cuidado para não encostar em nada que não pudesse ser marcado com sangue e olhou assustada para a velha orixá:

– Não sabia quem procurar. Nanã...

– Eu sei de sua história com ela. E tenho que confessar que eu estava junto quando tudo aconteceu.

Iansã estava assustada demais para levantar e correr. Iemanjá prosseguiu, limpando o sangue do rosto da jovem, não para que ele ficasse limpo, mas para que o sangue não secasse:

– Nenhuma de nós imaginava que o velho Oxalá compraria o desafio. E acho que foi só por isso que ele aceitou. Sabe como são os homens.

Iansã olhou para o próprio braço, que continuava a sangrar.

– Você não quer saber disso agora, não é mesmo? Perdoe essa velha desmiolada.

A orixá mais velha segurou o queixo de Iansã e olhou-a fundo nos olhos, para não restar dúvida:

– Entenda o que vou dizer: não há nada de errado com você.

– Então... o que é isso?

– Está na hora de você ouvir os pedidos.

– Que pedidos?

– Filhos, Iansã. Sua reputação corre forte e vibrante. Gente do Aiê lhe chama todos os dias para cuidar da passagem dos seus entes queridos. Você está fazendo uma fama de forte e lutadora. De quem briga pelas mulheres... então as pessoas que se iniciam no axé começam a pedir para serem feitas para você. Elas mesmas ou as zeladoras das casas onde elas vão. De um jeito ou de outro, quando se recebe muitos pedidos e não se atende, acontece isso. Está tudo bem, você só está muito

popular.

– Por que é que isso não soa tão bom quanto você está dizendo?

– Eu passei por isso, minha filha. Todas nós passamos. Com os homens, é diferente, mas nós, mulheres, quando é para ter filhos e não temos, sangramos.

Iemanjá a tomou pela mão e a levou até o lado de fora novamente. Já não tinha mais sangue velho e o novo agora brotava devagar. Caminharam até o riacho, onde Iemanjá lhe deu um banho ligeiro e a olhou, alguns passos de longe. Pensou um pouco e sentenciou:

– Acho que o melhor jeito para você é pelas mãos. Faça um favor, junte as palmas das mãos e as esfregue rápido.

Iansã obedeceu, e uma chuva fina caiu daquela fricção, pingando no rio, misturada com sangue. As gotas se acumularam e permaneceram junto de Iansã, ignorando o curso das águas. Quando eram suficientes, formaram várias cópias dela mesma, ainda feitas de água, que as abraçaram e se deixaram levar pelo vento, seguindo seu caminho em direção ao Aiê.

O sangue parou de brotar, e seu corpo parou de tremer. Tudo voltava ao normal, no entanto ela estava exausta e teve que se apoiar na orixá mais velha para caminhar novamente para dentro de casa.

– Durma aqui hoje – ofereceu Iemanjá.

Iansã não resistiu. Fechou os olhos e se foi.

Acordou quando era manhã novamente. Uma mão suave lhe acariciava o rosto. Ela ajustou os olhos e reconheceu a mão enrugada. Olhou para cima, Nanã estava ao seu lado, num sorriso doce como ela ainda não havia visto.

– Iemanjá me contou que você fez suas primeiras filhas ontem, minha pequena. Que coisa maravilhosa!

Ao lado da porta, pouco atrás, estavam Euá e Exu. Ela parecia ansiosa. Ele, apenas com pressa. Iansã gravou com fogo uma sereia na porta da casa de Iemanjá, como sinal de agradecimento, e partiram.



Aquele seria o trabalho mais difícil que já tiveram em suas vidas, avisou Exu, antes de cruzarem o Rio do Tempo em direção ao Aiê. Não que fosse um tempo estranho, exatamente pelo contrário. Estavam indo para seu próprio tempo.

Iansã encheu o peito de ar, reconhecendo o cheiro de casa. Tinha saudades. Euá, como de costume, ficou mais quieta que falou, mas havia uma certa melancolia na sua expressão, só melhorou quando o grupo encontrou o caçador Oxóssi:

– Oxalá sabe disso? – perguntou Oxóssi, desconfiado do que quer que Exu respondesse.

O jovem arqueiro não gostava de se misturar nas quinzilas entre homens e mulheres. Preferia se manter independente e livre. Naquele momento, estava mais preocupado em se manter escondido do que com o que havia do outro lado da pedra onde se encontraram.

– Não – respondeu Exu.

– E Oxum?

– Muito menos.

– Que Olodumare não nos amaldiçoe por isso – suspirou o caçador. – Ele está logo ali. Mas cuidado, acho que ele pode nos ver.

– Agora é conosco. Obrigado por encontrá-lo – disse o mensageiro. – Agora vá. Essa responsabilidade é toda nossa.

A noite caiu no Aiê e Orunmilá finalmente sepôs sozinho. Os búzios lhe contaram apenas as coisas do passado, mas isso em muitos casos era suficiente para um sábio como ele. Sua clientela permanecia praticamente a mesma, senão maior, uma vez que outros adivinhos de menor estirpe haviam desistido da profissão. Ele se preparava para se deitar e descansar os pés e a cabeça quando alguém bateu à porta.

– Exu, meu amigo! – disse ele num grito exagerado. Pois não se viam desde que haviam vencido as Iá Mi Oxorongá, algumas colheitas atrás. – Há quanto tempo! Imagino que esteja trabalhando. O que está fazendo? O que veio fazer por aqui? Conte-me tudo!

– Babá – interrompeu Exu – venho aqui em uma missão de trabalho.

Exu lhe apresentou a jovem que o acompanhava, dizendo ser ela uma artista que havia sido amaldiçoada a nunca mais enxergar, ouvir ou falar. Orunmilá mandou que os dois entrassem. A jovem os acompanhou, segurando o braço de Exu.

– E por que eu?

– É uma história longa, que prefiro contar diante de uma mesa de comida, pode ser?

– Exu, Exu... você não tem remédio.

Orunmilá preparou ele mesmo um pequeno banquete com o que havia em casa. Tudo em porções ampliadas para dar conta da fome legendária do seu antigo mensageiro.

Exu entrou na cozinha sozinho e falando baixo:

– O caso dela é muito delicado, babá, e você precisará ser muito nobre para poder ajudar em algo tão difícil.

– Por que sussurra, rapaz? Sua amiga não é surda?

– Desculpe, babá, às vezes acho que engoli minha inteligência de sobremesa.

Da sala, Euá ouvia tudo, do corpo da menina que havia possuído para executar o plano.

– Essa menina – disse Exu – se envolveu com um feiticeiro. Ela não queria saber dele nem de ninguém, então o feiticeiro disse que ela só voltaria a ver, ouvir e falar no dia em que fosse beijada por um sábio.

– E o que você quer que eu faça?

– O senhor é o homem mais sábio que eu conheço, babá.

Comeram os três, em silêncio. Euá, para não quebrar o disfarce; Orunmilá, porque não sabia o que dizer diante de um pedido tão estranho; e Exu, porque não queria parar de comer mesmo. Encheu o bucho de farofa, frango, peixe e cabrito. Bebeu bons goles de vinho de palma e pediu para ir dormir num dos quartos de hóspedes da casa de Orunmilá, deixando o casal sozinho na sala.

Ficou tudo ainda mais desconfortável. Não havia conversa. Não havia interação possível. Apenas uma menina que não tinha ideia do que iria acontecer – pensou o adivinho. Finalmente ele tomou coragem e se sentou ao lado da moça, no banco de madeira ornado com duas figuras de carneiro trazidas das terras distantes dos povos bantus. Quando o banco balançou, a moça se assustou. Como se sentisse o calor do corpo de Orunmilá, foi ficando agitada. Orunmilá se levantou e deu mais uma volta na sala.

O que fazer? Um tristeza que uma artista houvesse perdido os sentidos. Ainda mais uma moça tão bonita. Orunmilá achou estranha a repentina ternura que sentiu pela estranha, como se a conhecesse há tempos. Ou pelo menos já a tivesse visto uma vez. Mas tinha certeza: aquela era a primeira vez. Talvez em sonho?

Com a ternura, veio o senso de responsabilidade. Não poderia deixá-la na escuridão quando poderia claramente fazer alguma coisa.

Exu saltou a janela do quarto e caminhou até o lado de fora, onde largou sobre o chão um rastro de

pétalas de rosa amarelas e cor-de-rosa, um pó amarelo preparado por Euá e um punhado de inhames, e se escondeu de longe, atrás de uma árvore.

Não demorou muito, e o cheiro podre de Iku começou a rondar o lugar. Iku viu as pétalas, o pó do amor e os inhames e se aproximou. Comeu os inhames saboreando cada pedaço e seguiu as pétalas até a pequena janela de uma casa próxima. Juntou-as com carinho, pois aquela combinação de pétalas só poderia ter caído das mãos de Euá e, ouvindo um barulho estranho, resolveu espiar pela janela.

Iku não enxergava bem, via melhor o espírito do que a carne das pessoas. Reconheceu Euá. Um senhor a segurava nos braços. Ela tentava escapar, ele insistia. Ela gritou, tudo que Iku precisava para saltar pela janela, espada em riste, e cravá-la nas costas do velho. Ele se engasgou no próprio sangue e caiu no chão, barriga para cima, deixando que Iku reconhecesse quem havia sido a vítima.

O resto aconteceu numa correria só.

Euá se levantou cobrindo a boca, e chorando, com medo das consequências da coisa horrível que tinha acabado de fazer.

Exu cruzou a porta, olhos transbordando, e abraçou o mestre com carinho.

Iansã entrou em seguida, a única com compostura, pois guerreiros se comportam melhor em momentos de pressão, e, olhando para Iku, falou:

– Iku, você não tem nada a ver com isso. Vá embora e não conte o que aconteceu para ninguém. Nós também não contaremos.

– Calma – ordenou Exu, agora novamente na sua postura de mais velho, não de menino de recados.

Ele pegou a espada de Iku e, de olhos quase fechados de agonia e dor, cravou-a na testa do corpo de Orunmilá, depois desceu pelo resto do corpo, abrindo-lhe a pele de cima a baixo.

– Pronto, agora vá – disse Exu.

Iku correu.

Euá então deixou o corpo da menina que habitava, o que causou um pouco mais de confusão no momento em que ela viu o corpo morto no chão. Ela não via o corte feito por Exu, isso só para os encantados, mas mesmo assim gritou tanto que Exu teve que amarrá-la e amordaçá-la num dos quartos de visitas.

Foi Iansã quem primeiro se ajoelhou e acariciou o peito aberto do adivinho. Aos poucos, foi retirando um corpo de dentro do outro, como se o despisse de uma casca cuja estação passou. O corpo dentro do outro não se movia. Estava desacordado como sua casca mortal. E ainda havia a corda que saía de sua cabeça, que eles puxaram com delicadeza.

– Calma, não deixem cortar o fio nem o acordem ainda! – gritou Exu.

Euá, já de volta e mais calma, levantou as mãos. Não queria tocar aquele pedaço para não arriscar uma decomposição precoce. Iansã e o mensageiro continuaram o trabalho e colocaram no chão o outro corpo, maior que o de Orunmilá, menor que o dos orixás, ligado a Orunmilá pelo umbigo. As feições, imóveis, serenas e tão familiares... “Talvez desse certo”, – pensou Exu.

– Rápido – disse ele – a menina que o viu morto vai contar para todos. Temos que nos livrar do corpo rápido. Vai fazer com que acreditem ainda mais nele e isso só vai fortalecer seu axé. Vamos precisar disso. Se ela sair contando que Orunmilá foi para o Orum de corpo e tudo, nossas chances são maiores.

Euá alisou o corpo até que ele ficasse transparente, depois se desintegrasse em um punhado de pó que Iansã soprou embora com seu vento.

Olhando para os corpos ainda ali, Exu então sacou da cintura uma pequena cabaça e desamarrou da cintura um grande pano branco. Com o pano, cobriu os corpos, depois entregou a cabaça para Euá:

- Sua vez.
- O quê?
- Preciso que coloque os dois dentro dessa cabaça.
- Como assim?

– Nanã fez isso uma vez, então é possível.

– Mas eu não sou Nanã! Por que não trouxe ela aqui, em vez de mim?

– Não me questione, menina. Se temos alguma chance, é com você, não com ela.

Exu sabia o que dizia. Uma transformação misteriosa, escondida dos olhos de todos, sem dúvida

um trabalho para a nova senhora dos mistérios, Euá. Mesmo que ela não soubesse disso ainda.

– Vamos! Só não vá misturar os dois – brincou o mensageiro.

Caro Laroîê,

Temos o nosso homem: o procurador Eliel Barnave Vasconcellos.

Na última sexta-feira, a oração foi uma das mais pesadas que já vi. Estávamos todos lá fora quando os sacerdotes entraram, batendo palmas como sempre. Dois deles vinham escorando Pilar, que mal conseguia andar. Cantamos nossas músicas para evocar Olomô e, como sempre, ele veio.

“Eita exa!” – gritou. Com uma voz mais parecida com a de Pilar do que o normal.

O cheiro de álcool vinha até a segunda fila.

–“Oxês vem aqui toda semana, dix que acreditam, mas aí chega na hora de contribuir pra obra de Deux, fica tudo aí fingindo que não é coxêis, num é ixo? Tudo axa que já conxiguiu u qui queria, agora pode relaxá... Mas fica sabendo oxêis todú aí qui do mesmo jeito que eu dei, eu tiro. E que a ordem agora é exa. Oxêis são quantux aí? Duzentu? Trezentu? Poix in um anu, vai ficar só vinti. Só os vinti mais xpiritualizadu. Isso aqui é um funil, igual aqueles de colocar cachaça no tonel, sabe, exa? Entra todo mundo, mas sobra só um fiozinho bem fininho no final. Só vinte de oxêis tudo aí que vai sobrá. Só vinte que vão aproveitá da luz de Olomô. Ux vinti que dão valor pra vida que a Pilá dedico procêix. Us otro vão ficá tudo que nem era quando chegarum. Tudo pobre, sem nada. E pior, porque agora sabe o gosto de caviá, mas vai tê qui cumê rapadura. Tava ixcrito que ixu i cuntecê um dia. Cumeçô a cuntecê é agora, exa. E xai da frente que eu quero fazer xixi”.

Pilar saiu, cortando a corrente, seguida por duas sacerdotisas do Nível 4, que a levaram apoiada nos ombros, tentando evitar que ela tirasse a roupa ali mesmo, na frente de todos. Alguém puxou um cântico mais tranquilo, um que a própria mentora havia dito que compusera em homenagem a onde tudo começou.

*De bom amor e de bom fogo, claro,
uma casa, feliz, se acaricia.*

Basta-lhe luz,

E basta-lhe harmonia

para ela não ficar no desamparo.

O sentimento,

quando é nobre e raro

veste tudo de cândida poesia.

Um bem celestial, dele irradia

Um doce bem que não é parco e avaro

Um doce bem

que se derrama em tudo

um segredo imortal, risonho e mudo que nos leva

debaixo de sua asa

e os nossos olhos ficam rasos água.

Quando o rebento de uma oculta mágoa

é o nosso amor...

Todo o céu da casa.

Todos acompanharam. Alguns em espanto. Outros em deleite. Outros, por incrível que pareça, com entusiasmo para conquistar um lugar entre os 20 do funil. Independentemente da impressão, cantaram todos e ao final puseram-se em fila como sempre. Uma fila triste e derrotada que deixava clara a diminuição do quórum. “A coisa ruiu de vez” – diziam uns. “O funil já começou” – cochichavam outros. A calma e harmonia, aquela paz de outros tempos também não estavam mais ali. Via-se mais o nervosismo, o desconforto, e a vontade de ir embora do que qualquer outra coisa. Mas se o Nível 2, o mais baixo depois da Casa Branca, podia disfarçar e desaparecer após sua visita ao altar, os poucos do Nível 3 e Nível 4 tinham ainda a função da casa para cumprir. A formalidade, afinal, ainda sobrevivía.

Dentro da casa, Pilar continuava a beber. E, a essa altura, já não sei se suas cunhãs mantinham o copo sempre cheio por medo do que aconteceria se não o fizessem, ou para ver Pilar se destruir mesmo. Quando ela entorna daquele jeito, sua vítima preferida é o pobre do procurador.

“Esse monte de frouxo precisa demonstrar mais fé. Não nas orações, na vida”. Ela gritou e chamou o panaca do Eliel para demonstrar.

“Eliel! Se eu pular a janela do sétimo andar, você me segue?”. “Para todo lugar, mentora”. – disse ele, com medo.

“E se eu enfiar essa faca na barriga?”. – falou, sacando o punhal dos sacrifícios que há dez anos não era usado, mas cujo fio era mantido fino com diligência pelos serviçais da casa.

“Eu enfio na minha também, Pilar”.

“Eu sei que você adora enfiar na sua, Eliel. Mas eu tô falando da faca! Enfia ou não enfia?”.

“Enfio, Pilar”. – o desconforto era tão grande que havia gente torcendo para que ele cumprisse o prometido para interromper o constrangimento.

“Então vai lá. Prova”.

Pilar jogou, desajeitada, o punhal no peito de Eliel. A lâmina afiada bateu de lado e caiu no chão. No caminho, abriu um corte reto na camisa branca, e num instante a mancha de sangue se espalhou pelo tecido.

“Não foi nada, não foi nada. Só um corte de nada”. – disse o procurador, baixinho, para quem corria assustado para socorrer. Com a própria mão, ele apertou o corte para estancar o sangue.

“Para com isso!”. – gritou uma voz do fundo. Lá de longe. Helena entrou empurrando quem estivesse na frente. “Para com isso! Vamos embora daqui, meu amor. Deixa essa doida pra lá. Vamos embora dessa merda de lugar!”.

Foi aquele silêncio que entala na garganta, como quando você quer acordar de um pesadelo porque qualquer coisa que aconteça a partir dali só pode dar cagada, sabe? Eu, confesso, fiquei mais é impressionado como nunca havia notado como ela era interessante. Mas o resto, tenho certeza, ficou morrendo de medo mesmo.

“Vai, Eliel, deixa de ser banana!”. – retrucou Pilar. “Escolhe aí, essa sua piranha aí ou Olomô e eu? Você não tem fé? Enfia a faca que eu tô mandando. É ordem. Enfia pra eu mostrar pra esse povo todo aqui o meu poder. Enfia pra eles verem! Quero ver esse monte de gente babaca aí que diz que tem fé só pra aproveitar da boca livre...”.

Pilar empurrou quem estava em volta e cambaleou na direção do punhal. Foi quando, num repentino pacto de bom senso, duas sacerdotisas de aproximaram e com firmeza a seguraram pelo braço. Apesar dos protestos histéricos, levaram-na, para o lado de dentro do casarão. O procurador abraçou a mulher:

“Vou levar a Helena pra casa e volto”. – disse ele. E não voltou.

Entre todos o seguidores de Pilar, o promotor talvez seja o que mais ama a mentora. Mas também ama sua mulher. Também gosta de rapazes, é verdade (um dia conto melhor como sei disso). O que aconteceu ali, na frente de todos, foi exatamente a complexidade toda desses amores.

O procurador, talvez por ter poder demais na sua carreira, talvez por seu espírito ser assim mesmo, gosta de ser dominado, subjugado. Não o domínio kinky e temporário de uma mestre masoquista. Digo um domínio real e absoluto. O que explica sua atração por homens mais novos e musculosos, a escolha de uma esposa com temperamento forte e principalmente sua devoção por Pilar. É esse o motivo da sua relação com a mentora ser tão poderosa. Pilar dá a ele a sensação de estar completamente nas mãos de alguém que pode maltratá-lo, pode humilhá-lo, mas jamais irá lhe causar nenhum mal verdadeiro. Nem a ele, nem à sua mulher. Pilar é a “mãe de amor infinito”, como diz uma das músicas que um dos beatos do grupo compôs para ela. E uma mãe jamais prejudicará o filho. Uma lição aqui ou ali, tudo bem, mas sacanear ou ferir de verdade, nunca. Quando Pilar mandou ele enfiar a faca no bucho, tenho certeza que teria enfiado, não fosse o escândalo da sua mulher!

Por sua vez, embora seu cargo não o faça milionário nem permita que ele seja sócio de Pilar, como acontece com tantos outros poderosos do grupo, o promotor tem acesso a informações que ninguém mais tem. Em especial aquilo que vai dar problema na justiça. Com isso, Pilar pode correr mais riscos e se gabar de uma intuição que na realidade não tem.

Pilar e o procurador têm essa coisa meio simbiótica, como das bactérias que vivem no nosso intestino – nós as alimentamos, elas nos ajudam a digerir nosso alimento, juntos, produzimos uma vida inteira de excrementos. Nessa relação, nenhum dos dois tem motivos para trair a confiança do outro, porque o benefício de uma traição não vale o que se perde. Entre os dois, porém, se há alguém que pode trair, mesmo saindo perdendo, é Pilar. É ela que pode acabar com o procurador com uma dentada e arrumar outro igual para substituir. E isso a faz ficar segura e relaxada ao lado dele.

Agora... será que há como fazer uma bactéria sem vontades como esse sujeito ter um ataque de ódio tão irracional que resolva atacar seu protetor? Acho que sim. Quem ama com tanta submissão é mais capaz de crimes de amor do que qualquer outro. O sujeito equilibrado toma um pé na bunda e vai procurar outra maneira de tocar a vida. O submisso crônico, o panaca por vocação, não. Ele desespera porque, quando é traído, é a própria vida que lhe manda embora. Ele perde tudo pelo que vale a pena viver. Vira um homem-bomba.

Se eu focasse no procurador, e fizesse com que ele perdesse tudo de uma só vez: Helena, Pilar e sua carreira, que é o terceiro alicerce de sua vida, teria grandes chances de colocá-lo na posição que precisamos. Que lhe parece? Era isso que você queria me dizer no comentário do último post?

Tive uma ideia que acho que pode fazer isso acontecer. Uma ideia que surgiu, veja você, de uma conversa com a própria Pilar.

Um dia, depois das nossas reuniões do Conselho Administrativos da NFB, ela me chamou para conversar. Queria saber se eu havia ouvido algo a respeito do comportamento de Helena. Como tenho gravado todos os meus encontros com ela, gravei esse também, sem jamais imaginar que teria a bomba perfeita para a última parte do nosso plano. Dizíamos:

“Ela anda dizendo que vai embora, que não quer mais saber disso... virou um saravu”. – saravu é como Pilar chama aqueles que vão embora do grupo. É o pior rótulo que ela pode dar a uma pessoa.

E pediu:

“Preciso que você faça um trabalho para mim”.

“Claro”. – respondi, curioso. “Quer que eu a convença a não ir?”.

“Ao contrário. Se ela quer sair do grupo, melhor que saia logo. Só que aí ela tem que deixar o Eliel também”.

“Ele não faria isso por você?”.

“Talvez, mas não quero correr o risco”.

“Ok...”.

“Ela, como ele, gosta de rapazes mais novos. Me confessou um dia, anos atrás. E acha você um tesudo. Essa é a sua missão. Come aquela piranha para mim? Come ela e coloca um vídeo na internet pro Eliel ficar tão envergonhado que nunca mais queira olhar na cara dela!”.

“Não sei, Pilar... O cara pode ser meio mole com você, com a mulher, mas ele ainda é um procurador... pode foder comigo, com a NFB”. – respondi. Mas já ali a semente estava plantada na minha cabeça. Helena era uma mulher bem interessante, afinal.

Pilar concordou que era uma má ideia. A parte de postar na internet, pelo menos. Além do mais, se eu fosse diretamente associado à iniciativa, seria muito fácil o procurador imaginar que foi Pilar que nos conectou. Ok, a ideia não prestava, porém a responsabilidade por encontrar uma maneira melhor de tirar Helena da vida do procurador continuava sendo minha.

“Vou dar um jeito de ela saber que você está interessado nela, pode ser? Não seria a primeira vez que ela colocaria chifre no Eliel. Ela me disse que ele não consegue fazer ela gozar, então tem que ir dar aquela boceta na rua”.

“Ela é bonitona mesmo. Se vier, eu dou um jeito nela. Deixa comigo”. – respondi, com entusiasmo legítimo. Pilar me olhou com um sorriso malicioso. Sabia que eu iria gostar da missão.

“Uma vez que ela estiver na sua cama, faz o que quiser, mas dá um sumiço nela. Faz ela apaixonar e largar o marido. Convince ela a mudar de país. Mata ela e manda em pedacinhos pra ele... faz qualquer coisa, mas precisamos tirar a Helena da vida do procurador. Pelo nosso bem, ele pode ser muito importante para o crescimento da NFB, mas se essa saravu convencer o marido a ir embora com ela, nós perdemos um aliado muito forte”.

A conversa ainda continuou, com Pilar insistindo cada vez mais que eu deveria comer a Helena. E agora o melhor: tenho tudo gravado!

A graça dessa conversa é que eu e Pilar estamos desenvolvendo nossa própria simbiose. Diferente da dela com o procurador, contudo, que é baseada na confiança completa, a nossa é baseada na desconfiança. Ela sabe que eu não acredito em nada do que ela inventa, mas acredita que eu preciso dela tanto quanto ela precisa de mim. É a vantagem de ser o único a saber que não tem nada a perder. Eu sou o verdadeiro homem-bomba. O que caminha em segredo, pronto pra explodir a porra toda.

O plano ainda está incompleto, mas está andando. Não é certo que vá funcionar, que fique claro, mas com um segundo nome, acho que as chances são boas. Encontrando um segundo candidato, eu estaria pronto para apostar minha vida nisso.

Se, enquanto isso, Pilar continuar bebendo, dificilmente perceberá o que estamos fazendo.

Mando mais notícias a seguir.

Abraço,

New.



Laroiê 8 DE MARÇO DE 2013, ÀS 9:51PM

Bom que ela lhe deu
uma missão também.
Faça sua parte
que eu ajudo daqui.

– Minha mãe – disse uma voz suave.

Era o meio da noite, e Nanã odiava ser acordada. Não porque precisasse dormir, mas porque essa era a hora em que estava trabalhando. A expressão de Oxum, no entanto, parecia importante demais para um sermão.

– Oxalá está nos chamando, com urgência.

– Agora, no meio da noite?

– Isso. Agora.



Numa mesa de pedra, o corpo de Ifá, frágil, transparente e inerte, aguardava seu momento final. Ao lado, numa mesa um pouco maior, algo coberto por um grande pano branco. Entre as duas mesas, Oxalá as aguardava com um olhar confiante. Logo atrás, Exu, Euá e Iansã pareciam nervosos.

Oxum e Nanã olharam confusas e Oxalá puxou de uma vez só o tecido, revelando o corpo morto de Orunmilá, ainda ligado pelo alto da cabeça ao umbigo de um pequeno Ifá, brilhante e poderoso.

– Aqui está, minha velha, tudo que você pediu – disse Oxalá.

– Papai! – gritou Oxum, correndo para abraçá-lo.

Exu a segurou pelo braço. Ela esperneou, tentou se desgarrar, mas a mão do mensageiro era forte demais para que conseguisse escapar.

– Fique aí, menina – ordenou Exu. – É muito frágil a situação do seu pai. Qualquer desequilíbrio do axé dessa mesa, e ele se foi.

– Como assim? Ele não virou orixá como nós? – perguntou Oxum, em desespero.

Oxalá a olhou com uma mistura de desprezo e prazer antes de retomar a conversa:

– Você já viu um orixá ligado a outro?

– Não – disse Oxum.

– Então ele não virou orixá.

– Um egun, então?

– Não decidi ainda.

– Como assim?

Oxum olhou para o pai, deitado com os olhos fechados. Para Exu. Nanã. Buscava uma resposta qualquer. A única forma de trazer Ifá de volta, explicou Oxalá, era juntá-lo a um de seus filhos mais fortes. Exatamente como havia pedido Nanã. Como não havia nenhum Ifá maior do que o do maior adivinho de todos os tempos, foi ele mesmo que Oxalá mandara buscar. Oxum olhou para Nanã, orgulhosa pela fama do pai, mas a velha senhora não sorriu.

Oxum não entendia os olhares pesados em sua direção. A situação parecia tão clara! No momento em que partissem o cordão que saía da cabeça de seu pai para juntar o pequeno e o grande Ifá em um só orixá, Ifá voltaria à vida; e Orunmilá se tornaria um egun, teria que viver na terceira montanha do Orum, e todos estariam felizes. Oxum agora sabia voar, poderia visitar o pai todos os dias por toda a eternidade!

Infelizmente para a jovem feiticeira, as regras do mundo dos eguns não lhe haviam sido explicadas

por completo. Eguns são encantados como eles, os orixás. Mas são presos ao chão do Orum por pernas mais fracas. Os orixás, a não ser que fossem mortos por um outro encantado, seriam imortais. Eguns não: eles se alimentam das lembranças de seus antepassados. Apenas aqueles que ainda são lembrados após sete gerações se tornam imortais. E é aí que estava o problema.

Nanã se aproximou, colocando a mão no ombro de Oxum, mas a menina se afastou e olhou novamente para o mais velho entre os homens.

– Você é filha única. Não tem irmãos nem primos. Veio para o Orum antes de ter filhos de carne. Portanto... – Oxalá fez uma pausa. – Portanto, não terá sete gerações para se tornar imortal. No dia em que seu pai se tornar egun, suas pernas começam a se desfazer e em pouco tempo: dias, semanas... meses talvez, ele se despegará da terra e partirá desse mundo. Dessa vez para sempre.

Oxum engoliu em seco.

– Então aqui faço minha proposta – continuou Oxalá – Se você abrir mão dos poderes de Ifá e devolvê-los aos homens, eu faço com que seu pai vire um orixá e assuma o lugar de Ifá. Ou então, como havíamos combinado, Nanã pode aplicar o orixá de seu pai no corpo de Ifá, todas as mulheres terão o poder da adivinhação, mas você terá apenas alguns dias para se despedir do seu pai. Porque se eu desfizer a ligação entre seu pai e seu orixá de cabeça, ele se tornará um egun com os dias contados.

– Não! – gritou, desesperada, a jovem Oxum. – Precisa mesmo ser meu pai? Não pode ser outro babalaô?

– Talvez pudesse – disse Oxalá – mas isso não importa mais, porque é o seu pai que está aqui, e para ele não há mais volta. E então, o que quer fazer?

Oxum olhava para os lados, em busca de uma resposta, de uma luz. Um apoio. Mas ninguém sabia o que dizer. Aquele fardo era somente dela.

– Eu lhe darei até o fim do dia para pensar – disse Oxalá, seco e definitivo.

O grande orixá pediu que todos se retirassem. Deixou Oxum sozinha entre os corpos de Ifá e Orunmilá, cercada apenas pelos 16 odus, encarregados de não deixar ninguém se aproximar dela.

– Vou buscar água para ela – disse Iansã para Exu. Quisera ela ter tido um pai como Orunmilá para honrar com uma decisão como aquela.

– Não – respondeu Exu, próximo à casa onde Ifá havia morado, longe da vista de todos. – Tenho planos mais importantes para você hoje, me aguarde aqui. Preciso ter uma palavra com Euá, depois saímos.

Iansã não ousou questionar o tom grave do mensageiro e esperou enquanto Exu e sua companheira Euá desapareceram entre as árvores, em direção do penhasco.



– Vi você caminhando outro dia – disse Exu, como se falasse de algo importante.

– E?

– Por que seu nevoeiro caminha como uma menina? Andando e parando para descansar, depois andando de novo?

– Porque aquele nevoeiro sou eu, oras. Quando eu canso, eu paro para descansar! – Euá não entendia a razão daquela conversa inoportuna, tampouco o que havia de errado com qualquer coisa que seja andar *como uma menina*.

– Escute aqui. Oxum precisa de você. Nós todos precisamos. Você vai ter que parar com essa bobagem e acordar.

Grrrrrr! Euá não aguentava mais os enigmas de Exu. Acordar como? Entender o quê? E por que toda aquela obsessão com o nevoeiro?

– Você não entende? – interrompeu o gigante – Você não é uma menina que se transforma em nevoeiro.

– Claro que não, eu estou sonhando esse tempo todo – respondeu Euá, sarcástica.

– Você às vezes me irrita. Você não *vira*, você *é* o nevoeiro. E também o mistério, e a imaginação... apesar de que eu tenho duvidado um pouco disso recentemente. O que quero dizer é que você é isso tudo. Esse corpo de menina aqui na minha frente é a transformação, não o contrário. É assim que você se lembra de quando era viva, fica querendo voltar para essa mesma forma. Esse corpo é como um sonho confortável, daqueles que você quer voltar toda noite... não é mais quem você é.

Exu finalmente fazia algum sentido. Ele apontou para a paisagem. O Orum, se estendendo até o Rio do Tempo, e o nada que se seguia:

– Você *é* o nevoeiro. Pode se espalhar por todos os lados. Enxergar tudo ao mesmo tempo. Pode atravessar o Rio do Tempo por todos os pontos se quiser, e estar presente em cada um deles, ouvir, aprender, entender tudo. Num instante. É só você largar esse corpinho virgem que você nunca quis compartilhar com ninguém.

Euá sentiu o sangue esquentar. Não gostava que falassem daquele jeito, nem mesmo Exu. Antes que pudesse atacar o mensageiro com as mãos ou as palavras (não havia decidido ainda), ele novamente a interrompeu:

– Você não disse que não gostava de guerra?

– Disse.

– Você é a única que pode acabar com ela. Mas precisa acordar. Vamos lá. Relaxe e deixe acontecer... diacho! Por que foram me dar logo uma virgem para essa função?!

Uma névoa espessa e escura escorreu pelas orelhas, depois pelas ventas, e depois pelos poros de Euá. Se pudesse, teria sufocado Exu com suas brumas. Ele era muito grande, muito forte, muito poderoso para ela, no entanto. Não havia nada que pudesse fazer. Fechou os olhos e fez toda força que pode. A raiva era tanta, que nem a transformação que sempre acontecia estava dando certo. Virou então as costas para o mensageiro para que ele não tivesse o prazer de vê-la chorar de raiva. Andou até a beira do penhasco, sem saber o que fazer. Por que ela? Por que não um orixá mais experiente? Por que não... e sentiu um empurrão.

Exu acompanhou do alto da montanha o corpo de Euá despencando até embaixo, e explodindo no chão.

– Ops... – disse o mensageiro.

E foi procurar Iansã.



– Tenho pensado em ir embora – disse Iansã, enquanto caminhava, sozinha, com Exu.

– Pra onde?

– Pra longe, não sei. De repente vou morar com os eguns.

Eles se sentaram diante do lago do destino, e Iansã deitou no colo de Exu. Ele acariciou seu cabelo com ternura e explicou:

– Tenho certeza de que os eguns ficariam felizes de estar mais com você. Porém isso não vai ajudar muito.

– O que você sugere, então? Esquecer? Não tenho para onde olhar aqui. De um lado, o homem que tentou me violentar. De outro, as mulheres que concordaram com isso. Não posso ficar aqui e conviver com esse tipo de coisa todos os dias, para a eternidade.

– Minha pequena, uma coisa que se aprende nessa terra sem tempo é que a história não se move inteira para a frente. Ela só cresce. Você não deixa nada pra trás de verdade. Só cresce a vida para além dele. Não importa para onde você vá, seu passado vai junto.

– Mas dá pra ir pra bem longe dele?

– Pra longe dá, só que ele vai estar sempre ali. Mas sei de uma outra coisa que talvez possa ajudar. Você sabe nadar?

– Sim.

Exu beliscou sua perna com força, fazendo Iansã saltar de dor. Dor de ver estrelas. Olhou-o furiosa. Ele apenas ria. Iansã, que não via graça, continuou encarando-o aguardando uma explicação. Ele apontou os olhos para o lado, e ela os seguiu. De repente, não estavam mais na frente do lago do destino. Iansã não sabia como, mas Exu os havia transportado para a margem do Rio do Tempo. Sem explicar, ele a agarrou pelo braço e mergulhou. Do fundo, era como se memórias de suas vidas se misturassem com todas as outras que passavam pela correnteza que puxava forte. Nadaram até a outra margem, porém quando Iansã se preparava para sair, em algum tempo diferente no Aiê, Exu a chamou.

– Hora de voltar.

Sem entender, ela obedeceu. Virou-se para o lado e levantou a primeira braçada.

– Não. De costas.

Nadaram juntos e saíram na mesma margem de onde haviam começado, apenas alguns metros acima. Havia algo de diferente, Iansã podia sentir, só não sabia exatamente o quê era.

Os dois correram pela Floresta dos Chegados, atravessaram a Clareira dos Sonhos e entraram no lago das três águas sob a montanha das mulheres. Depois, já no alto da montanha, caminharam na direção da casa de Iemanjá. Estranhamente, a entrada da casa não tinha mais a marca de sereia que Iansã havia queimado em agradecimento. Será que Iemanjá não havia gostado?

Saltando de trás de uma árvore para outra, chegaram até a janela.

– O que estamos fazendo aqui é altamente proibido, então não deixe ninguém lhe ver – disse Exu, sem explicar muito.

Na casa, Nanã e Iemanjá olhavam para dentro de uma bacia d'água, como se assistissem a algo horrível. Nanã tinha as mãos quase cobrindo o rosto, mas espiava entre os dedos. Iemanjá balançava a cabeça de um lado para o outro em reprovação: – Que velho idiota!

– Você tem ideia de onde está? Digo, quando?

– Na casa de Iemanjá, mas eu achei que o Orum não tivesse tempo.

– Claro que tem. Não ter tempo é só uma maneira de dizer que o nosso tempo se cruza com todos os outros. Hoje é bem lá atrás, depois do dia em que Nanã foi provocar a virilidade de Oxalá. Você sabe o que elas estão olhando, não sabe?

– O dia que Oxalá me atacou. Quer dizer que elas não...

– Claro que não. Nunca esperavam que ele fosse em frente.

– Isso não muda o fato de que elas me colocaram em perigo só para mexer com ele.

– Entenda: até aquele momento você era apenas mais uma humana. E, daqui, você logo entenderá que há tantos deles que você só tem tempo de se preocupar com aqueles que carregam seus filhos e aqueles que lhe trazem oferendas que lhe farão mais forte. Se você tentar se preocupar, ajudar e proteger todo mundo, não vai conseguir fazer nada direito. Além disso, às vezes, para ajudar uns,

você vai ter que prejudicar outros. Então precisa aprender a levar essa relação com o Aiê com mais leveza. Nesse momento, o que elas estão vendo é a Iansã do Aiê, não a do Orum que está aqui agora.

– Mesmo assim.

– Eu sei que isso pelo menos ameniza as coisas. Não me venha com essa. – resmungou Exu. – Agora corra aqui comigo que tenho mais uma coisa para lhe mostrar.

Ele a beliscou novamente. Mais uma vez ela cerrou os olhos de dor num lugar e os abriu de volta diante do Rio do Tempo.

– É aqui. Dessa vez, saia do outro lado e siga em frente até encontrar comigo novamente.

– Combinado – disse ela, esfregando a marca escura na coxa. Quando o encontrou de volta, Exu estava vestido com roupas diferentes. De trás de uma árvore de tronco largo, observava um pequeno tumulto na clareira pouco à frente. Ele parecia intrigado com a aparição, como se não tivesse sido ele mesmo a mandá-la até ali. Depois, com um olhar de satisfação divertida de quem acabava de entender uma piada difícil, pediu que Iansã se escondesse e olhasse o que acontecia.

Do outro lado da árvore, um senhor de idade deitava sobre o corpo de uma menina adolescente. A moça parecia lutar muito para resistir e sair dali, mas de alguma forma o homem a havia prendido ao chão, mãos e pernas, impedindo que ela lutasse ou corresse. Iansã conhecia a cena. O dia em que Oxalá a atacou.

Ela ensaiou partir na direção dos dois, mas Exu segurou seu braço com tanta firmeza que a dissuadiu. Iansã continuou olhando, a raiva lhe devorando as entranhas. Podia agora enxergar Oxalá controlando o corpo do padrasto, prendendo-a no chão com seus poderes mágicos e olhando-a como se fosse uma presa. De um lado e de outro, as duas Iansãs choravam como uma só.

– *O senhor das gerações* – disse Oxalá de dentro da clareira. E parou.

De repente, o espectro de Oxalá se arrancou do homem que controlava. De pé, olhou horrorizado para o homem e a menina no chão e correu na direção oposta. Iansã, a do Orum, olhou para Exu sem entender o que estava acontecendo. Ela não estava louca, lembrava do que acontecera. Ele nunca parou. Não teria parado se não fosse...

Então a Iansã da clareira, com as mãos livres dos poderes de Oxalá, pegou a pedra mais próxima, explodiu-a na cabeça de seu agressor e correu para bem longe.

– Quando Oxalá saiu do corpo, deixou seu padrasto com sangue quente. O corpo dele estava num estado tão animal, que ele mesmo não conseguiu interromper, então continuou o que Oxalá tinha começado – explicou Exu.

Iansã não pareceu se comover. Chacoalhou o braço para que Exu a soltasse e andou, decidida, na direção do padrasto. O homem ainda se levantava, segurando a cabeça, rosto coberto de sangue, quando Iansã se aproximou, invisível aos olhos do mortal. Ele se ergueu, ainda meio tonto, e olhou em volta.

– Iansã, minha filha! – gritou, confuso e arrependido, na direção em que a menina havia corrido.

– Morra! – disse por trás dos dentes cerrados a Iansã do Orum.

E soltou-lhe um único raio sobre a cabeça que o deixou tostado no chão.



A neblina grossa que havia tomado todo o Orum, e além, começava a se dissipar quando Oxalá chegou de volta ao lago para saber o que Oxum havia decidido. Ao seu redor, centenas de encantados, orixás e eguns, aguardavam para saber o que Oxum iria decidir. Os 16 odus ainda montavam guarda, mas o velho orixá agora tinha dúvidas se ninguém havia passado por eles.

Quando Oxalá abriu passagem entre os velhos guardiões, no entanto, encontrou o que ninguém poderia imaginar.

– Finalmente chegou – disse Oxum.

Seus olhos estavam abertos, mas ela olhava na direção errada.

Oxalá se aproximou e a chamou pelo nome. O olhos da filha de Orunmilá estavam brancos e perdidos. Uma cegueira absoluta. Ela não parecia se importar.

– Se alguém iria mandar meu pai embora, que fosse eu mesma, não você – disse ela, decidida e resignada.

Ela apontou para trás, numa direção quase equivalente a onde Oxalá havia deixado o corpo do grande babalaô. Ele não estava lá. Na mesa de pedra havia apenas o corpo prestes a se dissipar do pequeno Ifá de seu pai, o cordão umbilical já começando a perder a cor.

– Socorro! – gritou Oxalá, em pânico.

Nem ele sabia quanto tempo ainda tinha.

Caro Laroîê,

Dentre todas as orações atribuídas a Pilar (atribuídas por ela mesma!), uma das minhas prediletas se chama “A casa”:

*Vê como as aves têm, debaixo d'asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!
.Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!
.Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.
.Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...
.E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu passado...
- Ama, criança, a casa em que nasceste!*

Na época da Casa Branca, era concebível que alguém acreditasse que uma mulher com aquela boca suja e nenhuma poesia fosse capaz de escrever algo assim. Improvável pelos padrões terrenos, mas possível na pretensa sobrenaturalidade de Pilar. Com a internet, no entanto, ficou muito fácil descobrir que essa oração que, quando jovens na Casa Branca, aprendemos, decoramos e estudamos na verdade é um poema de Olavo Bilac. Roubado, assim como tantos outros que haviam sido originalmente escritos por gente como Gregório de Matos e tirado sem escrúpulos de escritos adventistas, espíritas, budistas, dos Hare Krishna, da Ciência Cristã, dos cristãos ortodoxos... até de Santo Agostinho ela roubou!

Quando as perguntas começaram a aparecer, no entanto, Pilar veio com uma resposta simples: “Hoje, com essa tecnologia toda, temos acesso a muitos textos iluminados, mas na época, muito antes desses computadores, a única maneira de termos acesso a esse conhecimento era Olomô mandar esses textos para mim. Quando psicografei essas obras, não sabia de onde vinham, achei que eram

todos de Olomô mesmo, mas agora entendo melhor. A verdade é que mesmo quando foram escritos pela primeira vez, vieram da mesma fonte. Então é tudo a mesma coisa. No fim, não importa se já tinham sido intuídos por outras pessoas também ou se eu fui a primeira a recebê-los. O que importa é o conteúdo de cada um deles, e o que vocês aprendem com ele”.

Apesar de tantas mentiras toscas, o grupo sobreviveu. Para a maioria ali, enxergar o descaramento de Pilar significaria reconhecer que eles mesmos foram otários a vida inteira. O orgulho não deixaria ruir sua autoestima tão fácil assim. Porém algum dano havia sido feito. Pessoas falavam pelos corredores. Nos bastidores das festas. Com cuidado para não serem descobertos, se perguntavam, aqui e ali, se havia alguma outra coisa que não estavam vendo.

Para a esperteza de Pilar, aquela novidade veio tanto como uma ameaça quanto uma oportunidade. Se os egos fragilizados constituíam um escudo, por que não investir mais a fundo neles? Ela agiu rápido. Passou a dividir responsabilidades pequenas e grandes para aqueles que ela queria manter mais perto, ou aqueles cuja fé começava a mostrar sinais de cansaço. Para os humildes e inseguros, atribuía atividades terrenas, como a limpeza do salão de orações. Para os estudiosos, mandava reciclar os sacerdotes que davam aulas na Casa Branca. Para os mais bem-sucedidos, Pilar entregava responsabilidades espirituais que lhes inflavam o ego sem jamais poderem ser auferidas.

Havia um grupo de três mulheres, por exemplo, duas ex-hippies e uma bióloga, todas esposas de poderosos, que um dia ficaram responsáveis pela paz. Isso mesmo, pela paz no mundo! “Quem eram elas para influenciar algo tão grande?” – pensavam as adversárias na atenção da mentora. Elas deveriam fazer suas orações diariamente, para mandar energia positiva para acabar com alguma guerra que houvesse pelo mundo. Quando guerras estouravam, Pilar as repreendia em público, e as invejosas aplaudiam, sem querer embarcando na fantasia. Quando a guerra não acabava, as três discutiam qual delas não havia vibrado direito, criando uma competição, e começavam de novo. Uma hora toda guerra acaba, e aí Pilar as parabenizava na frente de todos, mandava que o grupo inteiro lhes observasse e imitasse. Ordenava que mandassem presentes e as bajulassem. Cada caso era diferente, mas o teatro sempre combinava repetidas variações de conversas ao pé do ouvido, competições e disputas mesquinhas, mais o reconhecimento e escárnio público. Depois de um tempo nesse jogo, qualquer um acabava esquecendo de se perguntar se estava mesmo realizando a tal tarefa e passava a focar na recompensa. Pavlov ficaria orgulhoso.

Dependendo das pessoas e das responsabilidades que lhes eram atribuídas, claro, o ritmo e os resultados eram diferentes. Pilar ia se adaptando até encontrar algo que fisesse a pessoa de vez. Uma vez que a vítima se identificasse com uma dessas atividades, porém, estaria fígada para sempre.

Ela sabia mesmo era ler as pessoas. Dava, a cada ego, um tipo diferente de missão. Lisonjeados, mesmo os mais céticos tentavam. E eram elogiados, traídos, recompensados... E se sentiam bem. Depois de um tempo, o que cada um deles mais tinha orgulho não era mais seu talento, sua profissão, sua carreira... era sua função na fé, sua missão.

Pense no Carlos, por exemplo: ele cuida dos trabalhos sujos da Pilar. Ela um dia lhe disse que os trabalhos que ele executa são consequência da impureza do tempo em que vivemos e das circunstâncias, não dela nem dele. Que sua função era manter limpas as mãos da mentora, o que é uma honra. E assim ele passou a olhar no espelho e se enxergar como o guardião da pureza de Pilar.

E o pobre coitado que assumiu os envenenamentos que o Carlos havia executado, lá trás, quando nos conhecemos? Esse foi levado a crer que era assim que garantiria seu lugar no céu. Um homem-bomba tupiniquin. Ainda está preso, mas acredita que vai dali direto para o paraíso.

Quer mais? O Apelbaum, diretor todo-poderoso do *Jornal* e informante extra-oficial de Pilar. Sua

função na Terra, estabeleceu a mentora, é descobrir informações que possam ajudá-la a se fortalecer para poder executar sua missão. Ter nascido com talento para o jornalismo foi apenas um presente dos céus para que ele pudesse fazer a sua parte. Não sei direito quanto ele enxerga da mecânica da manipulação ou quanto acredita na conversa energética. Para ele, talvez, o que importe é a influência do grupo e conseguir manipular o mundo na direção do que ele acredita. Nesse contexto, ele sabe exatamente o seu papel, executa-o com perfeição e é muito respeitado dentro do grupo por causa disso. No final do dia, o Apelbaum vai dormir se sentindo uma peça importante na evolução do mundo.

É bom sentir que você faz parte de uma raça especial, escolhida por algo divino para liderar o mundo. E que seus talentos estão a serviço de algo maior. É inebriante, viciante. Como qualquer vício, lhe atrai devagar, cheio de carinho, lhe faz sentir um rei, depois não te deixa sair.

Detalhe: anos atrás, quem fez os links com as orações circularem fui eu. Encaminhei amigos do grupo para textos que eles desconheciam. Assim eles achavam por conta própria os sites que tinham as nossas orações e eu sequer era mencionado na fofoca de bastidores. Me achei um gênio por isso, e mais ainda por nunca ter sido pego. Não funcionou. Perdi a briga porque ela soube jogar melhor com os instintos dos seguidores, muito além do problema que eu havia criado. Aprendi.

Se Pilar era a dona dos egos, eu teria que atacar por outro flanco, aliás muito sensível: a conta bancária. A relação das finanças de Pilar com os principais integrantes do grupo era minha maior oportunidade.

Como lhe falei, há gente de muito dinheiro nesse grupo. O que em si já é bastante original. Dizem que, no passado, na época da Casa Branca, a audiência era bem mais pobre mas que ao longo do tempo esses pobres foram embora ou enriqueceram.

Era uma questão de princípios. Princípios muito convenientes, mas ainda sim princípios. Nada de bem-aventurados os desprovidos. Aqui dentro, ser bem-sucedido significa ser merecedor e abençoado. No mundo dos negócios, ser mais espiritualizado significava mais lucro. Foi assim que o sucesso financeiro passou a ser um dos pilares do grupo. Pilar tem, de fato, um faro para negócios que faz com que eles realmente ganhem ainda mais. É como se ela fosse a *chairman of the board* de todas as empresas geridas por seus fiéis. Entre as orientações de vida, de ética de trabalho e as sugestões de estratégia empresarial, ela ajudou muita gente ali a fazer dinheiro. E fez com que acreditassem que aqueles ganhos não eram apenas por causa de boas decisões empresariais, e sim por causa da configuração energética que ela havia facilitado. Em troca, ela cobrava sua parte.

A sociedade nessas empresas era sua principal forma de levantar dinheiro. Em tantos casos, apenas sua bênção e interesse em acompanhar o andamento da companhia lhe garantiam um percentual e participação no board. Eu fui um dos poucos que tive dinheiro colocado na mesa, quando ela investiu na NFB, mas porque ela tinha planos para mim, e sabia que eu não aceitaria de outra forma. De um ano para cá, no entanto, a imprensa começou a atacar suas empresas com tamanha violência, uma depois da outra, e com tanta virulência, que comprometeu severamente sua perspectiva de se financiar por essas vias. (Digamos que aqui meu talento teve sim sua função divina.)

Com turbulência, ela estava acostumada. Por isso mesmo havia diversificado tanto os seus negócios. Quando praticamente todo o seu portfólio passou a ser atacado de uma só vez, a incerteza abalou o humor de Pilar. No princípio, ela extravasava sua raiva demonstrando decepção com os infiéis, cujo verdadeiro pecado era não querer mais dividir seu dinheiro com ela. Na sequência, contudo, Pilar começou a beber. Primeiro pilequinhos básicos e ligeiramente inconvenientes, que não eram suficientes para fazer com que os seguidores deixassem de frequentar os eventos do grupo, mas

faziam com que ela não fosse tão reverenciada quanto antes. Depois vieram os abusos verbais, os xingamentos que qualquer bêbado raivoso e inseguro despeja. Ela ia perdendo o controle. Não era um motim ainda, todavia. Isso aconteceu depois. Num episódio que o povo chamou de “A Revolta das Figueiras.”

A segunda fonte de renda de Pilar, seu *backup*, eram os imóveis. Ela gostava de investir em apartamentos e casas, para depois mandar seus próprios fiéis alugarem. Por anos, foi considerado uma indulgência divina morar num apartamento da mentora. Até que mais uma vez veio a internet, esse demônio, e os preços realistas começaram a ficar mais difíceis de ignorar. Logo, muitos estavam discutindo o assunto, e descobrindo que moravam em lugares superfaturados. Essa virou minha segunda frente de ataque.

Um dos meus funcionários, o tal que mencionei quando expliquei o plano completo, era agregado da família Figueira, uma das mais tradicionais do grupo, que seguia Pilar desde antes da Casa Branca. Três gerações, mais de nove casas alugadas de Pilar. Meu funcionário, o Gregory, era um francês brabo, formado em Economia e casado com a filha mais nova dos Figueira originais. O Greg era também um vendedor nato. Daqueles que enfiava uma missão na cabeça e só voltava na sua sala com ela resolvida. E, como todo vendedor, era bom de papo. Sabia encontrar a ferida aberta de cada um e salpicar-lhe sal sem piedade. Passei um ano levando-o para almoçar. Entre mordidas e garfadas, eu sempre perguntava, com uma aparente sinceridade: “Por que você mora de aluguel se seu sogro poderia te dar uma casa muito melhor?”. Ele não conseguia responder. Primeiro ele achava que era uma coisa natural de brasileiros, e como eram negócios da família da mulher, ele não discutia muito. Uma hora, porém, de tanto eu provocar, ele resolveu assuntar. Começou com os cunhados, depois com os sogros... A dúvida se misturou com a sensação de autossuficiência de quem havia construído um patrimônio tão grande que não precisava mais pagar aluguel e foi se tornando desconforto. Quando se misturou com a bebida, os abusos e pileques, aí sim, virou revolta.

Semana passada, num confronto mais que aberto, todos os Figueira entregaram seus apartamentos de volta para Pilar. Numa mesma reunião, na mesma hora. Pelas minhas contas, eram quase 150 mil reais por mês a menos na conta dela. E muito mais ainda quando outras famílias se inspirarem na reação dos Figueira e seguirem o mesmo caminho. Pilar tentou reagir sem acusar o golpe:

“Fico feliz de ver o progresso dessa família que eu ajudei tanto. Só tenham cuidado porque essas novas casas podem ter energias com força para destruir a família de vocês...” – disse ela, ameaçando ainda com uma certa elegância. Era de manhã e ela ainda não havia começado a beber.

O mundo caiu mesmo foi quando os Figueira se mudaram imediatamente para lugares lindos, que vinham reformando há meses, sem que ela soubesse. Ela tomou o segredo como uma afronta.

A empresa do patriarca dos Figueira, aliás, é minha cliente. Eles fazem manutenção em aviões, uma das melhores do mundo, e tinham contratos em mais de 12 países. Como assessor de imprensa da companhia, recomendei uma grande *open house* na casa nova, chamando os ricos, os famosos, toda a sociedade paulistana. Coisa para sair nas colunas sociais. Recomendei também que eles não chamassem a Pilar. (Para não correr o risco de ela, embriagada, dar um vexame na frente de todos e roubar a manchete da festa.) “É uma recomendação que me entristece muito, vocês sabem, mas preciso dizer o que acho melhor para meu cliente, não para minha sócia”. Eles acataram sem tristeza.

A festa aconteceu faz três dias. Foi um estouro tão grande que continua saindo em colunas sociais por todo o país – certifiquei-me disso pessoalmente. Parece que o assunto da noite, aliás, pelo menos quando integrantes do grupo estavam sozinhos, era a tal “Revolta das Figueiras”, o nome irônico que deram para esse motim quase banal, mas que abalaria para sempre as estruturas do poder no grupo de Pilar.

De repente, era como se todos quisessem se juntar a eles. Alguns se dizendo revoltados, outros perdidos, muitos se dizendo deprimidos e sem chão. O que me embrulha o estômago. Essa gente é toda inteligente, não viram o que acontecia porque não queriam ver. Porque não era conveniente. Porque era mais agradável se achar especial diante de Deus do que olhar o que se passava bem diante do seu nariz. Porque era um bom investimento dar um dinheirinho para Pilar em troca dos conselhos que ela dava de volta. Conforme o grupo cresceu e os conselhos se diluíram entre mais pessoas, conforme Pilar passou a beber e perder sua acuidade mental, aquela farsa toda deixou de ser tão lucrativa. E aí, de uma hora para outra, todo mundo resolveu ser vítima de uma farsante. Interessante, não?

O desacato público dos Figueira estremeceu bem mais do que o sistema de aluguéis. Em poucos dias, outros integrantes do grupo passaram a questionar a céu aberto o que estava acontecendo. Os abusos verbais e financeiros de Pilar. Sua pretensa sabedoria. A santidade impossível de uma alcólatra sem modos. Foi como se uma venda coletiva houvesse sido tirada dos olhos de todos, sobrando apenas uma velha bêbada e sua cobra empalhada de estimação.

Só para comprovar, na oração seguinte da festa dos Figueira, a frequência diminuiu em cerca de 20%, e deve piorar. Mesmo na Casa Branca, a ala mais pobre e menos informada do grupo, já se fala que a missão de Pilar acabou. Se tudo andou devagar até agora, se esse meu post só chegou mais de um ano depois do último, a insurreição está a caminho, e vem com pressa. (O que é bom, porque também sinto minha condição deteriorando a passos largos.) E agora, com a Pilar mergulhada no copo e se sentindo tão acuada, será difícil para ela enxergar o que está acontecendo de verdade.

Eu não fui à festa dos Figueira, aliás. Estava de mudança. Para uma casa bem grande, que antes era habitada... pelo dono do evento! A julgar pelo beijo que recebi de Pilar quando perguntei se ela me daria a bênção de finalmente morar num de seus imóveis, esse foi o melhor investimento que eu já fiz na vida.

A fase dois começa agora.

1 COMENTÁRIO:



Laroiê 16 DE JANEIRO DE 2013, ÀS 12:12PM

Ótimo.
Agora é hora
de achar seu instrumento.
A justiça está por perto.

No lugar tão famoso por sua tranquilidade, a algazarra estava formada. Oxum, cega como a noite, de pé entre apenas dois, não três corpos. Oxalá gritando como nunca se viu. A multidão se aproximando para entender o que estava acontecendo, quase passando por cima dos 16 odus que tentavam manter a ordem. Mais gritos. Alguns me-deixem-passar e sai-da-frente aqui e ali, vindos de quem podia ajudar e de curiosos.

– Tragam Nanã aqui! – gritou Oxalá, em desespero, para o primeiro rosto que lhe apareceu na frente.

Ele, quem quer que fosse, e naquela confusão já não importava, passou a ordem para os que estavam logo atrás. E esses para os que vinham às suas costas. E assim por diante. O chamado deu voltas e mais voltas e continuou mesmo depois que ela já havia aparecido:

– O que está acontecendo aqui? – perguntou a velha orixá.

– Essa louca cortou a corda, e Orunmilá se foi! – respondeu Oxalá, em desespero.

Nanã olhou desconfiada para a jovem cega e para o corpo do pequeno Ifá ainda ali.

– Como é então que ele ainda está aqui? – perguntou ela.

– Não sei! Diz ela que havia acabado de cortá-lo quando eu cheguei.

– E como é que ficou cega? Quando saímos ontem ela enxerga...

– Não sei! Não sei! Por Olodumare, mulher. Temos que fazer esse trabalho logo antes que percamos os dois.

– Quem é o mais rápido aqui? – perguntou Nanã.

Exu se apresentou, quase ofendido com a pergunta. Ninguém é mais rápido que ele.

– Quero que vá ao pântano do outro lado e me traga muita lama.

– Quanta?

– Muita.

Nanã se pôs de pé e, com os olhos, acendeu um fogo num punhado de palha que trazia em uma das mãos. Oxalá, por mais poderoso que fosse, nunca entendeu direito os mistérios da vida e da morte como ela. Preferiu não interromper. Ela passou a fumaça num corpo e no outro e, olhando para a multidão, declarou:

– Antes de tudo, não esqueçam que foi ele que, quando chamamos, não quis vir – disse Nanã.

De fato, Orunmilá havia recusado seu convite para se tornar orixá. Se para a maioria dos irunmalés presentes aquilo ou pouco importava ou entristecia, para Nanã, aquele era mais um desaforo que fazia o irônico destino do babalaô, executado pela própria filha, parecer ainda mais doce. Com uma intensidade e satisfação de quem parecia roubar toda a força da terra para o próprio o peito, ela cantou. Suas palavras batendo como tambores:

*Todo todo, todo todo
todo mundo qué falá cum'Ifá*

*Todo todo, todo todo
Todo mundo qué ví vê o orixá*

*Todo mundo qué você, orixá
Orixá não qué sê...
ô Orunmilá!*

Os que estavam mais perto entenderam recado, marcando o ritmo com suas palmas ocas para aumentar a energia do som. Cada um no seu tom, num murmúrio coletivo ensurdecedor, eles repetiram:

(ô Orunmilá!)

Nanã olhou para Oxum com um orgulho desconfiado, mas a menina, cega como a escuridão, não correspondeu. Nanã prosseguiu com o canto:

*Todo todo, todo todo
todo mundo qué falá cum'Ifá
todo mundo qué se encará
com o orixá que a filha limpô, ô Bará
sem o pai que a filha matô...
ô Orunmilá*

Eles repetiram:

(ô Orunmilá!)

Oxum apertou os lábios com força, lágrimas lhe escorrendo pelos olhos e nariz. Nanã aumentou o tom, girou o maço de palha no ar e continuou cantando:

*O que tem nessa lama, ô'milá?
O feitiço das Oxorongá
Os favô das Iá Oxorongá
A cabeça pesada de Ifá, ô'Milá*

*Quêde o odú qué'la leva, ô lerê
Quêde a stória d'orum, ô lará
Quem levô pra você o xirê
Faz a festa pras Oxorongá*

Bate a testa pras Oxorongá!

E o povo acompanhou

(pras Oxorongá!)

Cada um que cantava, fazia aumentar ainda mais a fumaça de palha de Nanã. A velha Oxorongá separou o maço incandescente em dois e apontou cada um deles na direção de um corpo. Seu canto de repente ficou mais sombrio, como se engolisse a luz do sol. O ar não se moveu, mas a pele de

todos gelou:

*Todo todo, todo todo
Todo mundo qué ví vê o orixá
E quando o chão abre, ô dendê
cadê O'milá, ô dandá?
E quando água cobre, dendê
cadê o podê de Ifá?
Tá dentro do ovo, ô Yá?
Não mete na filha, ô Ifá
Perdeu o lugá, ô Ifá
Meteu e perdeu, o lugá*

Agô Oxorongá.

O coro repetiu:

(Agô Oxorongá!)

Suas mãos começaram a girar para cima e para baixo, ao lado do pequeno e do grande Ifá, fazendo de cada lado um círculo de fumaça que, por um encanto que poucos haviam visto, ficavam ali, como que guardados, engrossando os outros círculos que fazia Nanã.

– Shhh! – gritou ela de repente.

Os mais da frente se calaram, depois os de trás e logo nem os pássaros ousavam piar. A velha feiticeira usou os maços então como se chamasse algo ou alguém para passar por dentro dos círculos que não ousaram se quebrar. Ela chamou uma, duas, três vezes e finalmente aconteceu. Um fio de fumaça azul começou a subir do umbigo quase morto de Ifá, e um fio duplo, de cor clara, âmbar, do umbigo do pequeno Ifá. Conforme ela chamava, o fio dançava seu caminho até o centro do círculo que ela havia desenhado e ali ficava, dançando solitário.

*Salve o véio da cabeça de lama
da cabaça que não é orixá
Salve o corpo atrevido de fama
que se foi sem virá orixá
da cabeça, cadê o orixá?
Na cabeça do velho orixá
Vem a lama juntá cum'Ifá
E o barro sobrou de babá.*

Lá na cama do velho orixá.

Salve Orunmilá.

A multidão:

(Salve Orunmilá!)

Exu, que chegava de volta com a encomenda, não parecia gostar das palavras cantadas. Notando a reticência do mensageiro, Oxalá, que não entende tanto de morte mas entende muito de ar (e de Exu), por um instante tomou para si o canto que embalou a dança das fumaças:

*‘Gente faz o Iku ir buscá
na cabeça, o pequeno orixá
do orixá que morou...
em Orunmilá*

Ninguém entendeu o comando para que o acompanhassem. Mesmo assim, Oxalá continuou, olhando direto nos olhos de Exu:

*‘gora dança, mistério, e se apresse
o da pança que nunca se aquece
obedece a Iá Oxorongá*

Ele obedeceu.

Nanã indicou com a cabeça que Exu se aproximasse da pedra onde há pouco jazia o corpo de Ifá, sempre tomando cuidado para continuar movendo os braços devagar, embalando a fumaça.

– Derrame um pouco dessa lama aí no meio – murmurou a feiticeira.

O som agora era seco e quase surdo. As palmas ritmadas de todos juntos fizeram a fumaça dançar mais rápido, e mais e mais. Dentro das duas esferas a fumaça se movia tão rápido que mais parecia água que ar:

*Vem pra lama, esse filho e esquece
Vem pra lama, e a filha entristece...
Vem juntá com o corpo... de Ifá!*

Terminaram todos juntos, mais num grito que um canto:

(Vem juntá com o corpo de Ifá!)

Nanã juntou as mãos de uma só vez, numa palma estridente que fez as duas esferas de fumaça se juntarem em uma só. Do mesmo tamanho, porém mais densa e vagarosa. Por fascínio ou surpresa, as palmas foram diminuindo e Nanã teve que intervir, levantando o queixo na direção dos que paravam. Ainda havia muito o que fazer.

A massa de ar passou a se mover mais rápido novamente, e a fumaça azul e a âmbar formaram uma massa verde e amarela nervosa e arisca. Quando Nanã tinha sua mão em cima, ela tentava escapular por baixo. Quando a mão ia para um lado, a massa se esticava para o outro. A feiticeira, todavia, sabia o que estava fazendo e em momento algum se assustou, embora ninguém mais ali, se fosse gente ainda, ousaria respirar.

Ela deixou a fumaça se mover mais e mais. Quando decidiu que estava no ponto, puxou a esfera de fumaça, agora espessa como um melado, com o indicador e a levou na direção da pedra onde Exu

havia derramado a lama. Sobre essa base, Nanã conduziu a calda quente e grossa, mistura de Ifá com seu filho mais forte. Conforme escorria, a calda ia formando a forma perfeita do corpo de Ifá. O tipo de coisa que só faz quem bem conhece sua magia ancestral.

Sobre a pedra fria, a calda foi perdendo temperatura e voltando à cor que tinha Ifá antes de se tornar fumaça, antes de começar a desaparecer. Nanã então olhou para Oxalá, interrompendo seu ritual de supetão, e perguntou:

– Está mantida então a promessa? O poder de enxergar o futuro será de todas as mulheres a partir de hoje? Não só as feiticeiras, mas todas as que um dia beberem água? Não só as encantadas mas todas do Orum e do Aiê?

Oxalá engoliu o que ainda tinha de saliva na boca e confirmou:

– Se Ifá voltar como você promete, sim. Todas as mulheres nascidas e bebidas terão na água, o elemento que vocês regem, o poder de enxergar o futuro.

O zum-zum-zum foi instantâneo. Tanto entre os homens que protestavam quanto entre as mulheres que celebravam.

– Silêncio! – gritou Nanã. – Deixem os mais velhos falar!

– Mas só Ifá terá acesso aos conselhos dos odus sobre o que fazer a respeito do que virem. Vocês terão que interpretar as imagens por sua própria conta, usando a intuição de que tanto se gabam.

Naná se deu por satisfeita.

Com suas próprias mãos, a rainha das Oxorongá pegou o pesado balaio de lama que mesmo Exu tinha dificuldade de carregar e, como se estivesse cheio de penas, o levantou acima da cabeça e a derramou, primeiro sobre o corpo de Ifá, até cobri-lo por completo, o que sobrou derramou sobre a própria cabeça e dividiu com as mulheres mais próximas, que esticavam suas mãos por um pouco da lama mágica de Nanã.

Uma festa sem tamanho explodiu no alto da montanha. Uma música que vinha não se sabe de onde inundou o lugar. Por todo lado, enquanto os homens olhavam em choque, mulheres dançavam sua vitória. Uma delas então tirou a roupa, apontou o lago e gritou o mais alto que pôde:

– Águaaaaa!

No mesmo instante, as outras dispararam para acompanhar. Eram mulheres de todas as idades e formas mergulhando no lago (até então sagrado) de Ifá. Os odus tentavam, em vão, controlar o movimento, mas elas eram muitas, e os homens ainda estavam chocados demais para reagir ao que ocorria.

– Saiam daí! – gritavam os príncipes do destino.

Elas mergulhavam, jogavam a água sagrada umas nas outras, derramavam-na nas bocas umas das outras. Reagindo a tanto estímulo, o lago começou a mostrar imagens cada vez mais misturadas, de cada vez mais gente. daquelas que haviam lhes pedido favores, hospedado suas filhas, rogado por proteção... de cada uma delas!

Exu era o único homem que se divertia com a confusão. Chegou até a começar a tirar a roupa para se lançar nas águas junto quando avistou uma dupla conversando ao fundo.

Euá caminhava devagar, mancando com a perna amarrada numa tala, o rosto inchado e ferido. Braço pendurado sem força. Parecia sofrer de dor. Mesmo assim, conversava com o amigo Oxóssi, meio horrorizada e surpresa por aquela euforia tão vulgar. Cruzaram o olhar, Exu e Euá. Ela não parecia muito contente.

– Venham ver isso – disse ele, ignorando o sinal da senhora dos mistérios e trazendo os dois pelos braços até a beira d'água.

Exu tocou a água com um dos pés e tirou rápido. Enquanto ele encostava na água, as imagens, que

piscavam frenéticas, se congelaram em uma imagem única. Ele tirou o pé antes que pudessem entender, e a sequência rápida voltou. Ele então repetiu o gesto, agora com mais tempo para que a dupla pudesse enxergar o que acontecia. Ninguém por perto parecia interessado nas imagens do lago. Elas só queriam festejar, eles pareciam deprimidos demais para notar qualquer detalhe no lago que houvessem perdido.

Exu, todavia, parecia fazer questão de que seus jovens amigos enxergassem o que ele queria mostrar. Tocou a água mais uma vez. Nas imagens que se formaram, uma mulher velha com uma cobra negra no pescoço gargalhava a humilhação. Um senhor baixo e gordo, de pele nem clara nem escura, parecia triste e desesperado. Um jovem rapaz com os cílios marcados de giz gargalhava detrás de uma grande mesa. Euá e Oxóssi podiam ouvir o que eles pensavam, o que tinham feito e o que iriam fazer. Em um instante enxergaram o que se passou pela cabeça do rapaz dos olhos riscados, o que ele havia feito com aquele senhor tão distinto, como o torturou e o enlouqueceu por prazer e benefício próprio.

Horrorizada, Euá comentou com dificuldade:

– Se há um tipo de gente que merece se perder na própria loucura, é esse sujeito vil.

– Eu não poderia dizer melhor – respondeu o caçador Oxóssi, ao seu lado.

Foi Exu, no entanto, que sugeriu que eles fizessem as honras da casa. O velho lago do destino podia levar feitiços a qualquer um, desde que a magia fosse forte e a pontaria certa.

Contaminados pela euforia geral, a dupla se permitiu sorrir. Oxóssi sacou uma flecha e a preparou contra seu velho arco. Euá aproximou a boca deformada à ponta de flecha e soprou um vento frio e branco que continha a pior loucura que ela conseguiu manifestar. Oxóssi aguardou que a fumaça penetrasse na ponta da flecha e, com um olhar, pediu que Exu tocasse novamente a água.

Ele o fez, e Oxóssi atirou sua flecha para o alto, o mais alto que conseguiu. Ela fez um arco próxima ao sol e desceu, furiosa, atingindo a imagem do rapaz bem no meio do peito. Exu tirou o pé da água, antes que alguém notasse. Tarde demais. De longe, um par de olhos furiosos apontou para o lago. Do outro lado, vinha uma voz muito mais faceira e animada:

– Agora é minha vez! – gritou Iemanjá, chegando de longe.

Ela corria, desequilibrada pelo balanço dos peitos enormes, decidida a entrar. Foi deixando a roupa pelo caminho e entrou, espalhando água para todos os lados.

Entrou no lago até os joelhos, os odus tentando impedi-la.

– Não se incomodem, esse lago não serve pra nada mesmo! Agora que ele só mostra o passado, quem enxerga o futuro tem mais é que mergulhar mesmo!

As outras mulheres, em sinal de respeito, saíram para que o lago fosse todo de Iemanjá. Afinal, havia sido ela quem, por uma eternidade, mais lutara para que as mulheres tivessem esse direito. Elas apenas aplaudiam.

Sob o controle de Iemanjá, o lago então trouxe de volta as imagens da senhora que carregava uma cobra no pescoço. E do mulato triste e louco que ela ameaçava destruir. Euá e Oxóssi ficaram curiosos porque aquele era o mesmo homem que o rapaz de cílios brancos estava planejando destruir. Talvez ele não fosse tão bom assim para ter duas pessoas no seu encalço? Talvez fosse bom demais? De dentro d'água, Iemanjá, entretida com o banho e a festa, não percebeu as imagens no fundo do lago se alternando entre o algoz de sua filha e o mulato.

O mesmo, porém, não se podia dizer de Xangô. Ele já havia visto aqueles dois. Mais precisamente, no dia em que atacou o fundo do lago com suas pedras de raio, fazendo o fluxo das imagens correr para trás. Naquele dia, o que ele enxergou foi o futuro, uma injustiça que ainda não havia acontecido, contra um homem que Xangô se sentiu na obrigação de proteger, talvez por ser um

oficial da lei. Agora, parecia que talvez houvesse algo mais. Curioso, ele se aproximou. Chegou tão perto, que tocou a água e a imagem do mulato se congelou e olhou direto para os olhos do orixá do trovão. O olhar triste do velho oficial de justiça com vontade fraca mas boas intenções o fez lembrar Julien. Xangô sentiu o peito apertar. E, de repente, o lago lhe mostrou. Transformou a imagem do senhor a quem chamavam de Eliel na imagem de seu querido Julien. De um para o outro e de volta ao primeiro. Os mesmos olhos, trejeitos, vontades. Não era uma coincidência. Eliel era o retorno de Julien!

Xangô procurou, nervoso, suas pedras de raio e sacou a maior de todas. Duas, aliás, uma em cada mão. Gigantes, poderosas, capazes de fazer um estrago. Seu corpo inteiro tremia. Ele havia prometido que nunca mais faria isso. Só que agora era diferente.

– Da outra vez eu errei a mira, agora não! – murmurou Xangô.

De longe, Exu acompanhou curioso, como se a movimentação acontecesse mais devagar que o tempo. Xangô se jogando na direção do lago. Quatro príncipes odus correndo em sua direção. As pedras de raio deixando sua mão antes que pudessem segurá-lo. O olhar apavorado de Iemanjá ao ver que as pedras estavam vindo na sua direção.

– Nãããããã! – gritaram eles, cada um de seu lugar.

Tarde demais.

Caro Laroîê,

Pilar é muito perspicaz. Tem percebido como sua influência diminui de geração para geração. Meses atrás, numa sexta-feira pós-oração, quando muitos já haviam ido embora e não havia mais que dez pessoas na casa, Pilar contou uma história de quando ela era criança.

Disse que, aos seis anos de idade, tinha uma cobra de estimação. Preta e brilhante “que nem testa de crioulo de obra”. Ela chamava o bicho de Saracura, que na verdade é nome de um pássaro, mas vai entender cabeça de criança. A cobra dormia na cama com ela, todos os dias. Uma noite, ela acordou com um barulho vindo da sala. Coisas quebrando, gargalhadas... vozes desconhecidas. Enrolou a cobra num cobertor, “ela tinha frio de noite”, e foi ver o que estava acontecendo. A Saracura foi junto, embrulhada como um bebê.

Sua mãe, Dona Palmira, estava deitada no chão, quase desacordada, bêbada. Se mexia pouco, mal abria os olhos nem conseguia articular as palavras. Sua saia estava levantada até a cintura, a blusa desabotoada. Dois homens, ambos embriagados, embora menos que ela, se ajoelhavam em volta – um sem calça e outro quase, tinha o short arriado até os joelhos. O de short lhe lambia os peitos, e ria, cobrindo o colo da mãe de Pilar com uma baba espessa, que se espalhava de modo asqueroso pela barba desgrenhada e suja. O outro segurava com as duas mãos o braço flácido de Palmira, tentando inutilmente que a mulher lhe provisse alguma atividade entre suas pernas. A pequena Pilar parou no corredor, olhando aquelas bundas brancas, enormes. Tinha medo, raiva e muita tristeza. Mas sabia o que fazer, ela mesma me contou.

Os homens ouviram o barulho:

“Vai pra cama, neném”. Isso aqui não é pra criança ver não – gargalharam alto, e voltaram a bolinar sua mãe.

Pilar não obedeceu. Pisando de leve com suas meias de dormir, se aproximou. Já estava perto o suficiente para sentir o cheiro de cachaça e suor quando um deles, notando que ela ainda estava por perto, virou-se para trás e gritou novamente, dessa vez com raiva:

“Sai daqui moleca! Senão vou aí te dar uns cascudos”.

Em vez de correr, porém, Pilar jogou a cobra em cima do sujeito:

“Mata ele, Saracura!”. – gritou ela, com toda força de criança que tinha. E a cobra obedeceu. Agarrou no braço do homem e mordeu-lhe o ombro com força. Ele gritou de dor e rolou no chão, gritando mais, um lado inteiro do corpo ficando roxo. Pilar se escondeu atrás do sofá. O outro homem saiu porta afora, segurando o short na mão, gritando por socorro. Ela ficou ali, escondida, quieta, até a polícia chegar. Sua mãe só começou a acordar com o barulho das sirenes:

“Pilarzita?”. – chamou.

Os policiais chegaram quando o barbado já estava morto. Encontraram a cobra atrás do móvel de TV e a mataram ali mesmo, com um tiro. Dona Palmira, já acordada, segurou Pilar nos braços enquanto a menina gritava para que não machucassem a Saracura.

“Para! Ela não fez nada! Eu que mandei ela morder o moço!”.

Diz Pilar que, de tanta dó, Dona Palmira mandou empalhar a cobra e a filha nunca mais se separou

dela. “A Saracura me protege...”

A história se espalhou, e aumentou conforme se espalhava. Logo o grupo todo já sabia da verdadeira origem da Saracura, a cobra empalhada que Pilar adora levar para os lugares. Por que uma história tão dolorida ficou escondida por décadas, até aquele dia? (Minto, os Figueira aparentemente conheciam, pois balançavam a cabeça confirmando tudo, quase como se o pai deles fosse um dos policiais ou algo parecido) A história voltou não por causa da Saracura, mas porque ela queria dizer que, quando preciso, manda matar. Aquela era uma ameaça, contada de uma forma dramática, para ninguém nunca mais esquecer.

Pilar mandaria me matar, se soubesse o que estamos tramando. E é por isso que eu não sinto a menor culpa de matá-la também. Já que não tenho futuro mesmo, mato sim, sem remorso. Contudo, se você insiste que eu não faça o trabalho com minhas próprias mãos, nem encomende diretamente de nenhum amigo justiceiro, precisaremos de um plano.

Mais que tudo, preciso encontrar alguém que tenha bagos para isso, ou que seja capaz de uma explosão de raiva tão grande que faça o trabalho sem pensar. Essas pessoas existem, e às vezes são as que você menos considera. Para levar alguém a um extremo-tão-extremo de querer assassinar uma pessoa, porém, para empurrá-la escuridão adentro com tanta violência, vou precisar de um certo... desapego moral. Espero que o inferno seja mesmo só um mito.

Precisa ser uma pessoa em quem ela confie. E não deve ser difícil fazer com que alguém próximo dela queira matá-la, visto que essas são as maiores vítimas do abuso daquela mulher. O trabalho aqui será criar um ódio, explosivo e cego, junto com uma sensação de desamparo, de abandono... uma decepção tão grande que nada mais importe. A pessoa precisa se sentir sem chão, traída no mais alto grau.

O único caminho que consigo imaginar é conseguirmos manipular a própria Pilar a focar seu abuso em alguém que tenha temperamento para isso. Se possível, que ela me use para parte desses trabalhos sujos, para que eu possa gravar as conversas, os pedidos dela, e levar a público na hora certa. Melhor que ninguém saiba da participação dela até que eu revele, na hora certa. Quando eu soltar as informações no mundo, nosso executor tem que ficar tão louco que apenas uma reação seria possível. Como uma menina de seis anos mandando a cobra matar o homem que maltrata sua mãe.

E digo mais: acho que precisamos de dois executores, para o caso de um deles querer acertar as contas comigo, em vez de com a mentora. Só por precaução.

Eu posso tentar colocar algumas ideias na cabeça dela. Será mais fácil se estiver insegura. E esse caminho, como tudo relacionado a Pilar, passa pelo dinheiro. É de lá que ela tira sua força e influência. Se comprometermos seus outros investimentos e transformarmos a NFB em sua principal fonte de receita, eu talvez tenha mais controle, sem que ela note o que estamos fazendo. E isso não é difícil. Posso começar plantando notícias ruins sobre as empresas de que é sócia. Um ataque sistemático a todas as suas empresas, menos a minha. Se notícia boa custa caro pra sair (por isso minha agência de assessoria de imprensa vai tão bem), notícia ruim precisa apenas de um boato. Tenho amigos e inimigos suficientes na imprensa para isso. Dez anos de mercado ajudam muito nessa hora.

Atacar apenas as empresas não vai funcionar, contudo. Nos últimos 20 anos, Pilar investiu a maior parte de sua receita em imóveis, que aluga a preço de ouro exatamente para o pessoal do grupo. Acho que, enquanto não quebrarmos essa receita fácil que ela já tem garantida, não a teremos fragilizada o suficiente para atacar. Tenho uma ideia a respeito que quero tentar, um rapaz que trabalha comigo... Deve demorar alguns meses para dar resultado, mas acho que consigo fazer acontecer. *Stay tuned.*

Resumindo, o plano é o seguinte:

Fase 1: abalar as finanças de Pilar e tornar a NFB sua principal fonte de renda para que eu seja sua pessoa de maior confiança.

Fase 2: encontrar duas pessoas em que Pilar confie, e fazer com que ela me ordene coisas horríveis, que façam com que essas duas pessoas de extrema confiança se sintam traídas e abandonadas. Gravar tudo.

Fase 3: soltar as evidências de que Pilar ordenou esses ataques pessoais para gerar um momento de loucura, de ódio cego. E torcer para que uma delas cumpra o que esperamos.

O maior risco desse plano é que, ao gerar tanta raiva para cima de mim, pode ser que um deles acabe comigo antes do serviço estar terminado. Então, quero fazer um acordo. Se eu colocar o trabalho em execução, mas o resultado acontecer depois que eu morrer, você cuida do que combinamos do mesmo jeito.

É importante também documentarmos nossas conversas com detalhes aqui nesse blog (eu fechei o conteúdo com senha para ninguém ver, dado o tipo de coisa que estamos tramando) para que eu consiga manter o foco e não esquecer.

Agora é comigo.

Axé,

New.

PS: Muito obrigado por responder, e tão rápido. Prometo que mato e não pergunto por quê. Não me interessa. Se você conseguir mesmo me dar o que pedi, estamos fechados.

5 COMENTÁRIOS:



Laroiê 16 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 8:42PM
Me mantenha informado.



Laroiê 16 DE DEZEMBRO DE 2011, ÀS 9:09AM
Quero progresso.



Newton Fernandes 18 DE DEZEMBRO DE 2011, ÀS 8:47AM
Tudo indo bem, mas preciso de mais tempo.



Laroiê 23 DE DEZEMBRO DE 2011, ÀS 3:11PM
O tempo é pior para você.
A responsabilidade é sua.



Newton Fernandes 2 DE JULHO DE 2012, ÀS 8:42PM
O plano engrenou e começa a tomar velocidade. Apenas mais alguns meses, prometo. Por favor, avise a ela que falta pouco.

As duas pedras de raio voaram na direção do lago e explodiram a poucos passos de Iemanjá.

BAM!

Com a explosão, a velha orixá foi jogada longe. Quando chegou ao chão, num pouso desajeitado e barulhento, já estava desacordada.

A música aquietou. Todos emudeceram juntos.

O lago sagrado do destino havia se tornado apenas um grande buraco seco. O antigo rombo no fundo, que havia invertido o sentido da leitura, havia fechado, isso era verdade. Não havendo água alguma para segurar, havia se tornado ainda mais inútil.

Com exceção de Oxalá, que não tirava os olhos da casca negra que traria Ifá de volta à vida, todos olhavam incrédulos para Xangô, mal acreditando em tamanha irresponsabilidade. O rei do trovão, porém, não se arrependeu.

De repente, pelos minúsculos espaços entre as pedras que cobriram a antiga cratera causada por Xangô, um fio d'água começou a correr. E aumentou. E cresceu, até encher o lago novamente. Iemanjá, que acabara de acordar do desmaio, cambaleou até a margem do lago e o tocou.

Viu, e só ela e mais poucos entenderam, uma gigantesca cobra preta destruída. O futuro estava de volta. Em seguida, o rio se formou novamente, seguindo seu caminho natural de descer, em vez de subir, a encosta da montanha, como manda a tradição. Enfim, mesmo que por motivos estranhos, as coisas voltavam ao normal.

– Nanã deve estar louca para esse dia acabar–, pensou Iemanjá, ainda zozza, mas feliz.

Num instante a festa estava de volta. A música a dança... mesmo os odus haviam parado de tentar impedir a bagunça e, espalhados por diferentes cantos da esbórnica, sentaram e celebraram a volta de seu querido lago do destino. Até Xangô eles cumprimentaram.

Dessa vez, ninguém se importou com os resmungos rabugentos de Nanã. Nem mesmo Iansã. A guerreira correu de longe, saltou sobre Xangô com tanto ânimo que o derrubou no chão. Acertou-lhe um beijo forte, na boca, que raios e trovões se juntaram à comemoração. A partir daquele dia, Iansã resolveu, sem descolar dos lábios de Xangô, que iria continuar respeitando a ancestralidade de Nanã, mas se restringiria a fazer o que achasse certo. Ficaria em paz com seu amor, seus amigos eguns e pronto.

Nanã bufou como um rinoceronte nervoso, e andou em direção nenhuma, só para sair de perto mesmo. Foi quando ouviu mais um grito:

– O barro está rompendo! O barro está rompendo!

Num instante, sua rabugice se foi. E o beijo de Iansã se interrompeu, a festa das mulheres acabou. E a perna manca de Euá se curou. Todos queriam estar perto para testemunhar o momento que seria contado para sempre (e mais um pouco): o retorno de Ifá.

Como uma ave saindo de um ovo negro, Ifá quebrou a casca de lama que o continha e tentou sentar-se devagar.

Caiu, sem forças.

Tentou mais uma vez e novamente não conseguiu.

Foi acudido por Oxalá, que lhe deu a mão, depois um abraço.

Um abraço não correspondido, aliás. Ifá parecia distante, muito longe.

O que importava, no entanto, é que Nanã havia cumprido sua promessa. Ele estava vivo.

– Ele vai voltar devagar, e estaremos todos aqui – assegurou Oxalá (mais por vontade que por conhecimento).

E deu um passo à frente do velho amigo, aguardando ser reconhecido ali mesmo. Ifã, no entanto, não reconhecia nem o velho Oxalá, nem nada, nem ninguém. Olhava apenas em volta, assustado, como se não tivesse ideia de onde estava ou quem era aquela gente.

– Deve demorar alguns dias ainda, talvez até semanas, para ele recobrar a memória – disse Nanã, em apoio a Oxalá (mais por pena que por certeza).

No meio de tanta confusão, a única sorrindo era Euá. E Exu o único a notar. A senhora dos mistérios não tinha mais hematomas, talas, inchaços. Euá estava de volta linda como sempre. Ela olhou na direção do mensageiro dos orixás e piscou.

– Te peguei – disse de longe, com os lábios em silêncio.

A gargalhada gigantesca de Exu cortou o ar como uma espada afiada.

– Genial! – murmurou o mensageiro, para si mesmo.

– O quê? – perguntou Iansã, confusa.

– Aguarde – disse Exu. – Grandes surpresas estão por vir.

Ifã estendeu a mão e segurou na primeira que encontrou. Levantou-se com ajuda do apoio anônimo e olhou em volta, sem rumo. De repente, seu olhar parou em Oxum.

– Ele vai acabar com ela – murmurou Iansã para o mensageiro.

– Shhhhh – ele respondeu.

Ifã caminhou com dificuldade até Oxum, que, alheia à movimentação, só reagiu quando ele a tocou. Um toque suave, que lhe prendeu o cabelo atrás da orelha. Oxum não se moveu, só tremeu e chorou, como se soubesse o que estava por vir pelo puro silêncio ao seu redor.

Ele levantou a outra mão, devagar. Uma eternidade... e tocou o rosto de Oxum dos dois lados, apertando de leve. Tentava falar alguma coisa, mas parecia que a garganta não obedecia. Aproximou seu rosto do dela, então lhe beijou a ponta do nariz e a abraçou. Os dois choraram sozinhos.

Exu havia caminhado para junto de Euá.

– Bom trabalho – disse ele, orgulhoso.

Diante das centenas de testemunhas, Oxum interrompeu o abraço e segurou com as duas mãos o rosto de Ifã, como ele fizera com o seu. Seus olhos não eram mais brancos e vazios. Tinham de volta a cor de mel que tanto encanto e ódio havia levantado pelo mundo. Ela enxergava de novo. Mas isso não importava tanto assim. Ela os fechou e, em mais um abraço, enterrou o rosto no pescoço de Ifã, agora soluçando.

– O que...? – perguntou Ifã, a voz lhe voltando lentamente.

Oxum o segurou pelas mãos e segurou os olhos nos dele por alguns instantes, como se o preparasse para um grande evento. Levou-o então na direção do lago do destino.

– Lago! – disse Ifã, com um encanto inocente de quem o via pela primeira vez.

– Esse mesmo, babá. Você terá muito tempo para brincar com ele. Mas agora preciso que você veja outra coisa.

Caminharam até a beira da água, onde Oxum ajudou-o a se ajoelhar no chão e apontou para baixo.

– Veja seu reflexo – disse ela.

Ifã obedeceu. Curvou-se sobre a água à procura de sua imagem refletida. Arregalou os olhos, devagar. Tocou o próprio rosto, depois olhou para Oxum, olhou de volta para o reflexo, e para ela de volta. Parecia confuso.

– Meu amigo Ifã! – gritou Oxalá, vindo em sua direção.

Nanã, que começava a entender, vinha logo atrás. Chegando diante de Oxum, olhou para a menina e não achou o que procurava. Varreu a multidão à procura de um sinal. Euá lhe acenou com um sorriso cínico e confiante. Nanã estava tão curiosa, todavia, que decidiu não criar a quizumba que quase criou.

– Esse é seu novo corpo, meu pai – disse Oxum.

– Ifá! – saudou Oxalá.

– Oxalá? – respondeu Ifá.

Os dois se abraçam, de um lado, depois do outro.

Ifá então abraçou Nanã.

– Vocês... paciência... comigo. Memórias... misturadas...

Olhando para cima, o orixá do destino reconheceu os 16 odus. Acenou-lhes com os braços fracos e abraçou-os um por um, com um carinho e respeito que até eles mesmo estranharam:

– Mestre Okanran, Mestre Ejiokô, Mestre Etaogundá, Mestre Irosun, Mestre Oxé, Mestre Obará, Mestre Odi, Mestre Ejionile, Mestre Ossá, Mestre Ofun, Mestre Owanrin, Mestre Elixeborá, Mestre Ejilogbon, Mestre Ikaori, Mestre Ogbeogundá, Mestre Alafiá...

Depois Ifá virou-se para Oxum e perguntou:

– Eles... não têm... ideia?

–Nenhuma, babá.

– Você... explicar. Até eu... curioso.

Oxum explicou.

Quando entendera as consequências de suas escolhas, Oxum ficou com muita vergonha. Tanta que, quando todos se foram e ela ficou sozinha, pediu para Olodumare que a terra lhe engolisse ali mesmo e ela sumisse de vez do mundo dos encantados. Implorou para que tudo voltasse a ser como era antes de ela ter aparecido por lá. Foi quando veio o nevoeiro.

Primeiro, ela achou que era Olodumare e que ele iria queimá-la viva. Estava pronta para isso.

Mas não.

– Uma voz doce de mulher sussurrou no meu ouvido: – Eu viajei por todos os mundos e tempos para lhe ajudar. Se você quiser, eu cuido de tudo pra você.

Oxum tentou responder em pensamento, para os odus em guarda não ouvirem:

– Faça o que tiver que fazer.

– Só tem uma coisa – respondeu a voz. – Meus poderes só funcionam em segredo. Então, para que tudo dê certo, você terá que perder sua visão.

Oxum consentiu e, no mesmo instante, tudo escureceu.

– Logo depois vocês chegaram – disse ela. – Eu estava decidida a ficar ali até que algo acontecesse, não se duvida da voz de Olodumare.

– Não foi Olodumare que lhe falou, sua doida – gritou Exu.

– Por que não? – interrompeu Nanã, enfim atenta.

– Numa coisa você tem razão, Olodumare não precisa esconder seus poderes em mistério ou cegueira.

– Nem tem voz de mulher – disse Oxalá.

– Claro que tem! – disse Nanã.

– Claro que a voz é de mulher! – confirmou Iemanjá.

– Chega, minha gente, não vamos começar de novo com essa discussão de milênios. A voz não era de Olodumare, pelo menos não da sua garganta – disse Exu.

Iansã não entendia por que de tanta discussão. Não havia mais ninguém ali que sabia se

transformar em neblina além de Euá. Além do mais, quando ela, Euá e Exu trouxeram o corpo de Orunmilá para cima, Exu havia feito Euá colocá-lo numa cabaça.

– Eu não conseguia imaginar como, a cabaça era muito pequena – comentou Euá – Então ele me contou que Iá Nanã uma vez escondeu prisioneiros dentro de cabacinhas bem menores, transformando-os em fumaça, do mesmo jeito que ela fez hoje. Então eu tentei e funcionou.

– Linguarudo! – disse Nanã.

– Shhhh – respondeu Exu. – Deixa a menina contar!

– Shhh que nada, moleque – protestou a velha feiticeira, menos irritada do que queria parecer – Misturar o axé de um homem com seu orixá é muito mais complicado que colocar alguém numa cabaça...

Euá continuou:

– Eu sei. Eu tive que saltar daqui de cima e virar nevoeiro para poder atravessar o rio...

– Não precisa explicar mais, menina – interrompeu Nanã, como se Euá estivesse prestes a revelar um grande segredo. – Eu já entendi. Tem coisas que só se conta para quem já sabe.

Euá olhou para Exu e novamente compartilharam um sorriso.

– E a cegueira? – perguntou Iansã.

– Quando eu voltei – continuou Euá – sabia o que precisava fazer. – Então pensei: eu não posso fazer esse segredo com Oxum olhando. Se ela topasse perder a própria visão para poder trazer o pai de volta, eu a ajudaria. Quando ela concordou, eu roubei sua vista e escondi dentro de suas próprias lágrimas. Aí fiz o que tinha que fazer. Transformei o corpo de Orunmilá em fumaça. O de seu pequeno Ifá também, e misturei os dois igualzinho, um pouco mais desajeitada que Iá Nanã fez de novo na frente de vocês. Depois coloquei ambos dentro do corpo do pequeno Ifá. Como nunca tinha feito isso antes, não encostei no corpo de mestre Ifá, e disse para Oxum que, quando questionada, dissesse que ela mesma havia mandado o pai embora, para que Nanã pudesse continuar com seu trabalho sem desconfiar.

– Ideia quase tão boa quanto as minhas! – disse Exu.

Enquanto todos riam alto e concordavam, Nanã se aproximou de Oxalá e disse-lhe ao pé do ouvido:

– Trato é trato.

– Está feito. Não se preocupe.

– E a profecia, acredita agora?

– Você diz a profecia que você mesma inventou?!

– “A vilã se tornará a heroína”... funcionou, não funcionou?

– Eu vou começar a fazer profecias também. É só dizer algo sem sentido e repetir feito um tonto até que ela aconteça.

– Cala boca!

E foi assim, depois de tantas gerações em guerra, que o equilíbrio foi restabelecido no Orum. As mulheres do Orum e do Aiê conquistaram o poder de olhar o futuro nas águas do mundo, mas somente um orixá (ou melhor, dois?) podia consultar os 16 odus para determinar as oferendas com precisão.

Por um tempo, foi confuso: Ifá e Orunmilá precisaram aprender a entender as próprias memórias para poder voltar a usar o grande lago como antes. Grandes amigos que foram, no entanto, com tantas aventuras juntos, tinham mais em comum do que tinham de diferenças. Eventualmente, não havia mais como separar um do outro, e eles passaram a responder e trabalhar como um só.

Até hoje atendem pelos dois nomes. Ifá é Orunmilá, Orunmilá é Ifá. Dois que são um.

Ficaram tão agradecidos, aliás, que declararam que Oxum, a partir daquele dia, se tornaria o

décimo sétimo odu. A única princesa do destino.



Dessa vez, Oxalá preferiu uma caminhada sem chuva e sem vento, próxima ao pôr do sol. Nanã não discutiu.

Caminharam e falaram de todas as coisas que não importavam antes de chegar aonde queriam chegar.

– E agora que vocês conseguiram o que queriam, o que acontece? – perguntou Oxalá, com uma curiosidade genuína.

– Não sei, meu velho. Mas a gente arruma outra coisa pra brigar.

– Verdade. A gente sempre arruma.

Saíram então de braços dados, como sempre saíam toda vez que caminhavam juntos, e como sempre sairão.

Caro Laroîê,

De tudo, o que mais sinto falta é da Duda. Não me arrependo de ter desviado o destino do mundo, porque isso de as mulheres não terem direito não deveria ter lugar nem nos tempos de onde você veio. Também já me resolvi com as torres gêmeas. Não pedi que ninguém fizesse nada daquilo, e, se eu pudesse ter evitado, não saberia como. Remorso zero.

Mas a Duda, não. Essa eu me arrependo.

Minha Duda era moderna. Um dia ela me disse que, quando me conheceu, só queria me comer. Que nem eu só queria comê-la também. Mas fomos descobrindo que gostávamos de comer bem (o outro tipo de comer), de ler bons livros e de ouvir Guns N' Roses no volume máximo. E aí ficamos cada vez mais próximos, sem nunca nem tentar rotular nossa relação. Teríamos durado para sempre.

Confesso que tive muita raiva quando ela morreu. De mim mesmo, de você, dessa situação bizarra que me enfiaram a contragosto. Tudo que fiz a partir de então foi para agredir você o máximo que pudesse. Não estou dizendo que fui embora com a Pilar por isso. Não, essa eu escolhi para ficar rico mesmo. Mas depois que o mundo se cagou todo, eu mergulhei fundo porque sabia que não era o que você queria.

E, quer saber? Talvez a Pilar seja sua inimiga ou sei lá o que, mas aprendi muito com ela. Ganhei mais dinheiro do que imaginava. A cada contrato que fechava, a cada milhão que colocava na conta, pensava em como você deveria estar irritado. Fiz isso por anos, aguardando um sinal. Você nunca se manifestou. Até que, de uns tempos para cá, comecei a receber umas mensagens estranhas por e-mail e pelo Facebook.

De repente, um monte de gente desconhecida começou a perguntar da minha vida. Das coisas pelas quais passei no *Jornal*. Da Pilar. Da Duda em particular – todo mundo queria saber da minha relação com ela ou dar uma opinião sobre o que eu devia fazer ou deveria ter feito. Sabiam de detalhes que eu jamais contei para ninguém, a não ser para você. Diziam que haviam lido a minha história em algum lugar. Um livro, ou um rascunho de um livro... De repente, comecei a me perguntar se seria esse o sinal pelo qual tanto esperei. Depois de dez anos, estaria você oferecendo uma trégua? Uma bandeira branca? Um convite à reconciliação? Talvez seja coincidência, embora não acredite nisso, especialmente se tratando de nós dois. Mas acontece que eu também preciso de você. E se tiver que pedir perdão, coloco-me de joelhos, bato cabeça, faço o que precisar. Não tenho mais tempo pra orgulhos de folhetim.

A verdade é que, apesar do dinheiro, da empresa de sucesso, da fama... a lembrança da minha Duda continua me assombrando. Digo, abençoando. As memórias do que passamos, eu e ela, são a melhor parte do meu dia.

Nas minhas experiências, por acidente descobri que, usando doses mais altas de ketamina, aquela droga que a Yara me apresentou e a Pilar usou para me derrubar no processo de “limpeza”, eu conseguia encontrar com a Maria Eduarda de novo. Não a de verdade, claro, mas durante aquelas poucas horas, eu tinha certeza que era ela mesma. Se estivesse com garotas de programa, melhor ainda, porque elas não reclamavam de eu chamá-las por outro nome. Nem queriam muito mais do que

dinheiro e sexo. Não exatamente meus termos de uso com a Duda, mas perto o suficiente.

Com as putas e a ketamina, eu tinha a Duda de volta.

Aí, eu exagerei. Um dia, lembro bem, senti uma dor de cabeça forte, como se alguém tivesse acertado uma flecha no alto da minha cabeça. A dor aumentou, eu gritei, ajoelhado no chão. Contam que depois meus colegas de trabalho me encontraram gritando na minha sala. Assessores e secretárias me seguraram na cadeira enquanto eu gania e chorava, em desespero. Lembro vagamente que tudo parecia coberto de *fog*. Eu ouvia a voz da Duda me chamando de todos os lados... como se estivesse na hora de morrer, mas não soubesse para onde ir. “Ela está me chamando!” – eu gritava. “Vou morrer e encontrar com a minha Duda!”. Em volta, não reconhecia o lugar nem ninguém. Não sabia que ano era. Conforme eu me acalmei, o *fog* partiu, a voz foi embora e tudo voltou ao normal.

Foi tudo como um pesadelo: confuso, tenso, demente. Eu tive um medo de alma, e uma raiva maior do que eu mesmo, mas também me senti atraído à possibilidade de ir embora. Quando voltei ao normal, a ideia da morte não me parecia tão ruim.

“Stress” – diagnosticou a catedrática mulamba da minha assistente. De fato, durante as férias forçadas que tirei em seguida, o episódio não se repetiu. Meses depois, no entanto, aconteceu de novo. Estava um dia de neblina, até aí eu me lembro, e estávamos aguardando o táxi pra ir encontrar um cliente, quando tudo se perdeu mais uma vez. Fui levado de ambulância até o Hospital Albert Einstein.

O psiquiatra de plantão encomendou alguns exames e, não vendo evidência de que um outro ataque aconteceria, me liberou para ir embora, desde que eu continuasse a investigação que, por pressão do meu time, aceitei.

Uma bateria de exames depois, o médico me ligou, avisando que os resultados estavam prontos e pediu que fosse visitá-lo de volta. Médico nenhum chama para uma visita extra para coisa boa. Para notícia sem importância ou para dizer que você não tem nada, usam o telefone mesmo. Me preparei para o pior. Um câncer no cérebro. Um aneurisma. Não importava. Sabia, pela gravidade da voz dele, que eu iria morrer, e estava em paz com isso.

Não fosse a notícia muito pior.

“Alzheimer” diagnosticou o doutor. “Você tem que se preparar. Esses episódios de desorientação e perda de memória vão ficar cada vez mais recorrentes”.

Talvez o uso acumulado de ketamina tenha avariado minha cabeça tão antes de expirar o prazo de validade. Opinião do doutor. Ao menos foi essa a melhor teoria que o médico conseguiu construir para um caso tão precoce e galopante dessa doença de velho.

“Você pode lutar, ganhar um tempo, mas infelizmente essa não é uma doença para a qual tenhamos cura ainda. Uma hora ela vai vencer a batalha”. – explicou o doutor, com pesar quase genuíno.

O que ele não entendia era que eu não me importava com a cova. Já havia apertado o botão do foda-se para a morte. Perder a memória era muito pior. E se eu apagasse as lembranças da Duda? E se não conseguisse mais criá-la nos meus delírios entorpecidos?

O que me traz de volta a você, e à minha trégua imaginária.

Quero propor um trato. Deixe-me encontrar novamente com a Duda depois que eu morrer. Prometa-me isso e faça tudo que você mandar. Conto-lhe mais histórias. Compartilho todas as minhas receitas. É só eu bater as botas e você pode espalhar tudo que ouviu de mim como bem entender. Pode fazer um livro, ou até um filme que eu não me importo. Quisera eu ter sido um homem melhor para merecer proteger um legado. Já é tarde demais para isso.

Pode pedir. Eu cumpro, prometo.

New.

14 COMENTÁRIOS:



Laroiê 12 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 2:12PM
Bom dia, Newton.



Newton Fernandes 12 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 2:27PM
Laroiê? Como sei que é você mesmo?



Laroiê 13 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 8:02AM
Você ainda me deve
a sua cabeça.
Esse é meu preço.



Newton Fernandes 13 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 8:07AM
Ok Esperava por algo assim. Como fazemos?



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 9:09PM
Aguarde instruções.
E mais uma coisa...



Newton Fernandes 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 9:45PM
Diga.



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 9:58PM
Sua amiga Pilar
tem que morrer.
Não pela minha
nem pela sua mão.
Nem sua nem minha
encomenda.
Mas tem que morrer.



Newton Fernandes 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:00PM
?!?!?!?!?!
Posso pensar um pouco?



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:02PM
Tic...



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:02PM
Tac...



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:03PM
Tic...



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:03PM
Tac...



Laroiê 14 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 10:03PM
Tic...



Laroiê 15 DE SETEMBRO DE 2011, ÀS 8:21PM
Tac.

O dia era apenas mais um, na terra dos encantados. Alguns pedidos, algumas disputas, várias desavenças. Nada de extraordinário para aqueles que manifestavam os poderes da natureza. Iansã e Euá, por exemplo, haviam acabado de receber um chamado para zelar por uma pessoa que Iku iria buscar, o que elas faziam várias vezes por dia dali de cima.

Dessa vez, no entanto, a convocação viera diretamente pela boca de Exu.

– Cheguem cedo dessa vez. Seria muito bom – disse o mensageiro, guardando um ar de mistério para que elas não tivessem alternativa senão ir. (Iansã era capaz de aguardar um outro dia. Euá, não).

Por mais experiência que tivessem, se havia uma coisa que lhes embrulhava o estômago, era quando a morte ia buscar gente no Aiê. Mesmo assim, de curiosas, obedeceram. Perguntaram para Iku onde e quando seria o acontecimento e foram até lá ver tudo acontecer.



Chegaram cedo na rua vazia, cheirando a urina e lixo. De longe, viram um rapaz deixar um prato de comida e uma garrafa numa esquina e ir embora.

– Orixá recente – comentou Euá. – Fácil de desfazer.

Um carro preto parou junto ao despacho (depois de tantas viagens e filhas postas no mundo, finalmente haviam aprendido sobre essas caixas mágicas de mover gente) e um rapaz gigante saiu de dentro dele. Era Exu, vestindo roupa e andando como gente daquele tempo. Elas já não se espantavam mais com o guarda-roupa daquela época, mas ainda se surpreendiam como alguém poderia achar aquilo bonito ou agradável. Exu parecia apreciar cada momento.

O mensageiro caminhou até a oferenda feita para ele mesmo, tomou a garrafa nas mãos e deu um gole com uma falsa sensação de culpa, só para aumentar o drama.

– Ei! – gritou o rapaz, em protesto – faltando dinheiro pra comprar cachaça, camarada?

As duas gostariam de rir, o que não seria um problema porque apenas Exu teria percebido. Mesmo assim, se contiveram por respeito. Estavam ali a trabalho e o destino do menino do despacho não haveria de ser feliz. De Exu, podia-se esperar qualquer coisa. Quando se tratava de Iku, porém, final feliz nunca acontecia. Onde estaria ele?

A resposta não demorou muito. Primeiro através do cheiro, depois da visão, o cavaleiro da morte chegou de longe, manipulando os movimentos de um senhor de perna ruim. Tudo que Iku fazia, o homem repetia. Aproximaram-se do rapaz, levantaram cada um sua faca desde a cintura até a orelha oposta e depois desceram a lâmina em diagonal, num corte seco e sem hesitação.

No rapaz, um lanho tão fundo ao longo do corpo que ele caiu morto no chão, quase dividido em dois.

Com o trabalho realizado, Iku foi embora. O homem da perna dura ainda ficou ali, solitário e um tanto atordoado. Ele havia planejado cada detalhe, e, embora a execução do plano fosse uma memória recente, estava confusa. Como se estivesse possuído? Possuído pela raiva – respondeu a si mesmo. Voltou ao plano. Sua faca estava marcada de sangue – qualquer encontro com a polícia e estaria frito. Apontou a faca para Exu, única pessoa por perto, e pediu o carro. Exu lhe entregou a chave, sem demonstrar medo nem resistir, e o BMW saiu cantando pneus, deixando para trás Exu, o

despacho, a vítima e...

... O facão!

Entusiasmado com o brinquedo, Exu pegou a arma e cortou ele mesmo a cabeça da vítima.

Deixou-a sobre o prato.

– Para nutrir o espetáculo – disse ele.

Iansã retirou a alma do corpo incompleto. Ela odiava levar os jovens. Por não terem tido tempo para fazer o suficiente para serem lembrados por gerações, tinham muito pouca chance de se tornarem imortais.

– Tem mais – disse Exu, quando o corpo estava no chão, apontando para o cordão que saía do alto de sua cabeça.

Iansã sabia muito antes de retirar a primeira parte, claro. Corte fresco na cabeça raspada...

Aquele não parecia o tipo de homem que fazia a cabeça, algo cada vez menos comum naqueles mundos modernos. Iansã puxou o cordão umbilical que começava no alto de sua cabeça e “pescou” de dentro do corpo uma pequena Iemanjá.

Não uma Iemanjá qualquer. Iansã lembrava do dia em que a grande Iemanjá a havia feito, lá no Orum. Iemanjá Oritundê, a cabeça que volta.

– Preciso de um favor agora – disse Exu.

– Diga – responderam as duas, desconfiadas.

– Esse egun aqui vocês deixam comigo. Eu levo ele pra onde tenho que levar.

– Por que eu faria isso? – perguntou Iansã.

– Por que sou eu que estou pedindo?

– Digamos que eu precisasse de uma justificativa melhor do que essa para devolver os favores que lhe devo. – disse a orixá dos ventos.

– Já que você coloca assim... que tal o fato dele ter dormido com a própria mãe?

– Mãe de carne?

– Isso importa?

– Não.

– Então pronto.

– E por que *eu* faria isso – perguntou Euá.

– Porque você me ama? – respondeu Exu, piscando os olhinhos.

– Sério...

– Porque ele passou os últimos anos no vício, na depravação, destruindo a vida de todos que estavam em volta sem dó nem elegância.

– Hmmm. Não sei. Desse aqui eu lembro. Mandei um banho de loucura pra ele naquele dia em que o lago secou.

– Que tal então porque a cabeça dele foi feita com sangue e penas de galinha branca, que você tanto odeia? Acho que você não vai querer ficar mexendo em sangue de galinha, vai?

Euá se estremeceu de nojo:

– Ugh! Você fez isso de propósito?! Pode ficar pra você! Não precisava ter me trazido aqui então, se já sabia que eu não ia querer encostar nele.

Elas se preparavam para ir embora quando ele as interrompeu:

– Peraí!

E jogou-lhes uma pequena cabaça.

– Enchem pra mim?

Não precisava de bola de cristal para prever o ganhador daquele Brasil e Alemanha. Mesmo assim, o brasileiro, sempre cheio de mandinga, insistia em fazer uma fezinha. Não o Carlos Delgado. Ele não se importava com futebol. Sua vida se resumia a Pilar primeiro, família depois. E mais nada, o que transbordava a ironia do que estava por vir.

Seu telefone tocou um bleep blop irritante. “WhatsApp do caralho”– reclamou. Odiava ser interrompido enquanto pensava em nada. E o pré-jogo era sempre a melhor hora em dia de jogo da seleção. Ninguém queria falar com quem não queria saber de jogo. Ele ignorou o aparelho e voltou a fechar os olhos.

Bleep blop – tocou novamente.

Bing – soou o alerta de mensagem de texto.

Bing – mais um.

Bleep blop! Bleep blop! Bleep blop! Bing!

Bleep blop!

Ou ele havia ganhado na loteria, ou algo horrível havia acontecido para o telefone começar a tocar assim, desenfreado.

“Por favor, respire! Não faça nenhuma besteira!”– dizia a última mensagem de sua mulher.

Michelle não era chegada a drama: o estômago de Carlos virou do lado avesso.



Sentado dentro do carro, ele olhava para a imagem que apresentava o vídeo que acabara de receber por e-mail. Parecia spam, um *link* misterioso, enviado para ele e todos os seus amigos pessoais e colegas de trabalho de 20 anos de profissão. Normalmente ele jamais abriria. “Essas coisas sempre trazem vírus”. Mas as respostas começaram a chegar, insistentes:

“Sinto muito”.

“Que merda, hein, cara”.

“O que é isso?!?!?!?!?!?”.

O até então precavido procurador Eliel Vasconcellos resolveu arriscar e clicou no link. Imediatamente se arrependeu. O vídeo, publicado num conhecido site pornográfico, tinha até um bom título, ele havia de convir: “Come essa piranha pra mim”. Contudo, a imagem que apresentava o vídeo e convidava para o clique era de sua própria mulher.

Por quase uma hora ele manteve o olhar vidrado na tela do celular. Contemplando o que encontraria se apertasse o *play*.

O número de visualizações crescia tão rápido que a contagem já nem importava mais. 134, 487, 2.007, 18.976, 244.107... Tinha medo de sua própria reação, mas resolveu seguir em frente. *Play*.

As imagens abriam com a tatuagem macabra de uma caveira de onde nascia uma flor. O desenho se torcendo ritmado, na batida da música. Um, dois, três, quatro... Eliel havia odiado quando Helena chegara com um desenho tão feio estampado na pele tratada com tantos cuidados.

O *zoom* se abriu, em primeira pessoa. A mulher gemia, enquanto era comida de quatro. Um, dois, três, quatro...

“Come essa piranha pra mim?”– disse a voz familiar, seguindo o ritmo da música.

Um, dois... A câmera girou para o espelho, focalizando o casal na cama. Helena segurou os cabelos e olhou para dentro da lente, como se quisesse saber dali a reação do marido. Três, quatro... New arranhava o próprio peito, como fez a ruiva no dia em que era Eliel que estava à sua frente.

“Come essa piranha pra mim?”– repetiu Pilar sobre a batida rítmica.

Eliel pensou em desligar, mas nenhum músculo se moveu. Corta. Agora um *striptease* de Helena, diante de uma parede branca e uma cara-de-me-come, a mesma que aparecia na foto supostamente de St. Barth. O câmera fez questão de apontar para o lado de fora da janela, no entanto, mostrando o jardim tão familiar onde moraram duas gerações da família Figueira.

“Dá um jeito da Helena sumir”– continuou provocando a voz de Pilar.

Corta.

“Mata ela se precisar”.

Helena agora está chupando o dono da câmera. Eliel jamais havia visto a mulher tão entusiasmada.

“O Eliel é um banana. O Eliel é um banana. O Eliel é um banana.”– Pilar repetia o escárnio no ritmo certo. “Ele gosta mesmo é de dar o cu, cê sabe né?”.

O procurador se constrange com a própria ereção, mas continua vidrado, envergonhado de si mesmo. Um, dois, três, quatro...

Corta mais uma vez.

Helena agora está deitada num sofá, olhos vendados e amordaçada.

“Come o cuzinho dela por mim?”.

Amarrada com as mãos para trás e as pernas abertas, Helena parece assustada. Eliel tenta se manter presente.

A voz se torna mais insistente:

“Ele vai aprender a não me desafiar”.

Uma mulher de quase dois metros cruza o vestido Prada de Helena com uma tesoura de prata.

“Ele vai fazer o quê?”.

Mais um corte e agora a estranha lambe o corpo da vítima.

“Te enfrentar?”.

Corta: Ihe lambe os pés.

“Me enfrentar?”.

Helena geme.

Corta: a mulher de preto massageia sua vítima com um vibrador cromado. Um, dois, três, quatro...

“Agora fode com ele no trabalho também”.

Helena se contorce como nunca se contorceu. O câmera arrisca se aproximar, mas a dominatrix Ihe interrompe com um olhar furioso.

“Manda pra todo mundo que ele conhece”.

Mais um corte, e sua cabeça está no meio das pernas de Helena.

“Ele vai aprender a não me desafiar”.

O *zoom* se aproxima e sobe pela sua barriga, peitos, para no rosto como se dissesse: “olhe como se faz”.

Não por vontade própria, Eliel goza junto com a mulher e se quebra num choro profundo. Agora distante como se já não estivesse ali, a voz repete mais uma vez:

“O Eliel é um banana”.

“Come essa piranha pra mim?”.

A música enfim emudece, trazendo consigo uma série de links para outros vídeos. Um deles, Eliel

notaria mais tarde, trazia no destaque o rosto de Lisandra, filha do Carlos e Michelle Delgado.



O trovão explodiu sem avisar. Não havia uma única nuvem no céu que o justificasse. Ninguém percebeu, apenas, o procurador. Era como se o ruído vindo dos céus expressasse seu grito. Encontraram-se no estacionamento do Shopping Iguatemi, “no exato ponto cego onde as câmeras não os pegariam” – explicou Carlos Delgado. Não que se importasse, àquela altura. Só não queria mesmo era ser interrompido por seguranças curiosos.

– “Esse é o mais fácil que eu tenho. Puxou o gatilho, bam! E pronto. Só tenha certeza de estar a pelo menos dois metros dela. Esse calibre é muito leve, precisa de distância pra estabilizar” – informação demais, pensou, e parou por ali.

O procurador olhou o papel novamente.

“Esse é o endereço?”.

“Isso”.

E saíram os dois, exatamente como o combinado. Naquela noite o procurador de justiça e o jagunço estavam do mesmo lado. E nenhum dos dois do lado que estiveram durante os últimos 20 anos.



A terra remexida, no meio daquilo tudo, foi o que causou intriga. Tudo mais estava armado para parecer o mais macabro possível, menos aquela flor. E a terra no fundo, aquela havia sido movimentada depois que a cena fora armada. Havia restos dela salpicados por cima de tudo, como se o autor tivesse limpado uma mão na outra ao terminar. O policial estava certo.

Enfiado na terra, havia um papel enrolado em bastão. E, dentro dele, um endereço. O detetive de plantão, o único escalado para trabalhar naquela delegacia durante o jogo, entrou no carro correndo, e do rádio pediu reforços imediatos. Ele esperava que aquela fosse uma pista fria, dessas que levam até outra. Não havia nada de frio naquela cena montada de forma tão meticulosa.

Cruzaram a cidade em segundos. O choque da goleada levada pela seleção exigindo apenas algumas mudanças de caminho para evitar alguns focos de arruaceiros que começavam a queimar a cidade. Uma outra patrulha já estava lá, chamada pelos vizinhos, poucos minutos antes.

“Tiros, detetive”. Apartamento 66. A coisa tá feia lá em cima.

O cheiro de uísque, sangue e pólvora lhe receberam da porta. O primeiro policial na cena do crime lhe entregou um saco de evidências com a arma do crime. Um revólver calibre 22.

“Ele limpou o tambor, detetive”.

Em 20 anos de profissão, o detetive Palhares não vira nada como naquela tarde.

Ao lado de uma tábua de passar roupa, o corpo de uma mulher de aproximadamente 65 anos ocupava o exato centro da sala, e da poça de sangue que em breve se infiltraria no andar de baixo. Três buracos de bala apontavam que os tiros atravessaram o peito e lhe saíram pelas costas. Possivelmente outros dois lhe atingiram a cabeça depois que ela já estava no chão, pois uma das balas ainda se encontrava alojada no assoalho, e a outra, pela marca no chão, ricocheteou e acertou em cheio a cobra empalhada, ao lado do móvel de televisão.

“Deve ter sido assim. Depois ele pegou o ferro de passar...” – explicou o policial, fazendo um gesto que emulava o ataque.

Com cuidado, o detetive levantou o ferro enfiado no que ainda restava do crânio da vítima.

“E depois pegou a vassoura e enfiou na cavidade anal da vítima” – concluiu.

Palhares concordou.

“Tudo indica que se trata daquela Pilar da Anunciação, pelos documentos que encontramos no quarto. Aquela que a Polícia Federal estava procurando por causa daquele caso de corrupção” – explicou o segundo policial da unidade que primeiro respondeu ao chamado, quando foi interrompido pela algazarra do lado de fora.

“Calma pessoal! Vocês conhecem as regras”. Ninguém cruza essa linha.

Do lado de fora, a imprensa começava a chegar. *Flashes* de fotógrafos profissionais se confundiam com os dos telefones móveis dos vizinhos. Todos tentando um ângulo privilegiado, mesmo que isso significasse ultrapassar um pouco os limites estabelecidos pelos guardas na porta.

“Quem é a segunda vítima, Palhares?” – perguntou de longe o João Fernandes, conhecido como Gordo, jornalista da velha guarda do caderno policial do *Jornal de São Paulo*.

“Não sabemos ainda” – respondeu.

Mentira. Qualquer oficial da polícia paulistana conheceria de imediato o procurador Eliel Vasconcellos. Um bom homem, segundo a força policial. Meio sem pulso, mas honesto e trabalhador. A posição do corpo, o rombo no alto da cabeça e a bala alojada no teto não precisavam de muitas explicações.

O que precisava era o conteúdo do vídeo que ainda aparecia, estático, na tela do celular que ele carregava no bolso. Um jovem de cabeça raspada, possivelmente o mesmo cuja cabeça fora encontrada na esquina da Vila Madalena horas antes, aparecia em diversas cenas de sexo explícito com uma mulher que carregava uma tatuagem representando o mesmo crânio com uma flor deixado ao lado da cabeça do empresário. De quem era a voz, ele só descobriria depois, assim como demoraria ainda pelo menos um dia até que notassem que o mesmo usuário que publicou o vídeo macabro também postou, na mesma hora, um outro em que fazia sexo com uma menina aparentemente menor de idade, ainda não identificada, que levava uma tatuagem que dizia “*sexy beast*”. Os analistas da polícia determinaram que a voz de fundo, que parecia encorajar o jovem a se relacionar com a menina, era a mesma que se sobrepunha ao vídeo encontrado no apartamento em Pinheiros.

Mais rápidos que eles, porém, foram os usuários do site pornográfico onde o vídeo havia sido publicado. Antes que a polícia soubesse os nomes dos demais envolvidos, a internet, pelo boca-a-boca dos curiosos, os identificou. Newton Fernandes, o jovem em ambos os atos sexuais. Helena Vasconcellos, esposa do procurador, a mulher com a tatuagem de caveira (mais tarde o exame de arcada dentária identificou como sendo dela o crânio da Vila Madalena). Lisandra Delgado era o nome da menor de idade. “*Lolita sexy beast*” como a internet a havia chamado. Ela deixou a cidade com a mãe. O pai, considerado suspeito dos crimes, encontra-se foragido. Todos eles foram associados por denúncias anônimas a uma seita religiosa comandada por Pilar da Anunciação, a dona da voz em *off* nos dois vídeos.

“Que cagada da porra!” – comentou o delegado, lendo a notícia no seu próprio Facebook.

Enquanto isso, no outro lado da cidade, os bombeiros eram chamados para atender a cinco incêndios diferentes. Dois apartamentos e três unidade empresariais. Até então, ninguém ainda havia conectado os cinco imóveis ao nome de Pilar. Chegariam lá: a polícia, ou a internet.



A campanha tocou exatamente na hora combinada. Ela agora tinha os cabelos azuis e estava só de

lingerie, mostrando o corpo todo desenhado com tatuagens delicadas e femininas.

“Pedações da nossa história” – explicou Maria Eduarda, apontando a montagem de imagens distintas sobre seus braços. Um gigantesco Axl Rose, em toda sua glória dos anos 90 estampava, sozinho, uma de suas coxas. Sobre os peitos, e descendo entre eles, pistolas e rosas com uma faixa de *Appetite for Destruction*.

Do lado de fora, sirenes enchiam a cidade.

“Deve ser por causa dos baderneiros que não gostaram que o Brasil perdeu” – Duda tentou explicar, como se o mestre não entendesse de futebol.

Maria Eduarda mandou que ele se sentasse e trouxe do banheiro o aparador de cabelo e a navalha. Exu primeiro raspou-lhe a cabeça com o aparelho e depois, com habilidade, limpou-lhe o couro cabeludo com a lâmina. No alto da cabeça, fez pequenas incisões onde passou uma pasta grossa que carregava no bolso.

“Estou pronta” – disse ela, ansiosa.

“Como lhe disse, hoje finalmente vamos fazer sua cabeça. Você sabe o nome do orixá que vai receber?”.

“Sei”.

“Normalmente eu pediria para você me dizer o nome somente no final de tudo. Mas esse orixá é meio arisco, e muito novo. Preciso que diga seu nome agora, para ajudar que ele encontre o caminho”.

“Oritundê” – disse alto Maria Eduarda.

“Repita”.

“Oritundê”.

“Mais alto”.

“Oritundê!”

Exu cortou um talho do próprio braço, escorreu seu sangue sobre a cabeça de Maria Eduarda e em seguida abriu a cabaça que levava na cintura e despejou de dentro dela um líquido que mais parecia fumaça.

“Oritundê, a cabeça que volta. Um orixá feito para não largar o hospedeiro nem depois morte”.

Duda tentou conter a excitação. Aquele era um momento solene, afinal. Exu segurou sua cabeça com firmeza, no mesmo instante os olhos da menina reviraram e ela caiu em convulsão. Sacudia, vomitava e tinha espasmos quase epiléticos.

“Desculpe, princesa. Não tínhamos tempo para fazer com calma”.

Exu então se levantou, foi até o quarto e pegou um antigo espelho de corpo inteiro que ficava no quarto. Deixou-o em frente ao corpo espásmico de Maria Eduarda e saiu pela porta de frente.



New acordou numa poça de vômito. Seu corpo inteiro doía como se houvesse sido arrastado por um búfalo por quilômetros. Ele havia perdido completamente a noção de tempo. E de lugar. “A doença” – pensou.

Com os braços trêmulos e a visão embaçada, tentou se erguer. Era como se não soubesse mover o próprio corpo, exatamente como havia se sentido quando acordou do transe, após sua feitura de santo com Dona Preta de Omolu. Levou a mão à cabeça – ainda estava raspada, mas a incisão no alto parecia mais fresca e úmida. Haviã derramado algo sobre ela.

“Um espelho.” – New avistou um antigo espelho de chão e se aproximou, se arrastando, tentando

limpar a visão. Postou-se de frente a ele e ajustou o ângulo para que pudesse se enxergar, sua visão desembaçando aos poucos. A cabeça careca. As tatuagens pelo corpo. Seus dedos pareciam mais finos, no entanto. E tinha seios? O que estava acontecendo? Ele levou a mão ao vidro e o esfregou, como se pudesse limpar a água condensada. Seu rosto. Não. Não era o seu que estava ali.

Maria Eduarda. Seu corpo, era o dela.

New ficou ali por mais algumas horas, olhando-se no espelho, primeiro confuso, depois apenas em amor profundo, feliz que seu trato com Laroie havia sido cumprido. Muito embora para sempre, quando ele estivesse presente, ela não estaria. E quando ela estivesse, ele não. Mas isso não importava.

O que importava era que estavam juntos.

Dessa vez, pra sempre.

- FIM -

A maior de todas as disciplinas na hora de construir essa trilogia foi não sucumbir, desde o início, à tentação de contar os segredos do fim. Especialmente porque, numa obra que trata da luta entre os sexos, os dois primeiros livros apresentavam uma perspectiva irritantemente masculina. Aguardei, sofrendo em segredo, esperando que um dia chegaria a crítica contumaz acusando a obra de chauvinismo e eu teria que decidir entre o spoiler ou a defesa da obra. Felizmente, essa crítica aconteceu apenas em pequenos círculos, que imaginavam que essa visão distorcida fazia parte da mitologia e eu estava apenas respeitando a tradição. Eu estava, em parte. Na guerra dos orixás, um assunto importante e recorrente na mitologia Iorubá, eu optei por começar machista para poder evidenciar o nosso próprio preconceito (ou a aceitação dele) na chegada do livro três, quando o equilíbrio finalmente se reestabelece.

Preconceito, aliás, é um dos tons mais importantes dessa obra, desde sua concepção. Comecei a escrever para me confrontar com meu medo das religiões africanas, especialmente da figura de Exu, que mais tarde virou meu personagem predileto.

Não me surpreende, portanto, que entre milhares de mensagens que eu recebi online, tantas tenham me acusado de satanismo e me sentenciado ao inferno. O trailer do meu livro teve inclusive uma cena roubada para promover uma outra obra religiosa que associava orixás a demônios. O que eu não esperava foi que em reação a esse fanatismo de alguns setores evangélicos, grupo mais vocal entre os críticos, também viesse um outro conjunto de pessoas da mesma religião, gritando em minha defesa. Foi emocionante acompanhar a discussão e os argumentos pela curiosidade e a necessidade de conhecermos melhor o DNA cultural do nosso país. Igualmente encantador foi que essa discussão também serviu para demonstrar que a ignorância dos neo-petencostais é limitada a uma parte deles apenas. A ironia do preconceito reverso.

Quando olho esse debate, combinado com a expansão do *Deuses de Dois Mundos* para outros países, começando por Portugal, e o alcance da obra no Brasil, muito além do círculo religioso afro-brasileiro, eu não posso deixar de ficar com a sensação de missão cumprida. O DDDM, como chamam os fãs mais efusivos, divertiu, emocionou, empolgou, causou discussões e ajudou a espalhar a beleza dessa cultura, que nos é negada todos os dias. Uma conclusão maravilhosa para um projeto de uma vida. Quinze anos da minha vida foram dedicados ao projeto. Encerro-o com muito orgulho, absolutamente honrado de que tanta gente, como você, tenha chegado até aqui.

O que vem a partir daí, não sei. Posso dizer apenas que será muito difícil deixar meus leitores para trás. O carinho com que eu e minhas histórias fomos recebidos foi bom demais para permitir um encerramento tão brusco. Haverá outros livros. Não sei quando, ou qual o tema, mas para o bem ou mal do mundo, prometo que volto.

ALTERADOR DE CONSCIÊNCIA DDDM

Nestes últimos 30 anos, tenho participado de rituais de fé, trances coletivos e festas religiosas por todos os continentes. Conheci ao longo da minha vida uma imensidão de gurus, mães de santo, xamãs, charlatões, iogues, iluminadas, picaretas, políticos, babalorixás e lamas tibetanos. Em 2013 realizei pelo Discovery Channel a série “Na Fé”, onde mergulhei nas celebrações religiosas por toda a América Latina. Meu radar sempre esteve afinado e conectado com os caminhos espirituais. Não me impressiono com pouco. Mesmo assim, quando mergulhei no primeiríssimo volume de *Deuses de Dois Mundos, O livro do silêncio*, fui abduzido por sua força, por esse encantamento que chamo de “prazer do texto”. Sucessivamente li o segundo, *O livro da traição*, que me arrastou mais fundo neste portal entre o sagrado e o profano, do Orum ao Aiê, em uma trama que não parecia não ter fim. Mas então, o fim chegou. “Que rufem os tambores” – pensei, ao segurar pela primeira vez o terceiro volume da saga.

Em *O livro da morte* PJ Pereira terminou seu trabalho como o Alagbé, o supremo maestro dos atabaques na criação desta trilogia, o criador deste imã que atrai leitores de todas as castas e credos, como se fossem partículas de ferro encantadas pelo campo magnético que é o DDDM.

Neste *grand finale*, a imprevisibilidade e experimentalismo do texto desafiaram o leitor a reconstruir e ler os relatos com destemida atenção. No universo do Aiê, os capítulos se revelaram de trás pra frente. Nessa linha do tempo invertida, o personagem Newton se enveredou nas delícias e agruras do poder, nos bastidores da mídia, na troca de favores, no tráfico de influências, no sexo, na comida, nas drogas e na feitiçaria, como um *pegasus* alado à procura do sol, do sucesso e da grana. Fé, esperança, amor, ódio, vaidade, luxúria, justiça, avareza, inveja, generosidade, ira, força, compaixão e muita intriga – todas essas facetas que fazem parte do nosso dia a dia aqui na Terra – borbulharam no fluxo da trilogia e no comportamento dos personagens. Especialmente na vida da maquiavélica Pilar da Anunciação, líder da seita *new age* e personagem dominadora na estrutura da trilogia. Uma amálgama de facetas de pseudo-mestres que pululam em nosso planeta: da Índia às quebradas de São Paulo.

Já nos capítulos que remetem ao, panteão dos Orixás, *O livro da morte* hipnotiza com seu tecido – um véu por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido da verdade. Em seu caleidoscópio mitológico e suas revelações progressivas, as lendas, rituais, cerimônias, segredos e mistérios do universo dos orixás saltaram diante dos nossos olhos e se multiplicaram neste derradeiro romance mitológico-policial-espiritual-político. A escritura como transliteração da fala e dos mitos. A fruição do texto.

A linguagem frenética seduz e fere. Tomamos conhecimento dos poderes dos orixás. Somos apresentados, finalmente, ao ponto de vista das Iá Mi Oxorongá, cuja força revolucionária e paciente já vinha borbulhando como néctar por toda a obra.

Ligando esses dois mundos está o orixá Exu (Laroiê). Figura nevrálgica no emaranhado de personagens, é difícil não perceber suas semelhanças com deuses como Ganesh do panteão hindu e Hermes do panteão grego. A princípio os três parecem ser diferentes, mas a essência e as características destes deuses tão distantes se assemelham como mensageiros que abrem os caminhos, removendo obstáculos. Mais que qualquer outro, é Exu que carrega essa mitologia muito além de um

grupo particular de religiões de origem africana e faz com que essa história se torne universal.

Como o autor solenemente escreve ao final: “Não sei quando, ou qual o tema, para o bem ou mal do mundo, prometo que volto”. Eu sei é que a saga do DDDM reverbera para outras dimensões e espero que, em breve, se materialize em séries para web, TV e se transforme em filme. Que siga os passos de outras trilologias que se perpetuaram na admiração e no culto de milhões de fãs, como: *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis*, *Indiana Jones*, *O Tempo e o Vento*, *Matrix*, *O Poderoso Chefão*, *Alien*, *De volta para o Futuro*. Contudo, por ter nos levado literalmente a um estado alterado de consciência e nos conectado a uma frequência de altíssimo discernimento, nosso DDDM já está entre eles.

ARTHUR VERÍSSIMO

AGRADECIMENTOS

Produzir uma trilogia ao redor das lendas antigas do meu povo não é um trabalho fácil. Então eu, que normalmente gosto de ser agradecido primeiro, coloco à frente da lista o menino Newton, que, de seu jeito, fez o que tinha que ser feito e teve o destino que merecia. E esse rapaz de nome engraçado, PJ Pereira, que dedicou tantos anos para colocar no papel a história que lhe contei.

Àqueles que os ajudaram, quem fez favor a eles, fez favor a mim. Incluindo gente de tantos tempos e mundos diferentes, entre outros: Maria Eduarda (Duda) Telles, Ana Motta-Kohlitz, Bete Pádua, Mãe Stella de Oxóssi Odé Kayode, Marcelo e Adriana Melo, Nina Basílio, Katia Halbe, Dona Preta de Omolu, Zeno Millet, Gustavo Melo, Pierre Verger, Reginaldo Prandi, Marcelo Tas, Heráclito Aragão, Leonardo Pereira, Bernardo Almeida Braga, Marcelo Freitas, Guillermina Gordon, Ricardo Anderaos, Ildásio Tavares, Pupillo, Carla Taís Aydelkop, João Marcelo Beraldo, Joana e Sergio Campanelli, Talita Ribeiro, Iara Fraga, Thais Lyro, Denise Corazza, Mauricio Motta, André Santos, Otto, Arthur Veríssimo, André Anacleto, Edwin e Caren Veelo, Lo e Francisco Pereira, Mãe Carmem do Gantois, Rodrigo Passolargo, Marco Gomes, José Luiz Tahan, Carlos e Michelle e Lissandra Fontes, Andreas Kisser, Maria da Graça Pereira, Bruna e Rodrigo Santoyo, Débora Bacaltchuk, Thiago Zanato, Gilberto Gil, Ivanna Souto, André Ferezini, Mateus de Paula Santos, Loic Dubois, Douglas Costa, Leonardo Alves, Patrick Petry, Doug Alves, Italo Reis, Paulo Coelho, Fred Siqueira, Paulo Milet, Franz e Suzana Apelbaum, Pedro Ricardo Pereira, Eliel e Helena Vasconcellos, Paulinha Faria, Moses Khelani, e Pilar da Anunciação.

Tendo eu a palavra dessa vez, contudo, queria agradecer também ao povo que, durante gerações, desde que vim da África para esse Brasil, me deu o que comer, contou minhas histórias, me respeitou; aos curiosos que tiveram, mesmo sem louvor, o respeito de ouvir o que tínhamos para contar; e especialmente àqueles que fazem o serviço de nos maldizer, cujo fanatismo arrogante e entediante (e olha que para entediar um ser sem tempo dá trabalho) nos faz parecer tão mais alegres e inteligentes do que somos. A esses últimos, pelo enorme prazer que me dão, aviso: esse Senhor, que vocês tanto se orgulham de conhecer, é uma mulher. Incrível, não?

Abraços a todos,

Laroiê.

BIBLIOGRAFIA

Alguns leitores vêm me pedindo uma lista dos principais livros que usei durante a pesquisa para a escrita dos três volumes da série, principalmente no que se refere a seu universo africano. Várias dessas obras, no entanto, foram lidas por mim em edições em inglês ou espanhol. Na medida do possível, nesses casos, tentei encontrar edições em português, mas nem sempre com sucesso, daí algumas das indicações figurarem em língua estrangeira.

ADEMOLA, Kofo (org.). African Proverbs. Ibadan: Pocket Gifts, 2000.

BARBER, Karin. I Could Speak until Tomorrow. Oriki, Women and the Past in a Yoruba Town. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

BARNES, Sandra T. Africa's Ogun - Old World and New. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

BARROS, José Flávio de. Olubajé, o Banquete do Rei - Uma Introdução à Música Sacra Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.

BARROS, José Flávio de & NAPOLEÃO, Eduardo. Ewé Orisá - Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêge-Nagô. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BASCOM, William. Ifa Divination - Communication between Gods and Men in West Africa. Bloomington: Indiana University Press, 1969.

BASILE, Sidnei. Elementos de Jornalismo Econômico. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BASTIDE, Roger. Les Religions Afro-Brésiliennes. Contribution à une Sociologie des Interpénétrations de Civilisations. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

_____. African Civilizations in the New World. Nova York: Harper Torchbooks, 1971.

_____. O Candomblé da Bahia: Rito Nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BECKWITH, Carol & FISCHER, Angela. African Ceremonies. 2 vols. Nova York: Harry N. Abrams, 1999.

BENISTE, José. Jogo de Búzios - Um Encontro com o Desconhecido. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

BIERLEN, J. F. Mitos Paralelos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BLAUER, Ettagale. African Elegance. Nova York: Rizzoli International Publications, 1999.

BLIER, Suzanne Preston. Royal Arts of Africa, The Majesty of Form. Londres: Laurence King Publishing, 1998.

BURNIE, David & WILSON, Don E. Animals. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001.

CAMPBELL, Joseph. As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva. São Paulo: Palas Athena, 1992.

_____. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Pensamento, 1999.

CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANIZARES, Baba Raul. Rahul-Elegugua Elegbara - Santeria and the Orisha of the Crossroads. Nova York: Edição do autor, 2000.

CARDOSO, Carlos & BACELAR, Jefferson (orgs.). Faces da Tradição Afro-Brasileira - Religiosidade, Sincretismo, Anti-Sincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

CASTRO, Ruy. O Anjo Pornográfico - a Vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COSENTINO, Donald J. (ed.). Sacred Arts of Haitian Vodou. Los Angeles: University of California/ Fowler Museum of Cultural History, 1995.

ELEBUIBON, Ifayemi. Apetebii, the Wife of Orunmila. Nova York: Athelia Henrietta Press, 1994.

FARELLI, Maria Helena & SILVA, Nilza Paes da. Comida de Santo (Também Comida Baiana). Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

FATUNMBI, Awo Fa Lokun. Family Spirit: the Ifa Concept of Egun. Ifa Theology, vol. 2. Nova York: Athelia Henrietta Press, 2006.

_____. Ifa and the Theology of Orisha Divination. Edição do autor, 1992.

FORA, Clyde W. O Herói com Rosto Africano: Mitos da África. São Paulo: Summus, 1999.

FRACO, Montí. As Máscaras Africanas, o Estilo na Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GARCIA, Alexandre. Nos Bastidores da Notícia. São Paulo: Globo, 1991.

GLEASON, Judith. Oya, um Louvor à Deusa Africana. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

GUILLERMINO, Sebastião (Guilherme D'Ogun). Iansã do Balé, Senhora dos Eguns. Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

HALLEN, Barry. The Good, the Bad and The Beautiful - Discourse about Values in Yoruba Culture. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

IBIE, C. Osamaro. Ifism. The Complete Works of Orunmila. 16 vols. Nova York: Athelia Henrietta Press, 1986-2005.

KRAMER, Joel & ALSTAD, Diana. The Guru Papers - Masks of Authoritarian Power. Berkeley: Frog, 1993.

LACHATAÑERÉ, Rómulo. Afro-Cuban Myths: Yemayá and other Orishas. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2005.

LAWAL, Babatundé. The Gèlèdè Spectacle: Art, Gender and Social Harmony in an African Culture. Washington: University of Washington Press, 1996.

LE BOULIER, Jean-Pierre. Pierre Fatumbi Verger, um Homem Livre. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2002.

LODY, Raul. Joias de Axé - Fios-de-Conta e outros Adornos do Corpo, a Joalheria Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

LOPES, Nei. Logunedê, Santo Menino que Velho Respeita. Coleção Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MARTINS, Cleo. Euá: a Senhora das Possibilidades. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. Nanã: a Senhora dos Primórdios. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MARTINS, Cleo & LODY, Raul (orgs.). Faraimará, o Caçador Traz Alegria: Mãe Stella, 60 Anos de Iniciação. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MARTINS, Cleo & MARINHO, Roberval. Iroco: O Orixá da Árvore e a Árvore Orixá. Coleção Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MAURICIO, George & DE OXALÁ, Vera. Como Fazer Você Mesmo seu Ebô. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

MEDEIROS, José. Candomblé. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (org.). Candomblé, Religião de Corpo e Alma. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MÜLLER, Klaus E. & RITZ-MÜLLER, Ute. Corazón de África, la Magia de un Continente. Barcelona: Kóneman, 2000.

MURPHY, Joseph & SANFORD, Mei-Mei (eds.). Òsun across the Waters: a Yoruba Goddess in Africa and the Americas. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

NOBLAT, Ricardo. A Arte de Fazer um Jornal Diário. São Paulo: Contexto, 2002.

NÓBREGA, Cida & ECHEVERRIA, Regina. Mãe Menininha do Gantois - Uma Biografia. Salvador/ Rio de Janeiro: Corrupio/ Ediouro, 2006.

OGBEBARA, Awofá (Adilson de Oxalá). Igbadu, A Cabaça da Existência - Mitos Nagôs Revelados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____. 666 Ebôs de Odu para Todos os Fins. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

OLINTO, Antônio. O Rei de Keto. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.

PAI CIDO DE ÒSUN EYIN. Candomblé, a Panela do Segredo. São Paulo: Mandarin, 2001.

PEMBERTON III, John & AFOLAYAN, Funso S. Yoruba Sacred Kingship - a Power Like that of the Gods. Washington: Smithsonian Institution Press, 1996.

PORTUGAL, Fernandes. Yorubá, a Língua dos Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Os Príncipes do Destino - Histórias da Mitologia Afro-Brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

_____. Ifá, o Adivinho. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

REBOUÇAS FILHO, Diógenes. Pai Agenor. Salvador: Corrupio, 1998.

RICHILIEU, Peter. A Viagem de uma Alma. São Paulo: Pensamento, 2000.

RISÉRIO, Antônio. Oriki Orixá. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROCHA, Agenor Miranda. Os Candomblés Antigos do Rio de Janeiro - A Nação Ketu: Origens, Ritos e Crenças. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

_____. Caminhos de Odu - os Odus do Jogo de Búzios, com seus Caminhos, Ebôs, Mitos e Significados, conforme os Ensinamentos Escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e por ele Mesmo Revisados em 1998. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

RODRIGUES, Nelson. O Óbvio Ululante - Primeiras Confissões Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, José Feliz dos & NÓBREGA, Cida. Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora - Saudade e Memória. Salvador: Corrupio, 2000.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nãgô e a Morte: Pãde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHREIBER, Hermann & SCHREIBER, Georg. História e Mistérios das Sociedades Secretas, no Mundo Antigo e no Moderno. São Paulo: IBRASA, 1982.

SCOTT, David & DOUBLEDAY, Tony. O Livro de Ouro do Zen - A Sabedoria Milenar e sua Prática. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Caminhos da Alma - Memória Afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

SINGER, Margareth & LALICH, Janja. Cults in Our Midts. The Hidden Menace in Our Every day Lives. São Francisco: Jossey-Bass, 1996.

TAVARES, Ildásio. Candomblés da Bahia. Salvador: Palmares, 2000.

_____. Xangô. Coleção Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

T'ÓGUN, Altair. Cantando para os Orixás. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

_____. Elégún: Iniciação no Candomblé - Feitura de Ìyàwò, Ogán e Ekéji. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

VALDÉS, Ernesto (compilador). Ceremonias y Caminos de Yewá. Fuentes - Documentos para la Historia y la Cultura de Osha-Ifá em Cuba. Serie Cerimonias y Caminos de Orishas. 4ª ed. Havana: Proyecto Orunmila, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. Artigos (Tomos I). São Paulo: Corrupio, 1992.

_____. Ewé - O Uso das Plantas na Sociedade Iorubá. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Lendas Africanas dos Orixás. 4ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.

_____. Orixás - Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 1997.

_____. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. Saída de Iaô. São Paulo: Axis Mundi, 2002.

VOGEL, Arno; MELO, Marco Antônio da Silva & BARROS, José Flávio Pessoa de. Galinha D'Angola: Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

YEMONJÁ, Mãe Beta de. Carço de Dendê - A Sabedoria dos Terreiros: Como Ialorixás e Babalorixás Passam seus Conhecimentos a seus Filhos. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.



#DDDM

Estava tudo claro. O nada ao redor era de um branco absoluto, como ela sempre imaginou. Ela sentia tudo. Enxergava tudo.

A voz dele interrompeu:

– Psssst... acordada?

– Sim.

– O que está achando?

– Libertador, eu gosto.

– Ótimo. Vamos começar, então?

– Claro.

A luz, que cegava os olhos dela com força, baixou e a deixou enxergar novamente. Devagar sua vista se acostumou. Não, não estavam no nada. Muito pelo contrário. O lugar era diferente de tudo que ela já havia visto, mas definitivamente era um lugar. Gente andava apressada, de um lado para o outro. Conversavam baixo. Trocavam sinais. Operavam artefatos e os passavam de mão em mão. Uma operação complexa, organizada, de magia coletiva.

– Bem-vinda a Olodumare – ele disse.

– Como? – ela não acreditava no que havia ouvido.

– Bem-vinda a Olodumare.

– Mas sempre achei que...

Sua cabeça girou e ela quase caiu no chão. Ele riu, como se já tivesse visto aquela mesma expressão confusa muitas outras vezes. “Sem conclusões apressadas.” – ele pediu, ajudando-a a encontrar um lugar para se sentar.

– Por enquanto, imagine isso aqui como um... ministério, como dizem os modernos. De onde tomamos conta da energia do planeta.

– Há outros?

– Claro! Cada um cuida de uma força diferente nesse universo. A nossa é o que chamamos de axé. Mas você não acha que isso é tudo que existe, acha? Está vendo aqueles dois sujeitos ali?

Ele apontou para o fundo, além de uma árvore tão alta que se perdia no céu. Dois homens estranhos pousaram no chão. Pousaram, como pássaros.

– Como assim? – ela se perguntou.

Até então, achava que apenas as mulheres podiam virar aves e voar. Aqueles dois não eram como ela, porém. Nem como seus companheiros do Orum. Muito menos como os homens do Aiê. Não eram gente que se transformava em pássaro. Eram homens com asas. Não mudavam. Não se transformavam. Eram assim mesmo, homem e pássaro ao mesmo tempo. Um deles tinha a pele branca como o fundo dos seus olhos, os cabelos cor de ouro e duas asas enormes, ainda mais brancas que sua pele. O outro, tinha a pele cinza, os cabelos negros que lhe desciam até os ombros, e três pares de asas com penas coloridas: vermelhas, verdes, azuis, amarelas...

– Marut e Uriel. Não são daqui. – ele respondeu, como se pudesse ler os pensamentos dela – Um vem dos que zelam pela virtude, o outro dos guardiões do perdão. Temos assuntos comuns para tratar hoje. Mas agora tenho que ir.

– Espera! – ela pediu.

Ele não atendeu. Virou-se de costas e caminhou na direção dos homens de asas. Deixou-a para trás, confusa. Se perguntando se estava mesmo acordada, ou se aquilo seria apenas mais um de seus sonhos.

LEIA A HISTÓRIA DESDE O COMEÇO.

Table of Contents

[Orelha](#)
[Quarta capa](#)
[Créditos](#)
[Prefácio](#)
[Antes de começar](#)
[Prólogo](#)
[Euá](#)
[Minha morte](#)
[Nanã](#)
[Helena](#)
[Iansã](#)
[Muquifos](#)
[Xangô](#)
[O jogo das flores](#)
[Obá](#)
[Cabeça feita](#)
[Iemanjá](#)
[Canalha](#)
[Ogum](#)
[Lisandra](#)
[Aganju](#)
[Tô fora](#)
[Eguns](#)
[Feito](#)
[Oxalá](#)
[Fog](#)
[Exu](#)
[St. Barth](#)
[Ifá](#)
[Cúmplices](#)
[Oxóssi](#)
[Eliel](#)
[Oxum](#)
[Duas hippies e uma bióloga](#)
[Orunmilá](#)
[Pilar](#)
[A profecia](#)
[Duda](#)
[Oritundê](#)
[Epílogo](#)
[Posfácio do autor](#)

[Posfácio - Alterador de consciência DDDM](#)

[Agradecimentos](#)

[Bibliografia](#)